

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO - PUCSP
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

NADIA GARCIA BASSO

SIMULACRO NO REINO DE DEUS.

O uso da Mídia Televisiva no espaço religioso da Igreja Universal do Reino de Deus
como reflexo da condição Pós-Moderna.

SÃO PAULO

2010

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO - PUCSP
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

NADIA GARCIA BASSO

SIMULACRO NO REINO DE DEUS.

O uso da Mídia Televisiva no espaço religioso da Igreja Universal do Reino de Deus como reflexo da condição Pós-Moderna.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação, Pesquisa e Extensão em Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como parte dos requisitos para a obtenção do Título de Mestre em Ciências da Religião, sob a orientação da Prof. Dr. José J. Queiroz.

SÃO PAULO

2010

Dados de Catalogação na Publicação

Basso, Nadia Garcia

SIMULACRO NO REINO DE DEUS.

O uso da Mídia Televisiva no espaço religioso da Igreja Universal do Reino de Deus como reflexo da condição Pós-Moderna.

Nadia Garcia Basso. -- São Paulo: PUC-SP, 2010.

261f.

Orientador: Prof. Dr. José J. Queiroz

Dissertação (Pós-Graduação *Stricto sensu*) – PUC-SP, Pós-Graduação *Strictu sensu* em Ciências da Religião, 2010.

1. Religião – Cosmogonia. 2. Pós-modernidade – Sagrado - Simulacro - Mídia. 3. Religião - Cultura midiática - Mídia televisiva – IURD

BANCA EXAMINADORA

PROF. DR.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a minha família: Dirce, mãe e minha grande companheira que esteve sempre ao meu lado com carinho, amor e dedicação; Vicente, pai (em memória) que mesmo lá no andar de cima sempre me ajudou nas horas difíceis; aos meus filhos: Juliana, de caráter forte e genioso, nunca deixou de demonstrar o seu amor; Marcelo, discreto e amoroso, sempre com uma palavra amiga; Manuela, neta e minha paixão, que chegou ao meio dessa turbulência trazendo muita alegria e um motivo para eu continuar lutando; Jorge, irmão que soube me confortar nos momentos difíceis, mostrando que o amanhã será melhor; Lucilene, cunhada sempre presente com palavras de incentivo; Caio, genro com o seu jeito introvertido, sempre me motivou a continuar e por fim meu sobrinho Caique, que todo final de semana me falava: tia, você ainda não acabou o seu mestrado? Quando iremos à praia do Bonet? Certamente, sem vocês, jamais me sentiria uma mulher realizada.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus pela conclusão deste trabalho, sem Ele não teria ultrapassado as barreiras que eu encontrei durante esses últimos anos de minha vida, Ele muitas vezes me colocou de pé quando eu quis parar, dando-me força para continuar nesta tarefa até o fim.

Ao Prof. Dr. Józse J. Queiroz, um agradecimento especial, pela orientação paciente e animadora durante o tempo em que estive cursando as disciplinas e desenvolvendo essa dissertação.

Aos professores da Banca qualificadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUCSP – Ênio José da Costa Brito e Rafael pelas orientações e sugestões valiosas que muito me ajudaram para a finalização deste trabalho.

Aos professores do Programa das Ciências da Religião, nenhuma palavra conseguirá exprimir minha gratidão pela compreensão e dedicação de todos.

Agradeço, a CAPES que proporcionou apoio financeiro, por meio da bolsa parcial de estudos que tive durante o período de elaboração desta dissertação.

Não poderia deixar de lembrar a paciência, a dedicação e competência da Andréia, secretária do Programa, que atende a todos buscando soluções.

Honradamente agradeço aos meus pais, Vicente Paulo Basso (em memória) e Dirce Garcia Basso, os melhores educadores que eu já tive, eles me ensinaram a caminhar com honestidade, verdade e determinação, não permitindo que eu desistisse diante dos meus ideais e todos esses ensinamentos foram transmitidos com muito cuidado, dedicação carinho e amor. Essa é a grande herança que alguém pode querer ganhar na vida. Sou muito grata a Deus pela oportunidade de tê-los como pais.

Não poderia deixar de agradecer a todos meus amigos, em especial a Sílvia que sempre presente, me incentivou durante toda essa trajetória, a Priscila que em suas visitas rápidas nos finais de semana, trazia seu carinho e estímulo para eu continuar; a Ica que sempre soube me ouvir nas minhas angústias e incertezas; a Ângela que com toda sua atenção se disponibilizou a ler o que eu produzia, discutir conceitos, sempre com muita dedicação durante todo esse tempo; a Valdete que mesmo com sua vida atribulada, arrumou tempo para me atender em minhas aflições; ao Gean que contribuiu para que meu sonho torna-se realidade; a Igreja Evangélica Ágape de Ubatuba, que pela oportunidade de trabalho junto a Igreja, acirrou minha vontade de realizar essa pesquisa sobre a IURD e finalmente ao Apóstolo Alexandre Nunes, homem de fé que eu admiro muito.

O valor das coisas não está no tempo que elas duram, mas na intensidade com que acontecem. Por isso, existem momentos inesquecíveis, coisas inexplicáveis e pessoas incomparáveis.

Fernando Pessoa

RESUMO

Nadia Garcia Basso. **SIMULACRO NO REINO DE DEUS**. O uso da Mídia Televisiva no espaço religioso da Igreja Universal do Reino de Deus como reflexo da condição Pós-Moderna (dissertação de mestrado). Pós-Graduação Strictu Senso em Ciências da Religião. São Paulo: PUC-SP, 2010.

A mídia televisiva torna-se palco e púlpito de novos atores religiosos, especialmente os pastores neopentecostais, que acreditam na força desse instrumento eficaz, para conquistar um novo rebanho, por meio da virtualidade. As igrejas desfilam na passarela televisiva.

A partir de estratégias modernas de comunicação, a Igreja Universal do Reino de Deus adquiriu essa visibilidade utilizando principalmente os meios de comunicação de massa e entre todos os projetos na área, a Rede Record de Televisão demonstra ser o mais ambicioso. Altos investimentos ocorreram no aspecto técnico e na programação da emissora que refletiram na audiência conseguida, a ponto de assumir a vice-liderança no Ibope em vários horários na TV. A influência da emissora também é percebida nos bancos da igreja do bispo Edir Macedo, muitos testemunhos confessam que foi através da programação religiosa, presente nas madrugadas da Rede Record de Televisão, que induziram os fiéis a participarem das reuniões nos templos.

No entanto, a prioridade da IURD não é conquistar altos índices de audiência, mas estabelecer um contrato entre destinador e destinatário da comunicação para que seu telespectador se torne um consumidor dos serviços religiosos e bens simbólicos oferecidos.

O objeto de estudo dessa pesquisa é a mídia televisiva da IURD como instrumento de divulgação de seu ideário religioso. Pretende-se analisar a potencialidade de persuasão do discurso religioso televisivo da IURD, no processo de conversão dos fiéis, na reconstrução do sagrado e proposição de valores projetados por meio de recursos midiáticos, especificamente, a mídia televisiva. Embora, o tema sobre o cenário neopentecostal brasileiro, no qual emerge com muito impacto, a Igreja Universal do reino de Deus, tenha sido abordado com um especial interesse pelos pesquisadores da área de Ciências da Religião, consideramos possível estabelecer demarcações nessa pesquisa, na medida em que adotamos o viés do conceito de Simulacro e da visão baudrillardiana, sobre a era da imagem, das novas tecnologias, do virtual e da extinção das verdades ideológicas, como base teórica dessa pesquisa em relação ao império midiático da IURD na pós-modernidade.

Delimitando ainda mais o objeto, pretendemos analisar o programa *Fala que eu te escuto* da IURD a fim de adentrarmos nas características pós-modernas, com ênfase especial no enfoque de simulacro que permeiam a comunicação televisiva contemporânea.

Palavras-chave: IURD, Sagrado, Pós-modernidade, Simulacro e Mídia.

ABSTRACT

Nadia Garcia Basso. **SIMULACRUM IN THE KINGDOM OF GOD.** Use of the Television Media in the religious space of the Universal Church of the Kingdom of God as a reflection of the post modern condition (dissertation). Graduate Strictu Sense of religion science. São Paulo: PUC-SP, 2010.

The television media becomes the stage and pulpit of new religious actors, especially the neo-Pentecostal pastors who believe in the strength of this effective tool to acquire a new herd, through virtuality. The church parades on the TV catwalk.

Since modern communication strategies, the Universal Church of the Kingdom of God acquired this visibility using mainly the mass media and among all projects in the area, the Rede Record TV shows to be the most ambitious. High investments occurred in the technical and programming of the station at the hearing reflected that success, at the point of taking the runner-up position in audience at various times on TV. The influence of the station is also noticed in the pews of Bishop Edir Macedo; many testimonies confess that it was through religious programming, on the Rede Record TV dawns, which led the faithful to participate in the meetings in the temples.

However, the priority is not to conquer the UCKG huge audience, but to establish a contract between sender and recipient of the communication so that the viewer becomes a consumer of the religious services offered and symbolic goods.

The study object of this research is the television media as an instrument of IURD disclosure of his religious ideals. It is intended to analyze the use of persuasion of the religious discourse of television IURD in the process of conversion of the faithful reconstruction of the sacred and the value proposition designed by media resources, specifically the television media. Although the theme of the Brazilian neo-Pentecostal scenario, which emerges with much impact, the Universal Church of the Kingdom of God, has been approached with a special interest for researchers in the field of Religious Science, we believe that research can establish boundaries, as where we adopt the concept of bias of Simulacrum and the Baudrillardian vision about the age of image and new technologies, the virtual and the extinction of the ideological truths, as the theoretical basis of this research in relation to the UCKG media empire in post-modernity.

Delimiting the object further, we intend to examine the program “say, that I listen to you” from IURD so we turn to the postmodern characteristics, with special emphasis on the analysis of simulacrum that permeates contemporary television communication.

Keywords: IURD, Sacred, Postmodernity, Simulacrum and Media.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CNT: Central Nacional de Televisão (TV)

IBGE: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IBOPE: Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística

ISER: Instituto de Estudos da Religião

IURD: Igreja Universal do Reino de Deus

LOTERJ: Loteria do Estado do Rio de Janeiro

SBT: Sistema Brasileiro de Televisão

TV: Televisão

LISTA DE FIGURAS, QUADROS, GRÁFICOS E TABELAS

FIGURAS

Figura 1: Templo maior em Santo Amaro	78
Figura 2 : Templo Avenida Celso Garcia – São Paulo.....	78
Figura 3 : Templo Avenida Celso Garcia – São Paulo.....	79
Figura 4: Templo maior em Santo Amaro transformação	80
Figura 5 : Templo Avenida Celso Garcia – São Paulo.....	80
Figura 6: Templo Avenida Celso Garcia – São Paulo.....	81
Figura 7 : Templo maior em Santo Amaro	82
Figura 8 : Logomarca da Rede Record de Televisão	159
Figura 9: Site da Rede Record de Televisão	159
Figura 10 : Logomarca da Rede Família.....	160
Figura 11: Logomarca da Universal Produções.....	161
Figura 12 : Portal da Arca Universal	163
Figura 13 : Blog da Bispo Edir Macedo.....	164
Figura 14: Comunidades virtuais da IURD.....	165
Figura 15 : Jornal Folha Universal, Folhinha e Jornal Hoje em Dia de Minas Gerais.....	166
Figura 16: Logomarca da Rede Aleluia e site da rádio	167
Figura 17 : CDS da Line Records	168
Figura 18 : Revista Plenitude	168
Figura 19: Livros do Bispo Edir Macedo	169
Figura 20 : Mobile e Podcast	170
Figura 21: Centro cultural Jerusalém	171
Figura 22 : Educação bíblica infanto-juvenil	172
Figura 23 : Evangelização em São Paulo	173
Figura 24: Drive-Thru da Oração	174
Figura 25 : Cenário de programa Fala que eu te escuto	176
Figura 26: Foto do culto com a passagem pelo altar	196
Figura 27 : Foto do testemunho de Cláudia.....	207
Figura 28 : Família de Cláudia renovada	208
Figura 29: Evento realizado no estádio do Morumbi em 2008.....	214

QUADROS

Quadro 1 : Diferenças esquemáticas entre Modernismo e Pós-modernismo.....	108
Quadro 2: Divisões de tempo do programa Fala que eu te escuto.....	178

GRÁFICOS

Gráfico 1: Evangélicos no Brasil, Censos demográficos	156
---	-----

TABELAS

Tabela 1: Programas gravados em 2008.....	218
Tabela 2: Programas gravados em 2010.....	218

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
CAPÍTULO I – A TRAJETÓRIA DO SAGRADO NEOPENTECOSTAL	23
1.1 Religião e a origem cosmogônica.....	26
1.2 O conceito de Sagrado em Rudolf Otto e Mircea Eliade.....	31
1.3 O sagrado na cosmogonia cristã	42
1.4 Protestante, pentecostal e neopentecostal: o sagrado num mundo em transformação	52
1.5 Igreja Universal do Reino de Deus: breve histórico e a manifestação do sagrado neopentecostal	69
CAPÍTULO II – PÓS-MODERNIDADE, O SAGRADO, O SIMULACRO E MÍDIA ...	87
2.1 A ascensão da modernidade: breve história	88
2.2 O caldeirão moderno ou pós-moderno	100
2.3 O fim das metanarrativas e a condição pós-moderna	112
2.4 Realidade ou simulacro	118
2.5 O sujeito pós-moderno	124
2.6 O sagrado e a religiosidade na pós-modernidade	131
2.7 Simulacro e mídia na pós-modernidade e sua penetração no campo religioso.....	136
CAPÍTULO III – A PÓS-MODERNIDADE E A MÍDIA TELEVISIVA DA IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS: ENTRE A REALIDADE E O SIMULACRO ..	150
3.1 A instrumentalização da mídia televisiva pela Igreja Universal do Reino de Deus.....	153
3.2 O programa Televisivo da IURD “Fala que eu te escuto”	176

3.3 O sagrado e a religiosidade pela mídia televisiva da Igreja Universal do Reino de Deus: suas características de pós-modernidade.....	203
3.4 A mídia televisiva da Igreja Universal do Reino de Deus e a construção do simulacro e da hiper-realidade	212
CONCLUSÃO	222
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	228
ANEXOS 1	234
ANEXOS 2	261

INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas do século XX, o avanço no conhecimento científico tornou possível o aparecimento de novas tecnologias, voltadas para a ampliação das possibilidades de comunicação e de informação entre as pessoas. As novas tecnologias de informação e de comunicação encontram-se cada vez mais inseridas na vida cotidiana. Os desdobramentos de suas aplicações e funcionalidades, a sua exploração pelo mercado produtivo e a implantação em todos os setores deram origem a um novo modelo social globalizado, identificado internacionalmente como Sociedade da Informação. As inovações tecnológicas, ocorridas ao longo do século XX, inauguraram um cenário de rápidas e intensas transformações, interpretadas por muitos autores, como a emergência da era pós-moderna.

Tudo o que era diretamente realizado com intensa experiência de vida tornou-se uma representação. Há uma cultura veiculada pela mídia cujas imagens, sons e espetáculos ajudam a urdir o tecido da vida cotidiana, dominando o tempo de lazer, modelando opiniões políticas e comportamentos sociais, e fornecendo o material com que as pessoas forjam sua identidade. O rádio, a televisão, o cinema, o espaço virtual e os outros produtos da indústria cultural fornecem os modelos daquilo que significa ser homem ou mulher, bem-sucedido ou fracassado, poderoso ou impotente. A cultura da mídia também fornece o material com que muitas pessoas constroem o seu senso de classe, de etnia, de nacionalidade, de sexualidade, de religiosidade de “nós” e “eles”. Ajuda a modelar a visão hegemônica de mundo e os valores mais prevalentes: define o que é considerado bom ou mau, positivo ou negativo, moral ou imoral. Assim, Kellner explica:

As narrativas e as imagens veiculadas pela mídia fornecem os símbolos, mitos e os recursos que ajudam a construir uma cultura comum para a

maioria dos indivíduos em muitas regiões do mundo de hoje. A cultura veiculada pela mídia fornece o material que cria as identidades pelas quais os indivíduos se inserem nas sociedades tecnocapitalistas contemporâneas (KELLNER, 2001, p.9).

A idéia de viver em novos tempos é instigante, polêmica e muito sedutora, as inovações tecnológicas associam o novo à idéia de progresso. Nesse movimento intenso e febril de novas idéias, eu desenvolvia minhas atividades profissionais nas áreas de marketing, propaganda e consultoria editorial, podendo constatar as inovações midiáticas e a sua potencialidade de comunicação.

Em 2001, iniciei uma consultoria para a Igreja Evangélica Ágape¹ – Ministério Ubatuba, litoral norte de São Paulo, uma igreja pequena, cuja sede na época contava com mais ou menos três mil membros. O Apóstolo² Alexandre Nunes em seu ministério dá grande ênfase ao discipulado e à formação de líderes, o que já propiciou a abertura de igrejas em Paraty-RJ, Lisboa-Portugal e Maputo-África, além de células em várias outras cidades do Brasil e do exterior.

Essa consultoria com a Igreja Evangélica Ágape foi desenvolvida durante três anos. Nesse período, realizei congressos criando uma identidade visual para a Igreja e iniciei a linha editorial com o livro “*Teu Rosto Resplandecerá: O acesso à glória de Deus é possível e real*”, de autoria do próprio Apóstolo. O livro traz ao leitor o “alimento espiritual” que o levará a buscar e desfrutar da glória de Deus em sua vida. A mensagem foi apresentada de forma simples e direta, repleta de suporte bíblico. O objetivo foi levar aos fiéis o conhecimento de que Deus providenciou tudo para estar sempre acessível ao indivíduo, e certamente *Teu rosto Resplandecerá!*

Essa experiência em trabalhar com a Igreja Evangélica Ágape acirrou minha vontade de realizar um estudo sobre os evangélicos, mais propriamente com a

¹ No dicionário Houaiss a palavra *agápé*, da língua grega, significa amor, afeição.

² No dicionário Houaiss, apóstolo é o encarregado de difundir a palavra de Deus.

IURD³ pela sua grande expansão de fiéis e o crescimento midiático, pois a religiosidade na mídia televisiva é um dos fenômenos marcantes na sociedade pós-moderna, porque alterou sobremaneira as relações entre os indivíduos, a sociedade e o mundo. A televisão, por atingir as massas, foi capaz de criar um imaginário coletivo que, nas sociedades mais avançadas, tomou o lugar do imaginário antes transmitido pelas tradições orais e na contemporaneidade observamos que o homem constrói uma cultura em nível planetário, assentada sobre a tecnologia, tendo como protagonista a comunicação.

Embora a Igreja Católica se mantenha como religião hegemônica no cenário brasileiro, é possível verificar um aumento no número de fiéis evangélicos em uma proporção significativa, ocorrida especialmente a partir da década de 80. A Igreja Universal do Reino de Deus é o exemplo mais visível, entre as denominações pentecostais, que mais atraíram fiéis nas últimas duas décadas do século XX. Mesmo com a discordância de outras importantes igrejas evangélicas sobre a sua postura eclesial, a IURD se estabeleceu com uma forma de ação diferenciada quanto às estratégias de proselitismo e ofertas de produtos religiosos.

Essa dimensão que a Igreja Universal adquiriu diante da sociedade tem sido abordada em áreas do conhecimento como a sociologia, a antropologia, a comunicação e os estudos de religião, ressaltando a relação da instituição com os meios de comunicação. Para compreender mais profundamente tal relação, o presente trabalho pretende identificar algumas práticas exercidas pela IURD que podem ser observadas nas manifestações discursivas dos programas televisivos.

³ IURD. Igreja Universal do Reino de Deus. Fundada em 1977 no bairro da Abolição, zona norte da cidade do Rio de Janeiro, por Edir Macedo Bezerra. A IURD é a maior igreja neopentecostal do Brasil, e não encontra paralelo histórico em qualquer outra denominação protestante brasileira. O seu pouco tempo de existência não impediu sua crescente visibilidade, representando um verdadeiro império da comunicação e rapidamente transformou-se no maior e mais surpreendente fenômeno religioso das últimas décadas.

A tele-evangelização, muitas vezes, significa o primeiro momento da adesão de um futuro fiel. Por isso, é valorizada como um dos mais importantes recursos de comunicação da igreja. Nessas oportunidades de estarem na tela da TV, os pastores convidam a audiência a participar das reuniões, que possuem temas específicos em cada dia da semana, nos quais são distribuídos objetos variados, revestidos de um valor sagrado. Estratégias de comunicação aparentemente simples, mas que levaram a Igreja Universal, com apenas doze anos de existência, a adquirir a Rede Record, que atualmente disputa com o SBT o posto de segunda maior rede de televisão do país.

A própria Igreja Católica sentiu a necessidade de alterar sua política de comunicação devido ao êxito do tele-evangelismo da Universal e em 1995 criou a Rede Vida de Televisão para tentar, de certa forma, recuperar o espaço e tempo perdidos. Diante disso, o panorama atual dos programas televisivos religiosos é muito diferente da realidade encontrada até os anos 80. Na época, o público podia assistir às missas dominicais, aos pregadores norte-americanos e alguns poucos pastores brasileiros, em escassos horários nas grades de programação das emissoras. Hoje, a audiência tem a oportunidade de ver programas, até mesmo no considerado horário nobre da TV, com uma qualidade técnica adequada.

As denominações evangélicas que apresentam um maior crescimento nesses últimos anos estão presentes na mídia televisiva e o exemplo da IURD chama a atenção porque, em menos de quarenta anos, ela se tornou uma das maiores igrejas protestantes do Brasil. Pela TV, a Universal pôde alcançar regiões do país nas quais não se poderiam imaginar abrir um templo. Se para isso foram necessários altos investimentos nos meios de comunicação de massa, a proporção de sua expansão também seguiu num ritmo acelerado e agressivo em muitos momentos diante de outras religiões, como espíritas e do próprio catolicismo.

Além de prestar serviços religiosos e de assistência social, que são próprios de uma missão religiosa, a Igreja Universal oferece uma gama enorme de outros produtos que a caracterizam também como um grande conglomerado empresarial incluindo diversas mídias. A IURD abrange até mesmo o cenário político, que conseqüentemente, incorporou novos aspectos na relação entre religião e política. A administração é extremamente centralizada na pessoa do bispo Edir Macedo, fundador da igreja, que segue as modernas estratégias no mundo dos negócios e visa estabelecer uma relação não somente eclesiástica com seu fiel, mas uma relação de empresa e cliente.

Considerando a Igreja Universal como um fenômeno estruturado com base também na utilização da comunicação massiva e a TV um espaço privilegiado para evangelização, o objeto de estudo dessa pesquisa é a mídia televisiva da IURD como instrumento de divulgação de seu ideário religioso. Pretende-se analisar a potencialidade de persuasão do discurso religioso televisivo da IURD, no processo de conversão dos fiéis, na reconstrução do sagrado e proposição de valores projetados por meio de recursos midiáticos, especificamente, a mídia televisiva.

A utilização e a operacionalidade dos meios de comunicação pelas igrejas configuram-se num valioso recurso na batalha simbólica pelos fiéis e numa condição fundamental de existência e manutenção das atividades religiosas. Portanto, o interesse pela pesquisa nasceu do desejo de compreender a utilização da mídia televisiva pela Igreja Universal do Reino de Deus, tendo como referencial teórico as categorias de Sagrado de Rudolf Otto e Mircea Eliade, por serem autores centrais e de relevância histórica na concepção deste conceito. Com a visão de Lyotard discutir a pós-modernidade e o conceito de simulacro, na concepção baudrillardiana, sobre a era da imagem, das novas tecnologias, do virtual e da extinção das verdades

ideológicas, como base teórica dessa pesquisa em relação ao império midiático da IURD na pós-modernidade.

No procedimento metodológico e técnico seguimos os seguintes passos: selecionamos as obras que constituem o embasamento teórico: *O Sagrado* de Rudolf Otto; *O Sagrado e o Profano A essência das religiões* do autor Mircea Eliade; *A Condição Pós-Moderna* publicada por Jean François Lyotard; *Simulacros e Simulações* e *Tela total: mitos-ironias do virtual e da imagem* do autor Jean Baudrillard. Realizamos a análise interpretativa do programa evangélico *Fala que eu te escuto*, produzido e transmitido pela Rede Record de Televisão, emissora de propriedade da IURD, para todo território nacional, no período de 06 a 10 de julho de 2010, e três trechos desse programa do ano de 2008, a fim de realizar a pesquisa em torno do tema: “Simulacro no Reino de Deus. O uso da Mídia Televisiva no espaço religioso da IURD como reflexo da condição Pós-moderna”.

Assim, através desses programas, acreditamos captar aspectos da construção de simulacros pela mídia televisiva iurdiana, analisando as ideias e valores veiculados, e como se reorganizam para acompanhar a dinâmica contemporânea.

Nesse sentido, essa pesquisa traz uma contribuição ao importante debate de como as pessoas, imersas numa sociedade de mídia e consumo, interagem, analisam e interpretam seus significados, seus discursos e, que sentido produz em suas vidas a religião representada.

Essa dissertação compreende três capítulos que pretendem responder às seguintes indagações: uma primeira indagação é propositadamente ampla. Pergunta-se sobre as raízes do neopentecostalismo da IURD e quais são as características do sagrado e da religiosidade desse ramo do protestantismo. Esta questão provoca a busca de um pano de fundo ou cenário que será trabalhado no

primeiro capítulo. Pretende-se comprovar a hipótese de que o sagrado e a religiosidade da IURD plantam seus fundamentos numa visão fenomenológica do sagrado e numa cosmogonia cristã, mas assume características peculiares.

Em segundo lugar, pergunta-se sobre o contexto pós-moderno e sua influência na concepção do sagrado e da religiosidade. Em especial, levanta-se a questão da recepção das características pós-modernas nas mensagens midiáticas que comunicam o sagrado e a religiosidade no contexto contemporâneo. Essas questões desencadeiam a busca que será trabalhada no capítulo segundo. E a hipótese que se pretende comprovar é que várias características da pós-modernidade estão presentes na mídia televisiva, em especial, as conotações de hiper-realidade e de simulacro.

As rápidas e intensas transformações ocorridas nas últimas décadas do século XX também tiveram implicações nos movimentos religiosos. Esse processo tem sido apontado por muitos como desdobramentos da condição pós-moderna. Nesse contexto, os referenciais religiosos, bem como a própria religião, dinamizam-se, transformando-se para adequar-se à nova realidade. A cultura da mídia e do consumo atua como fonte geradora de modelos de comportamento e formas de pensar, alinhados a interesses, instituições, valores, crenças e práticas vigentes, influenciando o modo como as pessoas se vêem e vêem os outros e como constroem sua própria leitura da realidade. A religião, nesse sentido, encontra-se também imersa nesse processo.

A terceira questão vai direto ao objeto da pesquisa. Pergunta-se se e como as características da pós-modernidade estão presentes nas práticas religiosas da IURD e em especial nas mensagens emitidas em seus programas televisivos. É a pergunta que perpassa o capítulo terceiro. E a hipótese a ser comprovada é que há uma instrumentalização da mídia televisiva praticada pela IURD que emite

mensagens que podem construir nos receptores um sagrado e uma religiosidade com conotações de hiper-realidade e de simulacro.

Observa-se em curto espaço de tempo, um fenômeno religioso inegável, a grande transformação e expansão da IURD. Sua crescente influência política e midiática tem papel fundamental na disseminação da igreja por todo o Brasil e no mundo. Ela apresenta uma concepção do religioso que, imediatamente, leva em consideração os problemas cotidianos de uma sociedade que enfrenta dilemas sociais, políticos e econômicos. Trabalha o processo de conversão não só no culto como também mediante os meios de comunicação de mídia televisiva, construindo um imaginário de concepção da religião que integra a vida das pessoas, transformando-as, pela agregação de novos valores, comportamentos e de uma nova visão de mundo.

Busca-se comprovar que a instrumentalização da mídia televisiva pela IURD promove padronizações pessoais e sociais na vida do fiel, objetivando seu compromisso, ancoradas pela força da imagem.

Os programas televisivos suscitam sentimentos e emoções nos fiéis num contexto de espetáculo, por meio de narrativas que ocupam espaço numa cultura do inverossímil e ganham funcionalidade nos locais de culto e nas imagens midiáticas que as transmitem. Surge aí um novo gênero de fé marcado pela simulação e afirmada pela promoção da prosperidade numa perspectiva de consumo e de trocas simbólicas, num clima de combate à figura demoníaca.

A utilização da mídia televisiva pela IURD tem conotações de poder e dominação ao objetivar a conquista de fiéis na disputa religiosa presente na sociedade pós-moderna e ao buscar construir a crença na superação do poder demoníaco, caracterizada por uma propalada guerra espiritual em escala planetária como proposta salvífica e de prosperidade material.

CAPÍTULO I

A TRAJETÓRIA DO SAGRADO NEOPENTECOSTAL.

O homem na sociedade contemporânea é um artífice de seu próprio caminho sobre o convés da nave Terra, navegando por mares revoltos em noite bruma numa aventura desconhecida, ameaçado, a todo instante, de ser jogado ao mar. Por toda parte reina agora o sentimento, difuso ou agudo, do incerto. O projeto moderno, mesmo com todas as conquistas da ciência, do racionalismo, da tecnologia virtualizada e da globalização não consegue confortar o sujeito contemporâneo que olha para o futuro com preocupação, espanto, angústia, sem garantias, ou seja, dominado por um mal-estar, uma vez que Deus está morto. É nesse contexto pós-moderno que as religiões vêm reocupar o seu espaço em formatos múltiplos, trazendo consigo algo balsâmico na tentativa de cumprir um papel de obturação desse mal-estar que impregna, invade e aterroriza o homem na contemporaneidade.

Escrever sobre as tendências religiosas num período de profundas transformações no campo religioso e fora dele parece uma tarefa inglória. Seria mais fácil isolar um determinado fenômeno religioso e fazer dele objeto de um trabalho detalhado. Mas isto não nos ajudaria a levantar questões sobre o novo mapa do sagrado e do religioso, pois está em marcha um novo traçado a partir da flexibilização e diluição de fronteiras confessionais, promovidas por movimentos religiosos que deitam suas raízes em tradições antigas e distantes.

Assim, um novo mapa está sendo configurado. Nele, nem mesmo redutos religiosos tradicionais estão protegidos de incursões de antigas ideias e crenças que se apresentam como novidade, justamente por terem sido arrancadas do lugar onde nasceram e se desenvolveram. Desse modo, longe de seu lugar vivencial ou

territorial, as novas ideias religiosas e crenças adquirem uma grande mobilidade e forjam novas identidades.

O pluralismo religioso está presente em nossos dias. Embora pareça algo atual, consequência de um mundo globalizado e plural no qual vivemos, essa diversidade das religiões é um dado antigo. Isso se dá pelo fato da religião estar sempre relacionada com a cultura, e o que vemos ao longo da história é a multiplicidade de culturas que se espalham por toda aldeia global, conseqüentemente, uma variedade de experiências religiosas que demonstram a múltipla face de Deus, ou as diversas formas de conceber Deus.

Toda experiência religiosa, antes da formulação e aceitação de dogmas, normas ou doutrinas, passa antes pela questão existencial do ser humano. Certamente o que determina a opção por esta ou aquela religião é a experiência existencial do indivíduo com o sistema religioso que o identifica.

Quando falamos da experiência pessoal, fé pessoal, nós partimos não só de um pressuposto cristão de experiência com o Cristo, mas de uma estrutura constitutiva do ser humano, a auto-transcendência. Todo indivíduo possui essa capacidade antropológica, com a realidade suprema e de respostas aos seus questionamentos existenciais sobre a vida, a morte, o começo e o fim de todas as coisas.

Dessa maneira, a religião é um mecanismo gerador de sentido e de respostas a esses questionamentos humanos. É na religião, de modo geral, que o ser humano acaba por encontrar sentido para a busca de transcendência. Através dela, ele pode relacionar-se com o Sagrado, com a divindade, com o Transcendente. Todo esse processo passa pela liberdade humana de escolha. A forma de alcançar o sentido para a sua vida não passa pelas elaborações teológicas ou doutrinárias; passa, em primeiro lugar, pela existência do ser humano no mundo, vivendo suas contradições

e iluminações e, por isso, sente a necessidade de encontrar um caminho espiritual.

Diante desse panorama contemporâneo onde emergem crises sociais, econômicas e políticas que afetam nosso mundo globalizado, há uma corrida utilitarista em muitas religiões, que se apresenta com respostas prontas ao sofrimento humano. Isso porque vivemos em uma sociedade utilitarista e funcional, marcada pela busca da produtividade, consumo e do lucro. As pessoas querem respostas, as mais imediatas possíveis, tornando, assim, a religião uma tentativa de soluções rápidas para problemas emergentes.

Se, por um lado, temos a religião como mais um mecanismo para satisfação dos desejos imediatos das pessoas, nós a temos também, como geradora de sentido para o ser humano, sempre em busca de respostas às suas questões existenciais. Sendo assim, encontraremos na religião, de forma geral, sem especificar a confessionalidade de cada uma, a boa intenção de dar sentido às pessoas, de amenizar o sofrimento e de proporcionar um pouco de alegria em meio às turbulências da vida contemporânea. Mas o que é religião?

Partindo de uma conceituação de religião, apresentaremos as dimensões específicas da experiência religiosa, no âmbito da experiência do sagrado. Nesse intuito descreveremos as modalidades do sagrado no conceito de Rudolf Otto e Mircea Eliade. Em seguida na cosmogonia cristã, na Reforma Protestante, no Pentecostalismo, no Neopentecostalismo e, enfim, na Igreja Universal do Reino de Deus onde se localiza o objeto da nossa pesquisa.

1.1. Religião e a origem cosmogônica

Religião

No decurso histórico da humanidade observamos que a religião está na matriz da existência humana. Desde os tempos e lugares sacralizados às mais desprezáveis instâncias de profanação, o ser humano não se separa de sua supra-existência, de sua faceta, por mais oculta ou rechaçada que seja em alguns, mística e transcendente. Ao longo da história, o fenômeno religioso está presente em todas as culturas e em todos os povos. As cosmovisões religiosas são herdeiras de configurações passadas com infinita variedade de símbolos, mitos, ritos, nas doutrinas e em modelos de vida, que vão adaptando-se a cada época, ou seja, em diversos espaços e tempos, trazendo elementos somatórios a cada contexto, entrelaçando o velho ao novo, para que algo de essencial sobreviva para o *homo religiosus*.

Num aporte inicial, a palavra religião vem do latim “*religio*”, formada pelo prefixo “*re*” que significa outra vez, de novo e pelo verbo “*ligare*”, ou seja, ligar, unir, vincular. A religião em seu sentido popular constitui-se num conjunto de doutrinas, crenças, leis, mitos e ritos, aos quais orienta o homem para alcançar a felicidade, o perdão e o amor divino. Para Rudolf Otto, a religião é vista sob seu aspecto inato, adquirindo forma de acordo com a cultura, ao passo que para Eliade a religião não implica necessariamente uma crença em deus, em deuses ou espíritos, mas se refere à experiência do sagrado e, por conseqüência, encontra-se ligada à idéia de ser, da significação da verdade, portanto é a solução para toda crise existencial. No olhar do sociólogo Durkheim, a religião é concebida sob o viés funcional, sendo elaborada a partir da concepção distinta da realidade entre as duas esferas: a

sagrada e a profana. A esfera sagrada é composta por um conjunto de coisas, crenças e de ritos que formam certa unidade, que podemos chamar de religião. Envolve tanto o aspecto cognitivo ou cultural (crenças), quanto ao material ou institucional (ritos). Quanto à esfera profana, trata-se de um conjunto da realidade que se define por oposição ao sagrado, constituindo, em geral, a esfera das atividades práticas da vida cotidiana na sociedade, isto é, Durkheim estabelece que a religião é uma forma fundamental de coesão social.

Dessa maneira o fato religioso revela, através dos símbolos sagrados, a síntese dos *ethos* de uma determinada comunidade. As disposições morais, mesmo as estéticas e o próprio devir da existência fazem parte da visão de mundo congemina pela religião. No olhar de Geertz, a religião seria um sistema de símbolos que atua para estabelecer poderosas, penetrantes e duradouras disposições e motivações nos homens, através da formulação de conceitos de uma ordem de existência geral e vestindo essas concepções com tal aura de fatualidade que parecem realistas (GEERTZ, 1989, pp.93,94).

O parecer do autor coloca a religião como um sistema simbólico responsável por um determinado tipo de comportamento social. A religião representa a ordem existencial que ela configura. Dessa forma, a religião é a autoridade consagrada e, portanto legítima. Através da doutrina, ela redimensiona e submete as tendências do mundo natural e social. A prática implícita do *ethos* passa para a ética sistematizada em normas. Esta transferência da práxis religiosa para a norma consagrada possibilita à religião ser legitimadora de um estilo de vida específico. Quando apropriada por um determinado grupo social, reveste-se de uma função ideológica.

Cosmogonia

Desde a mais tenra forma de civilização, o homem sempre indagou sobre a criação do universo, do cosmo, bem como de sua própria existência. Essas questões sempre permearam as mentes humanas buscando continuamente uma construção de sentido para suas vidas, que justifique o passado, explique o presente e algo que lhe dê alguma garantia para o futuro. Nesse contexto se faz necessário conceituarmos brevemente o sentido do mito cosmogônico.

A palavra cosmogonia vem do grego *κοσμογονία*; *κόσμος* “universo, mundo” e *-γονία* “nascimento, geração”, é o termo que abrange todas as teorias das origens do universo, sendo elas religiosas, mitológicas e científicas através da história. O tempo de origem por excelência é o tempo da cosmogonia, o instante em que apareceu a mais vasta realidade, o Mundo. É por essa razão que a cosmogonia é o modelo exemplar de toda “criação”, a toda espécie de “fazer”. Segundo Eliade o *Tempo cosmogônico* serve de modelo a todos os *Tempos sagrados*; porque, se o Tempo sagrado é aquele em que os deuses se manifestaram e criaram, é evidente que a mais completa manifestação divina e a mais gigantesca criação são a Criação do Mundo (ELIADE, 2001, p.73). Eliade expressa de maneira muito pertinente, o conceito fundamental da cosmogonia quando diz:

Para viver no Mundo é preciso fundá-lo – e nenhum mundo pode nascer do “caos” da homogeneidade e da relatividade do espaço profano. A descoberta ou a projeção de um ponto fixo – o “Centro” – equivale à Criação do Mundo (ELIADE, 2001, p.26).

Para o autor trata-se de um fenômeno antropológico tão fundamental, que mesmo o homem não-religioso, segundo ele, não consegue alcançar uma forma de vivência no mundo que seja absolutamente livre de pressupostos, em última análise, religiosos. Tal situação seria decorrente, a seu ver, do fato de que o espaço profano é homogêneo, e destituído de qualquer possibilidade de orientação existencial.

Sendo, como assume a experiência religiosa primária a experiência de heterogeneidade do espaço – dividindo-o em profano e sagrado, e propiciando, assim, um eixo fixo de orientação existencial, a que corresponderia a fundação de um mundo, ou seja, o viver real (ELIADE, 2001, p.27).

Seguindo o pensamento do autor, percebemos que a religião atua ativamente para organizar o cosmos, concebendo mitos, os quais manifestam o poder de uma força superior, a presença de seres ou de um ser transcendente, que regem essa orquestra imensa, o universo. Por esse viés, o mito cosmogônico descreve a criação em uma seqüência de acontecimentos para narrar a origem do mundo, ou seja, um princípio primordial.

A função do mito, pelo olhar de Mircea Eliade, é revelar como uma realidade veio à existência, contando-se uma história sagrada. Nesse sentido, a recorrência perene do homem religioso a um “tempo sagrado” significa uma tentativa de restauração de um estado temporal e cósmico em sua origem ou princípio (*arché*), precedente ao estado existencial profano. Conforme elucida Eliade:

O homem religioso sente necessidade de mergulhar por vezes nesse Tempo sagrado e indestrutível. Para ele, é o Tempo sagrado que torna possível o tempo ordinário, a duração profana em que se desenrola toda a existência humana. É o eterno presente do acontecimento mítico que torna possível a duração profana dos eventos históricos (ELIADE, 2001, p.79).

Eliade com relação ao mito cosmogônico e a “história sagrada” analisa as culturas em que o mito significa verdade a respeito de algo, revelando assim uma realidade. O mito tem a característica primordial de contar como qualquer coisa se originou – o homem, o mundo, uma instituição, e assim por diante. Segundo o autor, é nesse sentido, paradigmático que o “mito cosmogônico” tem precedência sobre os demais, uma vez que nele se baseiam todos os demais mitos de origem. Analisar esta história sagrada primordial, reunida pela totalidade de mitos significativos, é fundamental porque explica e por isso mesmo justifica a existência do mundo, do homem e da sociedade (ELIADE, 1989, p.97).

. Eliade compreende que a mitologia em sua natureza é considerada, ao mesmo tempo, uma verdadeira história, porque ela relata como surgiram as coisas, fornecendo o modelo exemplar e também as justificações para as atividades que governam a vida cotidiana das comunidades e na existência individual de cada membro no percurso de sua história e ainda acrescenta que as cosmogonias são muito similares entre muitos povos primitivos.

Ressaltando mais uma vez o raciocínio de Mircea Eliade, de Rudolf Otto e outros estudiosos da religião observamos que a religiosidade, o anseio pelo eterno e transcendente, é uma expressão inata ao ser humano, ou seja, além da beleza do universo, Deus permite ao homem ter um senso limitado e parcial acerca do devir histórico, permanecendo veladas, porém, a intencionalidade e ação divinas no que tange ao futuro de sua criação.

O homem conduz em seu coração uma chama acesa, mas não a plenitude da revelação dos tempos. Assim, coloca-se em suspenso, pasmado e tateante diante do mistério da eternidade e de sua própria existência, mantendo-o unido ao sagrado. Na linguagem de Otto, a alma humana mantém uma atração pelo *numinoso*, e precisamente é essa “saudade do absoluto”, que faz com que a humanidade crie e recriem o tempo todos seus mitos, fazendo-os ressurgir com novas facetas, porém, em torno desse *pathos* ancestral. Eliade ainda afirma que, o homem religioso estabelece seu próprio modelo a atingir no plano trans-humano: aquele revelado pelos mitos. *O homem só se torna verdadeiro homem conformando-se ao ensinamento dos mitos, imitando os deuses* (ELIADE, 2001, p.89).

1.2. O conceito do Sagrado em Rudolf Otto e Mircea Eliade

O “Sagrado” é uma palavra indo-européia que significa “separado”. A sacralidade, portanto, não é uma condição espiritual ou moral, mas uma qualidade inerente ao que tem relação e contato com potências que o homem, não podendo dominar, percebe como superiores a si mesmo, e como tal atribuível a uma dimensão, em seguida denominada “divina”, considerada “separada” e “outra” com relação ao mundo humano. O homem tende a manter-se distante do sagrado, como sempre acontece diante do que se teme, e ao mesmo tempo é por ele atraído. Essa ambivalência é a essência de toda religião, que, como denota a palavra, contém, tendo-a em si reunida (*re-legere*), a área do sagrado, de modo a garantir simultaneamente a separação e o contato, que ficam, todavia regulados por práticas rituais capazes de evitar, por um lado, a expansão descontrolada do sagrado e, por outro, a sua inacessibilidade (GALIMBERTI, 2003, p.11).

O sagrado é uma experiência da presença de uma potência sobrenatural que habita algum ser – planta, animal, humano, coisas, ventos, água, fogo. Essa potência é tanto um poder que pertence própria e definitivamente a um determinado ser, quanto algo que ele pode possuir e perder, não ter e adquirir. O sagrado é a experiência simbólica da diferença entre os seres, da superioridade de alguns sobre outros, do poderio de alguns sobre outros, superioridade e poder sentidos como espantoso, fascinante, misterioso, desejado e muito temido. Em outras palavras, o sagrado opera o encantamento do mundo, habitado por forças maravilhosas e poderes admiráveis que agem magicamente. Criam vínculos de simpatia-atração e de antipatia-repulsão entre todos os seres, agem à distância, enlaçam entes diferentes com laços secretos e eficazes.

No olhar fenomenológico da religião, o termo “Sagrado” diz respeito ao âmbito impregnado de alguma maneira por uma Realidade Transcendente (CROATTO, 2001, p.50). Etimologicamente, percebe-se que em todas as variantes (grego, latim e sânscrito) o sentido mantém-se o mesmo, sempre denotando algo separado, reservado. Dessa forma, o termo *sagrado* significa aquilo que pertence a uma ordem de coisas separadas, reservadas, invioláveis; que deve ser objeto de respeito religioso da parte de um grupo de crentes (MONDIN, 1997, p.31).

No decorrer do século XX, a permanência das práticas de (re)sacralização do mundo instigou intelectuais das áreas da sociologia, da história, da antropologia e da teologia a revisitar essa temática e a propor novas abordagens emergindo possibilidades de entendimento do conceito de sagrado que, em muitas circunstâncias o colocaram em oposição ao conceito de profano. Vejamos o que Durkheim demonstra:

Todas as crenças religiosas conhecidas sejam simples ou complexas, apresentam um mesmo caráter comum: supõem uma classificação das coisas, reais ou ideais, que os homens concebem, em duas classes, em dois gêneros opostos, designados geralmente por dois termos distintos que as palavras *profano* e *sagrado* traduzem bastante bem. A divisão do mundo em dois domínios que compreendem um, tudo o que é sagrado, outro, tudo o que é profano, tal é o traço distintivo do pensamento religioso: as crenças os mitos, os gnomos, as lendas, são representações ou sistemas de representações que exprimem a natureza das coisas sagradas, as virtudes e os poderes que lhes são atribuídos, sua história, suas relações mútuas e com as coisas profanas. Mas, por coisas sagradas, convém não entender simplesmente esses seres pessoais que chamamos deuses ou espíritos: um rochedo, uma árvore, uma fonte, um seixo, um pedaço de madeira, uma casa, em uma palavra, uma coisa qualquer pode ser sagrada (DURKHEIM, 2003, pp.19,20).

Na análise feita pelo autor, observa-se que o sagrado é considerado como uma realidade antropológica, na medida em que todas as sociedades parecem ter desenvolvido essa concepção. Por esse olhar, o sentimento do sagrado teria origem na própria vida social. O que o homem religioso adora, por meio de sua religião, é a própria sociedade, seus valores e a sua visão de mundo. Assim, há a tendência de remeter para o campo do sagrado, tudo aquilo que se considera importante para a

reprodução social. Dessa maneira, para Durkheim, o sentimento e as atitudes para com o sagrado não se aplicariam apenas aos objetos religiosos, mas também a qualquer outra esfera da vida social. O próprio autor conclui que a religião é uma coisa eminentemente social. As representações religiosas são representações coletivas que exprimem realidades coletivas; os ritos são maneiras de agir que só surgem no interior de grupos coordenados e se destinam, a suscitar, a manter ou refazer alguns estados mentais desses grupos (DURKHEIM, 2003, p.XVI).

Entretanto, o autor ainda destaca que o sagrado e o profano embora sejam opostos, isto é, separados, não são excludentes, como se observa na explicação de Durkheim:

A coisa sagrada é, por excelência, aquela que o profano não deve e não pode impunemente tocar. Claro que essa interdição não pode chegar ao ponto de tornar impossível toda comunicação entre os dois mundos, pois, se o profano não pudesse de maneira nenhuma entrar em relação com o sagrado, este de nada serviria (DURKHEIM, 2003, pp.24).

Rudolf Otto

Nessa temática, é necessário dar um destaque especial à reflexão de Rudolf Otto⁴, onde o Sagrado adquire um caráter ambivalente e paradoxal; ele se configura como a *numinosidade* (“*numen*” = divindade), o *misterioso*, a majestade, o fascínio e, também, o medo, o respeito e a reverência. O contato do homem com a realidade do Sagrado por meio das experiências religiosas faz surgir à ambivalência do Sagrado, apresentando-se ao mesmo tempo, temeroso, e fascinante. Otto traduz a experiência religiosa usando a expressão *mysterium tremendum et fascinans*.

⁴ Rudolf Otto, na sua famosa obra *O Sagrado* (2007), escrito em 1917 influenciou todas as reflexões posteriores sobre esse tema, inclusive a de Mircea Eliade que em *O Sagrado e o Profano* adota explicitamente a conceituação e as características de Otto.

O estudo que o autor realiza da religião enfoca, principalmente, o processo de psicologização envolvido na experiência religiosa. Ele se preocupa principalmente com a experiência do sujeito e sua relação subjetiva com o *numinoso*. O termo *numinoso* é utilizado para referir-se ao núcleo central desta experiência. Segundo o autor, o sagrado é uma categoria de interpretação e avaliação peculiar que, nesta forma, ocorre somente no campo religioso (OTTO, 2007, p.37). Uma categoria que contém elementos racionais e irracionais. Para se aproximar do fundamento irracional do sagrado, opta por um termo que se tornou paradigmático: “o *numinoso*”.

Como explica o autor:

Para tal eu cunho o termo “o numinoso” (já que vem do latim *omen* se pode formar “*ominoso*”, de *numen*, então numinoso), referindo-me a uma categoria numinosa de interpretação e valoração bem como a um estado psíquico numinoso que sempre ocorre quando aquela é aplicada, ou seja, onde se julga tratar-se de objeto numinoso. Como essa categoria é totalmente *sui generis*, enquanto dado fundamental e primordial ela não é definível em sentido rigoroso, mas apenas discutida (OTTO, 2007, pp.38).

Otto ainda acrescenta ao *numinoso* o que chama de *sentimento de criatura* - o sentimento da criatura que afunda e desvanece em sua nulidade perante o que está acima de toda criatura (OTTO, 2007, p.41). Dessa maneira, uma vez que esse sentimento não é racional, isto é, que não se desenvolve por conceitos, não podemos indicar o que é a não ser observando a reação do sentimento particular que o seu contato em nós provoca. Percebe-se, portanto, que é um sentimento primário e que Otto o qualifica como *mysterium tremendum*, que causa arrepios. Nessa reflexão ottoniana verifica-se que o conceito de numinoso é derivado de *numen* e significa aquilo que é próprio dos deuses e nele está o cerne irracional do sagrado em toda sua potência. *Numen* é algo totalmente distinto de qualquer outra experiência. Desta forma, o sagrado apresenta-se como uma realidade de ordem absolutamente diversa da realidade natural e se caracteriza como experiência do *mysterium tremendum*, e como vivência de terror perante o ser ou objeto sagrado. No sentido pleno da palavra, o sagrado é para nós, uma categoria que comporta por

um lado, elementos racionais e, por outro, elementos irracionais e, em cada uma destas duas partes, ela é uma categoria puramente *a priori*. Importa manter esta afirmação perante todo o sensualismo e todo o evolucionismo (OTTO, 2007, p.150). Assim, o sagrado implica a luta entre o *mysterium* e o tremendo, o temor e o tremor. A luta entre o amor e o ódio, Deus e o diabo. O *mysterium* conduz ao admirável, ao assombroso, ao pasmo, à contemplação.

Na visão de Otto, conceitualmente, mistério designa nada mais que o oculto, ou seja, o não-evidente, não apreendido, não-entendido, não cotidiano nem familiar, que não é manifesto, que não é concebido, isto é, sem designá-lo mais precisamente segundo seu atributo (OTTO, 2007, p.45). O tremendo é o absolutamente inacessível, poderoso e arrebatador, que se complementa pela idéia de poder, de força e de preponderância absoluta. A estas qualificações Otto denomina de *majestas* e destaca que o elemento do *tremendum* encontra uma expressão que parece mais adequada na fórmula: *tremenda majestas* (OTTO, 2007, p.51).

O *tremendum* e a *majestas* implicam num terceiro elemento que Otto qualifica como energia do *numinoso*, que se faz sentir na *orgê* à qual se referem as expressões simbólicas de vida, de paixão, de sensibilidade, de vontade, de força, de comoção, de excitação, de atividade e de impulso (OTTO, 2007, p.55). O sentimento da *majestas* transmite a sensação de anulação da própria vida e da onipotência da transcendência. É a impressão do poder irrestrito do “completamente outro”. O *mysterium tremendum* tem como complementação e oposição o *fascinans*, cujas representações racionais e as noções que acompanham e esquematizam este elemento irracional são o amor, a compaixão, a piedade e a benevolência. A impressão que o *fascinans* deixa na alma humana é indizível, a linguagem é incapaz de expressar o que a alma sente. Isto, mais uma vez, sublinha o

caráter profundamente irracional do numinoso; desta vez na sua forma atraente e fascinante.

O elemento do *fascinans*, enquanto valor subjetivo do numen, apresenta dois componentes denominados *augustus* e *sebastus*. O *augustus* ou o *sanctum*, o santo, que expressa a mais alta qualidade do numinoso, a santidade absoluta. A percepção da presença deste valor nos desperta a consciência da profanidade, de não sermos dignos do *numen*, também do pecado, e da necessidade de buscarmos tal dignidade através da purificação, ou de atitudes espirituais como a humildade. O *fascinans* ainda nos depara com o componente *sebastus*, a indicação da essência do objeto numinoso, que alude à prudência e ao respeito diante de Deus. O *fascinans* e o *sebastus* balizam valores éticos e morais, uma vez que a ética em sua essência é *algo mais* que uma elaboração social ou cultural num momento histórico, é uma racionalização decorrente dos sentimentos que o *numinoso* desencadeia (OTTO, 2007, pp.91,92).

O extenso e completo estudo realizado por Otto indica uma fonte de conhecimento muito profunda que existe originalmente na alma. Não pode ser considerada independente de dados exteriores ou anteriores às experiências sensíveis, mas coloca-se nelas e entre elas, surge a partir delas, indiretamente. É uma predisposição para o alcance de conhecimentos através dos sentimentos, uma espécie de fonte ou princípio gerador, uma forma de conhecimento *a priori*.

Mircea Eliade

Enquanto Rudolf Otto desenvolvia o conceito do *numinoso* como cerne irracional do sagrado em toda sua potência, Mircea Eliade preferiu estudá-lo na sua totalidade. De acordo com o pensamento do autor só temos duas formas existenciais de ser no mundo: uma sagrada e outra profana, que com significações e dimensões diferenciadas e opostas habitam o tempo e o espaço. Por esta razão diz que a primeira definição que se pode dar ao sagrado, é que ele se opõe ao profano.

Para Eliade, o Profano é o comum, o secular, algo destituído de um significado que remeta à realidade transcendente. O Sagrado, por outro lado, com o seu *status* discriminatório, é o incomum, aquilo que está à parte, que necessariamente, traduz-se como uma ponte para a realidade última. O homem toma conhecimento do sagrado porque este se *manifesta*, mostra-se como qualquer coisa de absolutamente diferente do profano. A esta manifestação do Sagrado, Eliade dá o nome de "*hierofania*", isto é, "algo de sagrado se nos revela".

Segundo o autor:

Poder-se-ia dizer que a história das religiões – desde as mais primitivas às mais elaboradas – é constituída por um número considerável de hierofanias, pelas manifestações das realidades sagradas. A partir da mais elementar hierofania – por exemplo, a manifestação do sagrado num objeto qualquer, uma pedra ou uma árvore – e até a hierofania suprema, que é, para o cristão, a encarnação de Deus em Jesus Cristo, não existe solução de continuidade. Encontramo-nos diante do mesmo ato misterioso: a manifestação de algo "de ordem diferente"- de uma realidade que não pertence ao nosso mundo – em objetos que fazem parte integrante do nosso mundo "natural", "profano" (ELIADE, 2001, p.17).

A respeito da expressão "hierofania", aparecimento ou manifestação reveladora do sagrado, Eliade afirma que todas as religiões desde as mais primitivas às mais elaboradas descrevem a instauração do Sagrado no mundo a partir da valoração que o homem faz de certos conteúdos de sua vivência no Cosmo, ilustrando seu caráter essencialmente simbólico. A partir da conceituação de sagrado e profano em Eliade, percebe-se que a diferença entre um objeto e

outro é uma questão de posicionamento com relação a este. A própria história demonstra que o sagrado e o profano são duas possibilidades de ser no mundo, conforme elucida Eliade:

... o *sagrado* e o *profano* constituem duas modalidades de ser no Mundo, duas situações existenciais assumidas pelo homem ao longo da sua história. Esses modos de ser no Mundo não interessam unicamente à história das religiões ou à sociologia, não constituem apenas o objeto de estudos históricos, sociológicos, etnológicos. Em última instância, os modos de ser *sagrado* e *profano* dependem das diferentes posições que o homem conquistou no Cosmo, e, conseqüentemente, interessam não só ao filósofo, mas também a todo investigador desejoso de conhecer as dimensões possíveis da existência humana (ELIADE, 2001, p.20).

Diante desse contexto, é importante destacar que os símbolos alteram os aspectos humanos uma vez que expressam uma manifestação hierofânica dos objetos. Portanto, compreender essa dinâmica entre os símbolos e a natureza humana é algo indispensável para a interpretação do sagrado. Pensar o símbolo possibilita-nos ver como o homem se entrega a uma religião por meio do sentir, do perceber, fazendo com que este escolha à sua maneira, a forma como se permitirá fazer o contato com o sagrado, através dos objetos, que passam a ter valores espirituais e criam no indivíduo a idéia de ligação com o sagrado, possibilitando-lhe uma sensação de liberdade, de segurança e de encontro, despertando todo um processo de confiabilidade na presença manifestada do mesmo. Assim Eliade afirma que o simbolismo desempenha um papel considerável na vida religiosa da humanidade. Graças aos símbolos, o Mundo se torna “transparente”, suscetível de “revelar” a transcendência (ELIADE, 2001, p.109).

A partir do consenso entre os estudiosos do fenômeno religioso, o homem religioso situa-se na esfera do sagrado, gravitando ao redor desta toda a sua forma de ser e interagir com o mundo. Desse modo, o sagrado é o real por excelência para o homem religioso e representa fonte inesgotável de vida, poder, eficiência e fecundidade. Como Eliade demonstra:

O desejo do homem religioso de viver no sagrado equivale, de fato, ao seu desejo de se situar na realidade objetiva, de não se deixar paralisar pela relatividade sem fim das experiências puramente subjetivas, de viver num mundo real e eficiente – e não numa ilusão. Esse comportamento verifica-se em todos os planos da sua existência, mas é evidente no desejo do homem religioso de mover-se unicamente num mundo santificado, quer dizer, num espaço sagrado (ELIADE, 2001, p.32).

O autor explica que o homem religioso, mergulhado no sagrado, confere deste modo uma noção existencial ao espaço e tempo. Eliade demonstra que a manifestação do sagrado funda ontologicamente o mundo, ou seja, o mundo só passa a existir para o homem religioso, portanto, a ser real, na medida em que a hierofania se manifesta no espaço homogêneo, infinito e amorfo sem nenhuma distinção, orientação. Deste modo, uma ruptura neste espaço quebra sua homogeneidade, possibilitando um ponto de referência, um ponto fixo, um centro, o viver real, em oposição ao espaço profano, uma vez que neste espaço não há um estatuto ontológico único; ele apresenta-se instável, aparecendo e desaparecendo de acordo com as necessidades cotidianas. A respeito deste espaço Eliade comenta:

A bem dizer, já não há “mundo”, há apenas fragmentos de um universo fragmentado, massa amorfa de uma infinidade de “lugares” mais ou menos neutros onde o homem se move, forçado pelas obrigações de toda existência integrada numa sociedade industrial. E, contudo, nessa experiência do espaço profano ainda intervêm valores que, de algum modo, lembram a não-homogeneidade específica da experiência religiosa do espaço (ELIADE, 2001, pp. 27,28).

A partir do ideário exposto pelo autor, inferimos que, para o homem religioso, o espaço sagrado é o único por excelência real, forte e significativo e o resto, não revertido de sacralidade, é *por consequência sem estrutura, nem consistência, em suma amorfo* (ELIADE, 2001, p.25). Essa experiência religiosa da não-homogeneidade do espaço exprime uma experiência fundamental, a partir do momento em que para o homem religioso a constituição do mundo só é possível através desta ruptura. Dessa forma a hierofania se apresenta como uma quebra no espaço homogêneo e seu espaço é fundador de todas as coisas na medida em que

se algo passa existir, tem que vir de algum começo, de uma orientação prévia, um ponto central, organizado, segundo o autor, denominado o centro do mundo.

Nesse contexto, o homem religioso está sempre em busca de estabelecer-se no “centro do mundo”, que significa o espaço sagrado, a fonte de vida, fecundidade e a possibilidade de comunicação com o transcendente. Conseqüentemente observamos, no homem religioso, o desejo de viver constantemente na esfera do sagrado, em um espaço objetivo, real e sem ilusões e que garanta segurança.

O tempo como o espaço não é homogêneo para o homem religioso, ou seja, apresenta roturas. Há o tempo sagrado e o tempo profano. O primeiro vincula-se a um tempo primordial suscetível de estar presente através dos mitos e ritos, enquanto que o segundo está imbricado com a noção de tempo cronológico, existencial, ou seja, é limitado, finito, fixado por limites de começo e fim, no caso, nascimento e morte. O tempo sagrado é um tempo ontológico por excelência. Eliade ainda comenta a esse respeito:

...para o homem religioso das culturas arcaicas, toda criação, toda existência começa no Tempo: *antes que uma coisa exista, seu tempo próprio não pode existir*. Antes que o cosmo viesse à existência, não havia tempo cósmico. Antes de uma determinada espécie vegetal ter sido criada, o tempo que a faz crescer agora, dar fruto e perecer, não existia. É por essa razão que toda criação é imaginada como tendo ocorrido *no começo do Tempo, in princípio* (ELIADE, 2001, p. 69).

Dessa maneira, o tempo de origem por excelência para o homem que vive na esfera do sagrado é o momento da criação, do aparecimento do mundo. É o tempo cosmogônico que representa a suprema manifestação divina, os homens se esforçam para viver neste tempo, através da constante reconstrução, recriação deste numa trajetória circular, através de festas comemorativas, cultos, missas, orações, dentre outros. Como Eliade exemplifica:

O Ano era um círculo fechado, tinha um começo e um fim, mas possuía também a particularidade de poder “renascer” sob a forma de um Ano Novo. A cada Ano Novo, um Tempo “novo”, “puro”, e “santo” – porque ainda não usado – vinha à existência. Mas o Tempo renascia, recomeçava, porque, a cada Novo Ano. O Mundo era criado novamente (ELIADE, 2001, p. 69).

Nesse sentido, o Ano Novo é uma reatualização da cosmogonia, implica numa retomada do Tempo em seus primórdios, quer dizer, a restauração do Tempo primordial. Do Tempo “puro”, aquele que existia no momento de Criação. É por essa razão que, por ocasião do Ano Novo, se procede as “purificações” e à expulsão dos pecados, dos demônios ou simplesmente como diria René Girard de um bode expiatório.

Por esse olhar, a reversibilidade constitui uma das características marcantes do tempo sagrado. Esse passado e presente misturam-se, fornecendo sentido para o homem religioso. Podemos então pensar o tempo sagrado como circular, recuperável, espécie de eterno presente mítico que o homem reintegra periodicamente pela linguagem dos ritos (ELIADE, 2001, p.64).

Portanto, o universo do homem religioso é permeado pelo sagrado, manifestado em uma rede de símbolos, dos quais o homem religioso procura manter-se próximo, por acreditar na sua veracidade, por crer que estes dão sentido à sua existência, possibilita viver num cosmo ordenado e harmônico. Podemos inferir que a existência e permanência deste homem na esfera do sagrado são justificadas pela experiência religiosa, pela manifestação contínua do sagrado em toda sua vida.

Ancorados no pensamento de Eliade, compreendemos que o que torna algo sagrado ou profano é o olhar do homem religioso, demonstrando os modos de conceber a religião de acordo com a visão e interpretação do mundo que o norteia, repletos de significações nos diversos campos da vida e do conhecimento moderno. O sagrado estará em nós, no outro e na vida, dependendo da forma como escolhermos vivificá-lo em nosso cotidiano.

1.3 O sagrado na cosmogonia cristã

Desde a sua origem, o ser humano vivencia experiências com o sagrado em busca da necessidade de descobrir o sentido da vida. Em todas as sociedades, os seres humanos elaboram variadas formas, representações e modos de compreender e explicar suas vidas, sendo a religião uma delas. O mundo sofreu transformações no curso do tempo e uma das características do homem é a curiosidade pelo passado. Os cristãos nutrem um interesse especial pela história, porque os fundamentos de sua fé estão firmados na história. O Cristianismo tem sido a mais global e universal de todas as religiões que surgiram no passado no Oriente, e cada vez mais influente na história da humanidade.

Para os cristãos e não-cristãos, a história do Cristianismo é uma parte importante da história do mundo. A fé cristã permeou cada esfera da vida, da moral à política, da arte à literatura, da ciência à filosofia. Vinte e um séculos nos separam da época em que o pouco conhecido e enigmático Jesus percorria as estradas empoeiradas da Galiléia, pregando sua mensagem de conversão e salvação.

A fé cristã e a história de sua religião centram-se em Cristo. Como declarou Blaise Pascal: “Jesus Cristo é o centro de tudo e a meta para a qual tudo se converge” (PASCAL, apud COLLINS E PRICE, 2000, p.7). Nenhum relato do cristianismo pode ficar completo sem descrever o impacto emocional, intelectual e espiritual dessa figura histórica sobre o incontável número de pessoas que o seguiram e creram nele. Os cristãos acreditam que, quando Jesus nasceu, “o Verbo se fez carne” – Deus veio a terra. Em seguida, Jesus experimentou a adoração e o franco desprezo durante seu ministério. Seu poder e autoridade inspiravam temor e confiança nas multidões que o seguiam e fúria intensa entre seus adversários. A afirmação mais poderosa de sua identidade está registrada no Evangelho de

Mateus, e ocorreu quando Jesus se voltou para seu discípulo mais zeloso, Pedro, e perguntou: “E vós, quem dizeis que eu sou?” O pescador respondeu, instintivamente: “Tu és o Cristo, o filho de Deus vivo” (Mt 16, 15-16). Essa fé ainda hoje move seus seguidores impulsionando o cristão a amar os outros, a buscar uma vida melhor, a ser grato a Jesus Cristo e desejar ser como ele. A motivação para empreender missões e levar seus ensinamentos vem de seu mandamento a seus primeiros seguidores: “Ide, portanto, e fazei que todas as nações se tornem discípulos, batizando-as em nome de meu Pai, do filho e do Espírito Santo e ensinando-as a observar tudo quanto vos ordenei” (Mt 28, 19).

Dessa forma, o cenário da história do Cristianismo remonta a dois mil anos. O marco fundamental de suas origens é o nascimento de Jesus Cristo no primeiro século d.C. na cidade de Belém, na Judéia (Palestina) e os seus feitos miraculosos vinculados à sua imagem. A Religião monoteísta dos cristãos, baseada nos ensinamentos de Jesus Cristo, deve sua disseminação pelas camadas populares, por obra dos apóstolos e discípulos que a espalharam pela região do Mediterrâneo até chegar ao coração do Império Romano. A partir do ano 40, algumas comunidades cristãs começaram a se estabelecer na Armênia: a religião cristã tornou-se estatal pela primeira vez nesse país, logo após na Etiópia, em 325, na Geórgia em 337, e no Império Romano, em 380. Podem-se observar duas vertentes na sua difusão: por um lado, São Paulo e São Pedro se dirigiram ao Ocidente, passando pela Turquia, Grécia, até chegar finalmente a Roma; por outro, os demais discípulos se dirigiram à Ásia Menor e ao Oriente, que, mais tarde, com a vinda de Mohammad (Maomé) acabaram em grande parte se convertendo ao Islamismo (PERRY, 2002, pp. 129, 130).

O Cristianismo firmou-se como uma religião de origem divina e nasceu como um movimento dissidente do Judaísmo, liderado por Jesus. Nessa forma, carrega

muitos elementos e mantêm toda herança judaica do Antigo Testamento. O fundador é visto como o próprio filho de Deus, enviado como salvador e construtor da história junto com os seres humanos. Ser cristão, portanto, seria engajar-se na obra redentora de Cristo, tendo como base a fé em seus ensinamentos. Identifica-se no Cristianismo um conjunto de confissões de fé que tem como dogma central a visão trinitária, ou seja, um Deus Uno, no qual se acham reunidas três pessoas divinas: o Pai, O Filho e o Espírito Santo.

Seguindo as rotas do comércio do mundo romano, o cristianismo evoluiu e expandiu-se dentro do cenário de declínio do Império e de intensificação do sentimento de transcendentalidade. Como resposta ao helenismo decadente, o cristianismo oferecia ao mundo greco-romano, espiritualmente desiludido, uma razão de viver – a esperança da imortalidade pessoal. O triunfo do cristianismo marcou um rompimento com a Antiguidade clássica e uma nova fase na evolução do Ocidente, pois havia uma diferença fundamental entre os conceitos helênico e cristão de Deus, do indivíduo e da finalidade de vida. Essa expansão tornou-se um exemplo de difusão hierárquica e proporcionou estabilidade política através da comunicação favorecida pelo uso de uma língua comum, o grego, falado pelos povos na parte oriental, e o latim nas demais áreas. Sua difusão trouxe-lhe um domínio cultural cada vez mais forte nas áreas convertidas e acentuou-se mais com a expansão européia iniciada no século XV (PERRY, 2002, p.125).

No trajeto de sua história, muitas disputas teológicas dividiram o cristianismo em várias confissões, ou seja, católica, protestante e ortodoxa que resultaram em várias igrejas de denominações cristãs. Mediante esse breve relato histórico sobre o Cristianismo, vamos adentrar nas questões pertinentes a esta dissertação, ou seja, descrever de uma forma concisa, como as igrejas cristãs estão

inseridas na percepção e vivência do espaço sagrado e em que bases foram fundamentadas sua cosmogonia.

As Escrituras foram um elemento importante no empreendimento religioso. Em quase todas as principais tradições religiosas, as pessoas consideraram certos textos sagrados ontologicamente diferentes de outros documentos. Elas investiram esses Escritos com o peso de suas aspirações mais elevadas, esperanças das mais excêntricas, e da mesma forma seus medos mais profundos e ainda, por um viés misterioso, os textos lhes trouxeram alguma coisa de volta, ou seja, encontram nesses Escritos algo semelhante a uma presença que as introduz a uma dimensão transcendente. Elas basearam suas vidas nas Escrituras – a prática, espiritual e moral.

Para os cristãos, a Bíblia é o seu livro sagrado, conhecido como um conjunto de livros que revelam a experiência de Deus tanto na vida pessoal quanto na história, e estão divididas em duas partes principais: o Antigo Testamento e o Novo Testamento. A Bíblia é a Palavra de Deus, e sua doutrina é aplicada constantemente pelo homem na vida cotidiana para entender como alcançar seu caminho sublime, sua própria iluminação, isto é, a transcendência. Além disso, a Bíblia contempla história, legislação, biografias, poesias, provérbios, cânticos, parábolas, entre outros.

Tanto os judeus como os cristãos tratam suas Escrituras com reverência cerimonial. Como exemplifica Armstrong:

O rolo da Torá é o objeto mais sagrado na sinagoga; encerrado numa capa preciosa, guardado numa arca, é revelado no clímax da liturgia, quando o rolo é transportado formalmente em meio à congregação, que o toca com as bordas de seus xales de oração. Alguns judeus até dançam com o rolo, abraçando-o como a um objeto amado. Católicos também carregam a Bíblia em procissão, cobrem-na de incenso e ficam de pé quando ela é recitada, fazendo o sinal da cruz sobre a testa, os lábios e o coração. Nas comunidades protestantes, a leitura da Bíblia é o ponto alto do culto (ARMSTRONG, 2007, p. 10).

O princípio dessa escritura sagrada está no Antigo Testamento, cujo conteúdo é formado por uma coletânea composta de 46 livros, no qual encontramos a história

de Israel, ou seja, o povo que Deus escolheu para com ele construir uma aliança. O Antigo Testamento narra a história desse povo, como viveu a escravidão no Egito, como conquistaram sua terra, de que maneira foram governados, como mantinham relações com outras nações, como estabeleceram suas leis e de que forma viveram a sua religião, isto é, sua ligação com o sagrado (*Bíblia de Jerusalém*, 2004, p. 22-31).

A segunda parte da Bíblia nos remete ao Novo Testamento, seu conteúdo é formado por conjunto de 27 livros e pode ser dividido em duas partes. A primeira compreende os Evangelhos, que descrevem a história de Jesus, o Filho de Deus encarnado na terra, sua vida pública, morte e ressurreição. A segunda parte compõe-se de inúmeras cartas de São Paulo e outros discípulos de Jesus, dos Atos dos Apóstolos e do Apocalipse, documentos que divulgam ensinamentos sobre a vida cristã. Esses ensinamentos eram transmitidos oralmente e passaram a serem escritos, à medida que o cristianismo era difundido no mundo antigo, refletindo e servindo como fonte para a teologia cristã. Dessa maneira, as escrituras sagradas influenciaram não apenas a vida religiosa, como a política, a filosofia, marcando também com ênfase a literatura, a arte e a música.

A coletânea de trabalhos que integram o Novo Testamento foi escrita em momentos diferentes por seus vários autores. Fazem parte dessa coleção de textos os evangelhos de Mateus, Marcos, Lucas e João (narrativas da vida, ensino e morte de Jesus Cristo, conhecidos como os Quatro Evangelhos), os Atos dos Apóstolos (narrativa do ministério dos Apóstolos e da história da Igreja primitiva), as 13 cartas além de algumas epístolas católicas menores, escritas por vários autores e que têm como conteúdo instruções, resoluções de conflito e outras orientações para a igreja cristã primitiva e, por fim, o Apocalipse (*Bíblia de Jerusalém*, 2004, pp.1689-1701).

Para delinear o mito cosmogônico judaico-cristão nos remetemos primeiro ao Antigo Testamento, pois nele estão ancorados os pensamentos que relatam uma história de criação e, portanto, uma história de origem. Diversas civilizações vivem à procura de sua origem e de como se deu a formação dos primeiros humanos. Até mesmo povos que vivem isolados e, que jamais tiveram contato com outra civilização, possuem uma história primordial (ou mito), que os ajuda a se compreenderem e lhes traz um significado à sua existência.

O relato Bíblico, (Gn,1-31, 2-25) oferece um admirável modelo do poder conferido à palavra criadora. Antes da criação da terra, do mar e do céu, todas as coisas estavam sob a forma de Caos ou, como diz o relato bíblico, “a terra era sem forma e vazia; havia trevas sobre a face do abismo, e o Espírito de Deus pairava por sobre as águas” (Gn,1,2). Deus, então, organiza o caos em cosmos, formando o mundo e o tornando habitável ao longo de um processo criacional que levou seis dias, e que foi levado a cabo pelo poder de sua palavra. Como define Eliade:

O que caracteriza as sociedades tradicionais é a oposição que elas subentendem entre o seu território habitado e o espaço desconhecido e indeterminado que o cerca: o primeiro é o “mundo”, mais precisamente, “o nosso mundo”, o Cosmos; o restante já não é um Cosmos, mas uma espécie de “outro mundo”, um espaço estrangeiro, caótico, povoado de espectros, demônios, “estranhos” (equiparados, aliás, aos demônios e às almas dos mortos). À primeira vista, essa rotura no espaço parece consequência da oposição entre um território habitado e organizado, portanto “cosmizado”, e o espaço desconhecido que se estende para além de suas fronteiras: tem-se de um lado um “Cosmos” e de outro um “Caos”. Mas é preciso observar que, se todo território habitado é um “Cosmos”, é justamente porque foi consagrado previamente, porque, de um modo ou outro, esse território é obra dos deuses ou está em comunicação com o mundo deles. O “Mundo” (quer dizer, “o nosso mundo”) é um universo no interior do qual o sagrado já se manifestou e onde, por consequência, a rotura dos níveis tornou-se possível e se pode repetir (ELIADE, 2001, p. 33).

É fácil compreender por que o momento religioso implica o “momento cosmogônico”: o sagrado revela a realidade absoluta e, ao mesmo tempo, torna possível a orientação – portanto, funda o mundo, no sentido de que fixa os limites e, assim, estabelece a ordem cósmica. E dessa maneira observamos a narração Bíblica em Gênesis – “No princípio Deus criou o céu e a terra”. Nessa perspectiva

divina, Deus criou o vento, as águas (rios, mares), a luz, as trevas, o firmamento (céu), as estrelas, a relva, as ervas, as árvores, os animais e por último criou o homem à sua imagem e semelhança. No sétimo dia, Deus descansou. Assim o homem recebe de Deus o domínio sobre a natureza, e uma companheira, Eva. Em contrapartida, é testada a sua obediência a Deus através da proibição da ingestão do fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal. Adão e Eva caem em tentação, o que ocasiona a queda do homem e sua expulsão do paraíso. Essa transgressão da lei divina transforma Adão e Eva nos primeiros errantes da história humana. Como errantes expulsos do paraíso, são os primeiros a exemplificar a força do desejo e a necessidade de o homem deslocar-se de um lugar protegido, seguro, e aventurar-se pelo desconhecido.

Prosseguindo a narração Bíblica do Gênesis, a semente de Adão viria a povoar a terra, porém, passado algum tempo, Deus encontra-se descontente devido à desobediência, maldade e corrupção do gênero humano e o dilúvio se concretiza. Poupa, porém, Noé, sua esposa e três filhos, com as respectivas esposas, uma vez que esses eram considerados justos. Ordena-lhe a construção de uma arca e a convocação de um casal de todos os animais vivos, para que sobrevivam ao dilúvio: "De tudo que vive, de toda carne, dois de cada espécie, macho e fêmea, farás entrar na arca, para os conservares vivos contigo" (Gn 6:19). Noé e sua família ficam quarenta dias e quarenta noites dentro da arca, enquanto lá fora, toda a espécie humana e animal são destruídos, sobrevivendo apenas os ocupantes da arca. Terminado o dilúvio, quando a terra já estava enxuta, Deus ordena a Noé e sua família que abandonem a arca, e firma com eles uma aliança, prometendo não mais destruir o mundo por água.

Com o decorrer do tempo, Deus aparece a Abraão, descendente de Noé, e pede-lhe que saia de sua terra, abandone sua parentela e siga para uma terra que

Deus lhe mostraria, e onde seus descendentes se tornariam uma grande nação. Credo na promessa de Deus, Abraão parte rumo à terra de Canaã, onde peregrina. A promessa lhe é renovada, bem como a ordem de percorrer a terra: “Levanta-te, percorre essa terra no seu comprimento e na sua largura; porque eu te darei” (Gn 13:17).

O acordo com Abraão viria ainda a ser renovado quando Deus lhe promete um filho e profetiza que sua descendência seria peregrina em terra alheia, onde seria escrava por quatrocentos anos, mas que na quarta geração retornaria a Canaã (Gn 15: 1-16). Assim acontece: devido à fome na terra de Canaã, os descendentes de Jacó, neto de Abraão mudam-se para o Egito, onde José, filho de Jacó, ocupa o cargo de primeiro ministro de Faraó. São depois escravizados e seriam libertados sob a liderança de Moisés.

Na ocasião do nascimento de Moisés, pairava sob todos os meninos israelitas a condenação à morte. Sua mãe para salvá-lo o coloca em um cesto calafetado e o deixa flutuar no rio Nilo, onde foi achado pela filha do Faraó, que o adota. Já adulto, Moisés presencia um egípcio espancar um hebreu e o mata, exilando-se em Midiã.

Depois, Deus lhe ordena que volte ao Egito e lidere a saída dos israelitas de lá. Por quarenta anos, o povo peregrina no deserto, sendo abrigado por uma nuvem que os protege do calor de dia, e que se transforma em nuvem de fogo, aquecendo-os à noite, quando a temperatura cai no deserto. Passam por lugares onde não há água, são atacados por serpentes, pediram pão e carne, sendo em tudo maravilhosamente providos por milagre divino. Por fim, tendo Moisés morrido na fronteira, o povo entra em Canaã sob a liderança de Josué, atravessando o Jordão. Assim, é cumprida a promessa de Deus e o povo recebe a terra prometida. O êxodo do Egito torna-se, então, a origem permanente que funda o povo de Israel a cada

celebração anual e da qual nascem suas identidades política, cultural e religiosa (*Bíblia de Jerusalém*, 2004, pp. 33-53).

Adentrando no Novo Testamento, segundo os evangelhos, nasce em Belém Jesus de Nazaré. O título Cristo confere uma perspectiva religiosa à figura histórica de Jesus, que foi preso e crucificado. Ele celebrou sua última Páscoa judaica juntamente com seus apóstolos, pedindo que a partir daquele dia eles comessem o pão e tomassem o cálice de vinho em sua memória, pois Ele entregaria o seu corpo e o seu sangue em remissão dos pecados. De suas pregações surgiram o simbólico e famoso Sermão da Montanha e suas notáveis parábolas, com as quais transmitia sua doutrina aos Apóstolos e ao povo, convertendo mais e mais seguidores. No período de seus 33 anos aconteceram os dois grandes milagres: a multiplicação dos pães e dos peixes e a ressurreição de Lázaro.

Os lugares por onde Cristo pregou, realizou milagres, tornou-se para muitas pessoas um lugar sagrado. Segundo Eliade, o espaço sagrado é um campo de força e de valores que eleva o homem religioso acima de si mesmo, que o transporta para um meio distinto daquele no qual transcorre sua existência, ou seja, é o espaço sagrado, enquanto expressão da crença, que possibilita ao homem entrar em contato com a realidade transcendente, com Deus e ainda demonstra a repetição da cosmogonia (ELIADE, 2001, p.35).

Baseado na orquestração do mito cosmogônico judaico-cristão e ancorado no pensamento de Eliade, observamos que o ser humano religioso sente necessidade de viver num espaço sagrado e conviver com coisas sagradas, por isso constrói lugares e coloca objetos que sacraliza, ou seja, que reveste de sentimento religioso.

Ao analisar o sagrado e o profano em relação à existência humana e vida santificada, Eliade (2001) pondera que o ser humano religioso assume um modo de existência específico, pois busca santificar o mundo, acredita em uma origem

sagrada, bem como na possibilidade de a existência humana se potencializar, se for religiosa, e ainda no fato de que a imitação do comportamento pode levá-lo a instalar-se junto dos deuses. O ser humano profano, ao contrário, busca esvaziar-se de toda religiosidade, dessacralizar o mundo de seus antepassados, libertarem-se de crenças e superstições.

Portanto, a vida de uma coletividade envolve crenças que se revelam nas condutas e se materializam nas formas espaciais do cotidiano vivido, o que inclui a valorização, não só da dimensão simbólica - significativa dessas condutas - como também da dimensão material, reveladora dessas crenças e condutas.

Neste espaço, os impulsos religiosos e crenças místicas acontecem de forma cada vez maior. A religiosidade é a relação com o divino, ou seja, o modo como a pessoa se conecta com o que acredita; por isso, ela serve como intermediária entre a razão e as angústias mais profundas das pessoas. Finalizando, Dürkheim nos diz:

Há, portanto, na religião algo de eterno que está destinado a sobreviver a todos os símbolos particulares nos quais o pensamento religioso sucessivamente se envolveu. Não pode haver sociedade que não tenha a necessidade de manter e revigorar, a intervalos regulares, os sentimentos coletivos e as idéias coletivas que fazem sua unidade e personalidade. Ora, essa restauração moral só pode ser obtida por meio de reuniões, de assembléias, de congregações, em que os indivíduos, aproximando-se uns aos outros, reafirmam em comum seus sentimentos comuns; ou seja, cerimônias que, por seu objeto, pelos resultados que produzem, pelos procedimentos que nelas empregados, não diferem em natureza das cerimônias propriamente religiosas (DURKHEIM, 2003, pp. 472, 473).

Assim, a organização do sagrado constitui-se em uma dinâmica móvel e a territorialidade do sagrado seria um espaço de representação e apropriação simbólica de determinado espaço sagrado. O sagrado é fundamental para o homem, na medida em que para ele a alma é imortal, e para viver bem na terra e apresentar-se puro diante de Deus após a morte carnal, esse homem serve-se de símbolos, mitos e ritos para a celebração de festas e cerimônias religiosas.

Nesse contexto, a essência sobrenatural do cristão é a fé num único Deus verdadeiro e transcendente, revelado por Cristo, mas essa realidade fundamental se

cristaliza em numerosas crenças que originam um conjunto de rituais e práticas cotidianas. No curso de sua história, inspirada no que aceita ser a palavra de Jesus e com auxílio da fé e da graça, em dons sobrenaturais concedidos por Deus aos homens para que possam se elevar até ele, a Igreja fixou um conjunto de práticas e crenças. Algumas delas, como os dogmas e os sacramentos, constituem pilares doutrinários fundamentais, enquanto outras, como a liturgia e as devoções, por exemplo, podem variar em sua forma externa de acordo com as circunstâncias históricas e sociais sem alterar por isso a essência indivisível.

Para o cristão, a vivência do tempo das origens é feita dentro e através da história. Além das escrituras sagradas, a tradição tem valor como fonte de revelação, cujos conceitos foram formulados pelos doutores da Igreja, pelos concílios e pelos ensinamentos do papa. O catolicismo é permeado de símbolos, dogmas, culto aos santos, variedade de ritos, principalmente da liturgia, constituindo-se a riqueza da tradição católica, a celebração dos sacramentos e festas do calendário cristão, onde acontece a reatualização de um acontecimento primordial, de uma história sagrada, a qual regenera periodicamente o Tempo, porque o faz coincidir com o *Tempo da origem*, o Tempo “forte” e “puro” (ELIADE, 2001, p.93).

1.4. Protestante, pentecostal e neopentecostal: o sagrado num mundo em transformação

O cristianismo, desde as suas origens, vai enfrentar a dualidade temporal: tempo sagrado e tempo profano. Alguns grupos cristãos vão afirmar um domínio total do tempo sagrado sobre o tempo profano, como se a história humana tivesse chegado ao fim. Jesus ressuscitado é visto por eles como o senhor da história,

vitorioso sobre a morte, e que abriu a possibilidade de entrar no tempo sagrado. Paulo vai advertir aqueles que vivem arrebatados por essa temporalidade, chamando a atenção para a necessidade de dedicarem-se às atividades diárias e ao trabalho. Os livros do Novo Testamento e os primeiros teólogos cristãos enfrentaram a tensão entre o céu e a terra, ou entre a transcendência e a imanência na experiência de fé que fazem de Jesus o Cristo. O tempo histórico de Jesus, elevado agora ao tempo das origens – o *logos* de Deus -, a história de Jesus transformada em história sagrada – salvação – abrem o acesso à temporalidade sagrada, de forma que uma tendência vai estabelecer-se entre os cristãos: a da supremacia do tempo sagrado sobre o tempo profano (PASSOS, 2005b, pp. 28,29).

Nesse contexto Eliade nos demonstra o seguinte:

O cristianismo vai ainda mais longe na valorização do *Tempo histórico*. Visto que Deus *encarnou*, isto é, que assumiu uma *existência humana historicamente condicionada*, a História torna-se suscetível de ser santificada. O *illud tempus* evocado pelos evangelhos é um Tempo histórico claramente delimitado – o Tempo em que Pôncio Pilatos era governador da Judéia -, mas *santificado pela presença do Cristo*. Quando um cristão de nossos dias participa do Tempo litúrgico, volta a unir-se ao *illud tempus* em que Jesus vivera, agonizara e ressuscitara – mas já não se trata de um Tempo mítico, mas do Tempo em Pôncio Pilatos governava a Judéia. Para o cristão, também o calendário sagrado repete indefinidamente os mesmos acontecimentos da existência do Cristo, mas esses acontecimentos desenrolaram-se na História: já são fatos que se passaram na *origem do Tempo*, “no começo”. (Acréscimos, porém que para o cristão o Tempo começa de novo com o nascimento do Cristo, porque a encarnação funda uma nova situação do homem no Cosmos). Em resumo, a história se revela como uma nova dimensão da presença de Deus no mundo. A História volta a ser História sagrada – tal como foi concebida, dentro de uma perspectiva mítica, nas religiões primitivas e arcaicas (ELIADE, 2001, pp. 97,98 grifos do autor).

No entanto, para o cristianismo, o segredo não está no arrebatamento desse tempo sagrado, nem na saída, mas no encontro de ambos os tempos, ou seja, o tempo sagrado foi profanado e o tempo profano foi sacralizado. Tal tendência prevaleceu na elaboração dos fundamentos do cristianismo, na canonização de seus textos sagrados e na elaboração de seus principais dogmas. Segundo Passos:

Se comparado com as religiões antigas, o cristianismo, por herança mesma do judaísmo, desmitifica e racionaliza o tempo mítico das origens, puxando-o para dentro da história e regulamentando as vias de acesso até

ele. Rito e história, Deus e ser humano encontram-se definitivamente ligados, de forma que um não pode ser compreendido sem o outro (PASSOS, 2005b, p.30).

Porém, no desenvolvimento histórico do cristianismo, observamos o retorno, por inúmeras vezes e de diversas formas, a ocorrência da supremacia do tempo sagrado sobre o profano, seja por seus contatos e misturas com religiões ligadas à natureza, seja pela crescente erudição e racionalização da doutrina e do culto ou ainda, pela afirmação política como poder religioso e temporal. Passos explica da seguinte forma:

A supremacia do sobrenatural sobre o natural, do céu sobre a terra, do futuro sobre o tempo presente, vai compor as representações e as práticas da cristandade medieval, quando o tempo sagrado podia ser acessado pelas experiências místicas, pelo controle da natureza nos rituais populares ou pelos rituais político-religiosos da Igreja oficial. Nesse contexto, as representações do tempo das origens têm um caráter fortemente político, de forma que a organização da história busca imitar esse tempo perfeito do poder absoluto de Deus. O tempo das origens sobrenaturais, no qual Deus comanda uma hierarquia celeste, perfeitamente submissa e organizada, é modelo para a hierarquia religiosa e política acessada nos rituais de consagração, que confirmam o poder de Deus, dos reis, dos bispos e do sumo pontífice. Os rituais medievais encenam a hierarquia celeste, haurindo dela o sentido e a força de sua permanência e atuação. Do ponto de vista do desenvolvimento da teologia cristã, a Idade Média reforça e desenvolve a idéia do poder divino, do qual emanam todas as coisas, a ordem e o funcionamento da natureza, a organização da história e a existência de cada indivíduo, decadente pelo pecado e redimido pela graça de Deus mediante a morte de Jesus Cristo (PASSOS, 2005b, p.30).

Com a Reforma Protestante iniciada por Martinho Lutero, busca-se um retorno às origens históricas do cristianismo, o que, na verdade, significa uma recomposição do tempo original sagrado. No início do século XVI, Lutero desencadeou uma séria de rupturas com a Igreja romana, ou seja, protestava contra o papado e a Igreja de sua época, em favor da liberdade de consciência individual relacionada com (*sola fide*) a fé; com (*sola gratia*) a graça; embasado (*sola scriptura*) nas escrituras sagradas; (*solus Christus*) somente Cristo, pois é o único mediador entre nós e Deus. Portanto, com a historicidade do tempo sagrado, reposiciona os fundamentos do cristianismo em novas bases. Para Lutero, os indivíduos com fé seriam salvos pela misericórdia de Deus, mediante o sacrifício do seu filho Jesus

Cristo, e não necessariamente por seus atos como pregava a Igreja católica e, além disso, defendia que a autoridade da Bíblia era maior do que a autoridade da Igreja, eliminando assim a mediação do sagrado por meio da Igreja católica.

O fiel deveria interpretar as escrituras sagradas a partir do seu interior, seguindo o seu coração, para compreender o verdadeiro significado da Palavra de Deus e sempre alimentar-se dela, como bússola norteadora de sua vida e de sua salvação. Todo esse contexto emerge com maior força a partir da publicação das 95 teses do próprio Lutero, que culminou com a divisão da Igreja Romana e o surgimento da Igreja Luterana. Dessa forma, o tempo sagrado da salvação é absolutizado e o tempo profano da decadência e do pecado é relativizado (PASSOS, 2005b, p. 31).

A Reforma contou com a adesão de novos movimentos religiosos e diferentes confissões de fé. O luteranismo conduzido por Lutero, o Calvinismo por João Calvino e o Anglicanismo de Henrique VIII foram apenas o início de muitas outras transformações que o próprio protestantismo viria a sofrer, sendo eles os principais reformadores que participaram desse movimento. Os acontecimentos não pararam e o homem buscou continuamente uma experiência mística com Deus, ou seja, cada movimento que surgia em nome de Deus deixava clara uma vontade de transcender as inspirações ensinadas pelos nossos reformadores na história da Igreja.

Posteriormente, a Reforma Metodista, feita por John Wesley no século XVIII, dedica-se ao estudo da Bíblia usando métodos específicos e também pela prática diária de oração pessoal, com hinos, cânticos, celebração da santa ceia e ainda, no campo social, não podia deixar de lado as obras de caridade. John Wesley vai repensar as origens do cristianismo nos termos da teologia da salvação, ou seja, da Reforma luterana, individualizando e sensibilizando essa experiência.

Nesse sentido, Passos esclarece que:

A salvação é entendida como justificação em Jesus Cristo e como santificação no Espírito Santo. John Wesley dizia que quem é salvo recebe a graça da santidade, que se manifesta como alegria no Espírito. O cristão sente-se salvo em sua vida. Assim, o tempo sagrado é experimentado no tempo profano por todos os que crêem e acolhem a salvação de Jesus em sua vida. O princípio da contemporaneidade com o tempo das origens é levado às últimas conseqüências pela teologia do Espírito Santo (PASSOS, 2005b, p. 32).

Para Wesley, o amor de Deus abriria caminho para a salvação, as paixões mundanas seriam banidas da mente humana e depois, em Cristo, experimentaria o “*nascer de novo*”. A santificação era o ponto primordial proclamado por Wesley. Dizia ele que a graça transformadora invadiria os corações dos fiéis. O perdão do Pai era o canal do amor. Arrependido, o convertido era chamado a uma intimidade maior com as inspirações vindas do Espírito Santo em Cristo para experimentar uma nova pureza, uma comunhão ininterrupta, herdando, assim, os propósitos sagrados. Dessa maneira, a experiência de salvação original pode ser vivenciada hoje e, ao mesmo tempo, demonstrada pelos cristãos que recebem a santidade por meio do Espírito Santo. Esse caminho foi construído revitalizando a fé e chegou até os dias atuais. De acordo com esse posicionamento, Weber diz:

Ora, segundo a doutrina de Wesley, a qual representa não só uma radicalização conseqüente da doutrina da santificação, mas também um desvio decisivo de sua versão ortodoxa, quem dessa forma renasce ou se regenera é capaz de obter já nesta vida, por força do efeito da graça sobre si, a consciência da *perfeição* no sentido de ausência de pecado, através de um segundo processo interior, que de regra acontece à parte e não raro de improviso: a “santificação”. Por difícil que seja atingir essa meta – o mais das vezes só lá pelo fim da vida -, imprescindível será ambicionar por ela. Pois é ela que garante em definitivo a *certitudo salutis* e põe no lugar da “soturna” preocupação dos calvinistas uma alegre certeza, pois afinal de contas, ao verdadeiro convertido cumpre provar para si mesmo e para os outros ao menos isso, que o pecado “não mais tem poder sobre ele” (WEBER, 2004, p. 127, 128 grifos do autor).

Com esse novo formato, Wesley faz uma reforma da Reforma Protestante. A salvação tangível no sentimento imediato da santificação propõe uma prática religiosa do tipo emocional, que abrirá um flanco histórico no cristianismo, mesmo

sabendo que o metodismo, enquanto herdeiro do anglicanismo, constitui um aparelho eclesiástico, fortemente institucionalizado. O movimento de renovação ganha maiores proporções na América do Norte, juntamente com outros grupos reformados, já existentes, de tendência puritana e avivalista. Weber, a esse respeito, comenta:

O metodismo revela o que saltava aos olhos dos contemporâneos como próprio de seus seguidores: a sistematização “metódica” da conduta de vida com o fim de alcançar a *certitudo salutis*: pois aqui também é *dela* que se trata desde o início, tendo se mantido como ponto central da aspiração religiosa. Ora, o incontestável parentesco que, apesar de todas as diferenças, o metodismo tem com certas correntes do pietismo alemão revela-se antes de tudo no fato de que essa *metódica* fosse usada especialmente para provar a ato *sentimental* da “conversão”. E de fato, uma vez que o metodismo se pautou desde o início pela missão entre as massas, nele a sentimentalidade – e nisto John Wesley teve influências hennuto-luteranas – assumiu forte caráter *emocional*, especialmente em solo americano. Uma batalha penitencial que às vezes se exasperava até os êxtases mais espantosos, e que na América se consumava de preferência numa reunião pública conhecida como “banco dos angustiados” (*anxious bench*), levava à fé na graça de Deus como dom imerecido e, ao mesmo tempo, à consciência imediata da justificação e da reconciliação (WEBER, 2004, p. 127, 128 grifos do autor).

Partindo dos ensinamentos doutrinários de Wesley, em meados do século XIX surgiu, nos Estados Unidos, o movimento de santificação, o qual foi denominado de *holiness*. Esse movimento recriava a oferta de salvação, pois o fiel, além da conversão deveria se santificar, ou seja, passar por um novo batismo do Espírito Santo, conforme narrado no Livro dos Atos capítulo 2. Os pregadores acreditavam na promessa do “derramamento do Espírito Santo” como forma de se elevar a Deus, ou seja, de transcender. O alicerce teológico é formado por dois pontos principais: o primado da graça sobre a liberdade, e a santificação, obtendo a certeza da salvação imediata, no aqui e agora. Esses fenômenos de experiência de salvação e santificação ocorriam pela ação do Espírito Santo sobre o adepto e por intermédio de Cristo. O Espírito é concebido como uma grandeza divina e transcendente e, dentre as suas funções e efeitos, ele pode manifestar-se de maneira perceptível. Os fenômenos físicos e psíquicos que os adeptos exibem são os próprios

“sinais exteriores e irrefutáveis” da presença e ação do Espírito Santo (LACOSTE, 2004, pp. 650-653).

Nesse contexto, o movimento “*holiness*” desenvolveu a teologia da “segunda bênção”, posteriormente intitulada por outros seguidores de “batismo no Espírito Santo”. Quem passava por esse “batismo” ganhava poder espiritual, recebia os dons do Espírito Santo, orava em línguas e, em nome de Jesus, curava os enfermos, expulsava “demônios”, entre outros poderes. Esse novo formato religioso apresentado pelo movimento “*Holiness*”, demonstra nitidamente a reconfiguração de seu *in illo tempore*, como explica Eliade:

Mas, visto que a recitação ritual do mito cosmogônico implica a reatualização do acontecimento primordial, segue-se daí que aquele para quem se recita o mito é projetado magicamente *in illo tempore*, ao “começo do Mundo”, tornando-se contemporâneo da cosmogonia. Trata-se, em suma, de um *regresso ao Tempo de origem*, cujo fim terapêutico é começar outra vez a existência, nascer (simbolicamente) de novo (ELIADE, 2001, p.74 grifos do autor).

A atualização da experiência de Pentecostes, tal qual acontecera nos tempos primordiais, funda, permanentemente, as comunidades pentecostais em sua autocompreensão, acontece nos seus rituais e determina sua organização. Não há limites para essa atualização, portanto, de cada experiência do tempo das origens pode-se edificar uma nova comunidade, na verdade não-nova, por tratar-se de uma reatualização daquela experiência original (PASSOS, 2005b, p. 33).

È necessário salientar que a possibilidade de acesso ao tempo das origens faz com que as experiências primordiais do cristianismo aconteçam hoje, sem os limites de tempo, espaço, sociedade e cultura que possam separar o passado e o presente. Opera-se uma ligação direta com o tempo das origens, com o evento de Pentecostes, com os milagres de Jesus, com os dons do Espírito Santo. Os fatos narrados pelos textos bíblicos tornam-se imediatamente uma realidade para o fiel onde ele pode vivenciar, experimentar e verificar por sua experiência pessoal ou

mesmo em grupo. Para exemplificar, tomamos como referência a passagem da Bíblia Atos 2,4: “E todos ficaram repletos do Espírito Santo e começaram a falar em línguas, conforme o Espírito lhes concedia se exprimirem”. Estes dons, entre eles a oração em línguas (também chamada de glossolalia) concebe uma nova maneira de falar com Deus, onde, além da conversão e da santificação, o batismo pelo Espírito Santo é considerado uma benção essencial possibilitando ao grupo de fiéis confirmarem a veracidade dessa experiência. Desse modo, através do texto bíblico, cria-se um elo entre as origens da fé cristã e o tempo da salvação para o fiel na contemporaneidade.

As narrativas bíblicas são como roteiros seguros da imitação de Deus, roteiros de salvação, que, no próprio ato de sua repetição, produzem o efeito desejado para aquele que crê; por isso, é necessário conservar as narrativas na sua integridade literal e na sua factualidade histórica para ser vivenciada pelo fiel no momento em que vive (ELIADE, 1998). Assim, o mito de origem fica enraizado e vivo no grupo de fiéis que pode retirar dele a sua existência e instaurar a eternidade da salvação, superando a distinção do ontem e do hoje. Dessa maneira, para o pentecostal, os textos bíblicos contêm todas as explicações para todos os fatos e todas as soluções para todos os problemas.

A nova forma de vivenciar o sagrado despertou grande interesse e atraiu numerosos ouvintes. Dessa forma surge, no seio da Igreja Metodista, um fenômeno religioso, o Pentecostalismo, que iria se espalhar e conquistar adeptos no mundo todo. Entretanto, não deixa de chamar a atenção o fato de a expansão pentecostal estar associada a um período de intensa transformação social. Nesse momento, uma oferta certa e imediata de salvação parece corresponder, de fato, aos anseios de uma sociedade que passa por profundas alterações e adaptações econômicas, sociais e culturais. O surgimento do movimento “*holiness*” e também da comunidade

dirigida por William J. Seymour, um negro ecumênico que animava uma espiritualidade entusiasta acima de raça e classes, produz uma interpretação da tradição metodista da santidade e dos fenômenos do Espírito Santo, que se tornará o estopim de formação e divulgação mundial do moderno movimento pentecostal, na famosa Azusa Street, 312 em Los Angeles. Portanto, o devir do pentecostalismo acompanha o surgimento das grandes cidades modernas, industriais e, conseqüentemente, os seus fenômenos urbanos.

Assim, pode-se imaginar que esse movimento se expandiu por atender, predominantemente, duas funções sociais. A primeira seria uma função identitária e relacional da prática religiosa, uma vez que os diversos conjuntos de imigrantes necessitavam de algo em torno do que se agrupar, e a segunda, uma prática espiritual que respondesse à imediaticidade da sociedade modernizada (PASSOS, 2005b, pp. 50, 51).

Do ponto de vista religioso, o pentecostal considera-se um grupo eleito de Deus, no qual a salvação é vivenciada sensivelmente nos rituais, ou seja, ser crente é pertencer a um grupo diferenciado das demais confissões religiosas, entende-se como distinto do mundo profano. O comportamento social dos fiéis é caracterizado socialmente pelo modo de vestir, de consumir, nas práticas de lazer e até mesmo nas práticas políticas. Nos cultos, os pastores insistem na mudança de vida dos fiéis de maneira incisiva convidando-os a sair da vida profana e vivenciar o sagrado, através de um conjunto de códigos que compõem as celebrações, as pregações, os cantos e as participações dos fiéis. Assim, durante o culto os fiéis experimentam emoções antagônicas, ou seja, da calma à euforia, da passividade à participação intensa, do silêncio à manifestação, da rotina ao carisma, mas sempre em busca da salvação. O apelo emocional no culto das igrejas pentecostais é muito maior do que nas protestantes históricas. Além disso, explora-se em larga medida a dimensão

mágica da religião, o que não ocorre nas protestantes históricas. Se o protestantismo operou uma racionalização do sagrado, o pentecostalismo, com o seu apelo à manifestação dos dons do Espírito Santo, ressalta totalmente o lado místico do cristianismo.

Contudo, nas palavras de Passos, encontramos uma definição ideal para esse novo fiel. Ser pentecostal é sair da prisão da precariedade do tempo profano do mundo, com todos os seus malefícios, e entrar para o grupo dos que vivem no hoje a salvação de Deus (PASSOS, 2005b, p. 39).

Como vimos até agora, toda religião começa a existir como oferta de uma origem santa e fecunda para os fiéis. A atualização do tempo de salvação no tempo histórico é um esforço interpretativo e ritual que constitui as religiões, no intuito de ofertar sentido e soluções para a precariedade espiritual e material dos seres humanos. As ofertas são, quase sempre, proporcionais às procuras dos grupos humanos, com suas condições sociais e suas referências culturais específicas; por isso mesmo, elas costumam acompanhar as transformações sofridas pelos mesmos grupos ao longo da história.

No transcorrer da modernidade, o indivíduo se apresentou como o criador de seu meio e das relações sociais evidenciando três temas: o progresso incessante, o rompimento com os movimentos de vanguarda e um processo de abolição progressiva da submissão ao peso das tradições e à transcendência religiosa, constituindo-se novos valores éticos e morais.

Diante dessa realidade, a estrutura da sociedade de consumo também infligiu um conjunto de alterações no *modus vivendi* das massas. O aumento da velocidade da criação de modelos e da quantidade de informações, o aumento da competitividade e conseqüentemente agressividade no mercado de trabalho, o aumento da quantidade de horas de trabalho e a pressão pela perpetua capacitação

geraram pessoas cada vez mais individualistas, que no fundo se sentiam sozinhas, desamparadas e excluídas. Essas transformações cada vez mais velozes e crescentes fizeram com que as instituições em geral se modificassem para se adaptarem a essas novas linguagens sociais, pois os modelos pregados até então, já não eram mais eficazes. Tudo se move. A história entra em movimento, em escala global.

É nesse contexto, que tentaremos um diálogo entre os autores Mircea Eliade e Roger Bastide, para entender como o homem moderno lida com suas origens, ou melhor, com a mitologia no decurso da modernidade. Sabemos que suas pesquisas são diferentes, porém utilizam um só objeto, ou seja, as religiões e os homens. Um dos intentos da modernidade foi o de romper com os mitos erigidos até então, apresentando, em contrapartida, uma nova plataforma que tornaria obsoletas quaisquer buscas por referenciais de vida na religião tradicional, em outras palavras, de matriz cristã ou ainda, no universo transcendente das religiosidades. Assim esclarece Bastide quando nos diz:

Precisamos partir da observação, tão correta, de Karl Marx de que nossa civilização, longe de destruir os mitos, multiplicou-os. Mas não será toda civilização uma criadora de mitos, por se obra do homem e porque – segunda citação para “abrir” este artigo, dessa feita de Bergson – “o homem é uma máquina de inventar deuses”?

No entanto, se há uma época que entrou em guerra contra os mitos, essa época é a nossa. Quiseram “desmitificar” tudo, até a teologia, com Bultmann. E na verdade só criaram mais um mito, o da desmitificação, infinitamente mais mistificador que os outros todos que se queria abolir. Pois o homem não pode viver sem mitos; o mito está, de certa forma, na raiz ontológica de seu ser, e todo o indivíduo que se respeite irá sempre negar-se a se deixar castrar para ser bem mais domesticado (BASTIDE, 2006, p.97).

Por esse viés, tentava-se criar o homem a-religioso, ou seja, que não cria nem tinha a necessidade sequer de recorrer à hipótese da existência Divina, absoluta, que supostamente inventou o cosmos. Assim, o mundo que até então era orientado por crenças, dogmas e teologias, vivencia um novo governo, isto é, o do homem, por meio da razão e da ciência; de uma humanidade que, pela técnica,

caminhava irremediavelmente ao progresso. Segundo Eliade, a *dessacralização da morada humana* é parte integrante da transformação do mundo nas sociedades industriais do Ocidente moderno. O sagrado era visto como o obstáculo por excelência à liberdade. O homem só se tornará ele próprio quando estiver totalmente demistificado. Só será verdadeiramente livre quando tiver matado o último Deus (ELIADE, 2001, p.165).

Entretanto, mesmo com o desejo de fazer implodir os deuses e os mitos, o homem moderno cria outros mitos. Um deles é apontado por Eliade: de uma existência totalmente dessacralizada. Mesmo o homem a-religioso conserva traços de uma vida religiosa, ainda que sejam traços imemoriais ou inconscientes. Não existe vida profana em “estado puro” (ELIADE, 2001, p.27). Dessa forma, um homem “profano”, queira ou não, conserva traços comportamentais religiosos de seus antepassados, embora não lhes atribua uma significância propriamente religiosa. Isso quer dizer que muitos dos que se auto-declararam sem-religião, ainda continuaram se comportando religiosamente através de mitologias camufladas pelo secularismo e ritualismos degradados (ELIADE, 2001, p.166).

De fato, ao tentar abolir todos os deuses e mitos criados pelas religiões, a modernidade acabou inventando muitos outros, erigindo para si uma religião própria, porém, uma religião sem Deus. Mata-se o Deus cristão, o Senhor criador do Universo, para edificar altares religiosos a novos deuses, como a razão e a ciência. Como elucidava Bastide:

A ciência não destruiu esses mitos, destruiu apenas a sua ordenação; logrou apenas, em seu esforço obstinado de negação, cumprir o papel das Bacantes, dispersando mundo afora os membros arrancados de Dionísio, Orfeu ou Osíris – pedaços sangrentos, sem dúvida, porém ainda vivos. Ou, se preferimos outras expressões, menos poéticas, porém mais próximas da nossa linguagem, só logrou matar a mitologia “cultura”, deixando-a perpetuar-se em estado “selvagem” e, por conseguinte, ainda mais passível de irromper dentro de nós com toda a sua fúria por estar agora “incontrolada” (BASTIDE, 2006, p.98).

Segundo o autor, como não haver, de fato, uma criação incessante de mitos, se é verdade que a mitologia é uma necessidade ontológica do homem? Bastide ainda continua: “Ao homem, que já não pode apoiar-se em mais nada, pois nada mais tem sentido, só resta apoiar-se em si mesmo e fazer jorrar de suas revoltas novas flores míticas” (BASTIDE, 2006, p. 103). O mito do progresso, sem dúvida, é um dos motores que movem o homem moderno. Ele cria a ilusão de que a humanidade progride não mais guiada pela providência divina, mas por seu próprio esforço e inteligência. Arranca os homens de seu desespero, gerando sentido ao presente e para o futuro, nesse sentido, o homem não é mais ordenado no universo, mas agora ordena. Descobre-se, portanto, segundo o autor, a construção de uma nova arquitetura mítica. Bastide demonstra em três etapas, como vê o caminho trilhado pela mitologia moderna.

A primeira se dá a partir da ciência. Inicia-se aqui o processo de cultivo do prazer com o natural sem a necessidade de ou referência ao sobrenatural, ou seja, o materialismo cientificista. A matéria e as leis físicas passam a ser suficientes para explicar a realidade. A segunda se dá a partir da técnica. Nesse caso, *a máquina* é, literalmente, o fabricante de novos mitos. Já não há como impedir o progresso. A via é de transformação tecnológica do mundo, o crescimento econômico, a expansão de fronteiras da natureza para o bem da humanidade. Tudo passa a ser objeto de manipulação em nome da civilização moderna, do desenvolvimento, em outras palavras, também é mito. Como explica Bastide: a princípio, o homem tentou manter a sua antiga mitologia dentro desse novo clima. Tentou dar às cidades artificiais e às máquinas invasoras os mesmos significados simbólicos a que estava habituado (BASTIDE, 2006, pp. 103-105). Por fim, a terceira, segundo o autor é de *ordem sociológica*. Trata-se da fabricação das utopias. O movimento das utopias é paralelo ao desenvolvimento; caminha na contramão dos valores erigidos em torno do mito

do progresso, rejeitando e contrapondo, ideologicamente, o modelo de sociedade, até então, proposto. Bastide defende ainda que, as utopias não passam, na verdade, de mitos da sociologia, da marca da recusa do homem em aceitar a época em que vive tal qual moldada pela história. Tem, no entanto, a mesma finalidade da mitologia natural, ou seja, transcender a sua finitude acrescentando um suplemento de significação às coisas. Enquanto a mitologia natural transpõe esse suplemento ao além místico, a utopia situa seu suplemento no além histórico: o futuro. A revolta inerente ao mito das utopias, porém, não lhes garantiram um futuro promissor, na análise do autor (BASTIDE, 2006, pp. 107, 108).

Nesse sentido, a constatação de Bastide é de que os significados míticos não foram instintos da história, mesmo numa existência cada vez mais dessacralizada, num mundo cada vez mais fragmentado, restam, por sobre as demais, de acordo com o pensamento do autor, as mitologias pessoais, através das quais os mitos permanecem vivos. Finalizando Bastide diz:

Sobrepondo-se, fusionando-se também nos momentos de crise ou abalos em nossas estruturas sociais. Aquilo que Nietzsche, com efeito, invocara com todo desejo, “a morte de Deus”, só podia terminar com a multiplicação dos antigos deuses voltando à tona, ou com a criação de novos deuses – a “ciência”, a “técnica” – de ora em diante reivindicando para si o privilégio de holocaustos sangrentos... O homem continuará sendo, sim, uma fábrica de mitos, o que não é grave enquanto o mito continuar sendo a expressão de nossa luta contra a incompletude, e de nossa necessidade de “ser” plenamente (BASTIDE, 2006, pp. 109, 110).

Nos passos de Bastide, Eliade acrescenta que toda experiência humana se constitui por uma série de provas, pela experiência reiterada da “morte” e da “ressurreição”. É por isso que, num horizonte religioso, a existência é fundada pela iniciação; quase se poderia dizer que, na medida em que se realiza a própria existência humana é uma iniciação. Em suma, a maioria dos homens “sem-religião” partilha ainda das pseudo-religiões e mitologias degradadas. Isso, porém não nos surpreende, pois como vimos, o homem profano descende do homo religiosus e não pode anular sua própria história, quer dizer, os

comportamentos de seus antepassados religiosos, que o constituíram tal como ele é hoje (ELIADE, 2001, p.170).

Dessa maneira, percebemos que as instituições religiosas também começaram a se modificar para acompanhar as alterações sofridas dentro da sociedade e atender às novas demandas da população, ao menos, as que perceberam que esse era o único caminho para a própria sobrevivência institucional.

As instituições religiosas que estavam preocupadas com essas novas demandas começaram a se adaptar ao mundo tecnológico, ou seja, a novas culturas, baseadas na sociedade de consumo (prazer imediato, prosperidade, individualismo, etc.), logo uma forma diferente de se relacionar com os adeptos foi construída visando uma felicidade mais terrena e imediata.

Nesse contexto, configurado pela modernidade, chega ao Brasil, o pentecostalismo, com uma expansão descrita por Freston, em “três ondas”. A *Primeira Onda ou Pentecostalismo Clássico* é o período situado entre 1910 e 1950. A implantação da Congregação Cristã no Brasil (1910, São Paulo) e da Assembléia de Deus (1911, Pará), caracteriza-se pela forte oposição e crítica ao catolicismo, pela ênfase na glossolalia, batismo no Espírito Santo, pelo sectarismo⁵ e conduta

⁵ DELUMEAU, Jean. *De religiões e de homens*. São Paulo: Loyola, 2000. Segundo o autor, a palavra seita “vem do latim *sequi* (seguir) e, na Antiguidade, muitas designava uma escola filosófica. Ocorreu então uma contaminação com *secara* (cortar), e a palavra ‘seita’ veio a caracterizar, principalmente no século XVI, um grupo que se formava à distância de uma Igreja, para sustentar opiniões religiosas particulares. Falou-se da ‘seita luterana’. Ainda a partir do século XVI, chamou-se ‘sectário’ o partidário apaixonado por uma doutrina. Daí veio – no século XIX – a palavra ‘sectarismo’, que significa intolerância e estreiteza de espírito. (...) Numa perspectiva não-polêmica, o teólogo protestante alemão Troeltsch (1865-1923) procurou distinguir objetivamente ‘Igreja’ e ‘seita’ como fenômenos sociais. Definiu a primeira como uma ‘instituição de salvação’, destinada à massa das pessoas, dotada de importantes estruturas e mantendo relações de acordo, e até de cumplicidade, com o Estado. A segunda, ao contrário, pareceu-lhe um ‘agrupamento voluntário de convertidos’ que rejeita, pelo menos para eles próprios, os comprometimentos da Igreja com o mundo. Não há seita sem radicalismo religioso e sem ruptura com a sociedade. (...) não convém chamar de ‘seitas’ os movimentos pentecostais que florescem atualmente na América Latina. Eles não se cercam de coisas secretas, não constituem contra-sociedades e procuram atingir as massas”. p. 353 e 355.

ascética, ou seja, de negação dos valores considerados seculares, o que denominam “rejeição ao mundo”.

A *Segunda Onda ou Pentecostalismo Neoclássico* teve início com a chegada dos missionários norte-americanos, pertencentes à Igreja Internacional do Evangelho Quadrangular. Criaram a Cruzada Nacional de Evangelização baseados na cura divina e fundaram a Igreja do Evangelho Quadrangular (IEQ, 1951, São Paulo), que conservou a base pentecostal, contudo, sua postura era mais liberal. Neste rastro, surgiram as Igrejas Brasil para Cristo (1955, São Paulo), Deus é Amor (1962, São Paulo), Casa da Bênção (1964, Minas Gerais) e outras.

A *Terceira Onda ou Neopentecostal*, na década de 70. Várias denominações surgiram: Igreja Universal do Reino de Deus (1977, Rio de Janeiro), Igreja Internacional da Graça de Deus (1980, Rio de Janeiro), Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra (1976, Goiás) e Renascer em Cristo (1986, São Paulo), todas fundadas por pregadores brasileiros. Caracteriza-se pela acomodação ao mundo (não enfatizando a conduta ascética), pela participação político-partidária e uso intenso da mídia. Pontos fundamentais da doutrina: Teologia da Guerra Espiritual contra o Diabo e seus anjos, representada por outras religiões, principalmente, as afro-brasileiras; e a Teologia da Prosperidade: doutrina que afirma que o cristão tem direito ao melhor “ainda neste mundo”. Essa expressão é um elemento-chave para entender o crescimento da IURD (FREESTON, 1996, pp. 70,72).

O neopentecostalismo, nome atribuído à última grande onda do pentecostalismo, possui um conjunto de representações e práticas bem específicas que o distingue como tal das outras correntes pentecostais. O surgimento desse movimento no Brasil se insere, sem dúvida, num quadro de rápidas e profundas mudanças. No âmbito nacional, no bojo do processo de redemocratização, alterações significativas no quadro econômico, político, social e cultural brasileiro

produziram mudanças profundas no modo de vida, nos valores e nas expectativas de nossa população. As análises produzidas a respeito do que tem sido chamado de neopentecostalismo enfatizam, por um lado, que o sucesso dessas denominações se deve ao uso intensivo e agressivo de persuasão aos seus fiéis, oferecendo a promessa de soluções instantâneas para todos os males da vida, ou seja, a oferta de bens salvíficos está presente nos discursos e nas práticas das diversas igrejas que o compõem. Como demonstra Passos:

Ela constitui a dinâmica central de seus cultos e pregações, como uma espécie de concretização da graça original de Deus, perdida pelo pecado e inacessível aos que não aceitaram Jesus. O *in illo tempore* neopentecostal é entendido e acessado como tempo de graça e da prosperidade total. As pregações narram-no como um tempo perdido e ofertado permanentemente àquele que crê e se entrega a Jesus (PASSOS, 2005b, p.68 grifos do autor).

Na realização dos rituais das Igrejas, observamos a atualização da salvação através de um percurso que vai do batismo no Espírito Santo à conquista da prosperidade plena, passando pelo ato de fé de cada fiel. Para o neopentecostal, a salvação é algo concreto, que se realiza na vida do fiel pelo poder sem limites de Jesus; é sinônimo de vida plena e feliz, mesmo que não ocorra imediatamente, é algo certo que pode ocorrer a qualquer momento e essa renovação inabalável no poder de Jesus é renovada a cada culto. A posse da bênção é o centro das representações e práticas neopentecostais, ou seja, essa teologia afirma que a vida desejada e planejada por Deus para os seus filhos é a vida satisfeita de todos os bens. Tudo o que perturbar essa ordem original deve ser desfeito pelos rituais da cura e do exorcismo, que implica em eliminar os entraves da salvação, onde o principal responsável é o demônio. Dessa forma o fiel estará livre para gozar de uma vida repleta de bênção manifestada pelo sagrado.

No desenvolvimento dessa temática, utilizamos alguns autores, a fim de compreender como o sagrado está posicionado mediante as tantas transformações ocorridas na sociedade contemporânea. Entretanto, o que podemos dizer é que os

mitos retornam e sobrevivem graças ao homem, cujo referencial de existencialidade depende da re-criação de mitologias. Geração vai, geração vem, e os mitos parecem adaptar-se e não serem abolidos pelas transformações dos tempos. Mas, embora transcendam as temporalidades – enquanto remetem a uma história sagrada, paradigmática, meta-temporal – são re-significados nas épocas e vivências concretas dos homens, isto é, indicam uma experiência histórica e remetem a uma forma social e às regras de funcionamento de uma determinada cotidianidade.

1. 5. Igreja Universal do Reino de Deus: breve histórico e a manifestação do sagrado neopentecostal

O panorama da religiosidade brasileira tem revelado uma considerável transformação dentro de nossa sociedade nessas últimas décadas. Se durante séculos a Igreja Católica manteve a hegemonia dos fiéis brasileiros, nessas últimas quatro décadas, os números mostram que essa hegemonia não é mais tão absoluta assim, pois o movimento evangélico encontrou no Brasil, um campo fértil para seu crescimento. Dentre várias instituições evangélicas que conseguiram seu espaço e visibilidade no país, a que mais se destaca é a Igreja Universal do Reino de Deus, que em menos de quarenta anos, já é uma das mais importantes igrejas evangélicas em número de fiéis, na participação política e nos meios de comunicação no Brasil.

Se comparada a outras igrejas evangélicas brasileiras, de acordo com seu tempo de existência, a Igreja Universal é uma igreja recente, mas já se apresenta como uma das maiores do ramo evangélico do Brasil, podendo considerá-la dessa forma como um dos mais importantes fenômenos religiosos brasileiros. Antes de

adentrarmos na questão da representação do sagrado da IURD, faremos um breve histórico da instituição.

O principal líder da igreja, Edir Bezerra Macedo, nasceu em fevereiro de 1945 na cidade fluminense de Rio das Flores, numa família de migrantes nordestinos. Sua família mudou para Petrópolis e em seguida para São Cristóvão e com 17 anos começou a trabalhar como office-boy da Loteria do Rio de Janeiro (*Loterj*), vinculada a *Secretaria de Finanças do Estado*. De católico e freqüentador da umbanda, em 1963, Edir Macedo se converteu com 18 anos de idade para a Igreja Nova Vida, na qual permaneceu durante 11 anos.

Juntamente com seu cunhado R.R. Soares, Roberto Augusto Lopes e os irmãos Coutinho, Macedo saiu da Igreja Nova Vida e abriu a Cruzada do Caminho Eterno em 1974. Os desentendimentos com os irmãos Coutinho fizeram os demais a criarem outra igreja em julho de 1977 e assim surgiu a Igreja Universal do Reino de Deus⁶. O primeiro endereço da Igreja foi uma antiga fábrica de móveis, onde funcionava uma funerária. O galpão alugado ficava na Abolição no Rio de Janeiro e tinha a capacidade para 1500 pessoas. Nessa época, a divulgação das reuniões era feita por cerca de dez obreiros, que colocavam os folhetos nos postes e convidavam as pessoas com panfletos a participarem dos cultos.

A maneira centralizadora e autoritária de administrar de Macedo fez com que houvesse mais uma cisão na igreja e Romildo Soares se desligasse do ministério para fundar a Igreja Internacional da Graça de Deus, em 1980. Após a saída de Soares, Edir Macedo e Roberto Augusto se auto consagraram bispos em 1981 e adotaram o mesmo modelo episcopal da Igreja Nova Vida.

Na seqüência Roberto Augusto, co-fundador da Igreja, foi o responsável pela implantação da IURD em São Paulo, primeiramente no Parque Dom Pedro, em

⁶ As informações dos dados históricos da IURD para a construção desse texto foram extraídas de Isael de Araújo. Dicionário do Movimento Pentecostal, 2007.

seguida mudaram para o bairro da Luz e depois se fixaram no Brás. Em 1984 ele regressou ao Rio de Janeiro e dois anos depois foi eleito deputado federal com a maior votação do PTB, mas em 1987 saiu da Igreja Universal e retornou à Igreja Nova Vida alegando que a visão de Macedo passara e ser tão somente empresarial e mercantilista. A partir desta ocasião, Macedo passou a ser líder principal da Igreja.

Em 1980 a Igreja Universal ingressou na mídia com um programa de 15 minutos durante a madrugada na Rádio Copacabana AM do Rio de Janeiro. Quatro anos depois, em 1984, a emissora de rádio se torna a primeira aquisição da Igreja, o que seria o seu primeiro passo para a formação de uma grande estrutura comunicacional. Ainda em 1980, a IURD inaugura também sua primeira Igreja no exterior e o país escolhido foram os Estados Unidos, na cidade de Mount Vermont, no Estado de Nova York. Em 1986, Macedo se mudou para lá com o intuito de difundir a Igreja pelo mundo a partir de Nova York, os recursos obtidos no exterior poderiam financiar os próprios fiéis convertidos a regressarem para seus países de origem como missionários da própria Igreja.

No fim dos anos 80, a Igreja Universal realiza seu maior investimento até então e adquiriu a Rede Record. A repercussão do fato fez a Igreja ser conhecida pela sociedade através da mídia nacional. Em novembro de 1989 Macedo voltou ao Brasil para concluir a transação, com muita negociação e intensa campanha de arrecadação de dinheiro nos templos, a IURD comprou a Record por 45 milhões de dólares. A expansão da IURD no panorama midiático gerou vários conflitos e pressões, por parte de outras emissoras na época para tentar desarticular os projetos da Igreja Universal, principalmente na área televisiva. Porém, todas as denúncias e críticas não conseguiram inibir o crescimento da participação da IURD nos meios de comunicação e a construção desse império.

A Igreja Universal como instituição empresarial é planejada estrategicamente em todos os seus segmentos, ou seja, suas doutrinas, práticas religiosas, cultos temáticos, organização eclesiástica, ações sociais, militância política e todo o conglomerado comunicacional, englobando publicações e veículos. Além disso, todas essas ofertas religiosas da IURD são adequadas ao seu público-alvo, ou seja, os templos são construídos visando locais de grande fluxo populacional, os horários de culto, atingem públicos diferenciados em função do dia e da hora, porém com horários acessíveis à população que trabalha. As temáticas dos cultos vão ao encontro das necessidades do indivíduo e a promessa de prosperidade é o que o homem contemporâneo mais almeja.

As reuniões são diárias, pastores exclusivamente preparados em relação à doutrina e dedicados a divulgação intensa é a estratégias das correntes que trazem a solução para todos os problemas dos fiéis. A Igreja Universal tem crescido em uma proporção maior que as demais religiões instituídas no país. Isso revela que apesar de ser questionada muitas vezes pelos seus métodos, a igreja é muito bem sucedida no seu planejamento, no intuito de levar a sua mensagem. Esse forte crescimento é percebido pela sociedade de modo geral. Depois de vários embates com a justiça e outros meios de comunicação, a Igreja conseguiu estabelecer seu espaço na sociedade. O jornal Folha de São Paulo, em 2004, divulgou uma pesquisa do Datafolha sobre o poder e prestígio de doze instituições pentecostias e a IURD teve a maior variação positiva entre elas. A comparação foi entre os anos de 1995 e 2003 e os entrevistados que atribuíam alto prestígio à Igreja subiu de 29% para 46%, já os que acharam que a IURD tem muito poder passou de 39% para 49%. Destacamos aqui um trecho da reportagem onde os jornalistas Carrielo e Marreiro ressaltam:

Para o antropólogo Otávio Velho, especialista na relação entre religião e política, a Igreja colhe os frutos de ter vingado segundo os parâmetros de

sua própria ideologia, que seriam em grande medida os valores da sociedade atual. 'A Igreja Universal, nesses últimos anos, conseguiu sair do gueto de ser identificada apenas como uma Igreja dos despossuídos, dos pobres. Hoje, ela alcança um espectro socioeconômico mais amplo, alcança também a classe média. Isso lhe deu visibilidade e quase que uma dignidade maior, numa sociedade em que o respeito fica bastante associado ao sucesso', afirma o professor titular da UFRJ [Universidade Federal do Rio de Janeiro]. 'Essa ideologia do sucesso, da prosperidade, que é uma ideologia da própria Universal, ficou associada à presença na Igreja de empresários e à presença forte dela na mídia', ele diz (FOLHA DE SÃO PAULO, 4 JAN. Caderno A p.4).

O aumento da percepção da presença influente da Igreja Universal na sociedade é também reflexo do crescimento de sua própria estrutura. Afinal, são estimados cerca de 15 mil pastores e 100 mil obreiros, nos mais de 5 mil templos próprios e outros milhares alugados, abrangendo hoje, 172 países no mundo. Alguns templos construídos recentemente são verdadeiras maravilhas arquitetônicas de mármore e granito. O templo de Belo Horizonte é um dos vários exemplos. Inaugurado em 2004, tem lugar para cinco mil fiéis, estacionamento para carros e ônibus, heliporto, hotel para bispos e pastores, berçário e loja de produtos da Igreja.

Nas palavras de Macedo, todos esses empreendimentos justificam-se pela dimensão que a IURD ocupa hoje no cenário religioso, ou seja, quanto mais cresce o número de fiéis, maiores são os investimentos necessários nos diversos setores da Igreja (ARAUJO, 2007, PP. 374-377).

Depois desse breve histórico, veremos como a IURD edificou sua instituição religiosa. A organização da Igreja Universal é rigorosamente centralizada na figura do bispo Edir Macedo. Ele coordena todas as diretrizes da Igreja, a formação doutrinária, as realizações das campanhas nos cultos, a escolha de pastores para as principais igrejas, os planos para os meios de comunicação e a participação política da instituição entre outros assuntos.

Na metade dos anos 90, foram nomeados dezenas de novos bispos para exercerem a direção em nível regional, estadual e nacional. Essa reorganização pretendeu evitar possíveis divisões. O poder eclesiástico passou a ser representado

por três instâncias hierárquicas: o Conselho Mundial de Bispos, em seguida o Conselho de Bispos do Brasil e por fim o Conselho de Pastores. Dessa forma, a estrutura da Igreja se mantém verticalizada e suas decisões concentradas nos bispos superiores da Igreja, tendo sempre o comando de Edir Macedo.

A Igreja Universal realiza diariamente três cultos em média, pela manhã, tarde e noite. Seus pastores trabalham em tempo integral e com total exclusividade para a Igreja, que também conta com trabalho voluntário de dezenas de milhares de obreiros, responsáveis por um importante suporte para o bom andamento das reuniões e da evangelização pessoal.

Ser obreiro é o primeiro passo para quem quer tornar-se pastor ou até mesmo Bispo. O aprendizado para exercer o pastorado é a atuação prática nas igrejas. A exigência, segundo Macedo (1994) é “a conversão, a dedicação e o desejo de exercer a função”. O aspirante a pastor deve aprender e reproduzir corretamente o que os pastores titulares fazem no púlpito.

No início, o símbolo que identificava a Igreja eram as duas mãos juntas em oração. Atualmente, usa alternativamente algumas outras imagens, como um coração vermelho com uma pomba no interior, representando o Espírito Santo ou um candelabro (memorá) judaico, ou ainda uma cruz. Os slogans da IURD tornaram-se populares e estão fixados em todas as igrejas: “Jesus Cristo é o Senhor” e “Pare de Sofrer”.

A declaração de fé da IURD relaciona as doutrinas fundamentais, *a priori* semelhantes às de outras confissões cristãs evangélicas, em particular as de linha pentecostal. Entretanto, existem algumas diferenças fundamentais. Como exemplo, podemos demonstrar o caráter sobrenatural dado pela Igreja às celebrações do batismo por imersão e da ceia do Senhor. Suas doutrinas estão reunidas no livro *Doutrinas da Igreja Universal do Reino de Deus*, de autoria do próprio bispo Edir

Macedo. O termo libertação na IURD significa procurar a liberdade de forças que oprimem a pessoa, as quais no entender da Igreja são sobrenaturais e as formas de lidar com elas são fundamentalmente espirituais⁷.

Na visão iurdiana, muitos dos males que assolam a humanidade, ou seja, doenças, violência, depressão, solidão, fome, privações, desemprego e pobreza, e em particular, os que não seguem Jesus Cristo, estão associados à obra demoníaca ou espíritos caídos (chamados de encosto). Tais espíritos atuam diretamente nas pessoas, através de uma “possessão”, conspirando contra ela, através de outras pessoas ou circunstâncias de opressão. A falta de comunhão com Deus, estar em pecado, maldição hereditária, maldição proferida (inveja e mal olhado), maldição mandada (trabalhos e feitiços de bruxarias, macumba, magia negra) e o envolvimento direto com os espíritos são brechas, ou seja, são as portas de entrada para o demônio. Um reflexo direto de tal crença é a ênfase dada nos ritos e orações de repreensão do mal, presente em quase todos os cultos e celebrações da IURD.

No desenvolvimento ritualístico dos cultos, a IURD utiliza sincreticamente vários elementos religiosos para práticas semelhantes aos da Igreja Católica, como óleo para ungir, o sal, a cruz, entre outros. A IURD promove também correntes de oração e a água ungida.

Em relação à teologia da prosperidade, começamos com o livro *Vida em Abundância*, onde Macedo prega a vida abundante na Terra, e não na eternidade. Defende que a vontade de Deus para com seus filhos é que vivam uma vida confortável, pois foi assim que Ele criou o homem no paraíso, e Jesus veio trazer novamente a autoridade que o homem perdeu para Satanás. Os líderes da IURD, tomam como base o texto de Eclesiastes, 6.3-6 que diz: Outro, porém, teve cem

⁷ As informações dos dados históricos da IURD para a construção desse texto foram extraídas de Isael de Araújo. Dicionário do Movimento Pentecostal, 2007.

filhos e viveu por muitos anos; apesar de ter vivido muitos anos, nunca se saciou de felicidade, e nem sequer teve sepultura. Pois eu digo que um aborto é mais feliz do que ele. Ele chega na vaidade e se vai para as trevas, e as trevas sepultam seu nome. Não viu o sol e nem o conhece: há mais repouso para ele do que para o outro. E mesmo que alguém vivesse duas vezes mil anos, não veria a felicidade; não vão todos para o mesmo lugar (*Bíblia de Jerusalém*, 2004, p. 1077). Pregam que a pessoa que vive uma vida feliz, sem a salvação eterna, e que não passou pelo “novo nascimento” que Jesus pregava: “Em verdade, em verdade, te digo: quem não nascer novo não pode ver o Reino de Deus” (JO 3.3 *Bíblia de Jerusalém*, 2004, p. 1847), seria melhor que não tivesse nascido. Nesse sentido, a Igreja reforça sua doutrina na felicidade, através da Ceia do senhor e no batismo por imersão.

Entre as práticas que a IURD adota de tempo em tempo, está a “Fogueira Santa de Israel”, evento que acontece duas vezes ao ano, em que os pedidos dos fiéis são levados à Terra Santa de Israel e, eventualmente, ao topo do Monte Sinai, no Egito.

Com relação às ofertas ou dízimo, a IURD considera o “sacrifício financeiro” como algo sagrado, utiliza o livro de Atos, capítulo 5, que se refere “a fraude de Ananias e de Safira”, para exemplificar e fundamentar sua postura doutrinária.

A partir do momento em que os fundamentos doutrinários foram estabelecidos, a grande preocupação é com a divulgação dessa doutrina através dos cultos. A IURD utiliza toda sua estratégia de comunicação para enfatizar a participação do fiel nos cultos. Este é o momento mais importante para a Igreja, ou seja, na pregação rompe-se todo o ceticismo e barreiras de um futuro fiel, assim como, é o lugar para ele ter a experiência com o mundo espiritual, vivenciar os milagres, criando a consciência de que depende desse momento sagrado para que essa experiência se perpetue em sua vida. Além disso, possibilita a oportunidade do

fiel contribuir com o dízimo, ou seja, a décima parte dos seus rendimentos, que deve ser dedicada a Deus, por Sua própria determinação.

Os cultos da Igreja Universal são temáticos e associados a um dia da semana ou a uma data específica. Os fiéis participam ativamente dos cânticos de louvor e das orações, com um especial destaque que enobrece o ritual. O pastor escolhe alguns fiéis para narrarem suas vidas, assim como a transformação ocorrida após freqüentarem a Igreja, o testemunho é um espaço importante na reunião para estimular a fé dos demais. O momento da contribuição é tido como uma ocasião especial para exercer a fé, o fiel é desafiado a contribuir com o seu melhor, para que Deus possa satisfazer o desejo de seu coração. Nas orações, todos clamam a Deus juntamente com o pastor em alta voz, fazem seus pedidos fervorosamente e repetem frases de vitória, que segundo a Igreja, os liberta dos problemas e dos “encostos” (espíritos malignos). Aliás, o exorcismo de demônios é um dos mais importantes elementos dos cultos da IURD. O bispo Macedo (1997) explica que os “encostos” são anjos caídos, espíritos errantes a procura de corpos para levar adiante seu intento maligno. Orixás, caboclos, pretos-velhos, espíritos de luz e guias são todos demônios, anjos caídos que procuram destruir a vida das pessoas (ARAUJO, 2007, pp. 375, 376).

A seguir veremos como esses cultos temáticos são desenvolvidos junto às comunidades de fiéis:

No domingo, *Portas Abertas – Encontro com Deus*. Nesse dia o fiel ouve ensinamentos bíblicos de como expressar a sua fé em Deus, buscá-lo em orações e entoar cânticos de louvor. Nessa reunião também é celebrada a Santa Ceia, um sacramento adotado pelas Igrejas evangélicas que corresponde à eucaristia

da Igreja Católica. Além disso, é o dia exclusivo para o fortalecimento espiritual e pautar a sua vida na Palavra de Deus e mudar a sua história.



Figura 1: Templo Maior em Santo Amaro.
Fonte: foto do portal da Arca Universal - acesso 23/08/2010.

Na segunda-feira, realiza-se a *Reunião da Prosperidade - Nação dos 318*. De acordo com a Igreja, o objetivo é mostrar a importância de se ter uma vida próspera, em que o aspecto financeiro e empresarial é aliado com a fé. Bispos e pastores, através das Sagradas Escrituras, ensinam a cada reunião o segredo desta conquista para que o crente permita que o Poder de Deus se manifeste em sua vida. A presença de fiéis nesse dia é muito grande, tanto que na igreja sede são realizadas sete reuniões.



Figura 2: Templo na Avenida Celso Garcia em São Paulo.
Fonte: foto do portal da Arca Universal - acesso 23/08/2010.

Na Terça-feira, ocorre um importante culto, conhecido como *Sessão do Descarrego – Libertação e Cura*. Foi criada com o objetivo de lutar contra as forças espirituais do mal. Nestas reuniões, são feitas orações fortes para a quebra da maldição e, com isso, milagres ocorrem constantemente a cada encontro. A reunião é apresentada como um tratamento espiritual para pessoas que sofrem com problemas causados por “encostos”. A lista de atuações mais comuns desses encostos são as seguintes: visão de vultos, audição de vozes, doenças, vícios, inveja, traições, separação conjugal, doenças que os médicos não conseguem diagnosticar, dívidas financeiras, entre outros males, que vêm fazendo muitas vítimas. Esses são problemas comuns na sociedade e por isso o convite a participar da *Sessão do Descarrego* é praticamente para quase todas as pessoas.



Figura 3: Templo na Avenida Celso Garcia em São Paulo.
Fonte: foto do portal da Arca Universal - acesso 23/08/2010.

Na quarta-feira, a *Reunião dos Filhos de Deus* é realizada com ênfase na participação dos próprios fiéis da Igreja, depois deles terem sido libertos de espíritos malignos na *Sessão do Descarrego*. Esta reunião propõe revigorar a fé do fiel para enfrentar as tentações das forças malignas através da busca do Espírito Santo, pois, essa é a forma de estabelecer uma vida espiritual completa.



Figura 4: Templo Maior em Santo Amaro.
 Fonte: foto do portal da Arca Universal - acesso 23/08/2010.

Na quinta-feira, *Reunião da Sagrada Família*. A Igreja Universal prega que, depois da salvação pessoal, o próximo objetivo é alcançar a libertação de todos os familiares do fiel que frequenta a igreja. O encontro é voltado para aqueles que desejam buscar a proteção divina, harmonia no lar e alcançar a paz. O pastor enfatiza a busca a Deus na reunião, pois só assim é possível conquistar uma família feliz e o lar com que você sempre sonhou.



Figura 5: Templo na Avenida Celso Garcia em São Paulo.
 Fonte: foto do portal da Arca Universal - acesso 23/08/2010.

Na sexta-feira, *Corrente da Libertação*. Há uma ligação simbólica com os cultos afro-brasileiros. Segundo os pastores, é o dia mais utilizado para realização de obras de macumba, bruxaria, principalmente à meia-noite (quando em vários templos a IURD também realiza a *Vigília da Libertação*). A Igreja Universal promove a *Corrente da Libertação* afirmando que esse dia é especial para todos aqueles que têm problemas, estão desesperados e pensam até em se matar. Realiza-se uma oração para libertar a pessoa de demônios, apresentados como entidades associadas aos cultos afro-brasileiros como: os exus, os preto-velhos e outros. O pastor clama ao fiel para entregar sua vida agora mesmo nas mãos de Deus e seja liberto de toda atuação maligna. Eles afirmam que os problemas espirituais devem ser combatidos através da fé sobrenatural. É essa fé que bispos e pastores têm ensinado aos participantes, que testemunham a transformação de vida a cada reunião.



Figura 6: Templo na Avenida Celso Garcia em São Paulo.
Fonte: foto do portal da Arca Universal - acesso 23/08/2010.

No Sábado, *Terapia do Amor*. É o culto especial para tratamento espiritual na vida amorosa. O termo terapia é utilizado na medicina e psicologia, referindo-se a um tratamento de cura. Ao utilizar o termo, a Igreja Universal sugere ser capaz de

solucionar problemas conjugais e afetivos. É ressaltado no culto, que a escolha amorosa adequada nem sempre depende exclusivamente da pessoa. Por este motivo, nas reuniões, com base nas Sagradas Escrituras, bispos e pastores ensinam que, para uma vida sentimental harmoniosa, é necessário estruturar primeiramente uma aliança com Deus, pois esta é a base para a felicidade plena. O encontro é importante para os que são casados, para aqueles que já têm um relacionamento e para os solteiros que estão em busca de um amor. No final, os pastores pedem aos fiéis que testemunhem as transformações ocorridas em suas vidas através do Poder de Deus.



Figura 7: Templo Maior em Santo Amaro.
Fonte: foto do portal da Arca Universal - acesso 23/08/2010.

O contexto dos cultos temáticos da IURD demonstra que a realização de um desejo ou a libertação de qualquer mal, depende de uma atitude firme de fé através de declarações positivas daquilo que se busca nas reuniões. Para todas as Igrejas neopentecostais, inclusive a IURD, confessar palavras de saúde e riqueza é essencial na vida cristã, assim como o demônio é expulso através da ordem verbal do pastor, e todas as demais bênçãos são obtidas de modo semelhante. De acordo com Mariano (1999), essa doutrina é conhecida como confissão positiva e foi

difundida por pregadores norte-americanos a partir dos anos 50, entre eles Osborn e Jimmy Swaggart, principais tele-evangelistas no Brasil na década de 80. A lógica parte do princípio que Deus criou o mundo e os homens através da palavra, portanto nós como filhos de Deus, podemos criar e mudar as coisas também através do uso da palavra. Assim, se o pentecostalismo considerava a palavra importante como um sinal do poder de Deus, manifestado pela glossolalia, o neopentecostalismo adota a palavra como ato de fé para reivindicar a ação de Deus na vida do fiel.

Dessa maneira, o discurso religioso da Igreja Universal sugere que, para ser um verdadeiro cristão, o fiel deve ser bem sucedido em todas as áreas da sua vida. Deus já concedeu ao cristão todas as bênçãos celestiais e ele precisa tomar posse delas pela fé, caso contrário, continuaria com os mesmos problemas, como dívidas e doenças. A prosperidade é apresentada como resultado de uma vida de fé, sem estabelecer nenhuma relação direta com as questões sociais.

Nesse contexto, ao analisar o sagrado da Igreja Universal através dos cultos, mesmo com temáticas diferentes percebemos que, eles possuem uma mesma lógica de fundo, ou seja, o discurso se desenvolve em torno da cura e do exorcismo, os quais estão relacionados entre si, sendo o exorcismo um tipo de cura radical, que elimina o pai de todos os males, das doenças inclusive. Rege essa postura o que a antropologia chamou de casualidade mágica, ao estudar a mentalidade primordial. O que para a mentalidade lógico-racional é causa natural, para o pensamento mágico – no caso, para o neopentecostal – é um instrumento utilizado pelo demônio para fazer suas maldades (PASSOS, 2005b, p. 77).

Na visão iurdiana, as doenças e os problemas que atormentam o homem estão sempre associados à vida pecaminosa, ou à religião falsa que ele pratica, ou ligados a rituais malignos praticados por terceiros, ou seja, forças sobrenaturais

manipulam esse indivíduo. Desse modo, os rituais de cura vão reverter essas forças. Vão “desamarrar em nome de Jesus” aquilo que foi amarrado pelo poder do inimigo.

Pelo olhar antropológico, o elemento comum entre magia e religião foi denominado por Marcel Mauss como *mana*, palavra melanésia que designa a ação de manipulação de forças sobrenaturais e que sintetiza a mentalidade e a prática da magia (GUERRIERO, 2003). Passos nos elucida da seguinte forma:

Pelos rituais de cura e exorcismos, os pastores buscam desamarrar os males pelo poder de Jesus, com facilidade e ousadia. Manuseiam a força que possuem, enquanto especialistas autorizados, fazendo os males irem embora e o seu autor, o demônio, curva-se, apresentando-se como tal e descrevendo suas maldades. Encenam-se, nesses rituais, uma batalha dos poderes opostos, travados na vida das pessoas, e a vitória do poder de Jesus como um grande espetáculo sagrado que provoca fascinação e medo na assembléia – *tremendum et fascinosum* -, envolvendo a participação dos fiéis e persuadindo pela sua empiricidade eloqüente. Esses rituais são também oferecidos pelos programas de televisão, que, utilizando-se dos recursos das imagens, aprimoram e virtualizam o espetáculo para o grande público (PASSOS, 2005b, p. 78).

Nesse sentido, nos remetendo à questão antropológica, não há separação rígida entre o mundo sobrenatural e o natural, aliás, o pressuposto da intervenção mágica é a possibilidade de relação entre essas ordens, de forma que uma altere o curso da outra. Porém os rituais neopentecostais trabalham com as duas ordens de modo mesclado, ou seja, a conquista espiritual é conquista material e vice-versa, uma vez que o mundo espiritual é que rege e perfaz o mundo material com todos os seus efeitos. Portanto, o exorcismo pode produzir no fiel um efeito simbólico, na medida em que fornece um significado para os males a que o sujeito está submetido.

No entanto, observamos que o ritual de exorcismo, nos cultos da IURD, exerce de maneira nítida e envolvente o retorno ao caos e o seu controle. A partir do momento em que o fiel está imerso em total caos, sem solução e sentido para sua vida cotidiana, ocorre a intervenção do pastor, que, baseado nas Escrituras Bíblicas, remete às origens cristãs, ao tempo da salvação em que Jesus expulsava o

demônio. O retorno às origens oferece a esperança de renascimento. Eliade explica que: o retorno tem de ser perfeitamente encenado, como no tempo da salvação de Jesus. A recriação do mundo exige que se volte ao seu estado caótico para, a partir daí, recriar o mundo, ou seja, a cosmogonia (ELIADE, 1998, pp.124, 125). Com o exorcismo reconstrói-se o sentido do mal para o grupo e para o exorcizado. O mundo velho é terminantemente destruído e construído a cada ritual. Passos ainda nos diz:

Para que o mundo seja recriado no sistema de crença neopentecostal, o exorcismo precisa ser repetido ciclicamente nos rituais semanais. Os ciclos de encenação e controle do mal, dentro do caos das grandes cidades, sustentam a destruição simbólica da desordem – incontrolada pela força do logos político e técnico -, recriam, permanentemente, em cada culto diário e semanal, a vitória do poder de Deus sobre as forças do mal. Os rituais fornecem, em suas execuções, uma espécie de crítica utópica da realidade vivenciada, revelando e fazendo os fiéis serem cúmplices com o mundo novo possível. Coloca-se, aqui, a função social das religiões. Todas elas ritualizam a realidade histórica vivenciada pelo grupo de fiéis, são cosmogonias, segundo Eliade (PASSOS, 2005b, p. 80).

Por esse caminho, os neopentecostais são capazes de recriar um mundo de sentido dentro das grandes crises que acometem as populações concentradas, sobretudo nas megalópoles urbanas. As pregações e os rituais estão marcados por uma eficácia simbólica que lhes confere legitimidade, criando uma relação de certeza da posse da salvação pelos fiéis. Nas palavras de Passos: o desejo de possuir o bem salvífico conduz todo o ritual nos seus enredos e interpretações e garante a continuidade dos fiéis nos cultos, na busca incessante de resignificação e renovação do mundo (PASSOS, 2005b, p. 82).

Essa nova versão do sagrado, no entanto, não rompe com a tradição protestante; ao contrário, ela é, ao mesmo tempo, uma reformulação dessa herança religiosa adaptada às contingências do homem contemporâneo. O neopentecostalismo se insere no campo protestante e busca aí sua legitimidade na medida em que suas formulações simbólicas são feitas a partir de um referencial

comum que são as Escrituras sagradas, e também uma iluminação direta do Espírito Santo, crença essa que em si já é uma interpretação radical dos textos bíblicos.

Desse modo, a IURD, ao privilegiar uma apropriação mística das Escrituras Sagradas, enquanto experiência individual e coletiva imprime enorme dinamismo à interação com o contexto social, importando para seu interior as angústias e ansiedades de um grupo de indivíduos, e construindo formulações simbólicas que lhes permitem dar sentido às suas experiências de vida. A Igreja Universal apresenta um discurso sobre o sagrado, com extrema flexibilidade, constrói um diálogo com a sociedade, ou seja, cada indivíduo incorpora idéias e concepções do outro, o que permite, por um lado, que o sagrado se transforme para se fazer presente na sociedade contemporânea, e que, por outro lado, esta se faça mais apropriada para acolhê-lo como parte integrante do seu amplo mercado de bens simbólicos.

CAPÍTULO II

PÓS-MODERNIDADE, O SAGRADO, O SIMULACRO E A MÍDIA.

Em um espaço de tempo de algumas décadas, notadamente o fim do século XIX e o início do século XX, as sociedades do mundo ocidental ingressaram em uma nova era de sua história, ou seja, as revoluções industriais deram corpo à idéia de progresso infinito. O homem conhece um período de relativa segurança, com grandes avanços e conquistas em diversas áreas, que potencializaram uma situação mais confortável em termos materiais. A conversão da energia, a produção em série de tecidos, de aço, de máquinas, a construção de ferrovias, as primeiras redes de comunicação de longa distância e a irrupção do prodígio da eletricidade vieram apoiar essa convicção. O mundo expressa um novo ciclo de expansão do capitalismo, como modo de produção e processo civilizatório de amplas proporções envolvendo nações, regimes políticos e projetos nacionais, grupos e classes sociais, economias e sociedades, culturas, religiões e civilizações.

Por outro lado, o homem é exposto ao choque tecnológico por conta do fascínio de outras tantas invenções tais como o automóvel, avião, telefone, rádio, etc., que lhe impõe uma noção mais nítida de progresso, efemeridade e mudança. A fé no progresso linear e contínuo rimou com a fé indefectível na ciência e na tecnologia. Para reconhecer essa nova realidade precisamente no que ela tem de novo, ou desconhecido, torna-se necessário reconhecer que a trama da história não se desenvolve apenas em continuidades, sequências e recorrências, mas envolve também tensões e rupturas.

2.1. A ascensão da modernidade: breve história

A perspectiva moderna evoluiu gradativamente no período que vai desde o Renascimento,⁸ no século XV, passando pelo nascimento e desenvolvimento da chamada Ciência Moderna no século XVII, até a época do Iluminismo⁹, no século XVIII. A mudança radical na civilização europeia afetou todos os setores da sociedade. O setor econômico, o comércio e a indústria tiveram enorme expansão, fortemente impulsionada pelas viagens de descobrimentos e pela colonização de outras partes do mundo. Em consequência, o capitalismo substituiu amplamente as formas medievais de organização econômica. Dissolveu-se a antiga ordem política medieval, caracterizada pelo particularismo feudal e pelo vigor das autoridades locais e, por outro, pelas pretensões e objetivos supranacionais de uma Igreja universal. Pouco a pouco, o estado nacional e territorial, marco do mundo moderno, tornou-se a principal unidade política. A unidade do mundo cristão fragmentou-se com a ascensão do protestantismo. A classe média emerge na sociedade com

⁸ Cf. Nicola Abbagnano, *Dicionário de Filosofia*. (in. *Renaissance*, fr. *Renaissance*, al. *Renaissance*, it. *Rinascimento*). Designa-se com este termo o movimento literário, artístico e filosófico que começa no fim do séc. XIV e vai até o fim do séc. XVI, difundindo-se da Itália para outros países da Europa. A palavra e o conceito de Renascimento têm origem religiosa. Renascimento é o segundo nascimento, o nascimento do homem novo ou espiritual.

Durante toda a Idade Média, tanto o conceito quanto a palavra designavam o retorno do homem a Deus, sua restituição à vida perdida com a queda de Adão. A partir do séc. XV, porém, essa palavra passa a ser empregada para designar a renovação moral, intelectual e política decorrente do retorno aos valores da civilização em que, supostamente, o homem teria obtido suas melhores realizações: a greco-romana.

⁹ Cf. Nicola Abbagnano, *Dicionário de Filosofia*. (in. *Illuminism*; fr. *Illuminisme*; al. *Illuminatism*; it. *Illuminatismo*). Pretensão de ter visão pessoal e direta de Deus ou das realidades transcendentais. Esse termo foi definido por Kant como “uma espécie de democracia baseada em inspirações pessoais que podem deferir, de acordo com a cabeça de cada um”.

Iluminismo ou século das luzes. (in. *Enlightenment*; fr. *Philosophie des lumières*; al. *Aufklärung*; it. *Illuminismo*). Linha filosófica caracterizada pelo empenho em entender a razão como crítica e guia a todos os campos da experiência humana. Nesse sentido, Kant escreveu: “O Iluminismo é a saída dos homens do estado de minoridade devido a eles mesmos. Minoridade é a incapacidade de utilizar o próprio intelecto sem a orientação de outro.

opulência e começa a desempenhar um papel mais importante na vida política e cultural. O clero perdeu o monopólio do ensino, e a orientação da Idade Média deu lugar a uma perspectiva secular na literatura e nas artes. A teologia, que durante toda a Idade Média foi a rainha do conhecimento, cede sua coroa à ciência. A razão, que estivera subordinada à revelação, afirmou sua independência.

Muitas dessas tendências manifestaram-se acentuadamente durante a Renascença. O movimento renascentista teve início na Itália durante o século XIV e se expandiu gradualmente, com a invenção da imprensa, para o norte e oeste, ou seja, para Alemanha, França, Inglaterra e Espanha, em fins do século XV e no século XVI.

A sociedade renascentista caracterizou-se por uma crescente perspectiva secular, fascinada pela vida na cidade e ansiosa em desfrutar os prazeres terrenos que podia obter, e cada vez mais a religião tinha que competir com as ocupações mundanas. O desafio e o prazer de viver bem neste mundo pareciam mais excitantes do que a promessa do paraíso.

O individualismo, uma das características que emerge nesse período, em oposição à noção de coletivismo (comunidade) que imperou para os pertencentes à sociedade feudal, levava a elite urbana demonstrar sua própria personalidade, seu talento e obter conseqüentemente o reconhecimento por suas realizações, ou seja, a perspectiva secular se fortalecia, passando a focalizar atentamente o indivíduo. A preocupação com o indivíduo e o espírito secular encontrou, inicialmente, expressão no movimento intelectual denominado Humanismo¹⁰. Durante esse

¹⁰ Cf. Nicola Abbagnano, *Dicionário de Filosofia*. Humanismo (in. *Humanism*; fr. *Humanisme*; al. *Humanismus*; it. *Umanesimo*). Esse termo é usado para indicar duas coisas diferentes: I) o movimento literário e filosófico que nasceu na Itália na segunda metade do séc.XIV, difundindo-se para os demais países da Europa e constituindo a origem da cultura moderna; II) qualquer movimento filosófico que tome como fundamento a natureza humana ou os interesses do homem.

I) Em seu primeiro significado, que é o histórico, o Humanismo é o aspecto fundamental do *Renascimento*, mais precisamente o aspecto em virtude do qual o Renascimento é o

período, os indivíduos demonstravam uma crescente preocupação com a vida terrena, aspirando conscientemente a traçar seus destinos, atitude que caracteriza a modernidade.

Na arte, o significado essencial da Renascença é transmitido por meio da arquitetura, escultura e pintura. As três formas de arte refletem um estilo que acentua a proporção, o equilíbrio e a harmonia. Esses valores artísticos são alcançados mediante uma nova e revolucionária conceituação de espaço: a das relações espaciais. A arte desse período reflete também, em considerável grau, os valores do humanismo renascentista: uma volta aos modelos clássicos na arquitetura, à reprodução de figuras humanas nuas e à visão heróica dos seres humanos. Predomina a referência ao mundo terreno, e as pessoas são tratadas como criaturas que encontram seu destino espiritual ao cumprirem seu destino humano.

Os ideais trazidos pelo Renascimento abriram outro caminho para a modernidade, através da chamada Reforma Protestante que marcou o início de uma nova perspectiva religiosa. A Reforma protestante dominou a história da Europa ao longo de grande parte do século XVI, iniciada em 1517, por Martinho Lutero, monge

conhecimento do valor do homem em sua totalidade e a tentativa de compreendê-lo em seu mundo, que é o da natureza e da história.

As bases fundamentais do humanismo podem ser assim expostas:

1ª Reconhecimento da *totalidade* do homem como ser formado de alma e corpo e destinado a viver no mundo e a dominá-lo.

2ª Reconhecimento da *historicidade* do homem, dos vínculos do homem com o seu passado, que, por um lado, servem para uni-lo a esse passado e, por outro, para distingui-lo dele.

3ª Reconhecimento do valor *humano* das letras clássicas. É por esse aspecto que o humanismo tem esse nome. Já na época de Cícero e Varrão, a palavra *humanitas* significava a educação do homem como tal, que os gregos chamavam de *paidéia*; eram chamadas de “boas artes” as disciplinas que formam o homem, por serem próprias do homem e o diferenciavam dos outros animais.

4ª Reconhecimento da *naturalidade* do homem, do fato de o homem ser um ser natural, para o qual o conhecimento da natureza não é uma distração imperdoável ou um pecado, mas um elemento indispensável de vida e de sucesso. O reflorescimento do aristotelismo, da magia e das especulações naturalistas constituem o prelúdio da ciência moderna.

II) O segundo significado dessa palavra nem sempre tem estreitas conexões com o primeiro. Pode-se dizer que, com esse sentido, o humanismo é toda filosofia que tome o homem como “medida das coisas”.

alemão e brilhante teólogo, seguido por Calvino e outros teólogos, enfatizaram a consciência individual em detrimento da autoridade clerical, insistiram na relação pessoal entre cada homem ou mulher e Deus e chamaram a atenção para as capacidades religiosas inerentes ao indivíduo.

Com a expansão das idéias de Lutero, nas quais a fé pessoal tornou-se o elemento central da vida religiosa em oposição às práticas da Igreja corrompidas pelo luxo e o poder, novos caminhos se abriram durante o século XVI, para a ruptura no seio da própria Igreja Católica. As idéias de Lutero vão passando por várias apropriações, reflexões e reformulações. Assim nasce a doutrina da predestinação de Calvino, que abandonando toda sua formação para o sacerdócio, feita dentro de rígidos princípios católicos, se converte ao luteranismo, dando uma nova feição ao movimento protestante emergente.

Lutero questionava a salvação através das boas obras, como pregava a Igreja Católica, porque era uma das idéias que levava ao abuso por parte do clero. Por isso, ele afirmava que a salvação vinha pela fé. Calvino vai além e inaugura uma nova forma de relação com Deus, ou seja, a salvação já é definida antes do nascimento, daí a denominação de sua doutrina como a doutrina da predestinação. Contudo, havia a necessidade de um sinal de que o indivíduo tinha sido predestinado à salvação. Através da valorização da moral, do trabalho e da poupança, que de acordo com Seffner (1993) “resulta numa situação de bem-estar social e econômico” e acrescentamos de uma postura que depende exclusivamente do indivíduo, Calvino justifica religiosamente a ideologia burguesa nascente, e amplia o número de dissidentes católicos.

A fim de fazer frente às dissidências ocorridas a partir da Reforma, que levantam a questão da necessidade de uma reforma doutrinal e espiritual dentro da própria Igreja Católica, surge a Contra Reforma ou a Reforma Católica. O ponto

principal desse movimento de reação da Igreja Católica foram as decisões tomadas pelo Concílio de Trento que possibilitaram uma renovação interna da Igreja, a retomada da escolástica e as tentativas de reviver a conciliação entre a fé e a razão, entre a natureza e a graça, entre o humano e o divino.

Ao afastar-se da orientação religiosa da Idade Média e discutir a condição humana em termos seculares, os humanistas renascentistas, não só abriram caminhos para a ruptura dentro da própria Igreja traduzida pela Reforma Protestante, como abriram novas possibilidades de reflexão sobre as questões políticas e morais, provocando uma revolução da antiga ordem normativa feudal. Nessa nova teoria política, que se desenhava adequada ao emergente Estado secular moderno, não tinha lugar para a moralidade cristã. A arte de governar e expandir o poder do Estado, sob a luz fria da razão e desimpedida das ilusões morais e religiosas, representava uma nova tendência, porém ainda apoiada nas justificativas religiosas, como se observa no Absolutismo, nas quais os reis tinham o “direito divino de governar”. Se a religião ainda era necessária para justificar o poder, a Igreja já não precisava dar permissão para governar aos monarcas desse período, ou seja, a relação direta com Deus já era suficiente para ter o legítimo direito de governar.

A Renascença marca, portanto, o início dos tempos modernos: na arte, na idéia do papel do indivíduo na história e na natureza; na sociedade, na política, na religião, na guerra e na diplomacia. Fundamental a esse início é a nova visão da natureza humana, de que os indivíduos, em todos os seus esforços, não são tolhidos por um destino imposto de fora por Deus, mas são livres para traçar seu próprio destino, guiados somente pelo exemplo do passado, pela força das circunstâncias presentes e pelas tendências de sua vontade. Libertos da

teologia, os indivíduos eram vistos como produtos e também como formadores da história, seu futuro seria produto de seu próprio livre-arbítrio.

Esse processo de construção histórico-social em direção à modernidade, que também significava o processo de consolidação das estruturas capitalistas e fortalecimento da burguesia, foi significativamente acelerado pela Revolução científica do século XVII que, destruindo a cosmologia medieval, estabeleceu o método científico, a observação e experimentação rigorosa e sistemática, como meio essencial de desvendar os segredos da natureza.

A Revolução Científica tem seu ponto de partida na obra de Nicolau Copérnico, *Das revoluções das esferas celestes* (1543), em que se defende matematicamente um modelo de cosmo em que o sol é o centro, ou seja, sistema heliocêntrico. Essa teoria representa um dos fatores de ruptura mais marcantes no início da modernidade, pois se tornou o cerne de uma nova imagem do mundo. Com base nessa observação, Galileu Galilei (1564-1642) foi capaz de elaborar uma argumentação sólida em favor do modelo heliocêntrico do Universo, proposto por Copérnico. Criador da nova física e, de modo geral, do método experimental em suas aplicações práticas, afirmou a autonomia da ciência, precisou seu objeto e seu fim, fez a descrição completa do método da pesquisa científica, além de demonstrar com clareza e precisão a distinção entre filosofia, ciência e religião, fazendo ver que o objeto específico delas é essencialmente diferente: o da religião são as verdades religiosas; o da filosofia são verdades ontológicas, isto é, a essência das coisas; o da ciência são verdades naturais, isto é, as leis ou as relações que ligam os fenômenos entre eles.

A partir da mudança da imagem do mundo, da imagem de homem, assim, também vai mudando a imagem da ciência, caracterizada pela concepção racionalista, tendo o método hipotético-indutivo como ponto fundamental em

seu processo, rejeitando as proposições essencialistas da filosofia aristotélica em torno da *substância*, e dando ênfase à questão da *função do saber* (MONDIN, 2006, pp.66-67).

Apesar dessa mudança de percepções e concepções, ainda havia uma necessidade de explicar a ciência e sua relação com a visão cristã ocidental de mundo. Isso fica claro com as teorias de Kepler (1571-1630), matemático e astrônomo alemão, que sustentava que Deus dera aos seres humanos a capacidade de entender as leis da harmonia e da proporção, assim como Isaac Newton, que, profundamente comprometido com o cristianismo, conservou em sua cosmologia uma posição central para Deus como o arquiteto supremo, cuja sabedoria e engenho eram responsáveis pelo magnífico projeto da natureza. Ele também acreditava que Deus podia intervir na sua criação e que não havia conflito entre os milagres divinos e um universo mecânico (PERRY, 2002, p.290).

O grande feito da Revolução científica estendeu-se além da criação de um novo modelo de universo incluindo a formulação de um novo método de investigação da natureza e o reconhecimento de que a ciência podia servir à humanidade concebendo, assim, um novo tipo de saber, que valorizava os instrumentos científicos juntamente com o saber e técnica, teoria e prática.

Exemplos dessa postura científica são encontrados em vários estudiosos desse período, mas escolhemos dois pensadores que contribuíram para articular os efeitos da Revolução Científica e reforçam nosso propósito de demonstrar, mesmo que brevemente, a importância desse período para o contexto atual: Francis Bacon e René Descartes que insistiam na adoção de novos métodos de busca e avaliação da verdade.

Bacon (1561-1626), estadista e filósofo inglês, defendeu energicamente o avanço da ciência e o método advogado por ele como caminho para a verdade e o conhecimento útil era a abordagem indutiva, ou seja, a observação cuidadosa da natureza e a compilação sistemática dos dados, para extrair leis gerais com base no conhecimento de proposições particulares, e testar essas leis mediante a experimentação constante. O conhecimento, dizia ele, deve ajudar-nos a utilizar a natureza em benefício da humanidade. Afirmando que o conhecimento é poder, instigava o Estado a fundar instituições científicas e exaltava o progresso tecnológico e as artes mecânicas.

Com Descartes (1596-1650), a filosofia registra uma reviravolta decisiva. A partir de sua premissa de que havia uma única verdade certa e inabalável: a de que era ele quem produzia a dúvida e a reflexão, ele chegou à sua famosa intuição “Penso, logo existo” - que foi o ponto de partida do seu conhecimento. Descartes foi considerado o fundador da filosofia moderna por ter incentivado os indivíduos a questionarem e, se necessário, destronarem todas as crenças tradicionais e por ter proclamado a inviolável autonomia e importância da mente, sua habilidade e direito de compreender a verdade. Suas declarações sobre o poder da mente conscientizaram as pessoas de sua capacidade de entender o mundo mediante suas próprias faculdades mentais.

Para Descartes a matemática representa a chave para entender tanto as verdades da natureza quanto a ordem moral subjacente na existência humana, pois consiste em encontrar um princípio evidente por si mesmo, tal como um axioma geométrico, e dele deduzir outras verdades por meio do raciocínio lógico. O método dedutivo cartesiano, com sua ênfase matemática, complementa com perfeição a abordagem indutiva de Bacon, que ressalta a observação e a experimentação. As realizações científicas dos tempos modernos tiveram como base

essas concepções mecanicistas do mundo regido por leis universais, gerais e imutáveis. (PERRY, 2002, p.293).

A radical transformação produzida pela Revolução Científica na concepção de universo físico acabou por transformar também a compreensão do indivíduo, da sociedade e do propósito da vida. Os frutos desse processo verão seu triunfo no século XVIII que inaugurou uma era de luz, - o Iluminismo - confiança cega na razão, cujo poder é considerado ilimitado; a razão domina não só na teoria, mas também na prática da vida cotidiana.

As características fundamentais do Iluminismo são *a veneração pela ciência, o empirismo, racionalismo, antitradicionalismo e otimismo utopístico*. Os iluministas buscaram ampliar o conhecimento da natureza e aplicar o método científico ao universo humano, a fim de revelar as falhas da sociedade e realizar assim as reformas apropriadas. Os filósofos aspiravam rever a religião, o governo, o direito, a moral, a economia e as leis naturais, acreditavam que todas as coisas deveriam ser reavaliadas para verificar se estavam de acordo com a natureza, ou seja, se promoviam o bem-estar humano. Assim, modelos racionais norteiam as construções científicas dos principais pensadores desse período, com relação às questões sociais.

O ocidente moderno começa a ser desenhado. A deflagração da Revolução Francesa, em 1789, estimulou a imaginação dos europeus. Ela implementou o pensamento dos filósofos, destruiu a sociedade hierárquica do Antigo Regime, promoveu os interesses da burguesia e transformou o Estado dinástico no Estado moderno: nacional, liberal, secular e racional. Quando a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão afirmou que “a fonte de toda soberania reside essencialmente na nação”, o conceito de Estado assumiu um significado novo. De acordo com essa nova concepção, o Estado pertencia ao povo como um todo, e os indivíduos, antes

súditos, eram agora cidadãos com direitos e deveres, governados por leis que não estabeleciam distinções baseadas na ascendência, isto é, a Revolução Francesa enfraqueceu a aristocracia. Eliminados seus direitos e privilégios feudais, os nobres tornaram-se simplesmente cidadãos comuns.

O pensamento liberal do Iluminismo encontrou expressão prática nas reformas da revolução. O absolutismo e o direito divino da monarquia, repudiados pelos filósofos do século XVIII, foram rejeitados pelas constituições que impuseram limites aos poderes do governo e elegeram parlamentos que representavam os governados, assegurando a igualdade perante a lei e a proteção dos direitos humanos, traduzidos por julgamento pelo júri, liberdade de religião, liberdade de palavra e de imprensa. A Revolução Francesa também acelerou a secularização da vida política européia, aboliu as obrigações senhoriais dos camponeses, eliminou as barreiras à expansão de uma competitiva economia de mercado, criou o recrutamento e a mobilização de todos os recursos do Estado para o conflito armado, deu origem ao nacionalismo moderno. Essas conquistas e os ideais liberais brilharam por toda a Europa, mas o ritmo da reforma se intensificaria no século XIX, que terá que lidar com as contradições impostas pelo discurso burguês de liberdade e igualdade e a exploração da classe trabalhadora cada vez mais numerosa e excluída dos direitos proclamados pelo Iluminismo.

Enquanto a revolução pela liberdade e igualdade disseminava-se por toda a Europa, no final do século XVIII, emergia gradativamente a Revolução Industrial transformando a sociedade britânica e, expandindo-se no século XIX, pelos Estados Unidos, Japão e continente europeu. As mudanças ocorridas nos modos de produção e de organização de trabalho foram profundas. Novas formas de energia, o desenvolvimento comercial, a expansão econômica, o crescimento demográfico e o aumento da produtividade agrícola foram fatores para o advento da

era industrial. Finalmente, duas tradições culturais europeias, o individualismo e o alto apreço conferido à compreensão racional e ao controle da natureza, também desempenharam papéis fundamentais no sistema de organização econômica e social surgido da Revolução Industrial.

As mudanças tecnológicas começam a despontar como: a indústria do algodão, a máquina a vapor, novas formas de energia, a indústria do ferro, e o transporte, entre outras. Dessa forma, foram descobertas maneiras melhores de obtenção e utilização de matérias-primas, e implantou-se uma nova forma de organizar a produção e os trabalhadores – a fábrica. No século XIX, a tecnologia avançou, com um ímpeto sem precedentes na história humana, conseqüentemente a explosão resultante na produção e produtividade econômicas transformou a sociedade com uma velocidade surpreendente.

A segunda metade do século XIX foi marcada por grande progresso na ciência, pelo impulso da industrialização e pela contínua secularização da vida e do pensamento. As principais correntes intelectuais desse período refletiram essas tendências. O realismo, o positivismo, o darwinismo, o marxismo e o liberalismo, com seu enfoque no mundo empírico, foram reações contra as interpretações romântica, religiosa e metafísica da natureza e da sociedade. Essa ênfase na realidade objetiva contribuiu para estimular uma crítica crescente dos males sociais; pois apesar do progresso material sem precedentes, a realidade muitas vezes era sórdida, sombria e desumanizante, principalmente para a grande massa excluída das promessas dos ideais iluministas.

Porém, as rápidas transformações vividas ao longo do século XIX, bem como suas contradições e a ideologia do progresso como o resultado inexorável da humanidade, aqui entendido como o desenvolvimento do capitalismo e das classes que desse sistema se beneficiavam, acabou desembocando no início do século XX

no período denominado de *belle époque*, considerado magnífico e marcado pela doçura de viver. Certamente que esta não era a visão dos trabalhadores explorados no período, mas inegavelmente a época foi marcada por um estado de espírito caracterizado pelo otimismo, euforia e esperança. Os grandes centros irradiavam para as elites que comandavam a periferia o desejo de civilizarem-se, imitando o modelo principalmente da França e Inglaterra. Por isso, a “bela época” também foi tempo de integração. Diversas áreas do mundo compartilhavam o mesmo sentimento, a mesma euforia: o progresso; evidenciando conquistas materiais e tecnológicas, a ampliação do comércio mundial e conseqüentemente a chegada do capitalismo internacional por áreas impensadas.

Nesse sentido, observamos que o pensamento moderno passou por um longo processo de construção: do Renascimento à Revolução Científica, tendo sua justificativa e glória a partir dos ideais do Iluminismo, que instauram o império da razão para nortear as ações humanas em todas as esferas que envolvem as relações sociais. No entanto, na segunda metade do século XX, principalmente após a Segunda Guerra Mundial, algumas evidências de tendências inquietantes assumiram proporções de crise. O modelo mecânico do universo, que desde Newton dominara a perspectiva ocidental foi alterado. A visão iluminista da racionalidade foi questionada e a crença nos direitos naturais e nos padrões objetivos que governavam a moralidade tornou-se alvo de críticas. As normas estéticas que desde a Renascença haviam predominado nas artes, foram descartadas. O traço definidor desse novo momento seria, então, a eclipse de todas as narrativas grandiosas, ou seja, as bases que edificaram a modernidade não sustentam mais a vida nem a sociedade contemporânea, marcada por transformações, fragmentações e turbulências que caracterizaram o final do século XX, trazendo novas indagações e

questionamentos: modernidade tardia, modernidade líquida, hipermodernidade ou pós-modernidade. Que tempos são estes em que vivemos?

2.2. O caldeirão moderno ou pós-moderno

Na segunda metade do século XIX, os avanços tecnológicos e científicos se expandiram por toda a Europa, América e Ásia, trazendo uma série de demandas e, principalmente, concorrência do mercado econômico. Já no início do século XX, surge a produção em série, a automatização da mão de obra e a expansão dos meios de comunicação; posteriormente, a indústria química, a robótica e a engenharia genética, entre outros progressos no final do século XX. O resultado dessa somatória de acontecimentos foi uma explosão da sociedade de consumo de massas, cada vez mais crescente nos dias atuais. Assim, todos esses avanços – tecnológicos e científicos – tiveram grande contribuição no processo de mudança social nos tempos modernos¹¹ e estes se tornaram um pilar fundamental para a superação dos paradigmas instaurados até então.

¹¹ Cf. Nicola Abbagnano, *Dicionário de Filosofia*. Moderno (lat. Modernus; in. Modern; fr. Moderne; al. Modern; it. Moderno). Este adjetivo, que foi introduzido pelo latim pós-clássico e significa literalmente “atual” (de modo = agora), foi empregado pela Escolástica a partir do século XIII para indicar a nova lógica terminista, designada como via moderna em comparação com a via antiga da lógica aristotélica. Esse termo também designou o nominalismo, que está intimamente ligado à lógica terminista. Walter Burleigh diz: “Embora o universal não tenha existência fora da alma, como dizem os modernos, etc.” (*Expositio super artem veterem, Venetiis*, 1485, f. 59 r; Pranti., *Geschichte der Logik*, III, pp.255,299, etc.).

No sentido histórico em que essa palavra é hoje empregada habitualmente, em que se fala de “filosofia moderna” neste dicionário, indica o período da história ocidental que começa depois do Renascimento, a partir do século XVII. Do período moderno costuma-se distinguir freqüentemente o “contemporâneo”, que compreende os últimos decênios.

O cenário moderno erguido na Renascença levou a humanidade para o centro da realidade, instalando a importância do indivíduo. A perspectiva iluminista para quem a Razão é a luz que guia o trajeto humano supõe que o conhecimento não somente é exato e, portanto, racional como também objetivo, conduzindo à certeza de que o progresso é inevitável e que a ciência, associada ao poder da educação, contribuirá para nos libertar de nossa fragilidade ante a natureza, bem como de toda a escravidão social.

A modernidade traz consigo uma nova lógica social fundamentada na negação da tradição e voltada para o culto da mudança. Compreende-se o período moderno como um tempo histórico de busca da emancipação humana amparada no domínio científico da natureza. Segundo David Harvey (2005), o desenvolvimento de formas e modos racionais de organização social e de pensamento prometia a libertação da escassez, da necessidade e da incerteza que vinham com as calamidades naturais, bem como a libertação das irracionalidades do mito, da religião, da superstição. As artes contribuiriam para a compreensão do mundo e do indivíduo, e as ciências promoveriam o controle das forças da natureza.

Essas transformações, cada vez mais velozes e crescentes, fizeram com que as instituições em geral se modificassem, para se adaptar a essa nova linguagem social, pois os modelos pregados até então já não eram mais eficazes. Tudo se move. A história entra em movimento, em escala global, pondo em causa cartografias geopolíticas, blocos e alianças, polarizações ideológicas e interpretações científicas.

Como podemos ver brevemente, no transcorrer da modernidade, o indivíduo se apresentou como o criador de seu meio e das relações sociais evidenciando três temas: o progresso incessante, o rompimento com os movimentos de vanguarda e um processo de abolição progressiva da submissão ao peso das tradições e à

transcendência religiosa, constituindo-se novos valores. Assim, Marshall Berman, como muitos autores, tentou estabelecer o caráter global da modernidade, quando diz:

Existe um tipo de experiência vital – experiência de tempo e espaço, de si mesmo e dos outros, das possibilidades e perigos da vida – que é compartilhada por homens e mulheres em todo o mundo, hoje. Designarei esse conjunto de experiências como ‘modernidade’. Ser moderno é encontrar-se em um ambiente que promete aventura, poder, alegria, crescimento, autotransformação e transformação das coisas em redor – mas ao mesmo tempo ameaça destruir tudo o que temos, tudo o que sabemos, tudo o que somos. A experiência ambiental da modernidade anula todas as fronteiras geográficas e raciais, de classe e nacionalidade, de religião e ideologia: nesse sentido, pode-se dizer que a modernidade une a espécie humana. Porém, é uma unidade paradoxal, uma unidade de desumanidade: ela nos despeja a todos num turbilhão de permanente desintegração e mudança, de luta e contradição, de ambigüidade e angústia. Ser moderno é fazer parte de um universo no qual, como disse Marx, “tudo o que é sólido desmancha no ar” (BERMAN, 2007, p. 24).

Entretanto, na contemporaneidade, algumas correntes do pensamento filosófico sentem que esse projeto civilizatório entra em crise, isto é, as bases edificadoras da modernidade não sustentam mais a vida atual e a sociedade se vê obrigada a discutir uma transição ou ruptura entre o moderno e o pós-moderno.

O termo “pós-moderno” representa uma reação ou afastamento do “moderno”. O prefixo “pós” é ambíguo: pode significar um novo estado de coisas, no sentido do que vem depois; ou pode ser usado como o *post* de *post-mortem*, sugerindo fim, término. Mas, afinal que tempos são estes em que vivemos? Diante desse contexto, é inevitável uma reflexão sobre as formas de se pensar o homem e sua organização econômica, social, política e religiosa. Podemos nos referir negativamente à nossa era, como um período de desencanto em relação às promessas do passado; ou ver na pós-modernidade a emergência de um novo tipo de sistema social, como uma sociedade de tecnologia e informação.

Complexo e controverso, o termo pós-moderno é utilizado como sinônimo da sociedade contemporânea, sinalizando as mudanças significativas ocorridas no final do século XX e início do século XXI. Eagleton resume alguns dos atributos distintivos dos períodos moderno e pós-moderno de forma bastante eficaz quando diz:

A palavra pós-modernismo refere-se em geral a uma forma de cultura contemporânea, enquanto o termo pós-modernidade alude a um período histórico específico. Pós-modernidade é uma linha de pensamento que questiona as noções clássicas de verdade, razão, identidade e objetividade, a ideia de progresso ou emancipação universal, os sistemas únicos, as grandes narrativas ou os fundamentos definitivos de explicação. Contrariando essas normas do iluminismo, vê o mundo como contingente, gratuito, diverso, instável, imprevisível, um conjunto de culturas ou interpretações desunificadas gerando um certo grau de ceticismo em relação à objetividade da verdade, da história e das normas, em relação às idiossincrasias e à coerência de identidades” (EAGLETON, 1998, p. 7).

Essa maneira de ver a pós-modernidade, como sustentam alguns pensadores, baseia-se em circunstâncias concretas, Eagleton, ainda diz:

(...) ela emerge da mudança histórica ocorrida no Ocidente para uma nova forma de capitalismo – para o mundo efêmero e descentralizado da tecnologia, do consumismo e da indústria cultural, no qual as indústrias de serviços, finanças e informação triunfam sobre a produção tradicional, e a política clássica de classes cede terreno a uma série difusa de “políticas de identidade”. Pós-modernismo é um estilo de cultura que reflete um pouco essa mudança memorável por meio de uma arte superficial, descentrada, infundada, auto-reflexiva, divertida, caudatária, eclética e pluralista, que obscurece as fronteiras entre a cultura “elitista” e a “popular”, bem como entre a arte e a experiência cotidiana. O quão dominante ou disseminada se mostra essa cultura – se tem acolhimento geral ou constitui apenas um campo restrito da vida contemporânea – é objeto de controvérsia (EAGLETON, 1998, p. 7)

À discussão em torno da pós-modernidade, ao estilo de nossa época, faz-se repleta de contradições. Observamos que o tipo de modernidade que era o alvo, mas também o quadro cognitivo, da teoria clássica, numa análise retrospectiva, parece muito diferente daquele que enquadra a vida das gerações de hoje. Assim, Bauman usa outros adjetivos para qualificar os períodos moderno e pós-moderno, mas, em última análise, aponta basicamente as mesmas características desse estágio do capitalismo flexível: o poder extraterritorial, as comunicações eletrônicas, a instantaneidade, a instabilidade etc. Em um trecho do seu recente *Modernidade*

Líquida, ele resume essas características compactamente: “[A modernidade clássica] ela parece “pesada” (contra a “leve” modernidade contemporânea); melhor ainda, “sólida” (e não “fluida”, “líquida” ou “liquefeita”); condensada (contra difusa ou “capilar”); e, finalmente, “sistêmica” (por oposição a ‘em forma de rede’)” (BAUMAN, 2001, p.33).

Para outros pensadores, mesmo adentrando o novo milênio, seguimos modernos, como julga Habermas, para quem a pós-modernidade é um retrocesso, um ataque de forças neoconservadoras contra os ideais do Iluminismo. Alguns autores, porém, afirmam que a pós-modernidade é para o homem um período histórico especial, momento em que se abrem oportunidades de transformações sem precedentes, propiciando chances inéditas de grandes saltos evolutivos. Outros pensadores vão mais longe, chegam a ver esse período em que vivemos como um tempo em que tudo mudou, a história teve seu fim decretado e que agora nada mais pode ser totalizado em um conjunto coerente.

Como demonstra Fredric Jameson, marxista norte-americano proveniente da crítica literária nas universidades de Yale e Duke, o avanço da discussão sobre a pós-modernidade acabou por forjar muito daquilo que hoje entendemos como as características do momento vivido, de modo que não nos é possível saber se discutimos a própria pós-modernidade ou a teoria que criamos sobre ela.

Escreve Jameson:

De fato, uma das características mais marcantes do pós-moderno é o agora de natureza bastante diferente – previsões econômicas, estudos de marketing, críticas de cultura, novas terapias, jeremiadas (geralmente oficiais) contra drogas e a permissividade, críticas de mostras de arte ou de festivais de cinema nacional, cultos ou revivals religiosos -, se aglutinam todas para formar um novo gênero discursivo, a que podemos muito bem denominar de “teoria do pós-modernismo”, ou apenas exemplos dela (JAMESON, 1996, pp. 14).

Para o autor, a pós-modernidade inicia-se nos anos 60, entendida por ele como a lógica cultural do capitalismo tardio. As raízes da discussão encontram-se na

crise cultural que se faz sentir, principalmente, a partir do pós-guerra. O desencanto instalado na cultura é acompanhado da crise de conceitos fundamentais do pensamento moderno, ou seja, o autor articula categorias econômicas, políticas e estéticas na crítica da sociedade capitalista e de suas transformações no mundo contemporâneo, revelando relações entre a sociedade de consumo e o mundo da produção cultural.

Jamenson considera que pós-modernismo e "capitalismo da mídia" são sinônimos. A transformação de objetos de todo tipo em mercadorias (sejam estrelas de cinema, automóveis, sentimentos ou experiência política) enseja vidas dedicadas ao consumo e desejos suscitados e inculcados pelos meios de comunicação de massa. A sociedade da imagem simultaneamente à indispensável onipresença da mídia é o ambiente em que se processa uma nova expansão do capitalismo. Para Jameson, assim como a industrialização e a urbanização mudaram o ritmo e as feições da vida no século XIX, as linguagens midiáticas alteraram decisivamente os modos de vida atuais. A cultura baseada na imagem, dispondo de meios como a televisão, os computadores, a publicidade etc., suplantou a cultura literária anteriormente predominante. O que se vê é a "estetização da realidade" (expressão que Jameson toma emprestado de Walter Benjamin) em que a arte se mistura indissolúvelmente à compra e venda de produtos através da criação de narrativas que favorecem investimentos imaginários e libidinais dos consumidores em torno das mercadorias.

Enquanto o modernismo e suas vanguardas exprimiam a ambigüidade da exaltação da novidade permanente e do desconforto com relação ao mundo das mercadorias, o pós-modernismo revela uma nova dinâmica da sociedade:

O que "tardio" geralmente transmite é mais um sentido de que as coisas são diferentes, que passamos por uma transformação de vida que é de algum modo decisiva, ainda que incomparável com as mudanças mais antigas da modernização e da industrialização, menos perceptíveis e menos

dramáticas, porém mais permanentes, precisamente por serem mais abrangentes e difusas.

Isso significa que a expressão capitalismo tardio traz embutida também a outra metade, a cultural, de meu título; essa expressão é não só uma tradução quase literal da outra expressão, pós-modernismo, mas também seu índice temporal parece já chamar a atenção para mudanças nas esferas do cotidiano e da cultura. Dizer que meus dois termos, o cultural e o econômico, se fundem desse modo um no outro e significam a mesma coisa, eclipsando a distinção entre base e superestrutura, o que em si mesmo sempre pareceu a muitos ser uma característica significativa do pós-moderno, é o mesmo que sugerir que a base, no terceiro estágio do capitalismo, gera a sua superestrutura, através de um novo tipo de dinâmica (JAMESON, 1996, pp. 24, 25).

As transformações ocorridas no sistema, que se estendem à cultura e ao cotidiano, são mudanças no âmbito do próprio modo de produção. O imaginário, as pulsões da intimidade, as maneiras de ser e os sentimentos foram incorporados ao universo das mercadorias por meio de narrativas estéticas e da cultura. A utilização dos termos "fusão" e "eclipse" para tratar da relação entre a base e as superestruturas busca ressaltar que, mesmo que não tenham sido quebradas as relações sociais que constituíram o capitalismo e a modernidade, a cultura atual faz mover o capitalismo segundo padrões não observados anteriormente na história. A dilatação da esfera da mercadoria, na qual a mídia é imprescindível, evidencia uma "desdiferenciação" (o termo é de Jameson) entre a economia e a cultura que acompanha o pós-modernismo enquanto atmosfera cultural do capitalismo tardio. Ou ainda, segundo outra expressão utilizada por Jameson, uma "revolução cultural", ou seja, uma virada cultural no próprio modo de produção.

Interessante, controversa, polêmica e divergente é a pós-modernidade. Vivemos novos tempos ou ainda trilhamos o caminho da modernidade? Para o pensador francês Gilles Lipovetsky, a sociedade ocidental continua a ser sustentada pelos mesmos valores definidos pelos modernos, aquilo que ele chama de "elementos constitutivos da modernidade", válidos desde o século XVIII, que formam o tripé de sustentação de nossa cultura, isto é, o indivíduo, o mercado e a dinâmica tecnocientífica. O autor considera que atualmente vivemos a radicalização dessas

três lógicas, lançando o termo “hipermodernidade” para mencionar ou descrever os tempos ora experimentados. Entretanto, mesmo aqueles que defendem a idéia de que a modernidade ainda não foi superada admitem que algo mudou, incluindo prefixos e adjetivos cabíveis ao termo ou postulando um novo “ciclo” da mesma era moderna. O teórico literário Ihab Hassan defendeu em seus primeiros textos que o pós-moderno seria apenas a evolução do próprio modernismo. Desenhou conhecida tabela, que veremos adiante, enumerando absolutas oposições entre esses dois períodos. Outro teórico literário, Steven Connor, comenta a contradição em Hassan:

(...) um dos problemas mais evidentes para quem tentar extrair da obra de Hassan uma definição do que o pós-moderno poderia ser é a sua resoluta insistência em que “o espírito pós-moderno está enrodilhado no grande corpo do modernismo” [citando *The Dismemberment of Orpheus: Towards a Postmodern Literature*]. Isso nos faz ver o pós-modernismo como, em parte, uma espécie de vírus dionisíaco instalado no modernismo, tentando levá-lo aos extremos da insanidade e da autodissolução, e, em parte, como o secreto princípio interior do modernismo (CONNOR, 2000, pp. 93, 94).

O livro de Hassan, publicado pela primeira vez em 1971, ganha postfácio no ano de 1982, trazendo a conhecida tabela de oposições com a qual Hassan avança em sua análise e se permite “ver o pós-modernismo como oposto ao modernismo, e não como reformulação dele”. Vejamos, no exercício de Hassan, como a teoria da pós-modernidade começa a se fazer na desconstrução do que antes havia. Ele oferece um quadro representativo dessas formas de oposição, como podemos ver:

MODERNISMO	PÓS-MODERNISMO
Romantismo/Simbolismo	Parafísica/dadaísmo
Forma (conjuntiva, fechada)	Antiforma (disjuntiva, aberta)
Propósito	Jogo
Projeto	Acaso
Hierarquia	Anarquia
Domínio/Logos	Exaustão/Silêncio
Objeto de arte/Obra acabada	Processo/Performance/Happening
Distância	Participação
Criação/Totalização/Síntese	Descrição/Desconstrução/Antítese
Presença	Ausência
Centração	Dispersão
Gênero/Fronteira	Texto/Intertexto
Semântica	Retórica
Paradigma	Sintagma
Hipotaxe	Parataxe
Metáfora	Metonímia
Seleção	Combinação
Raiz/Profundidade	Rizoma/Superfície
Interpretação/leitura	Contra a interpretação/desleitura
Significado	Significante
Lisível (legível)	Scriptible (escrevível)
Narrativa/Grande histoire	Antinarrativa/Petite histoire
Código Mestre	Idioleto
Sintoma	Desejo
Tipo	Mutante
Genital/Fálico	Polimorfo/andrógino
Paranóia	Esquisofrenia
Origem/Causa	Diferença-diferença/vetígio
Deus Pai	Espírito Santo
Metafísica	Ironia
Determinação	Indeterminação
Transcedência	Imanência

Quadro1. Diferenças esquemáticas entre modernismo e pós-modernismo.
 Fonte: Hassan, 1985, p.p.123-124 (apud Connor, 2000, p.94).

Na tabela comparativa de Hassan, é importante lembrar, segundo Connor, que embora algumas das oposições desse quadro sejam literário-estilístico, muitos termos derivam de outros campos, da lingüística, da filosofia, da psicanálise e da teologia (CONNOR, 2000, p.95). Polarizando forma com antiforma, propósito com espontaneidade, hierarquia com anarquia, síntese com antítese, assim temos mais uma vez os prefixos de negação do lado direito da tabela. O que antes era centrado hoje se dispersou, o que inicialmente se determinava agora se indeterminou. Não há

mais a busca pela transcendência e o que primeiro projetava sua loucura paranóica na diferença em relação ao outro agora sucumbiu à fragmentação esquizofrênica do eu. Tudo se fragmentou em mil pedaços na pós-modernidade. Como vimos, mesmo aqueles que julgam a pós-modernidade como apêndice superestimado do modernismo admitem que os tempos de agora são surpreendentes e inovadores. Ainda que retrocesso neoconservador, ainda que mera intensificação de aspectos do período anterior podemos sentir que a pós-modernidade tem ares diversos daqueles que deram alento aos modernos. Mesmo que alguns dos pilares da modernidade sejam mantidos, sabemos que a experiência de vida neste novo milênio é bem diferente do que, acontecia na construção da modernidade.

A grande inovação na pós-modernidade está ancorada nesse sentimento de ruptura, na desconstrução, no descentramento, na negação da unidade que antes havia ou supúnhamos haver. A multiplicidade de idéias, julgamentos, pontos de vista, conceitos e modos de viver fazem com que hoje seja muito difícil estruturar modelos sólidos de interpretação da realidade. Certamente, o germe disso já estava na modernidade, mas agora nossa única certeza é a de que não temos mais certezas, somente fragmentos e multiplicidade. Por isso, qualquer tentativa radical de totalização da experiência pós-moderna será de saída uma temeridade. Pois tal é o sentimento da pós-modernidade: tudo é incerto, tudo é relativo, tudo é provisório. A pós-modernidade aponta para o esgotamento do modelo, que nos vem desde os gregos, da tentativa de apreensão da realidade por meio da razão. Ao mesmo tempo, anuncia o retorno à estaca zero da certeza socrática de que nada sabemos. Como se sabe, o esgotamento de um modelo primeiramente traz desconforto, mas a seguir abre a possibilidade de salto evolutivo. Sentimos as duas coisas, o desconforto da desconstrução dos modelos e a esperança de recomeço. Se a esperança procede ou se estamos apenas vivendo a esquizofrenia de uma era

contraditória, só o futuro dirá. De qualquer maneira, as chances de saltos heterodoxos crescem de maneira exponencial com o avanço da pós-modernidade, pois o avanço científico, a cada ano, faz com que o tempo pareça correr mais depressa. Os intervalos entre as mudanças no cenário ficam cada vez mais curtos.

Diante desse contexto, colocamos em discussão a questão da compressão espaço-tempo. As distâncias são encurtadas, tudo se dá cada vez mais rápido. Ao redor do mundo, há uma geração de jovens ultramodernos, gigaeletrônicos e superurbanos, que se empanturram de informações em quantidades e velocidade jamais imaginadas em nosso passado. A capacidade de remodelar e difundir informações e idéias de maneira descentralizada não pode mais ser contido. A aceleração dos processos globais faz nos sentir que o mundo é menor e as distâncias mais curtas, que os eventos em um determinado lugar têm um impacto imediato sobre pessoas e lugares situados a uma grande distância. David Harvey argumenta que:

À medida que o espaço parece encolher numa “aldeia global” de telecomunicações e numa “espaçonave terra” de interdependências ecológicas e econômicas – para usar apenas duas imagens conhecidas e corriqueiras –, e que os horizontes temporais se reduzem a um ponto em que só existe o presente (o mundo esquizofrênico), temos de aprender a lidar com um avassalador sentido de compressão dos nossos mundos espacial e temporal (HARVEY, 2005, pp. 219).

Os tempos de hoje, pós- virada de milênio, pós-popularização da internet, pós-11 de Setembro, já não são mais os mesmos de dez anos atrás. A sensação de aceleração do tempo juntamente com a iconoclastia pós-moderna acabam por criar outra faceta reconhecida da nossa era, a da perda da historicidade. A memória de curto alcance dos contemporâneos e a supervalorização da novidade provocam a sensação de que estamos vivendo um tempo absolutamente inédito na história humana, a impressão de que somos a geração que teve o privilégio de testemunhar o momento em que tudo se transformou física e moralmente. Alguns autores como,

por exemplo, Stuart Hall (2004), analisam a pós-modernidade como um fenômeno predominantemente ocidental e que, além das mudanças significativas, há também uma ideologia por trás do discurso sobre o tempo das grandes mudanças. Como diz Hall, a idéia de que vivemos uma espécie de fim dos tempos, a impressão de que “a história acaba conosco e não há lugar para irmos depois disso” é sinal claro da presença do componente ideológico. Visão semelhante é a de Anthony Giddens, que também acusa a presença de discurso onde outros apontam supostos fatos que comprovariam o fim da história na pós-modernidade. Giddens diz que podemos escrever a história de diversas maneiras, o que não podemos é ancorar o texto histórico em referência a um ponto arquimediano para justificar o discurso de que, por exemplo, a trajetória dos fatos obedece a uma direção evolucionária da humanidade, como defendem os marxistas, ou para validar o discurso de que agora chegou o tempo em que se findam os relatos históricos, como dizem alguns teóricos pós-modernos. É mais correto, portanto, falarmos em perda da historicidade do que profetizarmos o fim da história. O pragmatismo capitalista, a valorização muitas vezes exagerada da novidade são fatores que estariam por trás dessa perda da historicidade, fenômeno que Jameson classificou como o “sintoma singularmente privilegiado” da contemporaneidade. Para o pensador norte-americano, a teoria sobre a pós-modernidade é uma tentativa de recuperação histórica da geração que teria esquecido como pensar historicamente. Tentativa heróica, diga-se, dadas às circunstâncias nebulosas de nossa época, como diz Giddens:

Mas é difícil discutir “teoria do pós-modernismo” de modo geral sem recorrer à questão da surdez histórica, uma condição exasperante (desde que se tenha consciência dela), que determina uma série intermitente de tentativas espasmódicas, ainda que desesperadas, de recuperação. A teoria do pós-modernismo é uma dessas tentativas: o esforço de medir a temperatura de uma época sem os instrumentos e em uma situação em que nem mesmo estamos certos de que ainda exista algo com a coerência de uma “época”, ou *Zeitgeist*, ou “sistema”, ou “situação coerente”. A teoria do pós-modernismo é, então, dialética, pelo menos na medida em que tem a sagacidade de usar essa incerteza como sua primeira pista e agarrar-se a

esse fio de Ariadne em seu caminho através de algo que talvez não se revele, no fim das contas, um labirinto, mas um *gulag*, ou talvez um *shopping Center* (GIDDENS, 1991, pp. 14, 15).

Seguindo esse contexto, vamos adentrar nos meandros desse labirinto para entender o anúncio do fim dos grandes relatos que no passado organizavam nossa visão de mundo.

2.3. O fim das metanarrativas e a condição pós-moderna

Na modernidade desde o momento em que se invalidou o enquadramento metafísico da ciência moderna, vem ocorrendo não apenas a crise de conceitos ao pensamento moderno, tais como: razão, sujeito, totalidade, verdade e progresso, mas também ocorre a busca de novos enquadramentos teóricos como: aumento da potência, eficácia, otimização das performances do sistema, legitimadores da produção científico-tecnológica numa era que se quer pós-industrial (LYOTARD, 2004, p. VIII). O pós-moderno enquanto condição da cultura caracteriza-se exatamente pela incredulidade perante o metadiscurso filosófico-metafísico, com suas pretensões atemporais e universalizantes. Nesse cenário cibernético-informático e informacional, cada vez mais se expandem os estudos e as pesquisas sobre linguagem; incrementam-se os estudos sobre a inteligência artificial e os novos mecanismos de vida, predominando os esforços científicos, tecnológicos e políticos no sentido de informatizar a sociedade. É nesse contexto que a obra histórica de Lyotard nasceu da encomenda feita pelo conselho universitário de Québec, no Canadá, que solicitou ao filósofo francês a análise sobre o estado do saber nas sociedades contemporâneas desenvolvidas.

Em *A condição pós-moderna*, Lyotard nos diz que na pós-modernidade perdemos a baliza dos grandes relatos ordenadores do mundo. No seu entender, havia duas grandes metanarrativas que conduziam a produção científica da modernidade. A primeira nascera com a Revolução Francesa e tinha como meta a busca pela libertação da humanidade através do avanço do conhecimento. A segunda vinha do idealismo alemão, marcado pela fundação da Universidade de Berlim, no primeiro decênio do século XIX, que tinha na busca pela verdade o motor do progresso científico. A sociedade pós-moderna, porém, desscreditando em tais metanarrativas, teria perdido toda motivação ideológica ou espiritual para se manter no curso desse processo. Agora seu mecanismo propulsor passou a ser a performance, a funcionalidade, o pragmatismo capitalista. Nas narrativas do passado, tínhamos sempre valores a nos servir de arrimo. Mas a busca pelo “bom”, pelo “justo” e pelo “verdadeiro”, que desde a Grécia antiga nos entretinha e nos movia, agora morre ao se chocar com a questão básica do pragmatismo pós-moderno. Lyotard nos diz:

O grande relato perdeu sua credibilidade, seja qual for o modo de unificação que lhe é conferido: relato especulativo, relato da emancipação. Pode-se ver neste declínio dos relatos um efeito do desenvolvimento das técnicas e das tecnologias a partir da Segunda Guerra Mundial, que deslocou a ênfase sobre os meios de ação de preferência à ênfase sobre os seus fins; ou então o redobramento do capitalismo liberal avançado após seu recuo, sob a proteção do Keynesianismo durante os anos 1930-1960, renovação que eliminou a alternativa comunista e que valorizou a fruição individual dos bens e dos serviços.

(...) O impacto que, por um lado, a retomada e a prosperidade capitalista e, por outro lado, o avanço desconcertante das técnicas podem ter sobre o estatuto do saber é certamente compreensível (LYOTARD, 2004, p. 69).

A derrocada da alternativa comunista foi marcada pela queda do Muro de Berlim, duro golpe nessa organização simbólica do mundo, que já se apresentava fisicamente abalada, psicologicamente deprimida e sem forças morais. Entretanto, é importante salientar que as primeiras rupturas nos discursos do conhecimento moderno começaram a surgir muito antes, o que nos abre a possibilidade de pensar a pós-modernidade como a intensificação ou ápice do processo iniciado há muito

tempo. Stuart Hall (2004) argumenta que as rupturas nos discursos do conhecimento moderno causaram não apenas a desagregação do sujeito moderno, mas seu deslocamento. O autor esboça cinco grandes avanços na teoria social e nas ciências humanas ocorridos no pensamento, no período da modernidade tardia, ou seja, na segunda metade do século XX, ou que sobre ele tiveram seu principal impacto, e cujo maior efeito, foi o descentramento do sujeito pós-moderno.

O primeiro descentramento importante refere-se às tradições do pensamento marxista, que colocou as relações econômicas e não o homem no centro da dinâmica social. O segundo dos grandes descentramentos no pensamento ocidental do século XX vem da descoberta do inconsciente por Freud. A teoria de Freud de que nossas identidades, nossa sexualidade e a estrutura de nossos desejos são formadas com base em processos psíquicos e simbólicos do inconsciente, que funciona de acordo com uma “lógica” muito diferente daquela da razão, arrasa com o conceito do sujeito cognoscente e racional provido de uma identidade fixa e unificada – o “penso, logo existo”, do sujeito de Descartes. O terceiro descentramento está associado ao trabalho do lingüista estrutural, Ferdinand de Saussure, que vê a língua como sistema preexistente ao indivíduo. Falar uma língua não significa apenas expressar nossos pensamentos mais interiores e originais; significa também ativar a imensa gama de significados que já estão embutidos em nossa língua e em nossos sistemas culturais. O quarto descentramento principal da identidade e do sujeito ocorre no trabalho do filósofo e historiador francês Michel Foucault sobre a presença camuflada de um feroz poder disciplinar a reger nossas vidas e, por fim, o quinto descentramento é o impacto do feminismo, que lançou novo olhar sobre as instituições e os comportamentos humanos.

Os descentramentos sucessivos do sujeito foram minando as certezas, eliminando a pretensão de controle do mundo, invalidando antigos discursos,

destruindo modelos de organização de realidade instituídos há séculos; resultando nas identidades abertas, contraditórias, inacabadas, fragmentadas, do sujeito pós-moderno. Vivemos o sentimento de falência das instituições, assistimos ao esfacelamento das moradas ideológicas que nos abrigavam. O homem pós-moderno não tem mais o sólido arcabouço compartilhado de valores que orientava seus antepassados. Agora tudo está em risco e tudo é questionado. Entregue à própria sorte, a humanidade desconfia dos valores que um dia lhe foram sagrados. Narrativas de ressonância global não há mais que nos conduzam, vivemos o imediatismo pragmático do mercado e do consumo (HALL, 2004, pp. 34-46).

Antes tínhamos mitos, discursos, avistávamos as fronteiras de um mundo limitado pela natureza; agora nem natureza temos mais. Todas as feras foram domadas, todos os dragões foram mortos. Segundo Jameson, na modernidade, ainda havia “zonas residuais” de domínio da natureza, ou do “ser”, ainda sentíamos a presença do velho, do arcaico, do mitológico; a cultura ainda pode fazer alguma coisa com tal natureza e trabalhar para reformar esse “referente”. O pós-modernismo é o que se tem quando o processo de modernização está completo e a natureza se foi para sempre. É um mundo mais humano do que o anterior, mas é um mundo no qual a cultura, o universo simbólico, tornou-se uma verdadeira “segunda natureza”. Em sua análise marxista, Jameson sugere que a cultura não é mais o instrumento ideológico do capitalismo usado para promover a venda de mercadorias, mas a cultura teria se tornado a mercadoria primordial do capitalismo, já que o pós-modernismo é o consumo da própria produção de mercadorias como processo (JAMESON, 1996, pp. 13-14).

. A pós-modernidade teria, então, promovido a indistinção entre economia e produção cultural, entre natureza e cultura. Se o discurso tem seu fim em si mesmo e se serve apenas para manter a máquina em movimento, não temos mais razões

exteriores a nos guiar. Nosso mundo se mostra o caótico conjunto de vozes, de narrativas múltiplas sem a presença de um fator que nos possa indicar um norte. Não temos mais aquele que por tanto tempo colocou prumo e baliza em nosso mundo, pois Deus está morto desde que Zaratustra nos anunciou seu passamento. Nietzsche argumenta que a noção cristã de Deus estava morta, que não podia mais ser racionalmente aceita, ou seja, ele refere-se à decadência da metafísica no pensamento ocidental.

A contemporaneidade é a era da mudança de todas as coisas, da destruição de todos os ídolos, de inversão de todos os valores. Arcamos com o desconforto dessa orgia destruidora; por outro lado, abandonamos de vez a velha casca e nos abrimos para a possibilidade do vôo da renovação, soltando as seculares amarras simbólicas que nos detinham. Ao pensarmos na condição pós-moderna pelo viés otimista, perceberemos que a iconoclastia desvairada permitiu que puséssemos terminar de pôr abaixo séculos de aceitação cega de normas religiosas e culturais. Das regras da moral cristã que nos oprimiam desde a Idade Média à pretensão dos modernistas, tudo foi demolido pelas incertezas da contemporaneidade. Muito mais do que simples apêndice da modernidade, a era em que vivemos poderá ser entendida no futuro como momento-chave de evolução para nossa cultura, por ter sido o ponto culminante do processo de destruição das velhas certezas, ou seja, o ponto de abertura de novos caminhos.

De todo modo, o processo por enquanto não é fácil para o homem contemporâneo, que encara a realidade da vida em megalópoles que se movem aparentemente sem razão. O fim dos grandes relatos anunciados por Lyotard, a subjugação da natureza e a morte de Deus nos deram inédita liberdade individual, mas por outro lado trouxeram intranquilidade e incertezas. Podemos agora ir a qualquer lugar, mas não sabemos bem aonde ir nem qual o caminho certo a se

tomar afinal. Tornamo-nos uma multidão anônima, sem rosto, raízes ou futuro comum. Com o fim das certezas, ninguém mais nos dirige. Vemos que o palco foi tomado pela platéia e ninguém mais sabe como terminará o espetáculo.

Mas a pós-modernidade, sempre polêmica e contraditória, também vê possibilidades de integração nesse cenário multifacetado aparentemente irreversível. Como reação oposta e complementar ao estilhaçamento das grandes narrativas, presenciamos ousadas tentativas de unificação, talvez mais ambiciosas do que antes se mostravam. Na ciência, por exemplo, a chamada teoria do campo unificado, a meta perseguida por alguns cientistas contemporâneos para chegar ao princípio geral que explicaria forças gravitacionais, eletromagnéticas e nucleares, lei que unificaria todas as teorias da física. Na sociedade, os movimentos ecologistas ganham força e pregam o relacionamento simbiótico, ou seja, pregam o respeito entre a humanidade e as outras espécies do planeta. As máquinas fumegantes e desbravadoras do ideal modernista deram lugar ao fortalecimento do ideal de desenvolvimento sustentável, e a globalização, reforçada pela ampliação do uso da internet, enfraquece as fronteiras e as formas nacionais de identidade cultural, por outro lado começa a construir o esboço de uma consciência planetária.

O importante, em suma, é notar que a derrocada das metanarrativas que organizavam boa parte do mundo, permitiu que inúmeros outros discursos surgissem e se desenvolvessem. No entanto, observa-se que é possível encontrar-se de tudo na condição pós-moderna, mesmo o retorno de velhos avatares do modernismo, convivendo pacificamente com os arautos do fim do mundo. A pós-modernidade é aquele grande *shopping center* de relatos, discursos, ideologias e modos de viver que fervilham nas megalópoles do nosso planeta. Somos livres para narrar nesta era de incertezas. Podemos tudo enquanto nada é para sempre.

2.4. Realidade ou Simulacro

O aparecimento de novos caracteres formais na cultura, extensiva à emergência de uma nova ordem econômica e social, ou seja, aquilo que foi sendo chamado de sociedade pós-industrial, de capitalismo tardio, multinacional, sociedade das mídias ou do espetáculo, veio encontrar um ponto de referência relativamente consensual no rótulo de pós-modernidade. Atraídos pelas novas teorias da linguagem e significado francesas, expressas em particular no pós-estruturalismo de Foucault e Derrida, as humanidades e ciências sociais no ocidente estavam, nos anos 80, quase inteiramente sob o influxo das grandes mudanças no clima intelectual e político trazido pelo pós-modernismo. O relativismo histórico, o pluralismo e a multicasualidade dos processos culturais nos tecidos urbanos complexos converteram-se no foco de todas as atenções.

Entramos, sem dúvida, numa revolução da informação e da comunicação sem precedentes que vem sendo chamada de revolução digital. O aspecto mais espetacular da era digital está no poder dos dígitos para tratar toda informação, som, imagem, vídeo, texto, programas informáticos, com a mesma linguagem universal, uma espécie de esperanto das máquinas. A esse respeito, escreve Santaella:

Graças à digitalização e compressão de dados, todo e qualquer tipo de signo pode ser recebido, estocado, tratado e difundido, via computador. Aliada à telecomunicação, a informática permite que esses dados cruzem oceanos, continentes, hemisférios, conectando potencialmente qualquer ser humano no globo numa mesma rede gigantesca de transmissão e acesso que vem sendo chamada de ciberespaço. Catalisados pela multimídia e hipermídia, computadores e redes de comunicação passam assim por uma revolução acelerada no seio da qual a internet, rede mundial das redes interconectadas, explodiu de maneira espontânea, caótica, superabundante (SANTAELLA, 2003, p. 71).

O ser humano na contemporaneidade vive mergulhado em signos, pois, ao longo do tempo foi ampliando o nível de abstração simbólica com a qual lida com o mundo. Sua realidade nunca foi tão mediada como agora, nessa condição

pós-moderna. As novas gerações crescem em frente aos aparelhos televisivos, plugadas na internet e rapidamente incorporam as novas tecnologias existentes. O mundo nos chega hoje em milésimos de frações de segundos, sempre mediado por inúmeras janelas eletrônicas nas quais nos debruçamos, ora para obter informações ou conhecimento, ora para consumir algum produto ou ainda para nos comunicarmos com qualquer parte do mundo em tempo real. Para Jean Baudrillard, testemunhamos a época em que estamos tão afastados do real que não mais exigimos que os signos garantam qualquer contato com as coisas que representam, vivemos o tempo em que não se pede qualquer fundamentação do signo na realidade. Para ele, não existe mais uma realidade com a qual possamos lidar, pois estamos planando a quilômetros de distância acima do nível zero do real. Vivemos a era do “simulacro puro” (BAUDRILLARD,1991, p. 13), vivenciamos o que autor chama de hiper-realidade, a realidade criada por símbolos, signos, palavras e imagens, que para nós têm a missão de serem mais reais do que real. Para o teórico francês, esse processo incessante e complexo de simulação da realidade traz novamente a opacidade das concepções de valor, pois forças antes claramente antagônicas se confundem e se complementam no jogo das posições simbólicas. Se olharmos, por exemplo, para o campo da política, os conceitos de direita e esquerda atualmente não terão mais o significado que tinham no passado, poderão perfeitamente trocar de posição dependendo das circunstâncias na batalha de simulação política. Os atentados de 11 de Setembro, como outro exemplo, foram planejados de modo que houvesse intervalo entre o primeiro e o segundo impactos possibilitando que a televisão pudesse mostrar em tempo real o desfecho da tragédia. Até hoje, há gente a sugerir a hipótese de envolvimento ou no mínimo conivência do serviço secreto norte-americano. As cenas horripilantes do atentado cinematográfico podem servir a terroristas desejosos em atingir a imagem do império

norte-americano, mas podem também ser úteis ao governo dos EUA em seu desejo de demonizar o mundo árabe. Tudo é signo, tudo é imagem. Esta é a era do simulacro pós-moderno de Baudrillard.

Na contemporaneidade, as certezas da era moderna cederam o lugar para o exuberante e irrefreável jogo simbólico da pós-modernidade. Com o desenvolvimento da tecnologia e por meio da internet, as possibilidades desse jogo alcançaram novos patamares de sofisticação, uma vez que a rede de conexão mundial de computadores descentraliza a produção e a veiculação de conteúdos. Milhares de pessoas, em diferentes partes do mundo, consomem, reciclam e produzem discursos, opiniões, produtos, ficções, imagens e vídeos por trás de avatares cibernéticos com os quais navegam na internet. Navegamos por esse mar infinito de informações que são absorvidas e ressignificadas por cada um dos cérebros humanos hoje conectados em rede. Nesse contexto, Pierre Lévy nos diz:

As telecomunicações geram esse novo dilúvio [dilúvio informacional, em contraposição ao bíblico] por conta da natureza exponencial, explosiva e caótica de seu crescimento. A quantidade bruta de dados disponíveis se multiplica e se acelera. A densidade dos links entre as informações aumenta vertiginosamente nos bancos de dados, nos hipertextos e nas redes. Os contatos transversais entre os indivíduos proliferam de forma anárquica. É o transbordamento caótico das informações, a inundação de dados, as águas tumultuosas e os turbilhões da comunicação, a cacofonia e o psitacismo ensurdecido das mídias, a guerra das imagens, as propagandas e as contra-propagandas, a confusão dos espíritos. [...] O segundo dilúvio não terá fim. Não há nenhum fundo sólido sob o oceano das informações. Devemos aceitá-lo como nossa nova condição. Temos de ensinar nossos filhos a nadar, a flutuar, talvez a navegar (LÉVY, 2000, pp. 13-15).

O autor acredita que a comunicação virtual é um elemento de um processo que abrange toda a vida social, ou seja, um movimento geral de virtualização que afeta hoje não apenas a informação e a comunicação, mas também, os corpos sociais, o funcionamento econômico, os quadros coletivos da sensibilidade ou o exercício da inteligência. A virtualização atinge mesmo as modalidades do estar junto, a constituição do “nós”: comunidades virtuais, empresas virtuais, democracia

virtual. Embora a digitalização das mensagens e a extensão do ciberespaço desempenhem um papel capital na mutação em curso, trata-se de uma onda de fundo que ultrapassa amplamente a informatização (LÉVY, 1996, p.11).

Lévy interpreta o virtual como o exercício da criatividade e a garantia da permanência dos processos comunicacionais, ou seja, a criação de novos sentidos: a virtualização seria uma característica da própria comunicação da linguagem, presente no processo de desenvolvimento da produção humana e na contemporaneidade. Ela significa uma mutação desse processo de criação de sentidos, pois acompanha a expansão da capacidade humana, modificando-se qualitativamente com o desenvolvimento da interatividade. A sociedade virtual é um processo articulador de toda a vida social, marcada cada vez mais pela ruptura dos limites espaço-temporais.

Com outra visão, Baudrillard interpreta a expansão da comunicação virtual como um elemento da implosão do social:

“(…) A extensão incondicional do virtual (que não inclui somente as novas imagens ou a simulação a distância, mas todo o cyberspaço da geofinança (Ignacio Ramonet) e o da multimídia e das auto-estradas da informação) determina a desertificação sem precedentes do espaço real e de tudo o que nos cerca. Isso valerá para as auto-estradas da informação e também para as de circulação. Anulação da paisagem, desertificação do território, abolição das distinções reais. O que até agora se limita ao físico e ao geográfico, no caso de nossas auto-estradas, tomará toda a sua dimensão no campo eletrônico com a abolição das distâncias mentais e a compressão absoluta do tempo. (...) Podemos nos perguntar de resto se já não ultrapassamos esse limiar (do fenômeno da massa crítica) e se a catástrofe da informação já não ocorreu, na medida em que a profusão multimidiática de dados se autoanula e que o balanço em termos de substância objetiva da informação já é negativo. Há um precedente com o social : o patamar da massa social crítica já está amplamente ultrapassado com a expansão populacional, das redes de controle, de socialização, de comunicação, de interatividade, com a extrapolação do social-total – provocando desde agora a implosão da esfera real do social e de seu conceito. Quando tudo é social, súbito nada mais o é” (BAUDRILLARD, 2002, pp.17-19).

Na concepção baudrillardiana a comunicação virtual estabelece um confronto entre o virtual e o real, ou seja, a expansão do virtual acontece por meio da desertificação do real. A comunicação virtual estabelece uma ruptura, uma implosão

no próprio processo comunicacional, potencializando a criação de uma realidade artificial, que devido à sofisticação tecnológica parece ser mais real, simulacional, hiper-real, isto é, mais “real do que a própria realidade”. Visando à absorção do conteúdo das mensagens, a mídia transformou a comunicação em espetáculo. A massa absorveu o espetáculo, ou seja, a dimensão formal das mensagens, mas deixou de lado o conteúdo que se pretendia transmitir. Para o autor, a transformação da comunicação em espetáculo significa que somos incapazes de viver experiências reais, tudo é vivenciado antecipadamente de forma virtual. Segundo Baudrillard, a precedência das imagens frente à realidade inviabiliza a circulação social do sentido, pondo um fim à comunicação e à modernidade.

A analogia do ciberespaço com um oceano de fundo e horizontes inalcançáveis nos parece impossível de evitar. Desde o início, utilizar a rede era navegar. Cada explorador da rede, em sua embarcação individual, bóia minúsculo sobre o estupendo mundo informacional, formando esse fino enredamento dos humanos de todos os horizontes em um único e imenso tecido aberto e interativo. Os contatos transversais e caóticos que hoje unem os indivíduos geograficamente distantes, ciberneticamente contíguos, realizam de uma vez por todas a vocação pós-moderna, ou seja, não há mais mensagens universais totalizantes, que possam apresentar em discurso sólido postulados sobre uma única realidade, pois temos a co-presença de infinitas mensagens. Os grandes relatos deram lugar à multiplicidade de discursos, construindo uma malha simbólica, cultivada, consumida, ampliada e modificada simultaneamente por cada um dos exploradores ciberespaciais.

A disponibilidade de centenas de canais a cabo, celulares que distribuem conteúdos sob demanda e em tempo real, videogames que simulam a realidade fantástica dos filmes hollywoodianos, a infinidade de sites disponíveis para visitas,

as redes de relacionamento nas quais conversamos por meio de teclado e câmeras digitais, ou seja, estamos imersos nas cavernas da realidade virtual, onde grande parte de nossas experiências de vida acontecem dentro do jogo de simulações e nossa história pode ser lida como uma das correntes turbilhonantes do novo dilúvio. Vivemos dentro do nosso próprio filme, o videogame de nós mesmos, somos narrados em hipertextos acessáveis por links da biblioteca de Babel. O que considerar realmente real na pós-modernidade? Nos passos de Baudrillard, Zizek nos diz:

Hoje encontramos no mercado uma série de produtos desprovidos de suas propriedades malignas: café sem cafeína, creme de leite sem gordura, cerveja sem álcool... E a lista não tem fim: o que dizer do sexo virtual, o sexo sem sexo; da doutrina de Colin Powell da guerra sem baixas (do nosso lado, é claro), uma guerra sem guerra; da redefinição contemporânea da política sem política; ou mesmo do multiculturalismo tolerante de nossos dias, a experiência do Outro sem sua Alteridade (o Outro idealizado que tem danças fascinantes e uma abordagem holística ecologicamente sadia da realidade, enquanto práticas como o espancamento de mulheres ficam ocultas...)? A Realidade Virtual simplesmente generaliza esse processo de oferecer um produto esvaziado de sua substância: oferece a própria realidade esvaziada de sua substância, do núcleo duro e resistente do real – assim como o café descafeinado tem o aroma e o gosto do café de verdade sem ser o café de verdade, a Realidade Virtual é sentida como a realidade sem o ser. Mas o que acontece no final desse processo de virtualização é que começamos a sentir a própria “realidade real” como uma entidade virtual. Para a grande maioria do público, as explosões do WTC aconteceram na tela dos televisores, e a imagem exaustivamente repetida das pessoas correndo aterrorizadas em direção às câmeras seguidas pela nuvem de poeira da torre derrubada foi enquadrada de forma a lembrar as tomadas espetaculares dos filmes de catástrofe, um efeito especial que superou todos os outros (...) (ZIZEK, 2003, pp.24-25).

Para o homem contemporâneo, mais do que nunca, é difícil pensar na existência do real. A virtualização da realidade intensificou a carência de balizas sólidas experimentada pela pós-modernidade, ou seja, acabou com as metanarrativas modernas que totalizavam nosso mundo, ampliando a solidão do sujeito pós-moderno, descrente da possibilidade de encontrar um porto seguro, navegando ao sabor das correntes que encontra. No emaranhado de informações disponibilizadas por diversos canais, o sujeito pós-moderno em seu videogame

particular, desempenha o papel que imagina ser o correto no *reality show* da vida, sempre com pressa, mesmo sem saber ao certo aonde vai, tentando esboçar as características próprias do espírito de época que ora vivemos.

2.5. O sujeito pós-moderno

Um dos temas em voga entre aqueles que estão refletindo sobre questões emergentes relativas à pós-modernidade é a noção do sujeito pós-moderno. Tornou-se assunto de intensa discussão a partir do momento em que os metarrelatos, nos quais se inspiravam a civilização ocidental, desde a sua origem, e dos quais constantemente se alimentavam em seu admirável desenvolvimento, começaram a se ofuscar e a desaparecer do horizonte da cultura e da vida social contemporânea.

Nas sociedades tradicionais, a identidade era fixa, sólida e estável. Era função de papéis predeterminados e de um sistema tradicional de mitos, fonte de orientação e sanções religiosas capazes de definir o lugar de cada um no mundo ao mesmo tempo e de circunscrever rigorosamente os campos de pensamento e comportamento. A identidade não era uma questão problemática e nem sujeita à reflexão ou discussão. Os indivíduos não passavam por crises de identidade, e esta nunca era modificada. Porém, na modernidade, a identidade torna-se mais móvel, múltipla, pessoal reflexiva e sujeita a mudanças e inovações. Apesar disso, também é social e caracteriza-se pelo reconhecimento mútuo. No entanto, as formas de identidade na modernidade ainda têm origem num conjunto circunscrito de papéis e normas sociais, substanciais e fixas, embora os limites para novas identidades estejam em contínua expansão, ou seja, criar e recriar nova identidade à medida que as possibilidades de vida mudam (KELLNER, 2001, p. 295).

Nesse contexto, ocorre o aumento da ingerência do outro, pois, há uma estrutura de interação com papéis, normas, costumes e expectativas socialmente definidos e disponíveis; precisamos escolhê-los e reproduzi-los para obtermos identidade num processo complexo de reconhecimento mútuo, ou seja, dependemos do reconhecimento do outro para o estabelecimento de nossa identidade pessoal. Por outro lado, a identidade transforma-se em problema pessoal e teórico; perpassa questões da intimidade do indivíduo, do existencialismo, processo de inovação, renovação e novidade. Segundo Berman, modernidade significa a destruição de formas passadas de vida, valor e identidade, com a produção constante de formas novas (BERMAN, 2007, pp. 21-22).

A individualidade também exerce um papel de supremacia na construção do sujeito moderno, principalmente após a Segunda Guerra Mundial, em que a sociedade de consumo e o predomínio da mídia favorecem a construção de uma identidade cada vez mais vinculada ao modo de ser, à produção de uma imagem, à aparência pessoal, ou seja, a criação da individualidade passa por grande mediação. Assim, na modernidade, o problema da identidade consiste no modo como nos constituímos, percebemo-nos, interpretamo-nos e nos apresentamos a nós mesmos e aos outros. Como notamos, para alguns teóricos, a identidade é uma descoberta e a afirmação de uma essência inata que determina o que somos, enquanto para outros a identidade é um constructo e uma criação a partir dos papéis e dos materiais sociais disponíveis.

Na contemporaneidade, o pensamento pós-moderno tem rejeitado a noção essencialista e racionalista de identidade, portanto, como compreender o sujeito pós-moderno, de identidade fragmentada inserido na virtualidade, onde tem a possibilidade de assumir múltiplas identidades, escondendo-se sob máscaras, expondo-se globalmente, construindo assim, sua própria realidade?

Pós-modernidade, globalização, sociedade do espetáculo, sociedade da informação e do consumo, desterritorialização, sociedade em rede, tecnologias digitais - muito já foi debatido sobre o século XX ter sido marcado por profundas mudanças sociais que permeiam todas as áreas, do social às ciências, da filosofia à literatura, das artes ao folclore, da linguagem à comunicação, das teologias às ciências das religiões, que estruturam o mundo contemporâneo. E em meio a tantas transformações, também o sujeito social foi sendo alterado, moldado pelos acontecimentos. O rosto do homem contemporâneo já não é o mesmo de 50 anos atrás (QUEIROZ, 1996). O sujeito pós-moderno precisou rever sua identidade, rever conceitos, rever acima de tudo sua posição e adaptar-se ao novo momento histórico, pois as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e provocando fragmentação desse indivíduo, que até agora era visto como um sujeito unificado e estável.

Pela perspectiva pós-moderna, à medida que o ritmo, as dimensões e a complexidade das sociedades contemporâneas aumentam, a identidade subjetiva vai se tornando cada vez mais frágil e instável, em um fluxo de euforia intensa, fragmentada e desconexa no qual o sujeito se desintegrou (KELLNER, 2001, p. 298). Tendo perdido sua razão de ser essencialista, substancial, unitária, fixa e imutável, a identidade passou para o extremo oposto, ficando atada à aparência pessoal sempre renovável, à produção de imagens do eu mediadas por modelos efêmeros de estilos provenientes da cultura de consumo. Nesse contexto, Hall avalia que não podemos mais falar em identidade, mas sim em “identificações” momentâneas e seriadas, rostos montados e remontados ao longo dos infinitos corredores do supermercado de referências culturais:

Esse processo produz o sujeito pós-moderno, conceitualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade torna-se uma “celebração móvel”: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. [...] O sujeito assume identidades

diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. [...] na medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente (HALL, 2004, pp.12-13).

Nesse sentido, Hall destaca que, na pós-modernidade, a identidade torna-se fragmentada, contraditória, multiplicada, ou seja, a realidade do sujeito social pós-moderno é uma pluralidade de significados construídos para um único eu, pois é assim que ele se adapta à vida cotidiana e se vê inserido no mundo contemporâneo, globalizado em simultaneidade com o novo conceito de espaço-tempo e sua relação com a nova sociedade virtual.

No fim dos anos 60 do século XX, as tecnologias digitais invadiram nosso cotidiano. A Internet aparece como ícone dessas tecnologias, segundo Santaella, a rede das redes, capaz de trocar informações e atravessar oceanos e continentes, ligando instituições em todo o mundo. Por meio dessas redes, amplia-se a cada dia, um espaço mundial no qual todo elemento de informação encontra-se em contato virtual com todos e com cada um (SANTAELLA, 2003, p.85). Não é apenas mais uma tecnologia, mas é responsável por um processo de profundas mudanças sociais, econômicas, políticas e culturais dessa sociedade em expansão.

Com o advento da Internet, o sujeito social exerce atividades inerentes ao ser humano, ou seja, comunicar-se e relacionar-se com outros indivíduos. A rede representa um ideal de democratização diminuindo, utopicamente, hierarquias e possibilitando um sentimento de liberdade, por meio do anonimato, em diversos níveis, seja emocional, relacional, cultural ou mesmo profissional. As novas tecnologias vêm ao encontro do profundo movimento de individualização de nossa sociedade e oferecem autonomia, domínio e velocidade, fazendo com que as

relações sociais inseridas no ciberespaço, sofram uma significativa transformação, possibilitando ao sujeito pós-moderno construir suas novas e múltiplas identidades.

Quando se reflete sobre a construção da identidade virtual do homem pós-moderno, entende-se que o mundo contemporâneo em que ele se insere não deixa de ser uma realidade própria, construída individual ou mesmo coletivamente, podendo ou não se relacionar com a realidade física do sujeito.

Quanto à visão sobre o domínio do virtual Baudrillard nos diz:

Hoje, não pensamos o virtual; somos pensados pelo virtual. Essa transparência inapreensível, que nos separa definitivamente do real, nos é tão ininteligível quanto pode ser para a mosca o vidro contra o qual se bate sem compreender o que a separa do mundo exterior. Ela não pode nem sequer imaginar o que põe fim ao seu espaço. Assim não podemos nem imaginar o quanto o virtual já transformou, como que por antecipação, todas as representações que temos do mundo. Não podemos imaginá-lo, pois o virtual caracteriza-se por não somente eliminar a realidade, mas também a imaginação do real, do político, do social – não somente a realidade de tempo, mas a imaginação do passado e do futuro (a isso chamamos, em função de uma espécie de humor negro, de “tempo real”). Estamos, assim, muito longe de ter compreendido a ocorrência do fim do desenrolar da história com a entrada em cena da informação, do fim do pensamento com a entrada em cena da inteligência artificial, etc. A ilusão que temos ainda de todas essas categorias tradicionais – inclusive a ilusão de nos “abrimos ao virtual” como a uma extensão real de todos os possíveis – é a ilusão da mosca que recua incansavelmente para melhor chocar-se de novo contra o vidro. Porque cremos ainda na realidade virtual, enquanto este já virtualmente eliminou todas as pistas do pensamento (BAUDRILLARD, 2002, P. 57).

Enquanto Baudrillard afirma que o virtual elimina a realidade e todas as representações que temos de mundo, outros autores contrapõem, como demonstra o pensamento de Levy, que o principal significado do espaço virtual é a interconexão geral de tudo em tempo real, na qual as formas culturais e linguísticas estão vivas. Para o autor, o virtual trata-se de um modo de ser fecundo e poderoso, que põe em jogo processos de criação, abre futuros, perfura poços de sentido sob a platitude da presença física imediata, com um desprendimento do aqui e agora. A sincronização substitui a unidade de lugar, e a interconexão, a unidade de tempo.

Desse modo, o ambiente virtual nos proporciona a liberdade de estar presentes, não física, mas virtualmente, em lugares distintos e distantes. Entretanto,

na sociedade pós-moderna da informação e da mídia, argumenta-se que somos, no máximo, um “termo no terminal” ou um efeito cibernetizado de “fantásticos sistemas de controle” Baudrillard destaca que:

Internet apenas simula um espaço de liberdade e de descoberta. Não oferece, em verdade, mais do que um espaço fragmentado, mas convencional, onde o operador interage com elementos conhecidos, *sites* estabelecidos, códigos instituídos. Nada existe para além desses parâmetros de busca. Toda pergunta encontra-se atrelada a uma resposta preestabelecida. Encarnamos, ao mesmo tempo, a interrogação automática e a resposta automática da máquina. Codificadores e decodificadores – nosso próprio terminal, nosso próprio correspondente. Eis a ênfase da comunicação. Não mais outro em face, e nada mais de destino final. O sistema gira desse modo, sem fim e sem finalidade. Resta-lhe a reprodução e a involução ao infinito (BAUDRILLARD, 2002, P. 132).

Nesse contexto, a realidade virtual atesta a força das novas mídias na constituição de uma cultura da simulação. As camadas de mediações tornaram-se tão múltiplas e intensas que tudo o que é mediado não pode fingir não estar afetado. A cultura é crescentemente simulacional no sentido de que a mídia sempre transforma aquilo de que ela trata, embaralhando identidades e referencialidades. O efeito das novas mídias, tais como internet e realidade virtual, entre outras, é potencializar as comunicações descentralizadas e multiplicar os tipos de realidade que encontramos na sociedade. Toda a variedade de práticas inclusas na comunicação via redes, ou seja, correio eletrônico, serviços de mensagens, videoconferência, etc. constitui um sujeito múltiplo, instável, mutável, difuso e fragmentado; uma constituição inacabada, sempre em projeto, sempre em construção.

Porém, enquanto para alguns autores parecem exageradas as afirmações pós-modernas referentes à completa dissolução do sujeito na cultura contemporânea, Baudrillard afirma que a nova sociedade pós-moderna é organizada em torno da simulação, cuja ruptura radical com as sociedades modernas tem como demiurgos os modelos, os códigos, a comunicação, a informação e a mídia. Nesse delirante circo contemporâneo, as subjetividades estão fragmentadas e perdidas,

enquanto surge um novo domínio da experiência, tornando obsoletas e irrelevantes as teorias sociais e políticas anteriores. Para Baudrillard, o mundo implodiu dramaticamente. Nele, as classes, os sexos, as diferenças políticas e os reinos outrora autônomos da sociedade e da cultura implodem uns sobre os outros, apagando as fronteiras e as diferenças num caleidoscópio pós-moderno, ou seja, a hiper-realidade, nesse universo os modelos e códigos determinam pensamentos e comportamento, onde o entretenimento, a informação e a comunicação midiática fornecem uma experiência mais intensa e envolvente do que as cenas banais da vida cotidiana. A sociedade contemporânea não é composta por sujeitos sociais diferenciados, mas pela massa homogênea e indiferenciada, incapaz de distinguir o real do imaginário.

Quanto mais a sociedade se torna mediada pelo mercado global de estilos, lugares, imagens da mídia, pelos grandes espetáculos dos sistemas de comunicação globalmente interligados, mais as identidades se tornam desvinculadas, desalojadas de tempos, lugares, histórias e tradições específicos e parecem flutuar livremente. Confrontamo-nos com uma gama de diferentes identidades, cada qual fazendo apelos a diferentes partes de nós, dentre as quais parece possível fazer uma escolha. Certamente a difusão do consumismo, seja como realidade ou como simulacro, é que contribuiu para esse supermercado cultural.

2.6 O sagrado e a religiosidade na pós-modernidade

Na contemporaneidade, vimos que, para alguns, a pós-modernidade representa o momento histórico preciso em que todas as barreiras institucionais que se opunham à emancipação individual caem por terra, cedendo o lugar a manifestações dos desejos subjetivos, à crescente individualização, à acelerada expansão do consumo e da comunicação de massa, à mídia, ao enfraquecimento das normas autoritárias e disciplinares, à crescente individualização, ou seja, um sentimento de ultrapassagem de fronteiras, em que tudo caminha numa velocidade cada vez maior, porque os limites da tradição se perderam. A sociedade da disciplina e do rigor foi suplantada por outra completamente reestruturada pelas técnicas de uma cultura hedonista que incita à satisfação imediata das necessidades, estimula a urgência dos prazeres e da sedução permanente.

Segundo alguns teóricos, o niilismo constitui um dos aspectos mais salientes da pós-modernidade, em outras palavras, é chegado o fim dos valores, dos ideais e das instituições acalentados pelo Ocidente, tais como a família, a revolução, o Estado, a produção, a consciência, o sujeito, a ciência, as verdades, a santidade, a razão, o Ser e Deus. Para esses autores, certos valores tradicionais tais como pátria, democracia, história, família, religião, trabalho, ainda persistem na linguagem oficial e popular, mas não passam de simulacros. Lê-se com muita frequência, que o homem pós-moderno não é religioso, foge do social, abandona o futuro e as utopias, torna-se apático frente à política e deserta da religião. Para alguns, o pós-moderno é o túmulo da fé e para outros é instaurada uma fé sem Deus. A crença se transforma em uma busca psicológica, que não desemboca em nenhum Ser transcendente (QUEIROZ 1996, p.14). Em relação ao destino do sagrado Baudrillard nos diz:

Os grandes simulacros construídos pelo homem passam de um universo de leis naturais a um universo de forças e de tensões de forças e, hoje, a um

universo de estruturas e de oposições binárias. Depois da metafísica do ser e das aparências, depois da metafísica da energia e da determinação, a do indeterminismo e do código. Controle cibernético, geração pelos modelos, modulação diferencial, retroalimentação, perguntas/respostas etc.: eis a nova configuração operacional (os simulacros industriais são apenas operatórios). A digitalidade é seu princípio metafísico e o DNA seu profeta (BAUDRILLARD, 1996, p. 75).

Baudrillard aponta que na era dos simulacros surge um novo princípio metafísico que é a digitalidade e um novo profeta - o DNA. A substituição das realidades metafísicas, Deus, alma, liberdade, espírito, a coisa em si, enfim, o “noumeno”, para relembrar a linguagem Kantiana, pelo código digital, que é o segredo da era da informação, e a afirmação do código genético como o profeta da nova era dos simulacros significa que o sagrado se diluiu e desapareceu na hiperrealidade. Se Deus tivesse tido alguma realidade, agora para Baudrillard, Ele segue a mesma sorte do real: torna-se puro simulacro, uma imagem produzida e consumida. O espírito, tanto quanto os sentimentos e valores espirituais, entram no domínio do valor de troca, no qual tudo é mercadoria. Se “a informação devora seus conteúdos, devora a comunicação e o social” (BAUDRILLARD, 1995, p.69), pode-se concluir, dessa premissa de Baudrillard, que acontece também uma “teofagia” no campo da comunicação. Deus é engolido e se transforma em notícia, veste a roupagem sagrada da mídia e do marketing religioso. O sentido do sagrado se esvai e a religião transforma-se em um espetáculo nos braços da mídia.

Nesse contexto globalizado, neoliberal e pós-moderno, a religiosidade se dá no âmbito particular do indivíduo, com características fortemente emocionais, que nasce da busca de respostas individuais, diante de um universo fragmentado no plano social, mas que é alimentado pelas manifestações religiosas de massa, ou seja, as velhas Igrejas migram do seu lugar convencional para os espaços onde a cultura midiática serve como referencial para o aparelhamento e estruturação de novas estratégias e táticas religiosas das Igrejas, em busca desse sujeito religioso

plural e ávido por experimentações. No discurso midiático, além dos bens simbólicos que toda religião oferece, ocorre também a oferta do pronto atendimento das carências mais latentes do homem, ancoradas pelo inegociável desejo de auto-realização e consumo desenfreado que são peculiares aos anseios dos espectadores contemporâneos. Certamente, o campo religioso hoje apropria da cultura e dos processos midiáticos não só para atualizar a existência dos “velhos templos” e das “novas crenças”, mas também para construir sua presença em novos processos de disputas de sentidos. Tal apropriação visa à reconfiguração do mercado religioso; a prática de capturas dos fiéis e, especificamente, à apresentação da religião não como um fenômeno abstrato, e ou doutrinário, mas como um serviço de atendimento às demandas físicas e mentais segundo o regime do “aqui e agora”.

No entanto, um dos maiores desafios na contemporaneidade é mapear e interpretar a imensa constelação do sagrado, traduzidas numa série de recortes no universo dos símbolos e das práticas, que explodem em todos os cantos da terra, marcando a crise da racionalidade moderna. Os shows pirotécnicos, peregrinação turística, cultos televisivos, programas religiosos de rádio, tarô, astrologia, numerologia, Hare Krishna, jogo de búzios, Santo Daime, New Age, ocultismo, teosofismo, no cinema, filmes espíritas, anjos e demônios, seres sobrenaturais, extraterrestres, feiras místicas, cultos de reposição de energia; crença no poder dos cristais e de tantas outras formas de espiritualidades ou de manipulação de forças e energias, ultrapassando os limites da tradição as diversas expressões religiosas, cada vez mais centradas no sujeito, atendendo milhares de clientes, comercializando de maneira rápida e com grande rotatividade, fazem da religião um dos produtos mais consumidos e competitivos. Nunca as religiões foram tão livres

para se instituírem, para concorrerem entre si e se multiplicarem. Vive-se uma livre concorrência entre os mais diversos tipos de organização religiosa.

Nesse sentido, observamos que a pós-modernidade, com seu caráter de absoluta transitoriedade, minou grandes sistemas religiosos tradicionais, em especial, o catolicismo, provocando um fenômeno migratório, em busca de novos credos e novas formas de expressar o sagrado. Queiroz destaca que:

Como era de se esperar, as religiões tradicionais esboçam uma reação, procurando formas de recompor o rebanho. O neocarismatismo, por exemplo, é uma forma encontrada por alguns setores da Igreja católica para fazer parte à “desgraça demográfica”. É um movimento de características ambivalentes. De um lado, apresenta-se como conservador, com conotações místicas desligadas dos grandes problemas sócio-econômico-políticos, que preocuparam a Igreja nas últimas décadas. Essa apatia política é sintoma da Pós-Modernidade. Como também pós-moderno é o seu caráter individualista de relação com o sagrado, sem grandes amores pela submissão hierárquica. Por outro lado, a nova mística embasada na valorização dos carismas, atrai o povo, movimenta a massa, enche os templos, cria uma euforia espiritual lá onde reinava a ameaça do deserto. Por tudo isso, na assembléia geral da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (abril de 1994), o movimento carismático foi visto com entusiasmo mesclado de preocupação (QUEIROZ, 1996, p.15).

O caráter permanentemente migratório da pós-modernidade penetra no âmbito do sagrado e provoca um fenômeno que se caracteriza como nomadismo místico. Mesmo permanecendo nominalmente vinculado a alguma forma tradicional de Culto, que em geral é herança do berço materno, a tendência religiosa do homem pós-moderno é um trânsito religioso sem constrangimento, compondo nessas inúmeras viagens, um sentido para a sua existência. Porém, é importante ressaltar que o fundamentalismo também permeia a vivência das novas religiões e do novo misticismo, envolvendo os adeptos em “paradas eternas” e instalando neles a convicção de que são detentores da verdade. Em troca da fidelidade ao novo dogma, oferecem recompensas, que vão desde a iluminação mística, a vitória sobre espíritos malignos, posse imediata da felicidade, além do bem estar na vida eterna.

Na modernidade o discurso religioso experimenta uma profunda crítica e até mesmo o seu abandono; a religião é vista com um entrave ao progresso e ao

mesmo tempo responsável pelo atraso cultural. Fazia-se necessário superar esse cenário. Por isso, o universo da religião, da revelação e da metafísica cede lugar à razão positiva. A razão atinge a maioria e se torna autônoma, proclama-se o sujeito livre. Alicerçada no discurso da racionalidade, a modernidade propõe-se a solucionar todos os problemas da humanidade. É verdade que nos períodos da modernidade e da pós-modernidade ocorreram grandes avanços na esfera mundial: barreiras geográficas e humanas foram eliminadas. Os avanços tecnológicos, os desenvolvimentos científicos e industriais trouxeram muitas respostas aos problemas cruciais que afetavam a humanidade. Ninguém pode negar isso. No entanto, é verdade também que muito dos sonhos e ideais plantados não foram alcançados.

Em virtude destas decepções e frustrações, o homem moderno experimenta o vazio existencial e a falta de sentido para a própria vida. Vive-se uma experiência de não-ser, na qual o Ser se encontra ferido, dividido, sente-se insignificante. Aqui se verificam as conseqüências da dissociação da razão e a revelação, do distanciamento do transcendente da vida do ser humano. Sem uma abertura do ser humano ao transcendente não será possível realizar experiências humanas profundas. A razão por si só é fria, é calculista. Sem o transcendente, o homem não pode vencer o não-ser em si, dentro de si.

É, portanto, esse cenário de desilusões, frustrações e vazio existencial que favorece o ressurgimento das experiências religiosas e das religiões. Com uma configuração nova, o fenômeno religioso de nossos dias projeta uma religião nos limites do humano enquanto captado segundo a medida de cada um, segundo demandas individuais. O sagrado reaparece e impõe uma nova configuração à religião. Anunciou-se a morte da religião muitas vezes - mas a religião insiste em renascer das cinzas. Hoje não tanto sob a forma institucional, mas na pluralidade de expressões religiosas avulsas que permitem às pessoas fazerem suas escolhas da

maneira que mais lhe convier. O sagrado mais do que nunca continua a seduzir os humanos. Talvez por aí caminhe o sentido do reencantamento do mundo em plena era pós-moderna.

2.7 Simulacro e mídia televisiva na pós-modernidade e sua penetração no campo religioso

Simulacro

Na contemporaneidade alguns pensadores apontam que os novos signos e símbolos que conectam o ser humano com a realidade desapareceram, são puros signos desprovidos de significado. Nessa visão, não haveria nada que poderia salvar a sociedade dos simulacros. Nem Deus, pois ele também deixaria de ser real tornando-se um puro simulacro. Na era da tela total aconteceria uma segunda morte de Deus. A primeira foi decretada por Nietzsche, devido ao racionalismo e iluminismo. A segunda é agora anunciada pela virtualidade, no contexto do mundo mecanicista e globalizado. Deus não terá lugar no mundo da máquina, da lógica, do cálculo. Baudrillard aponta para outra morte, não tão simbólica: a morte da realidade. O autor nos diz:

Assassinato do Real: isto soa como Nietzsche proclamando a morte de Deus. Mas este assassinato de Deus era simbólico, e iria transformar o seu destino. Ainda estamos vivendo, metafisicamente vivendo, deste crime metafísico, como sobreviventes de Deus. Mas o crime perfeito não envolve mais Deus, mas a Realidade, e não se trata de um assassinato simbólico, mas de um extermínio.

Isso não significa o mesmo que significava o extermínio nos campos nazistas. Lá ele era físico e radical. Aqui ele é ao mesmo tempo mais literal e mais metafórico. *Ex terminis*: isso quer dizer que todas as coisas (e todos os seres) ultrapassam seu próprio fim, sua própria finalidade, para onde não existe mais realidade, nem motivo para existir, nem qualquer determinação (é por isso que eu chamo de “ex-terminio”). Extermínio significa que nada resta, nenhum traço, nem mesmo um cadáver. O cadáver do Real - se existe algum – não foi descoberto, e não será encontrado em parte alguma.

E isto porque o Real não está apenas morto (como Deus está); ele pura e simplesmente desapareceu. Em nosso próprio mundo virtual, a questão do real, do referente, do sujeito e seu objeto, não pode mais ser apresentada (BAUDRILLARD, 2001, pp. 67-68).

Mas, afinal o que é simulacro? Simulacro, para Platão, é a representação que se distinguia da cópia fiel, ao integrar, por um efeito de perspectiva, a distorção do olhar, oferecendo ao observador a ilusão perfeita do objeto real. A simulação, segundo ele, é uma falsa representação. Para Baudrillard simular é fingir ter o que não se tem. Dissimular é fingir não ter o que se tem (BAUDRILLARD, 1991, p.9). Para demonstrar a onipotência do simulacro, ele invoca como exemplo a querela dos iconoclastas. O ícone significa a possibilidade de representar o divino. Na interpretação de Baudrillard, a origem da conhecida querela deve-se ao temor de que o ícone pudesse adquirir força de simulacro, substituindo e dispensando aquilo de que era representação; ou seja, o simulacro se instituiria com ardil demoníaco com vistas à exterminação do divino. O medo de que por detrás das imagens nada existisse desencadeava a caça aos ícones que pode, segundo ele, igualmente interpretar-se como uma caça ao simulacro. Baudrillard esclarece que:

Se eles tivessem podido acreditar que estas apenas ocultavam ou disfarçavam a Ideia de Deus segundo Platão, não haveria motivo para destruí-las. Pode-se viver com a idéia de uma verdade alterada. Mas o seu desespero metafísico provinha da idéia de que as imagens não esconderiam absolutamente nada e de que, em suma, não eram imagens, mas de fato simulacros perfeitos, para sempre radiantes no seu fascínio próprio (BAUDRILLARD, 1991, p.12).

A outra face da questão é a figura dos iconolatas. Estes já estariam vivendo, no culto *irrestrito às imagens, a morte de Deus*. Nesse sentido, aproximam-se do espírito da modernidade, que mantém o puro jogo das aparências e aperfeiçoa a arte do simulacro, na convicção de que é temeroso o desvelamento, pois é provável que as imagens nada mais tenham a ocultar (MELO, 1988, p.31). Assim a questão terá sempre sido o poder assassino das imagens, assassinas do real, assassinas do próprio modelo, como os ícones de Bizâncio o podiam ser da identidade divina.

Nesse sentido Baudrillard nos explica:

A este poder assassino opõe-se o das representações como poder dialético, mediação visível e inteligível do Real. Toda a fé e a boa fé ocidental se empenharam nesta aposta da representação: que um signo possa remeter para a profundidade do sentido, que um signo possa *trocar-se* por sentido e que alguma coisa sirva de caução a esta troca – Deus, certamente. Mas se o próprio Deus pode ser simulado, isto é, reduzir-se aos signos que o provam? Então todo o sistema perde a força da gravidade, ele próprio não é mais que um gigantesco simulacro – não irreal, mas simulacro, isto é, nunca mais passível de ser trocado por real, mas trocando-se em si mesmo, num circuito ininterrupto cujas referências e circunferências se encontram em lado nenhum (BAUDRILLARD, 1991, p.13).

È a partir dessa constatação que ele passa a expor as diferenças entre a ordem da representação e a ordem da simulação.

Na representação existe uma suposta equivalência do signo e do real que Baudrillard considera utópica, imaginária. Na simulação, parte-se de uma *negação radical do signo como valor*. Do ponto de vista da representação, em concordância com o sentido original expresso por Platão no *sofista*, a simulação é uma falsa representação. Do ponto de vista da simulação – e isto é fundamental para se compreender o que Baudrillard entende como partido da representação no pensamento ocidental -, a representação é um simulacro (MELO 1988, p.32).

Em seguida ele introduz o que denomina fases da imagem, as descreve a trajetória da representação e a passagem à simulação. Quando a imagem se dá como reflexo de uma realidade profunda, Baudrillard chama de *aparência benéfica* e denomina de *malefício* à má aparência, quando a imagem mascara e desvirtua uma realidade profunda. Denomina *sortilégio* à falsa aparência da imagem e de *simulacro* à imagem que não se refere a qualquer realidade.

Seriam estas as fases sucessivas da imagem:

1º Estágio - o signo era reflexo de uma realidade profunda.

2º Estágio - O signo mascara e perverte a realidade profunda.

3º Estágio - O signo mascara a ausência de uma realidade profunda.

4º Estágio - O signo é um simulacro puro.

No primeiro caso, a imagem é uma boa aparência – a representação é do domínio do sacramento. No segundo, é uma má aparência – do domínio do malefício. No terceiro, finge ser uma aparência – é o domínio do sortilégio. No quarto, já não é de todo do domínio da aparência, mas da simulação (BAUDRILLARD, 1991, p.13).

Assim, os signos que dissimulam algo remetem a uma teoria da verdade e do segredo. São signos que ainda fazem parte da ordem da representação. Os signos que dissimulam uma ausência introduzem a ordem da simulação. Baudrillard nos diz:

Os primeiros referem-se a uma teologia da verdade e do segredo (de que faz ainda parte a ideologia). Os segundos inauguram a era dos simulacros e da simulação, onde já não existe Deus para reconhecer os seus, onde já não existe Juízo Final para separar o falso do verdadeiro, o real da sua ressurreição artificial, pois tudo está já antecipadamente morto e ressuscitado (BAUDRILLARD, 1991, p.14).

A partir desse momento, constroem-se as três ordens do simulacro, das quais a simulação contemporânea, enquanto sistema de produção obsessiva do real, simultaneamente assaltada por uma nostalgia da representação e por um processo generalizado de dissuasão, constitui a forma mais exacerbada.

Retomando os termos de Baudrillard, a primeira ordem do simulacro é a contrafação, ou simulacro naturalista. Corresponde historicamente ao período que vai desde o Renascimento até a Revolução Industrial. Construídos a partir da lei natural do valor, os simulacros naturalistas visam restituir uma natureza à imagem de Deus, instaurando com a contrafação uma harmonia que é metáfora da ordem clássica.

A segunda ordem do simulacro corresponde à ordem da produção e à era industrial. Os simulacros produtivistas constroem-se a partir da energia mecânica na Natureza, agora entendida como força produtiva, e são característicos dos sistemas em expansão ou liberadores de energia. O valor de uso é o álibi

invocado pela segunda ordem do simulacro, e a lei mercantil do valor é seu princípio de determinação.

A terceira ordem do simulacro é a simulação da era pós-industrial. Sob o alibi do valor de troca, os simulacros de simulação constituem-se a partir da lei estrutural do valor, ou seja, à luz do código e do modelo gerador.

Dessa forma, observamos que do ponto de vista das relações real e imaginário, a primeira ordem corresponde à utopia, a segunda corresponde à ficção científica e a terceira ordem significa o fim do imaginário. Dessa fusão real e imaginário emerge o simulacro hiper-real, cujas flutuações atingem tanto a ficção como a investigação teórica.

Haveria então uma fantasia simulada da realidade, uma fabricação ilusória. Nesse sentido o espírito da modernidade, mantém o puro jogo das aparências e aperfeiçoa a arte do simulacro, na convicção de que é temeroso o desvelamento, pois é provável que as imagens nada mais tenham a ocultar. A simulação toma formas que tentam ser mais reais do que a própria realidade. A essa virtualidade e simulação Baudrillard denomina de *hiper-real*.

Na contemporaneidade está em jogo um novo tipo de formalização da vida social, que implica outra dimensão da realidade, portanto formas novas de perceber, pensar e contabilizar o real. Impulsionadas pela tecnologias da informação, pela virtualização, tornando possíveis outros mundos, outros regimes de visibilidade. Nesse sentido, para Baudrillard a informação é encenação da comunicação e provoca entropia e um efeito neutralizador. Para ele, os meios fabricam a *não-comunicação*, cabe lembrar a grande discussão na área da comunicação em relação à grande quantidade de informações recebidas atualmente pelo receptor, ou seja, pelo internauta navegador, que acabam não formando, mas deformando pela quantidade exacerbada e atropelada de códigos

recebidos, impossibilitando uma assimilação útil da comunicação. O autor afirma que não somos nós que pensamos o virtual, mas é o virtual que nos pensa (BAUDRILLARD, 2002, p.57).

A expressão realidade virtual foi criada em 1989 por J. Lanier. Para Sodré, o virtual seria uma espécie de platonismo distorcido por atribuir às idéias a impressão de realidade objetiva. É a compreensão do mundo real e existente enquanto for figurado em sombras virtuais. Um exemplo concreto disso é a valorização demasiada que se dá às fotografias tiradas em locais de turismo que possuem maior valor ao turista do que o próprio local contemplado. A cópia é mais valorosa que o real, que o original, ou seja, a sombra (Platão), embora atualmente digitalizada, tem mais importância que a realidade. O autor também aponta essa autonomia da simulação audiovisual:

Mas com os dispositivos técnicos de simulação audiovisual da contemporaneidade (por exemplo, o campo da televisão) esvai-se a 'sombra', e o simulacro adquire grande autonomia, a exemplo do fenômeno da *alucinação*, podendo gerar fatos ou o *ethos* promotor de uma certa indistinção entre real-histórico e imaginário (SODRÉ, 2006, p. 129).

O autor afirma que não seria um jogo de realidade, e sim da realidade de um jogo – portanto, a realidade do virtual. A prática tem mostrado que videogames e jogos de salões virtuais são lugares onde multidões podem participar de um jogo ao mesmo tempo, funcionam como verdadeiros laboratórios para a existência humana na rede cibernética, como lugares para experiências de construção e reconstrução de identidades. “É a ilusão do jogo que cria os espaços artificiais onde o usuário pode ‘navegar’ e relacionar-se”. O real se torna o fictício, o subjetivo, o projetado, o espetacularizado (SODRÉ, 2006, p.138).

Sodré ainda nos diz:

Nós não ‘vemos’ as coisas, já que também as construímos interpretativamente com o olhar: o que chamamos de objetividade resulta

das projeções subjetivas com que vestimos as coisas do mundo – e isto implica caráter primitivamente alucinatório de toda e qualquer percepção (SODRÉ, 2006, p.139).

O reconhecimento de algo real, concreto e objetivo vão depender dos mecanismos sensoriais / perceptivos, na medida em que são psicologicamente interiorizados pelo meu estar-no-mundo. O nosso estar-aí, mergulhado nessa existência concreta e vivencial, é objetivado pelo simulacro, por uma realidade de aparência e espetacularização.

Baudrillard expõe sua análise da alienação que não se esgota na venda da própria imagem. O falso (a sombra platônica) passa a ser o verdadeiro; o verdadeiro passa a ser o falso. Morre o verdadeiro, triunfa o falso, sem que ninguém se dê conta disso, a não serem os dois protagonistas da troca. É o puro jogo das aparências que é a simulação, onde não se distingue mais o verdadeiro do falso. O preço da dominação é meramente a alienação dos homens com relação aos objetos dominados. Com a coisificação do espírito, as próprias relações dos homens ficam enfeitiçadas. “Trata-se de uma sociedade onde tudo é espetacularizado, isto é, evocado, provocado, orquestrado em imagens, sem signos, em modelos consumíveis” (MELO 1988, p.185).

Nos passos trilhados por Baudrillard observamos que o simulacro na religião acontece. Deus se tornou simulação, figuração de alguns atores, peça de uma engrenagem midiática, sombra platônica desenhada de acordo com quem a inventa. Por esse viés, tudo poderá ser simulado na religião: o sucesso financeiro, a transformação e conversão interior, a cura externa, a quantidade de fiéis seguidores, etc. Neste último quesito, existe uma praxe pentecostal de realizarem-se as grandes concentrações de fiéis, proporcionando-se deslocamentos dos mais longínquos lugares para dar a idéia de um grande volume de fiéis, arrebanhados dos mais variados lugares de determinada região.

A religião na Idade da Mídia

A palavra “mídia” vem do latim médium, que significa meio, canal, conexão entre dois pontos. O termo mídia é utilizado no sentido restrito de “meios de comunicação de massa”, mas devemos levar em conta que falar em mídia significa falar em mediações em uma perspectiva mais ampla e que hoje faz parte do nosso cotidiano.

A sociedade pós-moderna tem, entre algumas características, a velocidade na troca de informações, e, com isso, a presença dos meios de comunicação de massa no cotidiano das pessoas, oferecendo condições para o crescimento da espetacularização nos espaços midiáticos. As igrejas descobriram nas últimas décadas do século XX, a importância da Indústria Cultural como parceira para seus projetos de divulgação de doutrina, proselitismo, evangelização, como também, um mecanismo forte de angariação de recursos financeiros.

A compra de emissoras de TV, tanto por evangélicos como por católicos, e a grande quantidade de programas religiosos que vão ao ar diariamente pela televisão e o rádio, transformaram os pregadores em grandes líderes religiosos, conhecidos por meio da indústria cultural. O aparecimento de padres e pastores como ídolos das massas são resultados do poder de convencimento da indústria cultural moderna que, com sua grande sedução, determina o que previam Adorno e Horkheimer:

O princípio impõe que todas as necessidades lhe sejam apresentadas como podendo ser satisfeitas pela indústria cultural, mas, por outro lado, que essas necessidades sejam de antemão organizadas de tal sorte que ele se veja nelas unicamente como um eterno consumidor, como objeto da indústria cultural (ADORNO E HORKHEIMER, 2006, p.117).

A indústria cultural, segundo Kellner (2006) possibilitou a multiplicação dos espetáculos nos novos espaços midiáticos e o espetáculo em si tornou-se um dos princípios organizacionais da economia, da política, da sociedade e da vida

cotidiana. Promovidos pela cultura da mídia, os espetáculos estão cada vez mais sofisticados para conquistar audiências e aumentar o poder e o lucro da indústria cultural. As notícias e dados são entremeados por formas de entretenimentos na cultura de “infoentretenimento”.

É nesse sentido que cabe observar o conceito de “sociedade do espetáculo”, criado pelo teórico francês Guy Debord em 1967, representa uma mistura entre consumo e cultura, demonstra que as relações sociais ocorrem por intermédio das imagens. Para ele, a vida social é marcada profundamente pela produção contínua de espetáculos:

O espetáculo não pode ser compreendido como o abuso de um mundo da visão, o produto das técnicas de difusão maciça das imagens. Ele é uma *Weltanschauung* que se tornou efetiva materialmente traduzida. É uma visão de mundo que se objetivou.

Considerado em sua totalidade, o espetáculo é ao mesmo tempo o resultado e o projeto do modo de produção existente. Não é um suplemento do mundo real, uma decoração que lhe é acrescentada. É o âmago do irrealismo da sociedade real. Sob todas as formas particulares – informação ou propaganda, publicidade ou consumo direto de divertimentos-, o espetáculo constitui o *modelo* atual da vida dominante na sociedade (DEBORD, 1997, p.14).

O espetáculo, na visão do autor, vai muito além da presença dos meios de comunicação de massa no cotidiano das pessoas. Segundo Debord, o espetáculo torna-se o principal instrumento de unificação social, pois ele é a própria sociedade, ou seja, por meio da imagem se cria a realidade, e essa realidade construída realiza a unidade da vida. Debord (1997) evidencia isso na seguinte afirmação: “O espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas, mediada por imagens”.

A mídia televisiva inserida nesse contexto contemporâneo, como instrumento de divulgação dos espetáculos nos fascina, encurtando as distâncias e possibilitando uma integração global de informações. Suas mensagens parecem ocupar todos os poros da sociedade. Entretanto, ela também assusta, reveste de poder àqueles que a detêm, dessa forma, a sociedade se vê diante de uma

força brutal que tenta impor valores éticos e padrões culturais de um grupo para todo o conjunto social.

A cultura do espetáculo se expandiu em todos os aspectos da vida. A religião está inserida nesse contexto de espetacularização da vida humana, em que os veículos de comunicação, em particular a televisão, são os maiores instrumentos de encenação do espetáculo. A ela é dado o poder de seduzir e influenciar num processo disseminado na sociedade de consumo. Essa influência comportamental acaba auxiliando na criação de mitos, no estabelecimento de lideranças transdenominacionais que alcançam prestígio social e eclesiástico graças à presença na mídia. São padres e pastores transformados em verdadeiras celebridades. Segundo Klein (2006), a conquista midiática de muitas igrejas através dos programas televisivos, fez com que a mesma luz que irradia dos astros da TV e do cinema passasse a iluminar a imagem dos líderes religiosos.

Klein comenta que a televisão não se constitui apenas como o abrigo do sagrado, como demonstram as igrejas eletrônicas, mas tornou-se a matriz estética para muitas denominações religiosas. Líderes religiosos cuidam da aparência pessoal, preocupados em que sua imagem atenda aos critérios do espetáculo de uma sociedade midiática e adquira o brilho necessário para a criação da distância entre o ídolo e o fã. Para tanto, espetacularizaram a missa e os cultos, transformando-os em verdadeiros shows. Como explica Klein:

A aliança entre a mídia e a religião leva-nos, dessa forma, ao surgimento de dois fenômenos híbridos. O primeiro é a contaminação da TV pelo universo religioso. O segundo é a vivência de uma religião midiática, que se constrói dentro de espaço circunscrito do sagrado, mas orientando-se esteticamente pela cultura de massa. É quando a TV nos fornece a perspectiva de projeção do olhar na experiência religiosa. Por isso que as missas e os cultos assemelham-se cada vez mais aos shows televisivos de auditório, propondo uma interação com a platéia (KLEIN, 2006, p.199).

Um bom exemplo de inserção da religião na sociedade do espetáculo é o padre Marcelo Rossi que com muita música e ritmo de programa de auditório, se

transformou no maior fenômeno católico do país. Missa de dimensão de show é a marca de Marcelo Rossi. Do ponto de vista cênico, a missashow é puro espetáculo. Palco, com vários metros de altura, telões de alta definição e um sistema de som com potência de milhares de watts, são componentes da missa. Contudo, não fossem as batinas, é difícil distinguir a megamissa de um megashow laico. Artistas famosos, público numeroso, equipamento de primeira e ampla cobertura da mídia fazem parte do show, repetindo uma estratégia do mundo do espetáculo, conquista de maneira crescente uma posição destacada na audiência televisiva.

Dessa maneira, o bem-sucedido casamento entre as igrejas e os meios de comunicação de massa e a proliferação de programas religiosos na TV, iniciada já há algumas décadas, evidencia uma disputa cada vez maior pelos espaços midiáticos entre igrejas. “Ampliar a voz do evangelho pelos meios de comunicação eletrônicos é, antes de tudo, uma estratégia missionária, com a finalidade de arrebanhar novos fiéis. Este fenômeno, que se caracteriza pelo duplo movimento da invasão religiosa na TV e da invasão midiática nas igrejas, revela-nos um possível cruzamento entre as imagens de culto e as imagens da mídia. A experiência religiosa contemporânea assinala um envolvimento religioso através das imagens televisivas, bem como um envolvimento midiático com as novas formas litúrgicas, em um tempo de contaminações mútuas (KLEIN, 2006, p. 143).

Dessa relação mídia e religião, surgiu uma nova Igreja marcada pela apropriação de campos midiáticos como instância de realização e atualização da fé.

A conseqüência mais imediata é o deslocamento do espaço tradicional, acanhado e restrito dos templos, para um campo aberto e multidimensional. Mais ainda, a lógica do templo, direta e dialogal, é substituída pela lógica da mídia moderna que se dirige a um público anônimo, heterogêneo e disperso. Desse modo,

as táticas dos pregadores, sua oratória e performance deixam-se impregnar pelas leis da comunicação de massa, principalmente do rádio e da televisão.

As mudanças operadas são de duas ordens: do ministro do culto e seus sacerdotes, de um lado, e dos fiéis, de outro. No primeiro caso, o conteúdo da mensagem cede lugar à postura corporal, aos gestos, ao canto, à dança. A mensagem religiosa é adaptada às exigências midiáticas para que tenha eficácia e atinja as pessoas diretamente em seus sentimentos. Portanto, a emoção toma o lugar da razão. No segundo caso, os fiéis deixam de serem atores do evento religioso para se tornarem assistentes. Passa-se do palco à platéia, ou seja, a comunidade de fé sai de cena, dando lugar ao conjunto de telespectadores. A construção de comunidades de fé é substituída pela criação de grupos de assistentes. Da comunidade, passa-se ao indivíduo; da experiência comunitária, vai-se ao consumo individual de bens religiosos.

O deslocamento identificado parece ter a sua explicação, em primeiro lugar, no desencanto moderno com as formas tradicionais das Igrejas Históricas. Os cultos e ações das Igrejas, cada vez mais, perdem espaço no coração do homem contemporâneo. Assim, criam-se novas formas de chegar até esse homem. Se as pessoas não vêm ao templo, o templo vai até elas. Entretanto, esse movimento de deslocar-se do centro para as margens, via processos midiáticos, exige que se façam concessões aos padrões de comportamento ditados pelos meios de comunicação, tanto no que diz respeito à lógica de produção de mensagens quanto no que se refere à do consumo de bens culturais, no caso, culturais religiosos.

A segunda explicação está na tentativa de superar a antiga dicotomia entre massas e minorias, também aplicada à Igreja. Uma compreensão mais politizada da fé admitia que a vivência religiosa somente seria autêntica em pequenos grupos, num encontro pessoal com Deus, compartilhado com a comunidade. Expressão

mais legítima disso são as comunidades eclesiais de base. Por trás, estavam os postulados da teologia da libertação. Com a crise do paradigma, diversas Igrejas (as pentecostais primeiro, depois as históricas) voltaram-se para um público de massa. Necessitava-se mover multidões, transformar o mundo, no final do milênio, num grande palco para que Jesus Cristo pudesse reinar. No caso, muito mais importante que a adesão do coração é a participação pela emoção (GOMES 2004, Cadernos IIHU, ano 2, nº 8).

Entretanto, como o consumo é individual e solitário, a pessoa deve dar mostras de que está engajada. A expressão do compromisso dá-se por meio da compra dos livros e objetos anunciados; participa-se por meio dos dízimos, para que o programa possa se manter no ar.

Nesse contexto, uma nova Igreja é criada, universal e virtual. Os templos são os próprios lares; os púlpitos são os aparelhos de televisão; o sinal da pertença ao grupo se expressa no consumo. Somente é fiel dessa Igreja aquele que possui capacidade de consumir alguns dos produtos por ela vendidos. Repete-se, no campo religioso, o que Canclini (2008), aponta para o campo social e político: consumidores e cidadãos.

Em tudo isso, o mais importante é o espetáculo. O culto perde o mistério do sagrado para revestir-se da transparência da mídia, onde a imagem é tudo. Replica-se, nas Igrejas, a lógica da sociedade do espetáculo. A participação acontece na imagem, isto é, assiste-se a um espetáculo, com suas lógicas, abdicando-se da participação ativa na comunidade. Não existem maiores exigências, a não ser a participação pelo consumo dos bens oferecidos. Os bens religiosos são oferecidos em casa, de acordo com as necessidades do consumidor.

Nesse sentido, o simulacro de Baudrillard e a espetacularização apontada por Debord afetam o homem religioso contemporâneo, situado nesse

contexto midiático e globalizado. A fé torna-se uma mercadoria, uma simulação e espetacularização, um produto apresentado, servido e vendido como tantos outros no mercado de consumo.

Portanto, no terceiro capítulo, sob a ótica dos autores apontados nessa dissertação, analisaremos a pós-modernidade e a mídia televisiva da Igreja Universal do Reino de Deus: entre a realidade e o simulacro.

Através da análise interpretativa das mensagens de alguns programas televisivos da IURD, abordaremos as relações que elas estabelecem entre mídia e religião, as novas dinâmicas do seu campo religioso que refletem as características da pós-modernidade e o império midiático da Igreja, que constituem um canal de circulação dos bens simbólicos religiosos e constroem simulacros no contexto religioso.

CAPÍTULO III

A PÓS-MODERNIDADE E A MÍDIA TELEVISIVA DA IURD: ENTRE A REALIDADE E O SIMULACRO

A sociedade contemporânea recebe diferentes designações. Alguns autores a chamam de modernidade tardia, sociedade capitalista da informação, sociedade da comunicação, sociedade midiaticizada, sociedade pós-industrial, sociedade do conhecimento, sociedade global, sociedade pós-moderna, sociedade hiper-moderna, sociedade do espetáculo ou ainda, classificam nossa época como a Idade da Mídia. No entanto, sabemos que em qualquer uma dessas nomeações o fenômeno midiático está presente como um complexo sistema de comunicação entrelaçado, vinculado desde a origem ao núcleo central da sociedade. Enquanto a cultura de massa pensava os meios como transportadores de sentido, de mensagens de interação entre produtores e receptores a cultura midiática não é instrumental, mas constitutiva de estrutura social. Ela deixa de ser veiculante, de representação para ser vicária, organizativa, formuladora e formadora de um novo bios: “o bios midiático, modificado na origem, geneticamente transmutado”, como afirma Muniz Sodré (SODRÉ, 2002, pp. 67-73).

Com a midiaticização da sociedade, está em processo um novo ordenamento do mundo, um novo modo de pensar, uma nova forma de estruturação das práticas sociais, constituindo-se como matriz de outra racionalidade e de outro desenho das interações. Nesse sentido Sodré ainda nos diz:

..., na verdade um novo modo de contabilização do real, a tecnologia configura-se como uma espécie de nova “natureza”, não só porque ela provém os objetos que compõem o ambiente ou o mundo vital de hoje, mas também porque ela se impõe como ordem de determinações praticamente absoluta. Na alimentação, no cotidiano, na saúde, na organização do trabalho, nas esperanças de prolongamento do tempo de vida, a tecnologia reduz a esfera do indeterminado, do que não depende da ação humana.

A redução do sentimento de dependência para com o indeterminado afeta certamente o sagrado enquanto experiência radical da transcendência, mas preserva certa religiosidade difusa e desencantada, que transfere para um novo absoluto, a tecnologia, o assombro que se tinha diante da natureza e do divino. Assim como no corpo biológico nervos e veias entrecruzados constituem uma *rede* onde circulam fluxos e energias, no campo das tecnologias comunicacionais uma verdadeira “rede” de canais, cabos, fibras e mensagens pode ser socialmente representada como um “corpo” (o “ser” ultra-humano, de que falava Chardin) capaz de modelar numericamente, imagisticamente, uma “natureza” (SODRÉ, 2002, pp. 76-77).

As tecnologias da informação construíram um novo regime espaço-tempo, ou seja, da coexistência e da coabitação, onde a imposição da imediatez e a aceleração do saber se transformaram em uma categoria valorativa. Na sociedade contemporânea não basta saber tudo em tempo real o importante é saber antes. Como matriz de estruturação social a mídia forma parte da textura da nossa experiência no mundo organizando e reorganizando a percepção e a apropriação da realidade por parte do receptor. Essa experiência de pertencimento comunitário acontece, nesta sociedade, pela partilha da percepção midiática. Nesse sentido, ocupando um lugar central na constituição da sociedade pós-moderna, o campo das mídias vai não só mediando os demais campos sociais como se autonomiza, mostrando, apresentando, objetivando o mundo e os indivíduos dos outros campos sociais a partir de si (BERGE, 2007, p. 27).

O que é nítido na contemporaneidade é o fim das ideologias, isto é, ao fim das grandes narrativas, que viam um sentido claro na história -, emerge uma espécie de fetichismo da realidade, plenamente assumido pela tecnociência e pela mídia. As neotecnologias da informação empenham-se em restituir a realidade, ou seja, ajudam a produzi-la em tempo real, mediante a encenação de uma atualidade, que pretende fazer coincidir mundo histórico e virtual.

Na televisão, ainda podemos falar de uma realidade tornada imaginária (diferentemente do cinema, capaz de materializar ou “realizar” o imaginário livresco) por técnicas retóricas, que redundam numa simulação comercial-publicitária do

cotidiano. O que se tem chamado de virtual (na verdade, trata-se das virtualidades técnicas do ciberespaço), entretanto, não é o imaginário – enquanto outro termo ou outra margem para onde se projeta o real – ou o irreal, mas a realidade de um espaço artificial, não-físico, não-geográfico (inextenso, portanto) objetivado pelo poder de realização visionário da ciência aplicada, da tecnologia (SODRÉ, 2002, p. 76).

Nesse sentido a sociedade contemporânea imbricada no mundo midiático, caracterizado pela visibilidade, a instantaneidade e a tecno-interação viabilizou a proliferação de espetáculos, transformando-os em um dos princípios organizacionais da vida cotidiana. Em resposta às demandas do tempo presente, tudo se transforma em imagem, demonstrando como “a realidade se afastou numa representação”, como colocou Debord (1997), e também as teorias do hiper-real e de simulacro de Jean Baudrillard (1991). A sociedade afastada na forma de representação é também o mundo real que se afasta numa simulação, transforma-se assim, no mundo hiper-real, espetacular e de essência imagética.

Dentro desse panorama midiático, cabe-nos refletir acerca da influência que esse cenário expressa na religiosidade contemporânea. Tão somente porque o espetacular religioso acontece com base em uma modalidade específica de fruição social do espetáculo e do entretenimento possível nas imagens veiculadas na mídia pelas igrejas, configurando-se como uma construção social e discursiva numa sociedade que, segundo Baudrillard (2007), tem como o principal sustento dela e de seus personagens, o consumismo.

Obter uma resposta às inquietações geradas por esta forma pós-moderna de evangelização motivou a realização desta pesquisa, que se situa no âmbito dos estudos de recepção midiática e que teve como objetivo principal analisar a forma como os telespectadores se comportam diante dos conteúdos religiosos

emitidos pelo programa televisivo “Fala que eu te escuto” da Igreja Universal do Reino de Deus. Dessa forma, pergunta-se se e como as características da pós-modernidade estão presentes nas práticas religiosas da IURD e em especial nas mensagens emitidas em seus programas televisivos? Essa é a pergunta que perpassa o capítulo terceiro. E a hipótese central a ser comprovada é a existência de uma instrumentalização da mídia televisiva praticada pela IURD que emite mensagens que podem construir nos receptores um sagrado e uma religiosidade com conotações de hiper-realidade e de simulacro.

3.1 A instrumentalização da mídia televisiva pela Igreja Universal do Reino de Deus

Nas últimas décadas do século XX, firmou-se um vínculo sólido e crescente entre a mídia e diversas denominações religiosas. A evolução técnica dos meios de comunicação e seu crescimento proporcionam uma intensificação da presença religiosa na mídia, especialmente no rádio e na televisão. Essa cultura midiática atua gerando pensamentos e comportamentos ajustados a valores, às instituições, às crenças e às práticas vigentes, influenciando o modo como as pessoas se vêem e vêem os outros e como constroem sua própria realidade. E a religião caminha veloz nesse processo.

Em meio às tensões, incertezas e confusão social em meados do século XX, a igreja eletrônica ganha força na década de 1960 nos Estados Unidos. Normalmente após grandes tensões que abalam a sociedade, as pessoas buscam mais o sagrado como forma de obterem maior segurança e paz. Com a crescente

onda de religiosidade, os pastores norte-americanos perceberam que a TV era uma forma eficaz para alcançar maior número de pessoas. Diante disso, os pastores cristãos passaram a realizar suas pregações também na TV como forma de atingir não só os membros de suas igrejas, mas um país inteiro, incluindo nações estrangeiras.

Muitas celebridades de programas religiosos da TV americana podem ser destacadas pela sua importância histórica como pioneiros na comunicação religiosa, não só norte-americana como também, mundial. Nos estudos de Assmann (1986), são destacados alguns deles: Oral Roberts, o homem do “Aguarde um Milagre!”, foi um dos televangelistas pioneiros. Pentecostal de linha extremamente milagreira, ficou conhecido como o pregador da cura divina, sendo um dos primeiros a utilizar o toque de mão através da TV. Outro televangelista veterano foi Rex Humbard, com seu programa “A hora de Rex Humbard”, que na TV brasileira levou o nome de “Alguém Ama Você”. Jimmy Swaggart é um dos pregadores das grandes massas, conhecido em diversos países, inclusive no Brasil, pelos seus programas. Jerry Falwell e o programa “Old Time Gospel Hour”. Pat Robertson e seu famoso e muito exportado “Clube 700”. Jim Bakker e o “People That Love” (Gente que Ama), programa de estilo show de entretenimento religioso. Robert Schuller e o programa “Hour of Power” (Hora do Poder), com ênfase na cura divina e crítica aos desalentos da nação americana. Paul Crouch e o programa “Praise the Lord” (Louvai ao Senhor), apresentando testemunhos sobre conversão e curas. Robert Tilton e o alcançar do sucesso na vida através de seu programa “Success-N-Life” (Sucesso na Vida). Bill Bright e seus eventuais mega-programas evangelísticos.

O pastor batista Billy Graham, Rex Humbard, Pat Robertson e Jimmy Swaggart viajaram o mundo fazendo seus programas religiosos e se consagraram como pioneiros na realização desse gênero na TV. Atualmente, evangelistas

conhecidos mundialmente, como Benny Himn, Morris Cerullo, Keneth Hagin, Jimmy Swaggart e Billy Graham transmitem dos EUA programas evangelísticos de alcance mundial.

Constatamos que as tendências da maior parte dos televangelistas norte-americanos mantêm cada qual de maneira quase autônoma, a sua própria base de teledifusão, formando verdadeiros impérios de comunicação religiosa. Assmann os chamava de “gigantes eletrônicos religiosos” em face ao poderio comunicacional que detinham, Assmann explica:

... com gigantescas infra-estruturas, interconexão de estações próprias, convênios sólidos com estações de retransmissão, horas ou dias inteiros de acesso garantido a satélites, organizações próprias de TV por cabo acrescidas de convênios com organizações alheias, sofisticados centros de geração de programas incluindo dublagem a diversas línguas, nexos com redes radiofônicas e até universidades próprias (ASSMANN, 1986, p.27).

Nesse contexto, Campos (1999a) menciona que, nos anos 70, o campo religioso brasileiro começou a registrar a presença de norte-americanos, os tele-evangelistas, que agradavam à classe média brasileira com seus shows religiosos. Esses programas não eram realizados exclusivamente para o público brasileiro, e sim gravações de programas veiculados na TV norte-americana traduzidos para a língua portuguesa. Campos ainda explica, como a igreja eletrônica brasileira se configurou:

... a igreja eletrônica no Brasil não é mera repetição do modelo norte-americano. Aqui ocorre ênfase na experiência individual da fé; há uma simplificação da linguagem, reduzida a meia dúzia de slogans facilmente memorizáveis; as questões são tratadas de modo maniqueísta – por exemplo, o bem e o mal; existe uma tendência do uso do nominalismo, a força do nome – "Jesus cura" – e procura-se enfatizar a possibilidade de prosperidade pessoal (CAMPOS, 1999b, ano 1, nº 39)

Os programas televisivos neopentecostais brasileiros não configuram uma reprodução da programação norte-americana. Enquanto que, nos Estados Unidos, os programas são personalistas e relativamente autônomos em relação às

denominações, aqui, inversamente, eles estão inseridos numa estratégia de crescimento denominacional.

A partir dos anos 1980 para cá, o cenário religioso evangélico brasileiro teve grandes alterações conquistando espaços consideráveis na mídia televisiva. No gráfico abaixo, observamos a pesquisa do IBGE, o crescimento evangélico até 2000 e uma projeção para 2010. Paralelamente, a essa expansão ocorre à utilização em larga escala dos meios de comunicação, que se configura como condição fundamental para a existência, manutenção e expansão de atividades ligadas às mais diversas denominações religiosas evangélicas.

Evangélicos no Brasil

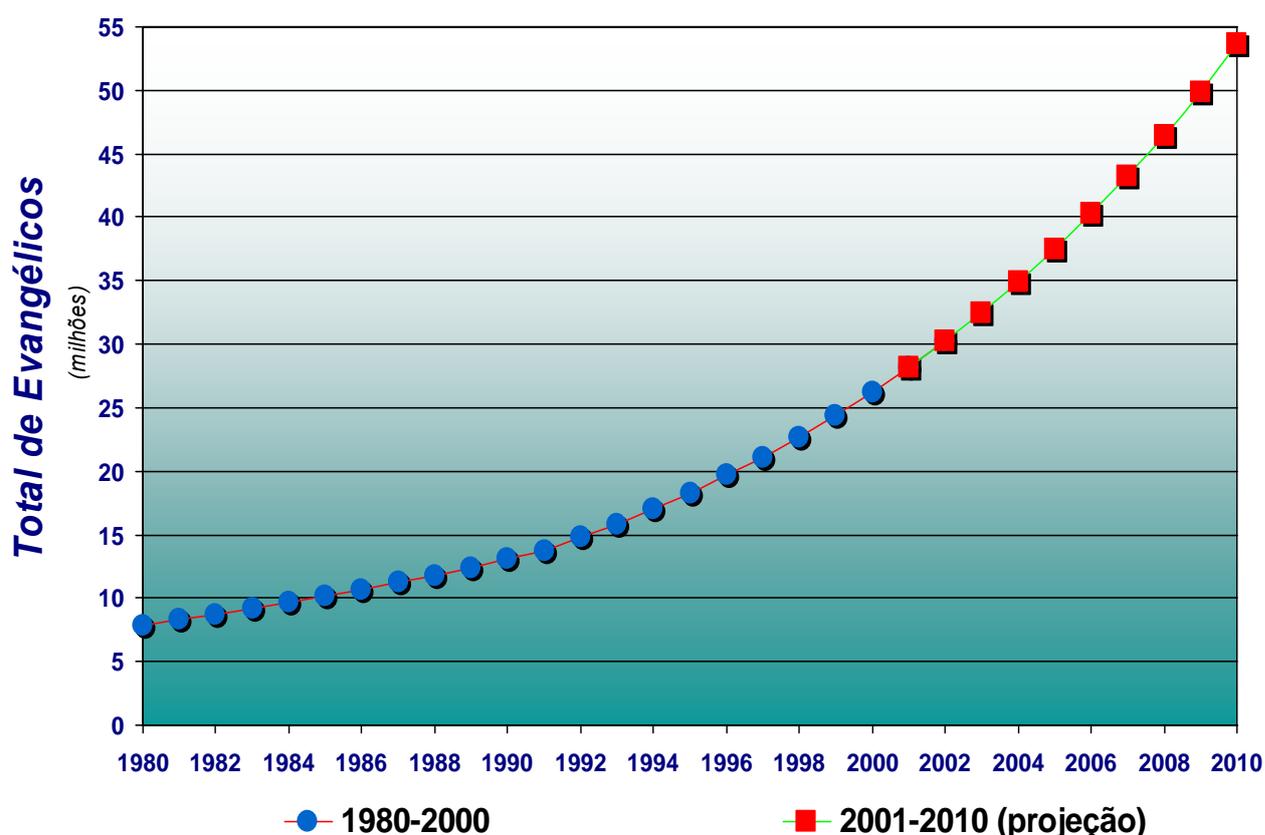


Gráfico 1

Fonte : IBGE, Censos Demográficos de 1980, 1991, 2000.

Análise e gráfico: Sepal Pesquisa- junho/2005.

pesquisa@sepal.org.br

Obs: Utilizamos na pesquisa a projeção de evangélicos no Brasil até 2010, pois na data de finalização dessa dissertação, os resultados do Censo de 2010, ainda não estavam disponíveis.

Essa pesquisa realizada pelo IBGE demonstra o crescimento das Igrejas evangélicas brasileira, baseado nos dados do Censo, que em 1980 com uma população de evangélicos de 7,9 milhões, passou em 2000 para 26,1 milhões. Se o crescimento constatado até 2000 continuar nessa proporção, a população evangélica brasileira chegará aproximadamente em 55 milhões em 2010. E, nesse ritmo em 2022 alcançará 50% da população brasileira, segundo a projeção feita pelo IBGE.

Como já vimos, desde o início da década de 1980, o Brasil experimenta um aumento substancial de igrejas e denominações religiosas, e os programas religiosos atendem e acompanham esse crescimento. Entretanto, é na década de 1990 que a disputa mais forte e proselitista aumentam entre as denominações cristãs pela “mídia televisiva”.

A prática religiosa, diz Galindo, apropria-se de toda a tecnologia como forma de divulgação e sobrevivência em meio ao espaço midiático. Ocorre, segundo o autor, uma “sobreposição da prática religiosa como fenômeno de comunicação e de apropriação dos recursos audiovisuais gerados pelas novas tecnologias e pelo entretenimento”, resultando no que ele chama de mais uma manifestação sincrética, ou seja, o culto “midiático” (GALINDO, 2004, pp.24-52).

Na seqüência desse breve relato, de como surgiu a Igreja eletrônica no Brasil, vamos conhecer o império midiático da Igreja Universal do Reino de Deus, a mais significativa das Igrejas neopentecostais na instrumentalização e utilização do espaço midiático.

O império midiático da IURD

No final de 1989, a IURD adquiriu a Rede Record de Televisão, se tornando a primeira denominação evangélica a ser proprietária de uma televisão com cobertura nacional. A notícia iria perturbar o mundo da mídia e acirrar os ânimos da concorrência pelo controle da produção simbólica brasileira, menciona Campos (1999a, p.187).

A passagem de uma emissora de televisão para as mãos de um grupo neopentecostal, considerado audacioso investimento em mídia no Brasil, incomodou bastante as emissoras concorrentes. A Rede Globo, ameaçada em sua hegemonia política sobre os telespectadores, assim como, em sua liderança de mercado, reagiu fortemente passando a veicular uma série de reportagens sobre novos grupos evangélicos que exploravam a fé das pessoas. A “guerra santa”, como ficou conhecida, foi antes de tudo uma guerra simbólica, na qual, as maiores batalhas tiveram como front a mídia. Só no início de 1996 a rivalidade foi pacificada, graças à interferência conciliadora de autoridades do Governo Federal junto às duas redes. Toda essa guerra teve, e ainda tem a intenção de controlar o imaginário popular através da produção de mitos ao redor desse imaginário. A igreja o faz através da religião e usa a televisão para isso, outros, como a Rede Globo, fazem através da criação do imaginário secularizado.

A Rede Record de televisão saltou, em cinco anos, do quarto lugar para a segunda posição em audiência e faturamento. Atualmente ultrapassa um faturamento de 1 bilhão de reais, 6 mil funcionários, 100 retransmissoras, abrangência de 99,01% do território nacional e média de 10 pontos de audiência no horário nobre. Segundo dados do Ibope, a Record ocupa o segundo lugar no ranking nacional de audiência, ficando atrás somente da Rede Globo de Televisão, muito

embora a distância entre a primeira e segunda posição seja grande, média de 22 pontos, no horário nobre (IBOPE 6/11/2010).

A emissora opera como qualquer outra televisão comercial, não está restrita ao ritual religioso, veicula telejornais, programas de debates, transmissão de futebol, entre outras programações com características culturais, econômicas e sociais, havendo atividades paralelas que identificam a programação com uma emissora comercial. Há uma diversificação de conteúdos em que coexistem o sagrado e o profano.

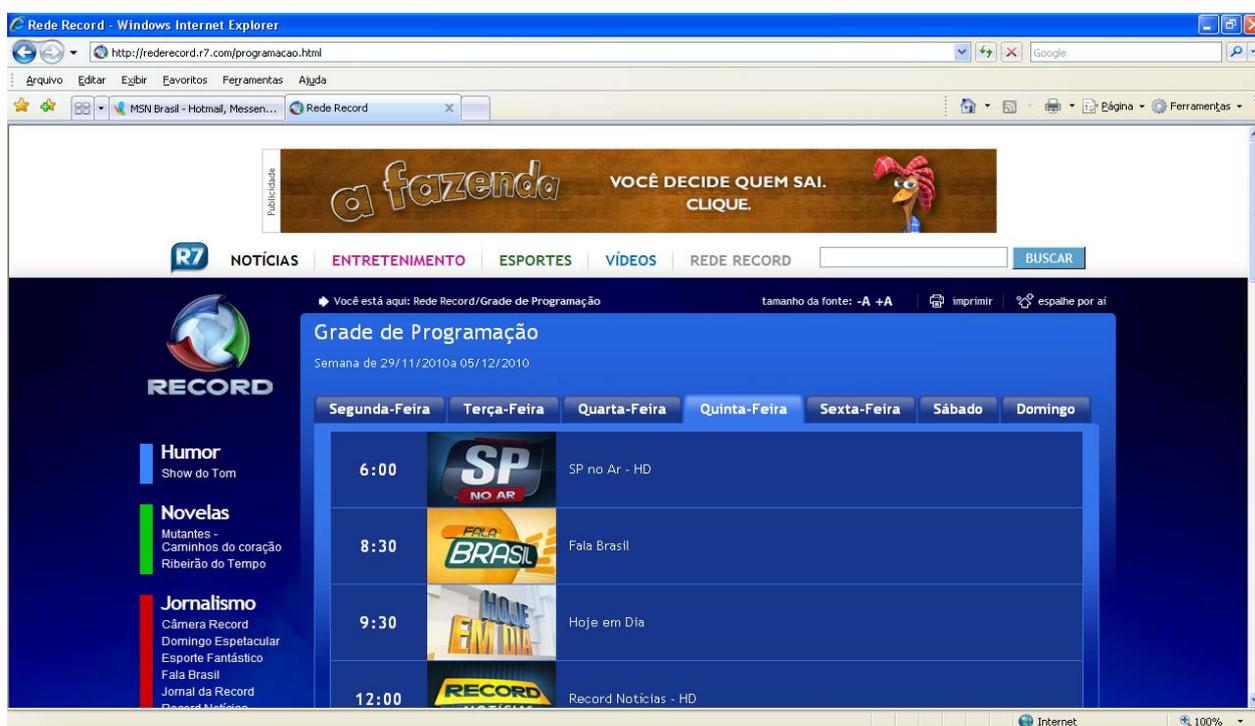


Figura 8: logomarca da Rede Record de Televisão

Figura 9: site da Rede Record de Televisão.

Fonte: site da Rede Record – acesso 23/08/2010.

No dia 27 de setembro de 2007 começou as transmissões da Record News, o primeiro canal dedicado exclusivamente à transmissão de notícias na TV aberta do país. Está disponível em UHF, no lugar da Rede Mulher, que saiu do ar. O centro de produção da nova emissora funciona na sede da Record na cidade de São Paulo. Tecnologia de ponta e equipamento de última geração, utilizados em emissoras como BBC de Londres e NHK do Japão. Com nove anos de existência, a Rede Família de Televisão pertencente à IURD, gera imagens a partir de sua cabeça de rede¹² baseada na cidade de Limeira em São Paulo. Em TV Aberta, cobre uma região de 51 cidades, com população estimada em 6,5 milhões de telespectadores. Oferece programação variada como esporte, vendas, jornalismo, religiosa entre outras, sem perder de vista o caráter público do canal, que tem valores éticos e sociais. O site oficial da emissora informa que, para outros estados, sua programação é repetida via redes Vivax e NET de TV a cabo. Via satélite a Rede Família cobre todos os estados e municípios do Brasil, além de alguns municípios de países vizinhos.

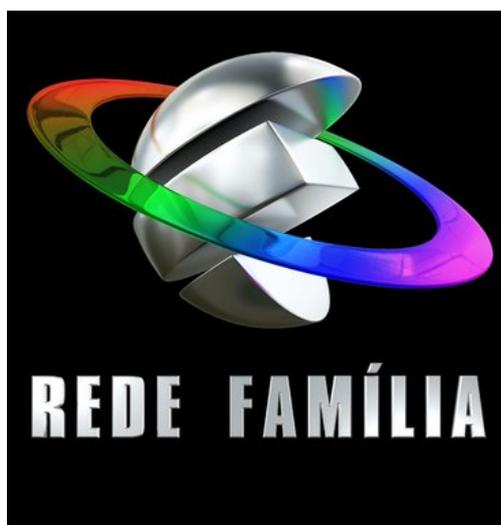


Figura 10: logomarca da Rede Família.
Fonte: portal Arca Universal – acesso 23/08/2010.

¹² Cabeça de rede: é a sede geradora de programação para todas as retransmissoras em outras cidades e estados ligadas ao mesmo grupo gerador.

Localizada em Inhaúma, na cidade do Rio de Janeiro, a Universal Produções, com mais de quatrocentos funcionários, centraliza a produção do jornal semanal Folha Universal, da revista Plenitude, e do portal eletrônico Arca Universal. Funcionam ainda no mesmo local um bureau, e os departamentos de animação, fotografia, marketing e vendas. Em cada um dos setores citados, há um bispo da Igreja Universal responsável pela supervisão das atividades e aprovação do produto final. Tais bispos estão subordinados a outro bispo diretor da Universal Produções, por sua vez subordinado a Edir Macedo.

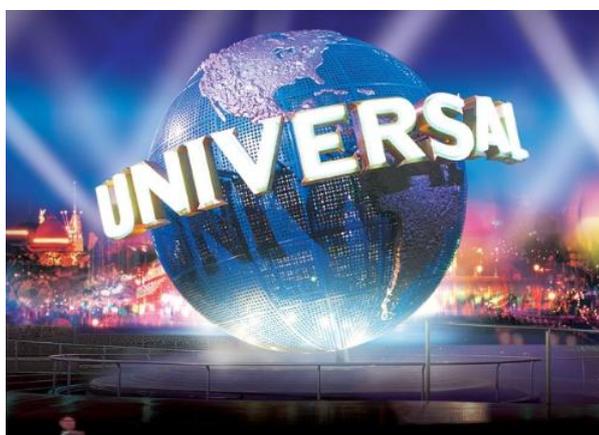


Figura 11: logomarca da Universal Produções.
Fonte: portal Arca Universal – acesso 23/08/2010.

Os fiéis agora podem navegar em um portal eletrônico totalmente criado para o mundo evangélico. Basta apenas acessar www.arcauniversal.com.br e conhecer o mundo iurdiano através da tela do computador. Trata-se do maior portal evangélico da América Latina.

Os apelos espirituais começam a aparecer assim que a tela de início do *site* é baixada. Um *banner* chama a atenção de quem navega, ostentando a mensagem de salvação típica da IURD: *procurando uma luz no fim do túnel? Universal do Reino de Deus!* Os apelos são em sua maioria ocultados através de *links* interativos, assim como o *pastor on-line*, disponível 24 horas por dia.

Com grande destaque na página principal, a *Arca News* dispõe diariamente de informações nacionais, internacionais, esportivas e religiosas. É importante ressaltar que é preocupação da Universal, como não poderia deixar de ser, que todas as matérias disponíveis no *site* enfoquem o lado bom e humano da Igreja por meio de projetos sociais, eventos e principalmente ajuda espiritual.

O portal foi elaborado para atingir o mais variado público. Existem *links* direcionados às crianças, mulheres e jovens. Toda semana o internauta pode conhecer a capa do jornal Folha Universal e acompanhar as matérias que são distribuídas na Folha Principal, que engloba os *links* Milagres da fé, Nacional, Educação e Cidadania; e na segunda Folha, onde as matérias giram sempre dentro dos temas Política, Saúde, Esportes e Variedades. Os internautas podem também, acessar o blog pessoal do Bispo Edir Macedo e a comunidade universal.

No portal da Arca Universal observam-se características marcantes da IURD: salvação, cura e fé. A salvação estimula a conversão dos internautas que ainda não fazem parte da Universal. Procura solucionar, com um simples *click* do *mouse* qualquer problema pessoal. A fé está ligada tanto à cura quanto à salvação, ou seja, é através dela que se consegue alcançar a prosperidade.

A teologia da Universal é reforçada como sendo algo real, verdadeiro e que dá certo por meio dos testemunhos de pessoas que freqüentam a IURD e que de alguma forma mudaram suas vidas.

Demonstramos a seguir a figura 12, o portal da Arca Universal. A figura 13, O Blog do Bispo Edir Macedo e a figura 14, mostra algumas comunidades virtuais da IURD. Fonte Portal Arca Universal, acesso em 23/08/2010.

Arca Universal: Compromisso com a Verdade - Windows Internet Explorer

http://www.arcauniversal.com/

Arqu岸o Editar Exibir Favoritos Ferramentas Ajuda

MSN Brasil - Hotmail, Messen... Arca Universal: Compromi... X

BUSCAR

arca UNIVERSAL **Faça suas malas!** Viajar Direto, a nossa agência de viagens para sempre! Venha nos visitar: www.viajardireto.com.br

O QUE VOCÊ PROCURA?

EDITORIAS

- CASA & DECORAÇÃO
- COMPORTAMENTO
- ECONOMIA E CONSUMO
- EM FOCO
- ENTREVISTAS
- LAZER E CULTURA
- PROFISSÃO & NEGÓCIOS
- QUALIDADE DE VIDA

IURD

- BLOGS
- COMUNIDADE UNIVERSAL
- DOAÇÕES
- EM QUE CREMOS
- FALA QUE EU TE ESCUTO
- FOGUEIRA SANTA
- FORÇA JOVEM
- HISTÓRIA IURD
- NOTÍCIAS
- OBRAS SOCIAIS
- REUNIÕES
- SOS ESPIRITUAL
- TERAPIA DO AMOR



Bandeira Azul: praia do Guarujá recebe certificação

1 | 2 | 3



Fumantes passivos
Cigarro mata até quem não fuma, segundo ONU

Nosso gozo
Lata no blog do bispo Edir Macedo

- Procura-se criativos
- Mais sensíveis

SERVIÇOS

Caixa de Promessas

SMS: receba o conteúdo do Arca em seu celular

EDITORIAS

Mulheres da Bíblia
Sara: ela desobedeceu, irou-se, revoltou-se, mas conheceu a Deus e tornou-se uma referência

Virada Inclusiva
Dias 3 e 4 São Paulo terá evento de artes, esportes e cultura para pessoas com deficiência

ÚNICA EM TODO O MUNDO

ARCA CENTER

40 Segredos Que toda soteria deveria saber R\$ 14,90

SERVIÇOS

- ARCACENTER
- BLOG DA EQUIPE
- CAIXA DE PROMESSAS
- ENDEREÇOS
- FALA CONOSCO
- LIVRO DE ORAÇÕES
- MOBILE
- PODCAST
- REDE ALELUIA
- WEBMAIL
- VÍDEOS

PARCEIROS

- CCJ
- EBI UNIVERSAL
- ENSINO UNIVERSAL
- EU CREIO EM MILAGRES
- EVANGELIZAÇÃO SP
- FOLHA UNIVERSAL
- LINE RECORDS
- REVISTA PLENITUDE
- R7

DESTAQUES

Saúde Câncer de próstata: Tomate ajuda a combater a doença

Seu dinheiro Cartão de Crédito: Aumento na tarifa de pagamento mínimo

Manipulação Documentário: A história da Globo proibida no Brasil

Brasil Estradas: País pretende investir 2 trilhões até 2022

ÚLTIMAS NOTÍCIAS | **MAIS LIDAS**

ECONOMIA E CONSUMO "Censo" da pirataria

TURISMO Praia paulista recebe Bandeira Azul

LAZER E CULTURA Virada Inclusiva

ECONOMIA E CONSUMO Pavimentação na malha viária brasileira

SALUDE Cigarro mata até quem não fuma

SALUDE Tomate combate câncer de próstata

[Veja todas as notícias](#)

ENQUETE

O fim do ano lembra confraternização, paz. Só que para muita gente virou sinônimo de correria e estresse. Como você se sente nessa época?

- Apesar da correria, é um período em que minha esperança se renova
- Sinto como se as comemorações fossem uma obrigação e não um prazer
- Sinto-me deprimido (a)
- Para mim essa época é como qualquer outra

[Votar nesta enquete](#) | [Resultado da enquete](#)

Agenda The sisterhood 2x R\$ 19,95 sem juros

Agenda Megui 2x R\$ 19,95 sem juros

Bíblia Sagrada (Reina Valera) por: R\$ 27,90

Crentes Possessos R\$ 21,90

Mensagens do meu Blog R\$ 19,90

IURD no celular

COMUNICADOR Universal

Assine nosso RSS

IURD

Fogueira Santa
Lurdes conquistou uma vida de qualidade participando da Fogueira Santa de Israel

Paz no Rio
Enquanto os militares ocupavam o Complexo do Alemão, o povo da IURD estava em oração

Evangelização
Os evangelistas da Paraíba visitaram detentos e receberam a consagração com o óleo santo

Bíblia da Família Por: R\$ 78,80

Devocional Dia-a-Dia por: R\$ 35,90 ou 2x R\$ 17,95 sem juros

[Veja mais](#)

EDITORIAS

- CASA & DECORAÇÃO
- COMPORTAMENTO
- ECONOMIA E CONSUMO
- EM FOCO
- ENTREVISTAS
- LAZER E CULTURA
- PROFISSÃO & NEGÓCIOS
- QUALIDADE DE VIDA

IURD

- BLOGS
- COMUNIDADE UNIVERSAL
- DOAÇÕES
- EM QUE CREMOS
- FALA QUE EU TE ESCUTO
- FOGUEIRA SANTA
- FORÇA JOVEM
- HISTÓRIA IURD
- NOTÍCIAS
- OBAS SOCIAIS
- REUNIÕES
- SOS ESPIRITUAL
- TERAPIA DO AMOR

SERVIÇOS

- ARCACENTER
- BLOG DA EQUIPE
- CAIXA DE PROMESSAS
- ENDEREÇOS
- FALA CONOSCO
- LIVRO DE ORAÇÕES
- MOBILE
- PODCAST
- REDE ALELUIA
- WEBMAIL
- VÍDEOS

PARCEIROS

- CCJ
- EBI UNIVERSAL
- ENSINO UNIVERSAL
- EU CREIO EM MILAGRES
- EVANGELIZAÇÃO SP
- FOLHA UNIVERSAL
- LINE RECORDS
- REVISTA PLENITUDE
- R7

Internet 90%

Bispo Edir Macedo - Meu blog pessoal > blog - Windows Internet Explorer

http://bispomacedo.com.br/blog/

Arquivo Editar Exibir Favoritos Ferramentas Ajuda

Bispo Edir Macedo - Meu blog pessoal > blog

arca UNIVERSAL IURD ARCACENTER BLOGS BUSCAR

HOME BLOG BIOGRAFIA GALERIA DE FOTOS LIVROS PALAVRA AMIGA PODCAST VÍDEOS

"Sede vós também pacientes e fortalecei o vosso coração, pois a Vinda do Senhor está próxima". Tg 5.8

Bispo Edir Macedo

1 DEZ Nosso gozo



"...o nosso gozo está no resultado depois do deserto..."

O nosso gozo não consiste em conquistas pessoais ou materiais; o nosso gozo está no resultado depois do deserto, no espírito contrito, em uma vida, num coração quebrantado, nos olhos iluminados, no corpo purificado, em uma mente transformada, no comportamento limitado por alguém que não se vê.

O nosso gozo está em pessoas que não conhecemos, em rostos rudes transformando-se em faces angelicais, em palavras e atitudes equivocadas sendo apagadas.

O nosso gozo não está em receber e sim em dar; está na alegria de um povo que tem tudo sem ser dono de nada; está nas lágrimas diante do altar.

O nosso gozo está em vidas que não são nossas, vidas trocadas, vidas iluminadas, está em bocas que falam palavras intraduzíveis, línguas sem nação humana e veem nisso honra.

O nosso gozo está em ver as lutas, as dificuldades dos que transbordam de amor inabalável, que não precisam de consolo humano, pois do seu interior fluem rios de águas vivas.

Esse é o gozo Universal!

Bianca Carturani

Espalhe por aí:

Publicado por: **Bispo Edir Macedo**

Mensagens 59 Comentários adicionados Enviar para um amigo

30 NOV Livramento da Escravidão

Bispo Macedo - Livramento da Escravidão



Espalhe por aí:

Idiomas

Espanhol

Inglês

Pesquisar

ok

Anúncio

Saiba mais nesse LIVRO

Site do Templo

TEMPLO DE SALOMÃO

VEJA A CONSTRUÇÃO AO VIVO

CLIQUE AQUI

Follow no Twitter

twitter

Seguidores do blog

Fazer login

Google Friend Connect

Membros (16360) [Mais](#)

Já é um membro? [Fazer login](#)

Internet 100%

Comunidade Universal - Windows Internet Explorer

http://comunidade.arcauniversal.com/

Arquivo Editar Exibir Favoritos Ferramentas Ajuda

Comunidade Universal

arca IURD ARCACENTER BLOGS

COMUNIDADE **Universal** Oficial

Quinta Reunião da Sagrada Família na Igreja Universal do Reino de Deus

PESQUISE NA COMUNIDADE UNIVERSAL

Home Minha página Membros Canais Fotos Vídeos Blogs Fórum Games Rede Aleluia Regras Rank Contato

Canais

- Canal Arca Universal - O... 1583 membros
- Espaço Blog do Bp Macedo 10141 membros
- Amigos do Fala Que Eu Te... 1229 membros
- EBI Universal - Oficial 5646 membros
- Sisterhood 8011 membros
- Espaço Cristiane Cardoso 8381 membros
- Força Invem Brasil 5415 membros
- Tecladistas da IURD 2099 membros
- Bp Renato Cardoso, USA 2611 membros

Vídeos

Um par de sapatos velhos

A ESCOLHA É SUA...

O que significa o Natal?

Fotos

Reunião de Obreiros e Pastores - 28/11/2010

Bispo Macedo - Reuniao Obreiros e Pastores - 28...

twitter.com/bispomacedo

Membros

Últimas atividades

- Hellen Junior Lourenço e Obr. César Kuracima agora são amigos
- beatriz da silva deixou um comentário para lorena
- Ayla atualizaram seus perfis
- M@RY@N@ S@NTOS e Nayara Bongiovanni agora são amigos
- Ismael Lemos deixou um comentário para Andressa e Pr. Leandro
- michel arindo pacheco deixou um comentário para mirian
- Josué dias deixou um comentário para erica loפש
- Cátia Amorim deixou um comentário para joao marco

RSS

Fogueira Santa

Evangelização na Paraíba

O mal causa guerras

De volta para Jesus

Caravana Digital Day

REGRAS

Aniversários

Aniversariantes de Hoje

ADRIANO FERREIRA SILVESTRE

ARIILDO SOUSA DE LIMA

Alexandro Felix da Silva

Alessandra Dias

Alessandra Patroninho

Aline Alves Pereira

Alyson

Amanda Brito

Ana Carolina

EDITORIAS

- CASA & DECORAÇÃO
- COMPORTAMENTO
- ECONOMIA POPULAR
- EDUCAÇÃO
- EM FOCO
- ENTREVISTAS
- LAZER
- MEIO AMBIENTE
- PROFISSÃO

IURD

- BLOGS
- COMUNIDADE UNIVERSAL
- DOAÇÕES
- EM QUE CREMOS
- FALA QUE EU TE ESCUTO
- FOGUEIRA SANTA
- FORÇA JOVEM
- NOTÍCIAS
- OBRAS SOCIAIS

SERVIÇOS

- ARCACENTER
- CAIXA DE PROMESSAS
- ENDEREÇOS
- FALE CONOSCO
- LIVRO DE ORAÇÕES
- MOBILE
- PODCAST
- REDE ALELUIA
- WEBMAIL

PARCEIROS

- CCJ
- EBI UNIVERSAL
- ENSINO UNIVERSAL
- EU CREIO EM MILAGRES
- FOLHA UNIVERSAL
- LINE RECORDS
- REVISTA PLENITUDE
- R7

O jornal Folha Universal foi lançado em março de 1992. Produzido pela Universal Produções no Rio de Janeiro, tem edição nacional e uma invejável tiragem semanal de 2,7 milhões de exemplares. É rodado e distribuído para todo o Brasil por outra gráfica da Igreja a Ediminas S/A em Belo Horizonte/MG. A gráfica que edita também o jornal mineiro Hoje em Dia, pois o parque gráfico do Rio de Janeiro não tem condições de imprimir tão grande tiragem.

A Folha Universal apresenta várias seções: a) Opinião, b) Economia, c) Utilidade Pública, d) Acontecimentos da Igreja Universal no Brasil e no mundo, e) Folha Jovem, g) Folha Mulher, h) Turismo, i) Esportes, entre outros. A Folha Universal é considerada o maior jornal evangélico do mundo. A IURD é dona também do jornal Correio do Povo em Porto Alegre, que, desde março de 2007, passou a fazer parte do conglomerado de mídia controlado por Edir Macedo.



Figura 15: jornal a Folha Universal, Folhinha e o Jornal Hoje em Dia de Minas Gerais..
Fonte: portal Arca Universal – acesso 23/08/2010.

A IURD também é proprietária da Rede Aleluia. Formada por rádios que têm a mesma programação com a participação de bispos e pastores – teve início em junho de 1998, com 17 emissoras, sendo a principal a FM 105,1, no Rio de Janeiro. Além dos programas evangelísticos, há momentos musicais e de informação. “Somente no céu tomaremos conhecimento dos frutos do trabalho evangelístico realizado por esse meio de comunicação de massa”, afirma Macedo.



Figura 16: logomarca da Rede Aleluia FM e site da rádio.
Fonte: portal Arca Universal – acesso 23/08/2010.

A Line Records é a gravadora gospel, pertencente à IURD. Com o objetivo de atender à demanda de música no mercado gospel, a gravadora Line Records, com 15 anos atuando nesse segmento, tem um casting com grandes nomes da música gospel como Sula Miranda, Salgadinho (ex-pagodeiro), Beno César, Cristina Mel, Mara Maravilha, entre outros.



Figura 17: CDS da Line Records.
Fonte: portal Arca Universal – acesso 23/08/2010.

A revista Plenitude é uma publicação da Universal Produções, lançada em agosto de 1980, com oitenta e quatro páginas e tiragem de mais de 300 mil cópias, é distribuída nacionalmente. Tem como articulistas Edir Macedo e sua filha Cristiane Cardoso, entre outros. Aborda assuntos variados de interesse cristão, como estudo bíblico, comportamento, culinária, saúde e a opinião de Edir Macedo.



Figura 18: Revista Plenitude.
Fonte: portal Arca Universal – acesso 23/08/2010.

Na literatura, a Universal Produções é responsável por diversas publicações da IURD. Entre várias obras, podemos destacar o livro campeão de vendas, *Orixás, caboclos e guias: deuses ou demônios?*, de autoria do bispo Edir Macedo. Lançada em 1988, essa obra, cuja vendagem já teria chegado a 3 milhões de exemplares, faz oposição aos cultos afro-brasileiros. Outro livro envolvendo a Igreja Universal é *O Bispo*. Lançado em junho de 2007 pela Editora Larousse, em menos de um mês após seu lançamento, a biografia autorizada do bispo Edir Macedo, esgotou. Foram cerca de 700 mil cópias vendidas em um mês, registrando uma das maiores tiragens da história do mercado editorial brasileiro. Todo esse investimento midiático foi decisivo para o desenvolvimento da IURD, mostrando, assim que, “as religiões não seriam as mesmas sem o uso que fazem da mídia” (ARAUJO, 2007, pp. 376-377).



Figura 19: livros do Bispo Edir Macedo.
Fonte: portal Arca Universal – acesso 23/08/2010.

A IURD está conectada com seu fiel, também através de *móBILE* e com arquivos disponibilizados em *podcast*, isto é MP3, MP5... ,etc.

Arca Universal: Compromisso com a Verdade - Windows Internet Explorer

http://www.arcauniversal.com/servicos/mobile.html

Arquivo Editar Exibir Favoritos Ferramentas Ajuda

MSN Brasil - Hotmail, Messen... Arca Universal: Compromi... X

EDITORIAS IURD SERVIÇOS BLOGS ARCACENTER SHOPPING

arca UNIVERSAL

Templo de Salomão

O QUE VOCÊ PROCURA? **BUSCAR**

SERVIÇOS

ARCACENTER
SHOPPING
BLOG DA EQUIPE
CAIXA DE PROMESSAS
ENDEREÇOS
FALE CONOSCO
LIVRO DE ORAÇÕES
MOBILE
PODCAST
REDE ALELUIA
WEBMAIL
VÍDEOS

EDITORIAS

IURD

PARCEIROS

CCJ
EBI UNIVERSAL
ENSINO UNIVERSAL
EU CREIO EM MILAGRES
EVANGELIZAÇÃO SP
FOLHA UNIVERSAL
LINE RECORDS
REVISTA PLENITUDE
R7

ArcaUniversal no twitter

ArcaUniversal no Youtube

ArcaUniversal no facebook

COMUNIDADE Universal

Assine nosso RSS

Página inicial > Serviços > Mobile

MOBILE

CANALIS

Escolha o canal

Sua operadora

Celular:

ENVIAR

O Poder da Esposa que Ora
Storme O'Martian
+ Brinde
R\$ 22,90

O BISPO
A história revelada
DE EDIR MACEDO
R\$ 39,90
EM ATÉ 2X SEM JUROS DE R\$ 19,95

ARCA CENTER

40 Segredos Que toda solteira deveria saber
R\$ 14,90

Agenda The sisterhood
2x R\$ 19,95 sem juros

Agenda Megui
2x R\$ 19,95 sem juros

[Veja mais](#)

BIBLIA
Versículos da Bíblia
Assinantes recebem até 2 msg/dia (seg-dom).
Preço: R\$ 0,10 cada notícias
Você pode pedir mensagens extra enviando um SMS com o texto ULT CANAL* (Canal desejado) para 50005
Ex: ULT BIB
Preço da mensagem extra: R\$ 0,24 cada.

MULHER
Dicas para as Mulheres
Assinantes recebem até 2 msg/dia (seg-dom).
Preço: R\$ 0,10 cada notícias
Você pode pedir mensagens extra enviando um SMS com o texto ULT CANAL* (Canal desejado) para 50005
Ex: ULT MUL
Preço da mensagem extra: R\$ 0,24 cada.

ESPORTE
Notícias de esportes
Assinantes recebem até 2 msg/dia (seg-dom).
Preço: R\$ 0,10 cada notícias
Você pode pedir mensagens extra enviando um SMS com o texto ULT CANAL* (Canal desejado) para 50005
Ex: ULT ESP
Preço da mensagem extra: R\$ 0,24 cada.

IURD
Pensamentos Religiosos
Assinantes recebem até 2 msg/dia (seg-dom).
Preço: R\$ 0,10 cada notícias
Você pode pedir mensagens extra enviando um SMS com o texto ULT CANAL* (Canal desejado) para 50005
Ex: ULT IURD
Preço da mensagem extra: R\$ 0,24 cada.

NEWS
Noticias da redação
Assinantes recebem até 3 msg/dia (seg-dom).
Preço: R\$ 0,10 cada notícias
Você pode pedir mensagens extra enviando um SMS com o texto ULT CANAL* (Canal desejado) para 50005
Ex: ULT NEWS
Preço da mensagem extra: R\$ 0,24 cada.

FRASES DO BISPO
Reflexões do Bispo
Assinantes recebem até 2 msg/dia (seg-dom).
Preço: R\$ 0,10 cada notícias
Você pode pedir mensagens extra enviando um SMS com o texto ULT CANAL* (Canal desejado) para 50005
Ex: ULT BIS
Preço da mensagem extra: R\$ 0,24 cada.

Claro TIM Sercomtel vivo oi CTBC BrasilTelecom Telemig Celular

Figura 20: Mobile e podcast.
Fonte: portal Arca Universal – acesso 24/08/2010.

A Igreja Universal conta ainda com Centro Cultural de Jerusalém, CCJ. Construído na Av. Dom Helder Câmara, 4242 (antiga Av. Suburbana) – Anexo Del Castilho – Rio de Janeiro – RJ.



Figura 21: Centro Cultural Jerusalém, fotos.
Fonte: portal do CCJ – acesso 24/08/2010.

O Centro Cultural de Jerusalém é mais que uma simples atração cultural e de entretenimento, o CCJ oferece a seus visitantes uma oportunidade ímpar de conhecer e aprender sobre a História do berço da cultura judaico-cristã e verdadeiro patrimônio da humanidade, a cidade de Jerusalém. Com a exposição permanente da Maquete de Jerusalém da Época do Segundo Templo, o visitante tem a oportunidade de conhecer, graças ao primoroso projeto arquitetônico, uma fiel e detalhada representação desta notável relíquia. Além disso, também conhece

particularidades da História de Jerusalém e de Israel através de um *tour virtual* feito por meio de *totens* (terminais multimídia) dispostos estrategicamente que contam com recursos audiovisuais primorosos e disponibilizam infográficos, fotos e ilustrações, apresentando cada área de acordo com um tema específico.

O Bispo Edir Macedo em um vídeo no *You Tube* diz que esta maquete do CCJ está mais próxima de Jesus do que a construída há muitos anos atrás na cidade de Jerusalém e convida a todos para visitar o centro cultural.

A Igreja tem a Educação Bíblica Infanto-juvenil (EBI), que hoje, é muito mais que um local onde as crianças e pré-adolescentes ficam enquanto os pais participam da reunião. Segundo informações do próprio portal, eles visam formar uma geração consciente de seus valores e responsabilidades, e capacitar crianças e pré-adolescentes para exercerem seu papel de cristão na sociedade cumprindo o propósito de Deus, expandindo o Seu Reino através da educação cristã trabalhando em aliança com os pais, cooperando na educação dos filhos sobre a cobertura espiritual da igreja.

Para realizar o trabalho de educação cristã, a EBI conta com a colaboração voluntária dos educadores que com empenho e dedicação tem levado a Palavra de Deus para as crianças e pré-adolescentes. São realizadas reuniões e workshop para os educadores, com o objetivo de instruí-los pedagogicamente, consagrá-los espiritualmente, e levar dicas, orientações de como levar para as crianças e pré-adolescentes a educação cristã, através da Palavra de Deus, de forma inovadora.



Figura 22: Educação Bíblica Infanto-juvenil. Fonte: portal EBI – acesso 24/08/2010.

A Igreja ainda oferece o Ensino Universal que é o braço educacional da Igreja Universal do Reino de Deus. O objetivo é oferecer cursos que ajudem as pessoas a ter uma vida de qualidade vencendo os problemas do dia-a-dia e estreitando seu relacionamento com Deus. Além disso, também oferece cursos diversos que contribuam para o crescimento profissional dos interessados nas mais diversas áreas de atuação.

A Evangelização em São Paulo é um portal que destaca as atividades em comunidades, hospitais e campanhas populares sempre com membros da Igreja em trabalho voluntário.



Figura 23: Evangelização em São Paulo.
Fonte: portal EBI – acesso 24/08/2010.

E finalmente, o mais novo lançamento *Drive-Thru* da oração. A iniciativa surgiu nos Estados Unidos, em 2006, em igrejas localizadas à beira de rodovias movimentadas, e começou a ser feita também pelo bispo Renato Cardoso, responsável pela IURD de Houston, no Texas. “Como aqui em Houston pouco se vê pessoas nas ruas, só carros, então tivemos essa ideia”, explica o bispo.

A IURD da Vila Mariana, na zona sul de São Paulo (SP), foi inaugurada no mês de abril de 2010 e chama a atenção dos pedestres e motoristas não somente pela beleza de sua arquitetura, mas também por aderir ao método evangelístico do

“*Drive-Thru* da oração”. O procedimento é simples: o ocupante do automóvel recebe um folheto de apresentação da Igreja, com informações sobre as reuniões e, de dentro do carro, explica para o pastor o problema que tem vivido, recebe oração e segue viagem.

Para o pastor Osvaldo Volpini, responsável pelo trabalho da IURD da Vila Mariana – São Paulo, a escolha pelo método evangelístico se deu pela localização do templo, que fica em uma avenida movimentada. “Nós percebemos que durante o tráfego intenso, os carros ficavam parados na frente da igreja, então, colocamos faixas sinalizando o “*Drive-Thru*” e os motoristas começaram a entrar para receber orações”, (Portal Arca Universal, publicado 1/06/2010).

O trabalho é intensificado no horário de pico do trânsito, entre 18h e 20h, período em que há maior fluxo de carros e congestionamento na região. Thiago Sapadjian, de 28 anos, é um dos voluntários do “*Drive-Thru* da oração”, e diz perceber um interesse da parte dos motoristas, que são surpreendidos com o convite inusitado.



Figura 24: Drive-Thru da Oração. A IURD da Vila Mariana fica à Avenida Domingos de Moraes, 2.051, na zona sul da capital paulista. Fonte: portal Arca Universal – acesso 24/08/2010.

No próprio portal estão disponibilizado os depoimentos e fotos dos fiéis ou não e as graças alcançadas, por meio do *Drive-thru* da oração . Muitos declaram que em seguida começam a participar das reuniões na IURD.

São inúmeras as expressões de fé que, como estamos vendo, não mais se contentam em realizar seus cultos nos templos. Muitas denominações religiosas saem dos templos e ampliam sua voz, utilizando a mídia para isso. Hoje, a mídia é apontada como o caminho de sucesso para qualquer empreendimento, e isso também inclui as Igrejas, sendo a TV o veículo mais almejado. Para a IURD, a expressão de fé, não mais se detém nos cultos, ela invade os lares dos fiéis através de seu império midiático, principalmente, por meio dos programas televisivos, com temáticas variadas e perfis diversos.

Neles são veiculados, os cultos da igreja: Reunião da prosperidade, Sessão de descarrego, Reunião dos filhos de Deus, Reunião da sagrada família, Corrente de libertação, Terapia do amor e Encontro com Deus. Além disso, a IURD apresenta em seus programas televisivos aconselhamentos, testemunhos, debates com personalidades do mundo evangélico, propaga seu ideário religioso e divulga os produtos da Igreja. Nesse contexto, Campos (1999b) explica que, embora a Igreja eletrônica da década de 60 tenha desaparecido, não há como negar que ela foi propulsora dos programas evangélicos que invadem a televisão na contemporaneidade. O autor ainda argumenta que, esses programas não pretendem substituir o que acontece no templo, mas funcionam como um pré-evangelismo, isto é, seria uma forma de familiarizar os telespectadores não frequentadores de igrejas, com os evangélicos. Um primeiro gelo seria quebrado e, assim, ficaria mais fácil uma abordagem face a face.

Nosso próximo passo será descrever as características gerais do programa *Fala que eu te escuto* que é parte integrante da nossa pesquisa e analisá-lo, explicando a metodologia utilizada para responder as indagações deste capítulo.

3.2 O programa Televisivo da IURD “Fala que eu te escuto”



Figura 25: cenário do programa *Fala que eu te escuto*.
Fonte: Foto extraída do próprio site do programa 6/07/2010.

O programa *Fala que eu te escuto* surgiu em meados da década de 1990 e inicialmente apresentava apenas temas religiosos. Gradativamente foi sendo adaptado e começou a enfatizar fatos e acontecimentos provenientes dos noticiários cotidianos, com uma peculiar preferência por temas polêmicos e imagens impactantes como: violência, sexualidade, prostituição, drogas, solidão, infortúnio financeiro, problemas religiosos, entre outros. Segundo o Ibope (2010), com certa frequência, registra picos de 7 pontos de audiência. No gênero e no horário pode ser considerado um sucesso. Atualmente, mesclam-se debates ao vivo e simulações gravadas sobre os temas apresentados, atraindo a atenção de um público generalizado.

Todos os dias, à 1h da manhã, o programa *Fala Que Eu Te Escuto* adentra as madrugadas, ao vivo pela Rede Record de Televisão, para todo o território nacional. Trata-se de um programa de debates e opinião, no qual, a produção previamente escolhe um tema e o coloca em discussão com os telespectadores. Num cenário moderno, o programa tem a duração de 60 minutos, ancorado pelo bispo Clodomir Santos no papel de apresentador, conta com o auxílio de outros bispos e pastores da Igreja Universal, que interagem e permitem a participação do telespectador, seja ele fiel, ou não, da IURD. Escolhemos o programa citado, pois ele promove a pregação doutrinária a partir de acontecimentos da atualidade, estimulando a

discussão através de perguntas que limitam o universo a ser debatido e a resposta a ser dada, além de ser um dos principais produtos de tele-evangelização da Igreja Universal do Reino de Deus.

A composição do programa possibilita sugestões, questionamentos, críticas e elogios sobre qualquer assunto, através do site do programa na web, e-mail, telefone e também, o acompanhamento pelo twitter. Viabiliza também o consumo de edições passadas através do acesso aos links, no site do programa, dos temas já debatidos.

Os temas são assuntos que tiveram destaque na mídia em geral, portanto são atuais. Participam do debate pessoas de profissões variadas, como médicos, advogados, psicólogos, professores, artistas e público em geral. A participação do telespectador é através de e-mail e, principalmente, pelo telefone, onde fica por alguns minutos discorrendo sobre suas dificuldades de vida. Buscam consolo ou uma palavra amiga. No desenrolar de sua explanação, a emoção toma conta do participante, chegando, na totalidade das vezes, às lágrimas. O apresentador quase nada fala, somente ouve o que é narrado pelo aflito. Após alguns minutos de exposição dos dramas pessoais, o apresentador faz algumas perguntas ao participante e inicia sua fala de aconselhamento, que sempre acaba em um destino certo, a Igreja Universal do Reino de Deus. Dessa forma, o programa visa fazer com que o telespectador, pela emoção se aproxime, se interesse e identifique-se com os fatos apresentados.

Durante o programa utilizam-se estratégias para atrair fiéis para a Igreja Universal. O apresentador em alguns momentos enfatiza dizendo: “Compareça em uma de nossas Igrejas”, “faça uma corrente de oração em nosso templo maior”, “participe em uma de nossas reuniões da família” são expressões utilizadas com

freqüência pelos bispos ou pastores, mostrando através de uma TV de LCD, as imagens do culto realizado na Igreja sede.

O programa *Fala Que Eu Te Escuto*, mesmo tendo uma proposta religiosa tem um foco bem definido. Assume um teor jornalístico, colocando-se como um local de discussão de temas polêmicos, especialmente comportamentais.

No quadro abaixo, mostramos estimadamente uma divisão do tempo do programa, o qual tem uma variação de acordo com o tema abordado. A ênfase maior é dada na interação, telespectador e apresentador, seguida por debates no estúdio. No entanto, em alguns programas, não existem os debates em estúdio, somente videoclipes temáticos, ficando o tempo ao telespectador ampliado para opinar nos temas apresentados e atendimento por telefone para solucionar seus problemas.

PARTES DO PROGRAMA	TEMPO APROXIMADO
ABERTURA	30 SEGUNDOS
APRESENTAÇÃO DO TEMA DO DIA	12 MINUTOS
DEBATES NO ESTÚDIO	18 MINUTOS
ATENDIMENTO AO TELESPECTADOR	24 MINUTOS
ORAÇÃO	5 MINUTOS
ENCERRAMENTO	30 SEGUNDOS
TOTAL	60 MINUTOS

Quadro 2: Em média 6 divisões de tempo do programa *Fala que eu te escuto*.

Fonte: Acompanhamento, pela pesquisadora, deste trabalho da programação veiculada pela TV Record de 06 a 10 de julho de 2010.

Dessa maneira, nos deparamos com um programa, cujo viés religioso se ajustou ao novo cenário comunicativo, em que os indivíduos deixaram de lado a forma passiva de recepção de informações, que estava presente com grande intensidade nos meios tradicionais, para emergir um novo receptor. Através da interação, esse receptor se impõe e participa do processo comunicativo, produzindo conteúdo, falando a respeito e alimentando a própria mídia, que ele mesmo quer ver.

Notadamente percebemos que os elementos do entretenimento e do espetáculo não estão dissociados da produção do programa e, mesmo sendo ao vivo, em tempo real, são programados e editados, sem que os telespectadores percebam sua participação em um roteiro previamente estruturado. Dessa forma, é apresentada para o público uma realidade retrabalhada pela mídia, tanto pelos seus produtores religiosos quanto pelos enquadramentos dos seus dispositivos tecnológicos. Por esse viés, podemos questionar se o programa *Fala que eu te escuto*, retrata uma realidade ou produz e constrói uma realidade retrabalhada ou até mesmo com conotações de simulacro, que simula algo inexistente.

Para compreendermos melhor os elementos que serão a partir de agora apresentados, que envolvem procedimentos de dados coletados através da pesquisa, é necessário que se esclareçam algumas escolhas metodológicas e se encaminhe este estudo para dar conta da hipótese central: a existência de uma instrumentalização da mídia televisiva praticada pela IURD que emite mensagens que podem construir nos receptores um sagrado e uma religiosidade com conotações de hiper-realidade e de simulacro.

Com esta pesquisa, nossa pretensão não é obviamente esgotar o tema ou afirmar que não existam outras possibilidades e recortes a serem abordados, mas a

partir de uma concepção apoiada no conceito de simulacro de Baudrillard, refletir sobre um específico gênero de fé marcado pela simulação.

Outra questão que será abordada na análise dos dados da pesquisa é se a IURD, a partir das rápidas transformações ocorridas na sociedade contemporânea, principalmente, nesta primeira década do século XXI, como um desdobramento da pós-modernidade - período esse com características específicas - como já foi visto, no capítulo segundo, acompanhou essas mudanças a ponto de transformar-se para adequar-se à nova realidade (sem esquecer que ela mesma é fruto de mudanças anteriores) a fim de garantir sua permanência na concorrência do mercado de bens simbólicos religiosos das quais participa.

Compreender que relações se estabelecem entre esses dois eixos, formação de um sagrado e uma religiosidade com conotações de hiper-realidade e de simulacro e adaptação à nova realidade do capitalismo para a garantia da manutenção dentro do mercado de bens simbólicos, nos faz indagar quais as estruturas no contexto contemporâneo que estão realmente se transformando e em que medida novas possibilidades de re-significação do fenômeno religioso, a partir do simulacro, podem ser criadas. Passaremos, assim, a explicitar alguns aspectos que nos fizeram adotar determinadas escolhas metodológicas.

Metodologia

Partindo do pressuposto, de que generalizações não são possíveis do ponto de vista científico, no caso estudado, deixamos claro que os dados apresentados nessa pesquisa são considerados como parte de uma pesquisa exploratória, que por seu próprio caráter poderá ser ampliada futuramente, até

porque a realidade que envolve a Igreja Universal do Reino de Deus, na contemporaneidade, é bastante dinâmica e abre outras possibilidades de análise a partir de novas leituras.

Assim, para compreender como a instrumentalização da mídia televisiva pela IURD promove padronizações pessoais e sociais na vida do fiel, objetivando seu compromisso, e como são ancoradas pela força da imagem, escolhemos como fonte para a pesquisa a análise interpretativa de alguns programas televisivos produzidos e transmitidos pela Rede Record de Televisão, emissora de propriedade da IURD.

Esses programas televisivos suscitam sentimentos e emoções nos fiéis num contexto de espetáculo, por meio de narrativas que ocupam espaço numa cultura do inverossímil e ganham funcionalidade nos locais de culto e nas imagens midiáticas transmitidas. Assim, através desses programas, acreditamos captar aspectos da construção de simulacros pela mídia televisiva da IURD, analisando as ideias e valores veiculados, e como se reorganizam para acompanhar a dinâmica da pós-modernidade.

Desta forma, para desenvolver o tema e compreender o uso da mídia televisiva no espaço religioso iurdiano, através dos programas analisados, como reflexo da condição pós-moderna, como já foi explicado no capítulo dois, nos apoiamos nos conceitos baudrillardianos de “simulacro”, “simulações” e “hiper-realidade”, que tratam de forma específica da fragilidade do conceito de realidade, do advento do virtual, da tecnologia desenfreada e suas conseqüências, e do colapso do real em relação ao imaginário.

Também, a partir das concepções de Otto e Eliade sobre o sagrado, principalmente com relação ao caráter ambivalente e paradoxal que Otto lhe atribui, a saber, a *numinosidade*, o mistério, a majestade, o fascínio e, também, o medo, o

respeito e a reverência, tentaremos nos aproximar da forma como a manifestação do sagrado aparece, nos programas em questão, “materializados” em imagens, ou seja, como a “*hierofania*” (manifestação do sagrado), no contexto midiático da IURD, se torna uma via que leva ao simulacro.

Outro pressuposto teórico que norteia a análise dos programas é o fato de que as relações entre a mídia e a religião estruturam-se em uma complexa dialética na qual a compreensão de uma das partes exige o conhecimento da outra. As mudanças nas formas institucionais de religião levam à necessidade do uso da mídia como estratégia de garantia de existência, ao mesmo tempo em que a mídia gera novas formas de linguagem e demandas de trabalho simbólico das instituições religiosas.

Em *O Sagrado Selvagem*, Roger Bastide nos fornece uma excelente chave de leitura com suas concepções acerca das mutações internas nas religiões como reflexos das mudanças externas que exigem “reequilibrações com uma sociedade nova” O autor explica:

O sagrado, encarnando-se num corpo social, toda a crise desse corpo acarreta, com efeito, uma nova apreensão e, conseqüentemente, uma nova experiência do sagrado. A fisiologia religiosa prende-se à fisiologia do organismo global. Toda experiência religiosa é, por definição, uma experiência impura (BASTIDE, 2006, p.118).

Nesse sentido, a análise dos programas nos permite compreender dois movimentos utilizados pela mídia televisiva da IURD: o primeiro movimento que constrói o simulacro a partir do discurso religioso regido pelas leis da comunicação de massa, nas quais os púlpitos são os aparelhos de televisão e a imagem é o centro de tudo, e o espetáculo dá corpo à virtualidade da relação com o sagrado; o segundo movimento refere-se à necessidade constante de manutenção do simulacro a partir da adaptação às transformações aceleradas pelas quais passa a

sociedade na qual está inserida a IURD, comprovando seu caráter de instituição adaptada à pós-modernidade.

Assim, ao aceitarmos que a pesquisa é uma prática social, por isso mesmo um processo contínuo, inacabado e que nos remete a uma busca permanente, fizemos algumas escolhas que nortearam a análise, levando em conta que nosso propósito é apreender alguns aspectos bem pontuais.

Como toda abordagem metodológica possui técnicas próprias, que têm por finalidade garantir certa coerência dentro de sua dinâmica de flexibilidade e abertura, potencialidades e limitações, o primeiro passo foi definir que recorte dentro da programação televisiva oferecida pela IURD, seria analisado. Esse recorte tem a finalidade de buscar um quadro qualitativo de interpretação dos processos ideológicos da IURD e em suas relações no contexto societário pós-moderno.

Escolhemos o programa evangélico televisivo da IURD *Fala que eu te escuto*, transmitido pela Rede Record no período de 06 a 10 de julho de 2010, e três trechos desse programa do ano de 2008, a fim de estabelecer uma comparação no sentido de constatar as adequações e ressignificações que contemplam a necessidade de manutenção dos fiéis a partir das transformações que ocorrem de forma rápida, na dinâmica que caracteriza as estruturas de base na pós-modernidade.

O critério de escolha dos programas analisados se deve ao fato de os considerarmos apropriados para subsidiar o trabalho de observação e interpretação do universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores que permitem refletir sobre os processos de construção do sagrado através das imagens e mensagens veiculadas, construção essa baseada na perspectiva do simulacro, que acaba por dar “concretude”, mesmo que virtual aos “novos” significados de existir.

É importante ressaltar que a análise dos programas escolhidos foi realizada a partir de alguns questionamentos que serviram de base para construir

algumas categorias que nortearam o fio condutor de nossa proposta. O conteúdo detalhado de cada programa está no Anexo 1, página 234 a 260. No corpo da dissertação transcreveremos apenas recortes que aprofundem ou dêem suporte às categorias escolhidas.

Categorias de análise dos dados

Ao selecionar os programas, acreditamos que sua relevância era poder responder a algumas indagações:

- O que esses programas trabalham efetivamente da realidade?
- O que eles simulam?
- Suas mensagens reforçam a lógica capitalista?
- Esses programas deixam claras determinadas tendências, a partir de delimitações significativas?

A partir dessas indagações começamos a construir as categorias de análise, sem ter a pretensão de fazer uma análise aprofundada, pois o campo limita-se apenas ao do discurso veiculado. Assim, alguns subsídios do discurso¹³ devem ser considerados, levando em conta que todo o discurso se enquadra em uma situação, em um tempo e espaço determinado.

É impossível desconsiderar que o papel desempenhado pelos discursos na manutenção e fortalecimento da ordem social ou seu questionamento, assim como

¹³ De acordo com Spink e Medrado (1999), discursos são regularidades linguísticas, ou seja, o uso institucionalizado dos sistemas de sinais de tipo lingüístico, enquanto que as práticas discursivas são os “momentos de resignificações, de rupturas, de produção de sentidos, onde se entrelaçam “tanto a ordem como a diversidade”. Seria a linguagem em ação (pp. 45-46).

seu papel na construção de identidades e de determinados modelos de subjetivação, não nos permite deixá-los de lado, principalmente quando pretendemos captar um processo profundamente subjetivo centrado no “encobrimento” do real, ou seja, no simulacro.

Pelo fato dos discursos integrarem a dinâmica da linguagem, que é uma prática social ativa, opera-se um pacto social do qual decorre a ordem simbólica inseparável do discurso. Existe um jogo entre os interlocutores que não é apenas na produção oral, mas se estendem a todas as formas de linguagem, texto escrito, imagens, arte, meios de comunicação de massa. Assim, “no cotidiano, o sentido decorre do uso que fazemos de repertórios interpretativos de que dispomos” (SPINK e MEDRADO, 1999, p. 47).

Esses repertórios interpretativos¹⁴ são produzidos em um determinado contexto e, é através deles que é possível captar a estabilidade, a dinâmica e a variabilidade das produções lingüísticas que por vezes remetem a contradições. A partir dessa premissa é possível estar atento à “variabilidade e polissemia que caracterizam os discursos”.

Como já vimos, no mundo contemporâneo, a mídia assume um papel fundamental no processo de produção de sentidos. Por isso é impossível não considerar as transformações substanciais introduzidas através dela nas práticas discursivas cotidianas, na medida em que, no dizer de Spink e Medrado, ampliam as possibilidades de repertórios disponíveis “possibilitando a produção de outros sentidos e a construção de versões diversas sobre si e o mundo a sua volta” (SPINK e MEDRADO, 1999, pp. 251-252).

A cultura midiática, como já foi visto, também produz e traduz um determinado discurso, que geram pensamentos e comportamentos ajustados a valores, às

¹⁴ Repertórios interpretativos são definidos pelos autores como unidades de construção das práticas discursivas.

instituições, às crenças e às práticas vigentes, influenciando o modo como as pessoas se vêem e vêem aos outros e como constroem sua própria realidade. Por outro lado, como também já foi dito, a sociedade, em uma constante relação dialética, que ressignifica as ações dos atores sociais, também influencia a cultura da mídia, provocando nela transformações.

A partir dessas considerações, que colocaram os pressupostos para a construção das categorias de análise, apresentaremos cada categoria elaborada, seus objetivos, e os comentários da análise.

Antes, porém, é importante lembrar que os programas têm duração de 60' como demonstra o quadro 2, e no caso dos programas de 2008 apenas foram selecionados trechos de aproximadamente 10', e o formato dos programas, nos dois períodos, seguem a seguinte apresentação:

- Reportagem referente a um tema em forma de videoclipe no formato de reportagens da imprensa laica, ou seja, um narrador e imagens que se adequam ao que está sendo narrado.
- Sempre utilizam exemplos provenientes de atores, atrizes, cantores e cantoras ou personalidades famosas no Brasil e no mundo, mas de grande destaque na mídia.
- Uma pergunta será o eixo de participação dos telespectadores no programa, que será apresentada em formato de enquete e se apóia na reportagem principal do programa.
- O comando do programa é realizado por um Bispo da IURD com o auxílio de outros pastores, na maioria das vezes.
- A interação com os fiéis ou participantes do programa se dá por meio de telefonemas, e-mail e o twitter.

- As reportagens são entremeadas durante o programa com a participação do público.
- Entrevistas de rua com pessoas da sociedade de forma aleatória e entrevistas com especialistas, seguem o formato do telejornalismo laico.
- Durante a participação do público, o pastor se limita a ler mensagens ou ouvir os participantes que utilizam o telefone, raramente dá sua opinião.
- Na finalização do programa o formato é sempre o mesmo, ao menos no período analisado (2008 – 2010). Solicita-se ao público que assiste ao programa, que prepare um copo com água, para a benção e fluidificação. Seguido pelo momento de reflexão, normalmente utilizando imagens e sempre a mesma música, com uma “lição de moral” subliminar. Em seguida pelo momento da oração, no qual o pastor resgata os pedidos que se relacionem com a temática abordada no programa, juntamente com os pedidos enviados por email e telefone, em seguida, ele transmite os recados relacionados à IURD e enfatiza o blog do Bispo Edir Macedo para que o público acesse.

Realidade ou Simulacro

Esta categoria nos indicará se o conceito de realidade de Baudrillard se confirma na mensagem dos programas, lembrando que para esse pensador, estamos tão afastados do real que não mais exigimos que os signos garantam qualquer contato com as coisas que representam. Vivemos o tempo em que não se

pede qualquer fundamentação do signo na realidade, vivemos a era do “simulacro puro” que ele denomina de hiper-realidade, a realidade criada por símbolos, signos, palavras e imagens, que para nós têm a missão de serem mais reais do que o real.

Análise:

Para esta categoria de análise escolhemos um item na apresentação dos programas que nos pareceu significativo: O caso do goleiro Bruno.

Em 2008, o goleiro Bruno, no auge de sua fama, foi entrevistado no programa *Fala que eu te escuto* cuja pergunta que norteava a entrevista era: Inclusão social: O que traz mais resultado a escola, o esporte ou a arte?

Durante a entrevista o goleiro fala de sua infância, triste e difícil, criado pela avó em um bairro muito carente Ribeirão das Neves, em Belo Horizonte, e que ele sempre acreditou em sua força de vontade para vencer na vida. À resposta sobre o que dá mais resultado ele diz: o mais importante é o estudo, porém ele sempre teve dom para o futebol, por isso que na hora de escolher entre o estudo e o futebol, ele ficou com o esporte, foi isso que o tirou da exclusão e fez sua entrada na sociedade.

Continuando sua entrevista, ele diz que a emoção da fama é “muito boa”, mas admite que tenha que dividir suas conquistas com Deus, por isso ele agradece sempre a Deus, nesse momento aparece uma cena do goleiro agradecendo a Deus em um jogo de futebol. Ele pede a Deus proteção e agradece de onde saiu, aonde chegou, e o que Ele faz por ele e por outros jogadores.

O entrevistador conclui que “Muitos são os chamados, mas poucos são os escolhidos”, perguntando na seqüência qual foi o seu momento mais marcante profissionalmente? O goleiro responde que, do ponto de vista negativo, foi o

rebaixamento do Clube em 2005, e do ponto de vista positivo, quando conquistou o primeiro título com o Flamengo, completa dizendo que sentiu muita paz nesse momento.

Quando perguntado qual o conselho que ele daria aos meninos de comunidades carentes que querem seguir a carreira no futebol? Bruno respondeu: o importante é traçar um objetivo, ir pelo caminho do bem, saber escolher amizades aproximando-se das pessoas boas, não ficar falando sobre as oportunidades, ter muita dedicação, saber confiar nas pessoas certas, percebemos nos olhos das pessoas quando são boas; principalmente a criança não mente, diz o que sente; eu deixo para elas o seguinte: trabalhe bastante, muita determinação, mas confie em Deus, Ele vai fazer a obra. Ele acrescenta, ainda, que de todos os seus amigos o único que se saiu bem foi ele, muitos amigos de infância se perderam nas drogas, no crime, ele fica sentido com isso, e agradece a Deus de tirá-lo daquele lugar, da oportunidade e pela continuidade em sua carreira.

O entrevistador pergunta ao goleiro se ele crê ser um escolhido, a resposta é imediata: “Claro!”. O entrevistador finaliza dizendo que: “Bruno é muito sincero, não é? Pelo seu caráter, pela sua humildade, é um exemplo para jovens que se espelham em você. Isso é bom, ser um vencedor com caráter”.

Dois anos depois dessa entrevista, em 08 de julho de 2010, no auge da comoção social sobre o assassinato de Eliza Samudio, ex-amante do goleiro e mãe de um filho por ele não reconhecido, fato que teria motivado o ato do crime; o programa Fala que eu te escuto com o tema “Paixão Assassina”, faz uma longa reportagem mostrando cenas utilizadas pelas emissoras de televisão naquela semana, com detalhes sobre o seqüestro da moça, a violência utilizada contra ela, o esquartejamento, o fato de ter sido atirada aos cães e os seus restos mortais,

enterrado e concretado em uma casa, no município de Vespasiano a vinte sete Km de Belo Horizonte.

A pergunta que direcionava o programa era: Me apaixonei pelo meu assassino: Essas mulheres são vítimas do coração, da inocência, ou da escolha focada em interesses?

Durante o programa há uma ênfase na culpabilidade do ex-policial, amigo de Bruno que teria cometido o crime e seria o responsável pelo desaparecimento do corpo de Eliza, que é considerado um psicopata. Por outro lado, Bruno é acusado de não reconhecer a paternidade do filho que tivera com a moça, e na reportagem a conclusão é: “Bruno, dos holofotes da mídia para as páginas policiais, a brilhante carreira que Bruno construiu agora parece desmoronar, com o salário de quase duzentos mil reais suspenso e a prisão. Encerrar uma história gloriosa com respingos de sangue”.

Na sequência desse programa, outros casos de violência e morte contra mulheres são apresentados, inclusive mostrando como atrizes e cantoras famosas passam pela mesma violência. Do ponto de vista dos fundamentos científicos da narrativa é levantada a questão da não observância por parte das autoridades da Lei Maria da Penha, que teria o objetivo de preservar a vida e a integridade de mulheres ameaçadas por seus companheiros.

O pastor que apresenta o programa coloca que o tema não traz alegria, mas reflexão e dá os números da enquete realizada durante a programação: 50% das mulheres que se relacionam com seus agressores ou assassinos o fazem pelo coração, 16,63% por inocência e 33% por escolha focada em interesses. Ao finalizar, no momento da oração, o pastor argumenta que o programa não tem objetivo de julgar ou formar a opinião pública, isso cabe à justiça, mas propõe uma reflexão, como as pessoas precisam de Deus e não de uma religião. Enfatiza que a

mudança de comportamento a partir da freqüência a uma religião, se não provocar na pessoa uma mudança no interior, no coração, nos pensamentos, nos sentimentos, então ela será fracassada, pois de nada adianta o dinheiro, o status, o poder, o sucesso, se repentinamente tudo desaba, nessa hora só Deus, então que se busque por Ele antes.

Analisando o caso Bruno da forma como foi apresentado pelo programa *Fala que eu te escuto* da IURD, podemos tecer as seguintes considerações:

- No primeiro programa, em 2008, utiliza a imagem pública e famosa do goleiro Bruno no auge de sua carreira, fica claro que a escolha entre os estudos e o esporte se deve a um dom dado por Deus, e que esse mesmo dom o tirou da exclusão social, por isso ele agradece a Deus e divide com Ele os méritos de sua fama.
- Isso é demonstrado a partir da afirmação do goleiro quando o pastor ressalta que “Muitos são os chamados, mas poucos são os escolhidos”, e ele afirma categoricamente que crê ser um escolhido.
- Tanto ele é um escolhido que aconselha os meninos de comunidades carentes, que querem seguir a carreira no futebol, traçarem um objetivo sempre no caminho do bem, escolherem boas amizades, confiando em Deus que fará a sua obra. Bruno diz: de todos os seus amigos o único que não se perdeu nas drogas e no crime foi ele, por isso seu caráter serve de exemplo para os jovens que estão em uma situação como era a dele antes da fama, afirma o pastor.
- No segundo programa, em 08 de julho de 2010, dois anos depois da entrevista de 2008, a pergunta que norteia o programa, comenta o crime contra a ex-amante de Bruno, porém o foco do programa eram

mulheres vítimas do coração, da inocência ou da escolha focada no interesse por estar ao lado de um homem famoso.

- A culpa maior não é de Bruno, mas do ex-policial que seria um psicopata. Por isso, chegou a atos de crueldade, enquanto Bruno apenas não tinha reconhecido a paternidade do filho fora do casamento.
- O problema da violência contra as mulheres está na ação do Estado que não assegura o cumprimento da lei, como a Lei Maria da Penha, na medida em que 50% dos participantes responderam, de acordo com a enquete do dia, que as mulheres passam por isso por amor, porque se apaixonam.

A partir do exposto, podemos responder a questão da relação entre a realidade e o simulacro e como isso é transmitido pela IURD através do programa escolhido. Nossa percepção é que, ao utilizar a fama do goleiro Bruno, no auge de sua carreira, aproximá-lo aos valores que a IURD propaga era uma tarefa fácil. Pois, seu exemplo e seus conselhos serviam de argumento para estimular os ouvintes a ter uma trajetória de sucesso, apoiada no dom de Deus e por sua Graça, por meio de uma escolha focada no bem, que levaria a pessoa a ter realizações materiais. Afinal o salário de Bruno, por ocasião do assassinato da ex-amante era de duzentos mil reais!

Em 2010, com o crime praticado pelo goleiro, o discurso apresentado no programa desvia a culpabilidade de Bruno a partir de aspectos, tais como: a pergunta focada nas mulheres, a falta de ação do Estado, a psicopatia do ex-policial, e minimiza a ação do crime quando diz: “Encerrar uma história gloriosa com respingos de sangue”. A história vinculada ao dom e a graça de Deus é gloriosa, o crime é um respingo, algo pequeno diante do feito anterior.

Como o discurso da IURD resolve essa contradição: um famoso, exemplo de bom caráter, se envolve em um crime tão cruel? O pastor finaliza o programa dizendo que as pessoas precisam de Deus e não de uma religião, se a religião não provocar uma mudança de comportamento no coração, pensamento e sentimentos, ela é fracassada, por isso é importante primeiro procurar Deus, depois ter a fama, o dinheiro, o status. Bruno deveria ter primeiro encontrado Deus através da IURD. Certamente ele saberia, depois, o que fazer com a fama e o dinheiro, tão importantes no discurso de sentido de vida dessa Igreja.

Podemos concluir, dentro dessa categoria de análise e a partir do exemplo utilizado, que a “realidade” mostrada pela IURD se baseia nos valores das aquisições materiais, da fama, sucesso, status, porém vinculados ao dom e a graça de Deus. O simulacro se encontra nos exemplos utilizados sempre focados em personalidades que alcançaram fama e sucesso financeiro dentro do mundo da mídia, ou seja, elas mesmas são construções de personalidades que acabam por promover e alimentar o simulacro, em outras palavras, a simulação de uma realidade que só é atingida por poucos. Talvez aí reste um “respingo” da fala “poucos são os escolhidos”.

Lógica capitalista veiculada pelos programas

Nesta categoria de análise o objetivo é encontrar algum indicativo no discurso e mensagens veiculadas pelo programa, que dêem conta da hipótese que a IURD não só se apóia na lógica capitalista, como a reforça e a divulga, mesmo de forma velada, ou associada ao sagrado. Portanto, esse sagrado por ela construído se

apóia em símbolos da sociedade contemporânea e cria, novas *hierofanias*, próprias da sociedade capitalista, criação esta que se coloca na concretização do simulacro.

Análise:

Por questões de limitações de tempo e espaço, mais uma vez, recorreremos ao recorte de alguns eixos apresentados nos programas analisados. Neste caso, a observação de uma variável constante do público que participa dos programas, e de uma entrevista realizada no programa do dia 10 de julho de 2010 com Cláudia (dona de casa), uma mulher que conta como sofria e como começou a freqüentar a Igreja.

- Sobre a variável constante do público que participa dos programas através do telefone, e-mail e twitter, observamos que o pastor se refere à pessoa não só pelo nome, mas enfatiza a profissão do telespectador participante.
- As profissões dos participantes se concentram naquelas consideradas profissões de status, ou pelo menos que fogem da maioria da população das classes menos favorecidas, do tipo: empresários e empresárias, advogados, arquitetos, dentista, filósofos, professores, secretárias.
- O meio de participação também pressupõe certo status social, na medida em que, além do telefone, o acesso é através da internet, o que indica uma parcela da população cuja renda é relativamente compatível com o ideal de alguém bem sucedido.

- No caso da entrevista com uma fiel, dona de casa, que após um longo período de sofrimento encontrou a paz na IURD, é bem significativo. Para ela, os ensinamentos incorporados em sua vida resultaram em mudanças, ela aprendeu a ser esposa e mãe, e o casal unido aprendeu a usufruir dessas mudanças.
- A entrevistada afirma participar das campanhas e reuniões da Igreja e sente a transformação que a levou a aprender a usar a fé na Igreja e, com isso, obteve bens materiais, paz, alegria e harmonia em família (Cláudia salienta que hoje em sua vida ela pode vestir, comer e viver “do bom e do melhor”). Cláudia enfatiza: a Igreja Universal do Reino de Deus foi para mim uma Faculdade, o Deus que eu conheci ali transformou minha vida. Deus mudou tudo, hoje eu tenho tudo o que eu quero.
- Com relação à entrevista, o pastor coloca que, quando as coisas dão erradas, as pessoas têm problemas, é porque essas pessoas têm um mal espiritual, dirigindo seus passos, por isso que tudo depende da pessoa buscar Deus. Se o mal não sai, a pessoa continua sofrendo.
- A solução é ir à “concentração de fé e milagres” e realizar a passagem pelo Altar, onde tudo se soluciona, significa o colo de Deus. É um culto especial oferecido pela IURD, convida o fiel: Venha passar pelo Altar para definição de sua vida, no qual Deus se manifesta com cura, libertação, soluções de infortúnio financeiro e transformação na família e no casamento.



Figura 26: foto do culto com a passagem pelo Altar.
 Fonte: Próprio programa – 10/07/2010.

Nesta categoria de análise há uma clara evidência da veiculação da lógica capitalista, centrada na aquisição de bens materiais como forma de felicidade apoiada na Teologia da Prosperidade. A aquisição de bens materiais, contudo, será garantida através da “compra” dos bens simbólicos religiosos oferecidos pela IURD, numa estreita relação de troca mercantil: se a pessoa se aproxima de Deus, certamente ela terá os bens materiais que o contexto atual exige para que a pessoa se considere um ser incluído em uma sociedade cada vez mais excludente.

O fato de apenas pessoas pertencentes às determinadas categorias profissionais, que inferem determinado status social, serem ouvidas por telefone ou lidas nas mensagens provenientes da internet, dá a impressão de que os fiéis da IURD são pessoas de sucesso pessoal.

A participação no culto “concentração de fé e milagres”, na qual Deus se manifesta, prometem a cura e a transformação de vida. Nesse sentido, a cura e a transformação seriam a garantia da manutenção de uma posição social conseguida através das possibilidades de aquisições materiais. Em resposta a uma participante que pede conselhos por telefone (Taila), o pastor responde: “Você já reconheceu

que só Deus para mudar sua situação. O fato de ter um divórcio já mostra que a vida já está marcada por frustrações, evidência do que já ocorre há tempos. Sofrimento é evidência da ação do mal. Para cancelar o mal, Deus está lhe buscando, Ele a colocou nesse programa para nós a ajudarmos. A única forma é buscar a Deus, há uma grande diferença entre acreditar em Deus e buscar Deus, fé é o que nos canaliza a Deus". Sua recomendação é que ela vá até a "concentração de fé e milagres" para passar pelo altar.

Neste exemplo, fica nítida a mercantilização do sagrado através da oferta de um serviço que leva ao encontro com Deus, e esse encontro promoverá a felicidade material que, por sua vez, levará à felicidade espiritual, tudo isso demonstrado através das imagens, da construção do simulacro.

Tendências gerais a partir da observação de vários programas televisivos

É possível demonstrar algumas tendências no discurso da IURD, a partir de vários programas que possibilitam apontar a relação entre as transformações internas da IURD e as transformações gerais da sociedade brasileira.

É importante esclarecer que estamos pontuando especificidades de modo abrangente na sociedade brasileira, uma vez que, a IURD por ser uma instituição com atuação em 172 países, não permite generalizar essas tendências à totalidade dessa Igreja.

Seguindo a linha de análise das duas categorias anteriores, elegemos algumas partes dos programas para demonstrar as tendências gerais. Os eixos escolhidos são:

- Utilização da imagem de pessoas cuja atuação tem grande destaque na mídia, o que as faz conhecidas por todos como celebridades.
- A exploração de temas como violência, drogas, depressão e crimes, que também são usados para aumentar a audiência de programas jornalísticos, e são de grande audiência junto ao público brasileiro.
- A força das imagens utilizadas no momento de reflexão e de oração, por meio de videoclipes demonstra um programa de viés religioso adaptado ao novo cenário comunicacional e jornalístico. Todos ajustados ao tema do programa.
- A utilização de vários tipos de mídias eletrônicas, diluindo a personalidade da relação, porém agilizando e selecionando a participação.
- A utilização de entrevistas de pessoas capacitadas intelectualmente para falar sobre o tema, associada a entrevistas com pessoas comuns.
- O discurso tradicional com roupagem nova e o discurso moralizante.

Iniciemos pelo primeiro item, o do uso dos famosos para ilustrar ou trazer a tona um tema para debate. Esta forma de apresentar uma discussão é por si própria uma manifestação do simulacro. Em outras palavras, as pessoas consideradas famosas possuem uma vida exterior, do que se pensa que ela é e faz, e outra interior, o que ela realmente é e faz. O público dilui essa diferença na idolatria do fã, o que apaga qualquer possibilidade de percepção do real, ou da realidade que cerca não apenas determinada personalidade midiática, como a percepção do que existe por trás da realidade de ser uma celebridade.

Ao utilizar esse tipo de apelo midiático, o programa coloca-se no mesmo patamar dos programas televisivos de outras emissoras, que tem por objetivo levar ao público as particularidades, nem sempre reais, de seus ídolos. Este aspecto,

certamente, faz com que a audiência do programa aumente, pois a abordagem está centrada em um aspecto de alta curiosidade da sociedade.

Os temas polêmicos como a violência, drogas, depressão e crimes, também lideram as audiências de todas as emissoras de televisão, independentemente do tipo de programa que esteja sendo exibido. Esses temas, talvez por serem vividos com muita frequência e intensidade por nossa sociedade, fazem com que o público, fiel ou não da IURD, assista ao programa e se envolva emocionalmente com o que é apresentado e discutido.

Esse clima de envolvimento emocional por parte do público é estimulado pelas imagens veiculadas durante o programa, e no momento de reflexão e de oração, as imagens em formato de videoclipes, transmitem uma mensagem moralista, sempre acompanhada de uma música que leva uma mensagem de aproximação com o sagrado, como forma de aliviar os males humanos. Esse processo de projeção e identificação com os problemas e os elementos emocionais das imagens e das músicas, utilizado no final dos programas, tem a finalidade de simular a presença de Deus no interior de cada um, através de um aparelho de televisão.

Além da participação do fiel ser realizada através da tela televisiva, a participação durante o programa também ocorre por meios eletrônicos com o uso do telefone e da internet. Sem sombra de dúvida, essa forma de participação contempla a realidade que envolve todo o processo comunicacional da pós-modernidade, no qual a agilização da mensagem e as interações entre as pessoas, acompanhadas do hipertexto, são consideradas essenciais e necessárias, em um mundo onde as relações sociais são todas mediadas por essas ferramentas.

A inserção do discurso da IURD no contexto pós-moderno também é evidenciada pela utilização de profissionais especializados para discutir temas que

são abordados no programa. Com isto a garantia do caráter científico da apresentação do tema é contemplada, como em qualquer outro programa de qualquer outra emissora de televisão. A veracidade da abordagem não poderá ser contestada, afinal, não é qualquer pastor que está falando sobre aquilo, mas um profissional especializado.

O caráter de abertura do programa é realizado por entrevistas de rua, nas quais as pessoas são abordadas e externam suas opiniões. Isto se completa por meio, das enquetes para saber a opinião do público sobre os temas abordados. Com isto a ideia de generalização também é conseguida, afinal todos participam independentemente de religião.

Por último, e talvez um dos aspectos mais interessantes desta análise, é a questão que pretende refletir sobre o discurso tradicional da IURD com roupagem nova. Para tanto é necessário que, primeiramente, se coloque uma questão: Por que a IURD precisa de uma roupagem nova?

Considerando que desde sua origem na década de 1970, ao início do século XXI, as mudanças foram profundas, velozes e inovadoras. Os indivíduos se depararam com novas configurações sociais, comunicacionais, tecnológicas e também um leque de alternativas em todos os setores, inclusive no religioso, ou seja, uma pluralidade de escolhas e de identificações identitárias, característica da pós-modernidade. A IURD não deixou de se ajustar às novas necessidades do mercado. Como dissemos a garantia de sua manutenção enquanto instituição que participa do mercado de bens simbólicos religiosos impôs uma atualização que lhe possibilitasse a continuidade de concorrer nesse mercado. Porém, cabe outra indagação: Até que ponto essa transformação desfigurou a originalidade de sua proposta centrada na Teologia da Prosperidade e no combate ao diabo?

Certamente que seu discurso promotor das práticas e ideias que levam à conquista dos bens materiais, como valor principal da sociedade capitalista continua presentes em suas mensagens televisivas, como já vimos através da veiculação de personagens famosos e da participação de fiéis bem sucedidos profissionalmente. Porém, algumas vezes, demonstram alguém que sofria, ao ingressar na IURD e seguir seus ensinamentos, mesmo sendo uma pessoa comum, consegue alcançar os almejados bens materiais e o conforto financeiro. A adaptação ao novo contexto midiático reforça a importância da IURD para sua proposta de prosperidade, apenas utiliza uma mediação que se tornou, na contemporaneidade, incorporada às necessidades de mercado.

Outro aspecto importante é o caráter de veracidade a partir de entrevistas com especialistas que abordam temas atuais e demonstram um diálogo entre valores tradicionais e novas configurações.

A questão da ação diabólica, exorcismo, possessão, nos programas é abordado por uma abstração mais contemporânea: a ideia do mal.

O mal já não é só exterior, ele faz parte do próprio indivíduo que não se encontrou com Deus. Por isso, nenhuma religião conseguirá fazer a transformação, trazer o conforto, uma vida sem sofrimento, uma vez que depende do próprio indivíduo buscar a união com Deus, encontrar um caminho. Esse caminho é indicado pela IURD no culto “concentração de fé e milagres”, mas para sensibilizar o fiel para que ele vá até esse culto, o simulacro, através das imagens veiculadas pelos programas televisivos se constituíram na mediação entre o “real” construído virtualmente e o “real” que não será vivido de forma virtual, mas sim de forma efetiva.

O discurso moralizante é intenso nos programas da IURD. Mas se trata de uma moral “interesseira”. Para explicar essa interpretação, trazemos uma reflexão de Niklas Luhmann que relatará a moral na mídia:

A moral serve então como um tipo de suplemento à seletividade, é oferecida como compensação, no sentido de Odo Marquards, quer dizer, algo “em lugar de”. Isso poderia explicar o fato de que a moral e mesmo sua forma de reflexão, a ética, passam hoje uma impressão antiquada, enrugada, e se interessam nitidamente só por casos patológicos. De forma equivalente, casos isolados são reunidos sob o título “corrupção” e só se pode confirmar aquilo que Jean Paul há muito tempo já supunha: “Os anjos podem sempre cair e o Diabo pode sempre se multiplicar”. A moral precisa das coisas que são claramente escandalosas para se renovar ao longo da história, ela precisa dos meios de comunicação e, em especial da televisão (LUHMANN, 2005, p. 134).

Ao dar razão a essa posição de Luhmann podemos afirmar que o discurso televisivo moralizante dos programas não fogem a uma categorização de simulacro moral.

Na caminhada pela argumentação desses primeiros itens, do capítulo 3, acreditamos ter dimensionado a utilização das ferramentas midiáticas da IURD de maneira real e sua preocupação constante de inovação e investimento em bases tecnológicas e comunicacionais, pois através dessa instrumentalização, configura-se um imaginário de conquista religiosa com um sagrado reconstruído em bases contemporâneas alinhado as necessidades de consumo.

Nos próximos dois itens relacionaremos as bases teóricas dos autores principais desse trabalho, com as análises dos programas *Fala que eu te escuto*, na tentativa de responder aos questionamentos dessa dissertação.

3.3 O sagrado e a religiosidade pela mídia televisiva da Igreja Universal do Reino de Deus: suas características de pós-modernidade

Alguns pensadores, nas últimas décadas, não traziam grandes esperanças para a crença e a religiosidade, Lyotard assume uma posição negativa na sua obra principal *O pós-moderno*. Um dos seus principais temas é a afirmativa de que as grandes narrativas estão em crise, em vias de desaparecer, carregando com elas também as narrativas religiosas. O autor citando Horkheimer, em *Eclipse da Razão*, Lyotard aponta que na sociedade moderna, a ciência deverá substituir a religião, “usada até a exaustão” para definir a finalidade da vida (LYOTARD, 2004, p. 24).

Dessa forma, sabemos que todas as instituições, igualmente religiosas, tiveram que passar por transformações diante dos fenômenos pós-modernos, que alteraram a vida de toda a humanidade no final do século XX. A religião na contemporaneidade não desapareceu, mas perdeu sua centralidade no contexto social. Por outro lado, a pluralidade e diversidade religiosa, seja do ponto de vista individual ou coletiva, caracterizam uma vivência multireligiosa dos novos tempos. Assim explica Queiroz:

É difícil compartilhar sem restrições dessas hipóteses. Vejo como um dos maiores desafios para os cientistas da religião mapear e interpretar a imensa constelação do sagrado, que explode em todos os cantos da Terra, marcando a crise da racionalidade moderna. Tarô, I Ching, astrologia, mineralogia, Igreja da Cientologia, Hare Krishna, jogo de búzios, Santo Daime, ocultismo, culto do corpo, cristais, New Age, meditação, Igreja eletrônica, novas seitas pentecostais, hinduísmo, novas religiões orientais, teosofismo... o elenco poderia encher páginas. Na literatura (romances, livros e revistas especializadas), a religião é um dos temas mais consumidos. No cinema, proliferam os filmes sobre espíritos, espectros, fantasmas, anjos e demônios, seres sobrenaturais, extraterrestres.... Em São Paulo, feiras místicas de fins de semana atendem a milhares de clientes, comercializam, de maneira rápida e com grande rotatividade, os produtos de inúmeras agências de um mundo cada vez mais encantado. Superficial seria tachar todas essas manifestações generalizadas como simples psicologismo ou como fé sem Deus (QUEIROZ, 1996, pp.14-15).

Nesse contexto, de absoluta transitoriedade, surge a Igreja Universal do Reino de Deus trazendo novas formas de expressar o sagrado e a religiosidade.

Observamos, por meio do programa *Fala que eu te escuto* que estratégias e alternativas, para além dos rituais no templo, se criam e se moldam às necessidades dos consumidores. Potenciais seguidores são procurados diariamente, não mais pessoalmente, mas através das mensagens persuasivas que entram em suas casas via aparelhos televisivos, podendo ser reforçadas posteriormente pelo contato pessoal no templo. Considerando o fato de que o jornalismo é utilizado pelas instituições religiosas, como instrumento para a discussão sobre a realidade, afirmamos que no caso específico do programa *Fala que eu te escuto*, há a necessidade de recorrer ao discurso jornalístico e às suas características para recuperar, através dele, a capacidade da Igreja de conferir sentido aos fatos sociais.

O modelo de diálogo adotado com os telespectadores legitima seu discurso apoiando-se na perspectiva de mediação de uma exposição de opiniões de pessoas, que não necessariamente são membros da igreja e logo gozam da credibilidade de espectadores/observadores para opinar. No entanto, a exposição destas opiniões é limitada pela estrutura da pergunta – que indica respostas específicas -, pelo editorial lido pelo pastor-apresentador, pelas reportagens preparadas que iniciam o programa e que são introduzidas entre e mesmo durante as participações dos telespectadores. Assim, o universo ali representado se aproxima da postura ideológica da IURD, mesmo existindo casos de discordância e oposição.

O programa *Fala que eu te escuto* é um mecanismo de difusão da ideologia da Igreja Universal, atuando como um fórum de debates diários, se debruçando sobre temas atuais e promovendo leituras doutrinárias de conteúdos inseridos em características jornalísticas, redefinindo o comportamento dos seus membros constantemente, de forma ideal para a Igreja. A utilização do programa é uma maneira da Igreja articular o comportamento do fiel, como também reforçar a aparência de liberdade e isenção institucional, ampliando suas possibilidades de

ação. Reafirmando, o que já mencionei anteriormente, a IURD tem a televisão como principal instrumento de aquisição de novos fiéis e canalizador de demandas de seus membros.

Nesse sentido, Martino explica:

Em um veículo religioso, a aparência de objetividade da informação oculta a dimensão arbitrária das representações sacralizadas e das condenadas, isto é, da própria ideologia da instituição religiosa. Sob a aparência de estar fazendo um trabalho objetivo, noticiando-se apenas o fato, tal e qual aconteceu, esconde-se um poderoso aparelho ficcional, em que a realidade é fragmentada, reunida editada, adaptada ao espaço e orientada segundo a ideologia da instituição.

Nos veículos religiosos, a definição das notícias obedece a critérios específicos de cada instituição. As relações internas à instituição e desta com outros agentes sociais tem, obviamente, preferência editorial. No entanto, temas, em princípio alheios à instituição, podem ser pautados, desde que contribuam para explicar regras e dogmas da instituição. Os fatos políticos, sociais ou mesmo científicos que deslegitimam quaisquer referenciais institucionais são, via de regra descartados. A eventual inserção desses temas será sempre a título de contra-exemplo, isto é, da construção socioinstitucional do mal, do adversário, do ente a combater (MARTINO, 2003, pp. 88-89).

Para ilustrar essa explicação, nos remetemos aos programas analisados do Goleiro Bruno. Onde fica claro que no primeiro momento ao utilizar a posição conquistada por Bruno, a IURD propaga seus valores institucionais, ou seja, estimula os ouvintes, fiéis ou não, a ter uma trajetória de sucesso com a Obra e a Graça de Deus, que levaria a pessoa a ter suas realizações materiais concretizadas. Aqui e agora.

No segundo momento a IURD utiliza o crime praticado por Bruno, a título de contra-exemplo, uma construção socioinstitucional do mal, do adversário a combater. O pastor-apresentador em nenhum momento se posiciona no caso ocorrido, canaliza a culpabilidade a outra instituição e pessoas, destaca a necessidade de combater o mal e finaliza o programa dizendo: que as pessoas precisam de Deus e não de uma religião, se a religião não provocar uma mudança de comportamento no coração, no pensamento e nos sentimentos, ela encontrará em sua vida só derrotas, por isso é importante primeiro procurar Deus, Ele faz a obra, depois dará a fama, o dinheiro, o status. Bruno deveria ter primeiro

encontrado Deus através da IURD. Certamente ele saberia, depois, o que fazer com a fama e o dinheiro. Dessa forma, o discurso reflete as regras e dogmas da instituição.

Nesse contexto, identificamos que a partir do processo de midiática da sociedade contemporânea, a Igreja Universal do Reino de Deus movimenta-se em busca de sua inserção nessa sociedade de forma incisiva e permanente. Por meio da Igreja eletrônica e as demais ferramentas midiáticas, descritas no item anterior, a IURD têm se legitimado como tutora de elevação e fortalecimento de um Sagrado que nesse novo século, desliza, ou até mesmo, identifica-se ao Sagrado mercantilizado. Portanto, um simulacro do sagrado que foi definido por Otto e Eliade. Percebemos que ocorre um esvaziamento do Sagrado em relação aos princípios eclesiásticos tradicionais, possibilitando uma autonomia desse Sagrado para se manter operante, dentro desse universo construído pelas novas formas sociais e pelo sistema de mercado.

Portanto, o que se constata é uma mudança na linguagem da experiência existencial que se altera de acordo com os valores predispostos para os indivíduos pela sociedade, para compreender a religiosidade. A IURD absorve e modifica a linguagem simbólica do Sagrado, adaptando-se não somente à nova cosmovisão social, mas também a desejos privados, revelando uma característica importante da experiência religiosa na pós-modernidade, ou seja, um deslocamento para o campo da subjetividade do indivíduo. Adotando essa perspectiva, por meio da análise dos programas, percebemos que a IURD redimensiona suas práticas religiosas, a partir do nascimento de novas formas de apreensão da realidade.

A partir do momento, que se alterou a identidade do fiel que não é apenas fiel, mas patrocinador e sócio da obra de Deus, uma vez que, além de deveres a cumprir, o fiel tem direitos a exigir do seu sócio. Nesse momento caracteriza-se a

lógica capitalista, como já mencionei acima, centrada na aquisição de bens materiais como forma de felicidade apoiada na teoria da prosperidade e demais encontros destinados a libertação de espíritos malignos, libertação de todos os familiares, consagração da família e terapia do amor.

A Igreja, por meio do programa televisivo *Fala que eu te escuto*, do dia 10 de julho de 2010, transmite o testemunho de Cláudia.



Figura 27: foto do testemunho de Cláudia.
Fonte: Próprio programa – 10/07/2010.

Na entrevista com a neofiel, dona de casa, que após um longo período de sofrimento encontrou a paz na IURD, é bem significativo. Para ela, os ensinamentos incorporados em sua vida resultaram em mudanças, ela aprendeu a ser esposa e mãe, e o casal unido aprendeu a usufruir dessas mudanças. A entrevistada afirma sua participação das campanhas e reuniões da IURD e sente a transformação que a levou a aprender a usar a fé em sua vida. Cláudia enfatiza: a Igreja Universal do Reino de Deus foi para mim uma Faculdade, o Deus que eu conheci ali transformou minha vida. Deus mudou tudo, hoje eu tenho tudo o que eu quero.



Figura 28: família de Cláudia renovada.
Fonte: Próprio programa – 10/07/2010.

Dessa forma, se a pessoa se aproximar de Deus e estabelecer seus contratos, certamente ela terá os bens materiais que o contexto contemporâneo exige para que ela se considere um indivíduo incluído em uma sociedade cada vez mais excludente.

Como já observamos, a exposição do discurso do programa é reconstruída pelo editorial a partir do acontecimento social, ou seja, toda a estrutura de perguntas, opiniões, testemunhos e reportagens o que evidencia o jogo de linguagem. Conforme Lyotard nos explica:

Quando Wittgenstein, recomeçando o estudo da linguagem a partir do zero, centraliza sua atenção sobre os efeitos dos discursos, chama os diversos tipos de enunciados que ele caracteriza desta maneira, e dos quais enumerou-se alguns, de jogos de linguagem. Por este termo quer dizer que cada uma destas diversas categorias de enunciados deve poder ser determinada por regras que especifiquem suas propriedades e o uso que delas se pode fazer, exatamente como o jogo de xadrez se define como um conjunto de regras que determinam as propriedades das peças, ou o modo conveniente de deslocá-las (LYOTARD, 2004, pp. 16-17).

Nesse contexto, a Igreja comunica seu ideário articulando o retorno dessa comunicação, por meio dos telespectadores, legitimando a postura da instituição.

A IURD, ao definir seu papel como mera promotora da obra de Deus, se exime de possíveis dificuldades enfrentadas pelos sócios. A Igreja deixa bem claro que a sociedade será travada entre o fiel e Deus, a IURD simplesmente agencia e

integra os interessados em garantir o negócio. A única militância que a Igreja exige é a religiosa. O pastor no programa e com grande ênfase nos cultos esclarece: hoje, existe uma necessidade proeminente em engajar-se no processo de santificação e no combate espiritual para a libertação do mal que devasta a humanidade. Novamente, fica explícita a isenção da instituição, pois caso a sua vida não prospere, com certeza, o fiel deixou de cumprir sua parte no contrato com Deus. E mais uma vez evidencia os jogos de linguagem.

Ao final de todos os programas, é exibida uma reflexão e um clipe que antecede o momento da oração. Os fiéis, diariamente, são convidados a preparar o copo com água para a fluidificação, que deve ser bebido, como uma marca da materialização da oração proferida. A IURD, como uma Igreja neopentecostal, necessita tornar palpáveis seus instrumentos de fé e conquista. Utiliza-se de simbologias como: a passagem pelo altar representando o colo de Deus; uma rosa que aglutinará os males do seu lar; viagem a Terra Santa; uma chave simbolizando a aquisição da sua casa ou carro próprio; ou mesmo a água fluidificada para cura; denotando a perspectiva de aproximar a fé da realidade, daquilo que pode ser visto, tocado, daquilo que está presente nas discussões cotidianas e que faz parte da vida de qualquer cidadão. Diante desta perspectiva, é que reside a necessidade de se aproximar da realidade para falar de fé, de facilitar a linguagem, permitir a aproximação, conectar-se com os dilemas cotidianos e reais daqueles que podem ser futuros fiéis.

Cabe aqui ainda uma indagação: a realidade do sagrado, como definido por Otto, ainda persiste ou desapareceu na materialidade da vida?

Percebemos que a visão de mundo a respeito da importância do sagrado, do transcendente e da experiência de fé evolui gradualmente, de acordo com as novas descobertas e desenvolvimento das sociedades. Sabemos, o quanto na

contemporaneidade, fervilham novidades em diversos setores da vida possibilitando melhores condições de vida, de interação, de longevidade, busca por liberdade e principalmente de realização de seus desejos, tudo isso, aqui e agora. A sociedade desse novo século contextualiza-se na enorme complexidade, o que dificulta um olhar, uma percepção clara, daquilo que denominamos fé, sagrado, enquanto algo que compromete que conduz ao outro na esteira da solidariedade.

Para o indivíduo atual é disponibilizado diversas trilhas, onde ele percorre em busca de suas realizações culturais, profissionais, de relacionamentos, de consumo e até mesmo de crenças. Para muitos, os shoppings centers são espaços sagrados de fé na realização de seus sonhos, para outros a escolha de uma religião está condicionada a proximidade do seu trabalho e preferência do perfil eclesial ou ainda por filosofias diversas e é dessa maneira que o indivíduo pós-moderno se relaciona com a transcendência. No século XX, a tendência humana é de dominação da natureza e utilização de seus recursos. Segundo Silva, os gregos aprenderam para compreender, os hebreus aprenderam para reverenciar o homem moderno aprende para fazer uso do seu conhecimento. Como disse Bacon: “conhecimento é poder”. O homem moderno e pós-moderno conhece para dominar, para se autotranscender. Tudo é calculável, tem suprema fé em estatísticas e abomina a idéia de mistério. Tem a certeza de que pode explicar todos os mistérios (SILVA, 2009, p. 233).

Nesse contexto, subjetivação da fé ou privatização do religioso se caracteriza fundamentalmente por uma religiosidade difusa, cujo resultado mais significativo parece ser a instrumentalização da religião em função de interesses e de necessidades individuais. Por esse viés, constata-se na IURD uma religiosidade despida de exigência de transformação espiritual, refutando qualquer intervenção capaz de provocar no fiel um processo de adesão incondicional a Deus, isto é, sem ter nada material em troca. Silva explica:

... a experiência do sagrado toca antes a superficialidade dos sentimentos e das emoções, não afetando as estruturas existenciais mais íntimas e complexas do ser humano. É uma religiosidade sem objetividade, em que os preceitos objetivos das tradições religiosas são considerados rígidos, que afetam a liberdade. No novo quadro referencial, o desejo se debruça sobre uma experiência religiosa mais leve, *light*, e então as necessidades e carências individuais ocupam um espaço relevante (SILVA, 2009, p235).

A compreensão sobre o sagrado na contemporaneidade precisa de uma articulação com a dimensão mística. A experiência mística é um dos elementos fundamentais da religião e um dos componentes do *numinoso*. A mística denota a experiência profunda do mistério do Outro totalmente Outro e transcendente. Uma visão de mundo compartilhada onde se destaca o cuidado com a espiritualidade, a natureza, a harmonia entre as pessoas e a recuperação de um equilíbrio com a totalidade. Embora, a IURD utilize símbolos que representem o sagrado como a Palavra dos textos bíblicos, a unção do Espírito Santo, levando até mesmo o fiel ao êxtase, ainda assim, é uma mística de massa acompanhada de uma fé individual, despida de compromisso com a transcendência. Dessa forma, acreditamos que a realidade do sagrado, definido por Otto, desapareceu na materialidade da vida dos fiéis iurdianos, pois seu ideário, seu discurso divulga um conjunto de valores e visão de mundo totalmente inserido no contexto hodierno, no aqui e agora, fruto da pós-modernidade, ou seja, do imediatismo, do virtual, do simulacro.

3.4 A mídia televisiva da Igreja Universal do Reino de Deus e a construção do simulacro e da hiper-realidade

A fé caminha dentro do universo empírico. Não existe fora do espaço e do tempo. A fé se objetiva no mundo dos homens. A primazia do simulacro de Baudrillard com seus conceitos de desreferenciação do real e a hiper-realidade, recria um mundo substituído pelos signos, ou seja, numa linguagem repleta de aforismos, Baudrillard fala em *semiologia* – produção de signos, sociedade de simulações liderada pela hiper-realidade, domínio e fascínio de imagens, espetáculos e simulações. Como explica Vasconcelos:

Podemos perceber que toda a sua obra se transversa por uma busca de uma revolução epistêmica no *sentido do valor*, o que lhe permite perpassar as mais diferentes áreas de abordagens dentro do seu discurso para uma nova teoria do social, do econômico, da psicanálise, da linguagem e daquilo que chamará de um projeto do signo ou de uma Semiologia. ... a funcionalidade que Baudrillard advoga para os signos, particularmente na sua leitura destes enquanto objetos, busca uma relação direta com a necessidade de um referente. Entretanto a vagidão do referente nos permite afirmar que se pela semiose posso simular, é por que a simulação exerce intrinsecamente uma função signica. A representação em Baudrillard passa pelo ideário de simulação e dissimulação na qual ele questiona o caráter mais amplo da representabilidade na sedução. (VASCONCELOS, 2004, pp. 85 -88).

Paralelamente, a espetacularização apontada por Debord, também afeta o homem religioso, nesse contexto midiático. A fé transformada em mercadoria de consumo. Tentaremos, sob a ótica dos autores apontados nesse trabalho e nas análises dos programas, demarcar esse processo.

Para melhor análise retomemos alguns pensamentos anteriores. Dissemos que na Idade Média, o teocentrismo reinou como dogma inquestionável. A Idade Moderna trouxe no *antropocentrismo* um equilíbrio ao mundo novo e plural. Na contemporaneidade, o tecnocentrismo é o novo paradigma do mundo. Nesse contexto, enquanto Nietzsche proclamou a morte de Deus pelo

racionalismo e iluminismo, a técnica, o virtual, hoje, proclama vitória sobre o homem a todo instante.

Na virada do novo milênio, tem-se a sensação, como afirmou Jean Baudrillard, de uma cultura do vazio, ou ainda um desencanto pelas utopias, o fim dos grandes relatos como afirma Lyotard, tornando o homem contemporâneo repleto de sentimento de orfandade, ou seja, a realidade do sujeito social pós-moderno é uma pluralidade de significados construídos para um único eu.

Nos novos tempos, igualmente, há uma ordem do discurso (da lógica) e outra da ordem da visibilidade (da forma). O *logocentrismo* de outrora, que se centralizava na palavra, dá lugar ao iconocentrismo, entendido como centralidade do imaginário e imagético no mundo dos sentidos. A imagem passa a ser um novo paradigma dos tempos pós-modernos. A palavra, nos tempos atuais, caiu em descrédito. Nossas crenças atuais são empíricas. O que se vê é mais importante do que se fala, do que se pensa e se escreve. Há um novo estatuto cognitivo: o da imagem sobre o pensamento. Dentro dessa construção virtual de simulacros e de virtualidade, é que enfocamos nosso objeto de estudo: a fé midiática da IURD.

O cotidiano do sujeito contemporâneo não concebe mais qualquer ação sem contar com o mundo virtual, sem as imagens para manifestar seus anseios, inquietações, esperanças e utopias. Observando por esse viés, a Igreja Universal do Reino de Deus, oriunda do pentecostalismo, utiliza-se da imagem através da Igreja eletrônica, semeando uma nova cruzada bíblico-religiosa, sempre no intuito de congregar um número maior de fiéis ao culto no templo, por meio dos programas televisivos, complementando com uso estratégico e intensivo das mídias eletrônicas.

Além disso, a instrumentalização estratégica das mídias pela IURD mantém os fiéis, 24 horas, envolvidos com a fé. Quando a porta do templo se fecha, abre-se o púlpito televisivo, a janela da internet, o portal do programa, redes de

relacionamento como o *twitter*, comunidades iurdianas, *móBILE*, *podcast* e blog dos bispos da Igreja, inclusive do bispo Edir Macedo. Dessa forma, a IURD mantém um plantão contínuo, e o fiel permanece conectado com a fé, com o sagrado, principalmente aquele indivíduo que não dispõem de mobilidade para buscar no templo, as orientações para os enfrentamentos de seus infortúnios cotidianos.

Nesse contexto, observamos que a aliança entre a Igreja e os meios de comunicação de massa, as novas tecnologias eletrônicas implicaram em concessões de ambos os lados. Enquanto a televisão e outras ferramentas midiáticas têm uma ocupação cada vez maior pelos pastores iurdianos, por outro lado, os cultos no templo ou nos estádios adotaram formas televisivas de se fazer a liturgia, expressões de espetáculo, ou seja, o mundo do *show business religioso* é instaurado na propagação do ideário religioso da Igreja. Exemplo foto abaixo.



Figura 29: evento realizado no estádio do Morumbi em 2008.
Fonte: portal Arca Universal – acesso 24/08/2010.

Nesse processo, verifica-se um cruzamento das imagens de culto com as imagens da mídia, isto é, ocorrem aproximações entre a imagem do líder religioso e das celebridades midiáticas, transformações estéticas dos programas e mudanças arquitetônicas dos templos (KLEIN, 2006). De fato, hoje percebemos que a religiosidade contemporânea cedeu à sedução das imagens e do espetáculo.

Como apresenta Debord em suas 221 teses, as inúmeras características do espetáculo. Ele “não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre as pessoas, mediada por imagens”; é também uma cosmovisão; resultado e projeto do capitalismo; o “modelo atual da vida dominante na sociedade”; a “afirmação onipresente da escolha já feita na produção e o consumo que decorre desta escolha”; “a justificativa total das condições e dos fins do sistema existente”; “a presença permanente dessa justificativa, como ocupação da maior parte do tempo vivido fora da produção moderna” (DEBORD, 1997). Dessa forma, a sociedade contemporânea passa a ser compreendida, então, como o reino do espetáculo, da representação fetichizada do mundo dos objetos e das mercadorias. O espetáculo, assim, consagra toda a glória ao reino da aparência.

É oportuno lembrar aqui a reflexão de Marilena Chauí:

... o sistema multimídia, expressão da pós-modernidade, potencializa a atopia (não lugar) e a acronia (não temporalidade), que já haviam sido a marca da antiga televisão. O espaço se torna um “fluxo de imagens” e o tempo se torna intemporal. Ao fazê-lo, destrói a ordem simbólica da cultura, pois uma “virtualidade real” ou uma “realidade virtual” pressupõem que a distinção entre presença e ausência se reduza a estar presente ou estar ausente na rede ou no sistema multimídia. Anteriormente, a TV era o mundo. Agora, o mundo é a rede multimídia, confirmando o dito de Marx de que, no modo de produção capitalista, “tudo o que é sólido desmancha no ar” (CHAUÍ, 2006, p. 72).

Certamente, que a IURD inserida nos meios de comunicação social, adota uma postura de constante atualização midiática como forma de garantir sua visibilidade social e com a pluralidade de veículos que utiliza, projeta suas idéias e valores de sagrado. Depois dessa longa estrada percorrida, através das abordagens teóricas dos autores em questão, juntamente com as gravações do programa

evangélico *Fala que eu te escuto*, transmitido pela Rede Record de Televisão no período de 06 a 10 de julho de 2010, e três trechos desse programa de 2008, nortearam nossa análise na verificação da construção de simulacros pela mídia televisiva iurdiana.

O programa *Fala que eu te escuto* não é regional e toda a noite, ele faz a transição entre a programação comercial e iurdiana da Rede Record.

De modo geral, o clima dos programas é de descontração. Um espaço em que se busca a proximidade entre o emissor e o receptor das mensagens. O tom coloquial dos discursos apresenta assuntos atuais e de interesse social, ocorre a participação da audiência opinando sobre o tema abordado. Na sequência do programa, o telespectador tem a oportunidade também, de realizar pedidos pelos seus infortúnios ou relatar testemunhos que visam promover uma identificação entre a realidade midiaticamente apresentada, seja por “simulações baseadas em fatos reais” ou por meio de matérias jornalísticas, e ainda há o momento de reflexão seguido do momento da oração.

A realidade vivida pelos telespectadores conduz a uma sensação de intimidade entre aquele que apresenta e aquele que assiste. Tal intimidade pode ser constatada no fato de os pastores-apresentadores se referirem aos telespectadores, que com ele interagem por telefone, como amigos, chamando-os pelo nome e ressaltando sua posição profissional. O que resulta além da intimidade uma credibilidade das opiniões na audiência.

No outro extremo da interação está à figura do pastor-apresentador. Protegido por sua força espiritual e conhecedor dos caminhos de salvação, ouve os telespectadores aflitos. O pastor demonstra preocupação com as aflições daquele “amigo” que está em casa assistindo ao seu programa. Com a experiência em lidar com estas situações de crise, o pastor-apresentador, no momento em que já tem o

problema daquele que liga compartilhado, assume a posição de conselheiro obcecado por ver o bem do próximo, em conquistar a libertação espiritual do outro.

Na oração o telespectador é incluído; no entanto, para que sua vida siga pelas vias da realização plena é necessário sua participação nos cultos, realizar “campanhas” de oração e entrar em contato com objetos sagrados, que a Igreja disponibiliza. Enfim, o pastor-apresentador deixa claro que a eficácia espiritual do programa por ele apresentado é limitada, não substitui a experiência da fé em comunidade, realizada diariamente, nas casas de oração da Igreja Universal do Reino de Deus. O telespectador interessado deve comparecer a um templo mais próximo de sua casa. Durante todo o programa, na parte inferior do vídeo, são colocados no gerador de caracteres os endereços das Igrejas iurdianas, *email*, *twitter* e telefone da produção do programa, como também a mensagem exibida “SOS Espiritual”. É por meio desses instrumentos midiáticos que o telespectador pode ter seu primeiro contato com uma doutrina que promete a salvação espiritual e a libertação de todos os males profanos.

O aconselhamento realizado pelas lideranças religiosas frente às câmeras é amparado por dois pontos-chave que sempre se repetem. O primeiro é a urgência de solução imediata dos problemas dos fiéis. As adversidades, as enfermidades, os problemas financeiros, não são vistos como karmas que devem ser sofridos passivamente, como males inatos e irreversíveis da vida humana. Também não é recomendada a paciência em relação a uma vida de poucas posses materiais e aos desentendimentos amorosos em geral. Tampouco se reserva à vida após a morte, num paraíso ou no Céu, a plena felicidade, com luxos e fartura. O fiel deve exigir de Deus em vida a felicidade financeira, amorosa e familiar. O segundo é a ênfase do pastor em dizer: lembrem-se, Deus é fiel e atende aos pedidos de quem busca por Ele. A IURD te ensina o caminho para encontrá-lo e vivenciar essa fé. Nesse

contexto, evidencia-se que a instrumentalização das mídias pela IURD tem o caráter de promover seus valores e ideário, porém com a primazia de congregar um maior número possível de féis aos cultos.

A pauta do programa é sempre relacionada a um evento jornalístico em evidência. Nas tabelas abaixo, seguem os temas dos programas gravados para nossa análise.

FALA QUE EU TE ESCUTO: PROGRAMAS GRAVADOS EM 2008

Tema: Goleiro Bruno. Inclusão social: O que traz mais resultado? A escola, o esporte ou a arte?

Tema: Caso Isabella. Se as testemunhas são as prostitutas das provas e as evidências foram prejudicadas, é justo apontar um culpado?

Tema: Loucura, Famosos e Drogas.

Tabela 1: programas gravados em 2008.

FALA QUE EU TE ESCUTO: PROGRAMAS GRAVADOS EM 2010

06/07/2010 Tema: A fama e o drama.

07/07/2010 Tema: Amor x profissão.

08/07/2010 Caso: Elisa Samudio e outros.

Tema: Paixão assassina: Me apaixonei pelo meu assassino: Essas mulheres são vítimas do coração, da inocência, ou da escolha focada em interesses?

09/07/2010 Tema: Tema: Traição acaba em briga de mulheres.

10/07/2010 Tema: Tema: Não aguento mais sofrer – Ligue e desabafe.

Tabela 2: programas gravados em 2010

Abordando, agora, nosso ponto principal de análise, nos deparamos com as simulações, que fazem parte da programação iurdiana. Enquanto as matérias são apropriadas do gênero jornalístico, as simulações trazem marcas da teledramaturgia das novelas contemporâneas. Enquanto o locutor em *off* narra a história, que é baseada em fatos reais segundo os pastores-apresentadores, atores encenam os temas abordados pelo programa, discorrem pelos conflitos interpessoais, de apego a vida profana, pelos crimes, pelas drogas, pela fama. Do mesmo modo representam a conversão e a libertação das pessoas que viram as portas da comunidade iurdiana abertas, e encontraram a felicidade e a prosperidade. Bauman reforça a discrepância entre o real e o imaginado e chama a atenção para o aconchego que os indivíduos desejam:

Em suma, “comunidade” é o tipo de mundo que não está, lamentavelmente, a nosso alcance – mas no qual gostaríamos de viver e esperamos vir a possuir. (...) Paraíso perdido ou paraíso ainda esperado; de uma maneira ou de outra, não se trata de um paraíso que habitemos e nem de um paraíso que conheçamos a partir de nossa própria experiência (...). Não é só a “dura realidade”, a realidade declaradamente “não comunitária” ou até mesmo hostil à comunidade, que difere daquela comunidade imaginada que produz uma “sensação de aconchego”. Essa diferença apenas estimula a nossa imaginação a andar mais rápido e torna a comunidade imaginada ainda mais atraente. A comunidade imaginada (postulada e sonhada) se alimenta dessa diferença e nela viceja. (BAUMAN, 2003, p. 09)

Fazer parte da comunidade iurdiana significa, segundo as simulações midiáticas divulgadas no programa *Fala que eu te escuto*, obter sucesso financeiro, geralmente associado à prática do empreendedorismo, ser acompanhado com felicidades no campo sentimental e da saúde. A libertação de vícios também é comum. O modelo do fiel iurdiano é aquele que possui casa própria, mais de um automóvel, desfruta do lazer em família, se liberta de qualquer vício, frequenta os cultos nos templos da IURD, é temente a Deus, porém sabe exigir Dele, as realizações em sua vida neste mundo. Como afirma Edir Macedo, se apropria, toma posse e pratica uma fé inteligente.

Sabemos que a experiência mágica da imagem sempre esteve presente nas manifestações religiosas. Na contemporaneidade, ela adquire suporte nos vários caminhos midiáticos e com extrema força na mídia televisiva. O espaço e o tempo religiosos se convergem na tela. Missas e cultos, lugar de manifestação do sagrado tornam-se, na verdade uma simulação (KLEIN, 2006). Assim, a percepção da imagem passa a ser percepção da coisa em si, uma ilusão semiótica que sempre acompanhou o homem, como se pixels pudessem se converter em átomos. É a expressão exata da substituição do real pelos signos do real, analisadas por Baudrillard como o domínio dos simulacros.

Diante desse contexto, a Igreja Universal do Reino de Deus, inserida totalmente no mundo midiático, não só acompanha essa evolução tecnológica como transforma a realidade religiosa na contemporaneidade. Por meio da imagem televisiva, da instrumentalização virtual, constrói simulacros de um sagrado embasado na vida próspera material e espiritual com o Dom e a Graça de Deus. A IURD não só se apóia na lógica capitalista, como a reforça e a divulga, mesmo de forma velada, associada ao sagrado. Portanto, esse sagrado por ela construído se apóie em símbolos da sociedade contemporânea e crie novas *hierofanias*, próprias da sociedade capitalista, criação esta que se coloca na concretização do simulacro e da hiper-realidade.

Finalizando, a realidade virtual atesta a força das novas mídias na constituição de uma cultura da simulação. As camadas de mediações tornaram-se tão múltiplas e intensas, que tudo o que é mediado não pode fingir não estar afetado. A cultura é crescentemente simulacional no sentido de que a mídia sempre transforma aquilo de que ela trata, embaralhando identidades e referencialidades. O efeito das novas mídias é potencializar as comunicações descentralizadas e multiplicar os tipos de realidade que encontramos na sociedade. Toda a variedade

de práticas inclusas na comunicação via redes, constitui um sujeito múltiplo, instável, mutável, difuso e fragmentado; uma constituição inacabada, sempre em projeto, sempre em construção. A luta pelo domínio do campo religioso pela IURD é uma realidade e ela utiliza a instrumentalização midiática, do espetáculo, do simulacro através da mídia televisiva, para manutenção institucional e conquista de novos fiéis.

CONCLUSÃO

As mídias são um espaço importante de ritualização na contemporaneidade. É certo dizer que, de todas elas, a televisão, especialmente, conquista lugar de excelência na sociedade atual, tanto por conta de seu consumo, tanto quanto pelo fato de ter na imagem a essência de sua linguagem. Essas características tornam os eventos mediados por ela, situação de evidente expressão de simulação, muito presentes na sociedade atual e sobre as quais as pessoas se referenciam no seu cotidiano.

Por essa razão, a imagem e seu poder de mobilização vai ser o fundamento do que Debord (1997) nomeia como sociedade do espetáculo. E justifica a importância da imagem na sociedade pós-moderna, por ser a sociedade manifestada pela representação no lugar da ação. É justamente a dominância da imagem na sociedade do ver e do ilusório que produz o espetáculo e que faz as pessoas deixarem de viver o vivido para viver a sua representação. No caso da televisão, as novas tecnologias promovem um “transporte” imaginário garantido através da imagem, associada aos infinitos recursos que disponibilizam o “aqui e agora” e de qualquer parte do mundo aos indivíduos. Dotadas de alta qualidade tecnológica que confere, sobretudo verossimilhança e credibilidade indiscutíveis, a ponto da imagem do evento tornar-se tão ou mais “real” que o próprio fato, na TV acaba sendo impossível evidenciar a diferença entre o olhar eletrônico e humano. Ou seja, os meios de comunicação não produzem o acontecimento, mas é fato que, a partir das possibilidades oferecidas, permitirão, por exemplo, a conexão com o acontecimento de forma permanente, tornando a versão apresentada algo mais real

(hiper-real) do que o fato originador do espetáculo e uma situação de agregação entre os indivíduos.

O culto ao espetáculo como ritual sempre existiu em todos os tempos. No entanto, o que se vê agora é um espetáculo presente em todos os lugares, acessível, sem interrupções muitas vezes, e em “tempo real”, bastando para isso o acesso aos meios de comunicação. Diferentemente do espetáculo antes buscado - o coliseu para ver os cristãos serem mortos pelos leões, a arena para ver os cavaleiros medievais exibirem suas habilidades de luta, ou ainda os espetáculos mambembes - hoje o espetáculo está em casa, na TV, no computador ou até mesmo no celular “on-line”. Essas ocasiões de “contemplação” dos grandes eventos é motivação para estar junto, falar sobre, enfim, para promover pontos de contato. Para Debord (1997) esse fenômeno é evidenciado no fato de o telespectador, “viver por procuração, graças a outros, graças às celebridades que encarnariam seus sonhos”, através de “espetáculos” cotidianamente proporcionados pelas imagens oferecidas pela tela analógica ou digital.

Por isso o autor sustenta que a realidade que vivemos é sempre a sua representação. E sob este ponto de vista, estar conectado a esses acontecimentos, passa a ser um valor e, portanto, um ritual importante da sociedade do espetáculo, uma vez que, antes, o lugar de representação, do vivido, se dava através das manifestações culturais e hoje elas estão justamente nos espaços midiáticos e, em especial na televisão, onde se dão os fatos.

Também Baudrillard (2002) aponta o discurso midiático espetacularizado e espetacularizador como vetor de mobilização da sociedade, ocupando o vazio deixado pelo fim das grandes narrativas definidas por Lyotard e investindo no “aqui e agora”. O autor chama atenção para essa tendência de “teatralização” que as mídias têm ao narrar o acontecimento, evidenciando a grande potencialidade da TV e da

Internet, em especial, de oferecer seus conteúdos a partir da idéia de imagem instantânea, ou seja, se apresentando como a testemunha do evento simultaneamente ao seu transcorrer. Baudrillard nomeia este fenômeno de hiperrealidade, uma vez que, justamente, assim como Debord (1997) é em função dela que vivemos e não mais da realidade. Baudrillard (2002), no entanto, vai dizer que essa hiperrealidade é resultante da sociedade do “excesso” que, ao produzir o exagero em qualquer instância, entra no processo de super acúmulo. Na comunicação, esse exagero se traduz na transmissão dos eventos midiáticos que passam a se “descolar” de seu fato original para alcançar uma dimensão outra, espetacularizada; uma nova versão da realidade, onde a informação vale mais pelo espetáculo que pode proporcionar, por estar em tempo “real” em nossas casas, do que pelo valor informativo de uso referenciador ao mundo que vivemos. Na indústria da conexão, a informação tornada espetáculo é a mercadoria mais valorizada. No dizer de Baudrillard:

Há muito tempo que a informação ultrapassou a barreira da verdade para evoluir no hiperespaço do nem verdadeiro nem falso, pois que aí tudo repousa sobre a credibilidade instantânea. Ou, antes, a informação é mais verdadeira que o verdadeiro por ser verdadeira em tempo real – por isso é fundamentalmente incerta. Ou, ainda, para retomar a teoria recente de Mandelbrot, podemos dizer que, tanto no espaço da informação ou no espaço histórico quanto no espaço fractal, as coisas não têm mais uma, duas ou três dimensões: flutuam numa dimensão intermediária. Logo, nada mais de critérios de verdade ou de objetividade, mas uma escala de verossimilhança (BAUDRILLARD 2002, p.45).

Assim, os eventos mediados pela televisão, ao se formatarem ao padrão audiovisual se tornam a matéria-prima de excelência para a produção espetacular dos fatos de acordo com as demandas midiáticas, potencializados pelo fator da simulação.

Ao nos depararmos com a história da Igreja Universal do Reino de Deus, constatamos que o seu principal diferencial foi a utilização dos meios de comunicação de massa para o evangelismo. Essa postura comunicacional da Igreja

foi determinante para seu crescimento. Especificamente na TV, a IURD desenvolveu sua forma de pregação baseada nos tele-evangelistas norte-americanos e adaptou muito bem a proposta de pregação pela TV à realidade sócio-cultural brasileira, no qual podemos observar uma produção de programas que explora de maneira adequada a linguagem televisiva e os diversos elementos presentes, como a teledramaturgia, reportagens jornalísticas, cenário, edição, entre outros.

Enfatizando a mídia televisiva da Igreja Universal como nosso objeto de pesquisa, os estudos puderam apontar algumas estratégias discursivas comuns a todos os exemplos analisados. De modo geral, nota-se que a atração fundamental é os depoimentos dos fiéis, nos quais referendam as falas dos pastores. O testemunho e opiniões em relação aos temas apresentados é um importante recurso discursivo de um dizer verdadeiro e projeta uma identificação com o contexto vivido pelo telespectador, pois são apresentadas dezenas de histórias de vida que, de alguma forma, são reconhecidas pela audiência. Para muitos fiéis da IURD, o primeiro contato com a doutrina religiosa se deu através da televisão e a partir disso, eles são promovidos a serem co-participantes do projeto de expansão da Igreja. Isso se dá, num primeiro momento, com as ofertas e pagamentos de dízimos para manter e ampliar a estrutura da Igreja Universal. Em seguida, alguns fiéis são destacados para anunciarem seus testemunhos, o que é motivo de orgulho para eles, já que irão desempenhar um papel de “exemplo de fé” para as pessoas de dentro e fora da Igreja.

As questões sociais levantadas de forma abrangente, como desemprego e violência são apresentadas como resolvidas nas histórias de vida dos fiéis. Não se observa nenhuma relação dos problemas sociais que afligem as pessoas com o contexto particular do indivíduo. Nesse caso, as crises de saúde, os familiares e financeiras estão ligadas às ações individualizadas do sujeito e são resolvidas

também de forma única, a partir da presença dele nas reuniões. A mensagem religiosa e o uso da fé se apresentam como uma solução individual e subjetiva, diferente de doutrinas que pregam a vida em comunhão entre os “irmãos” com responsabilidade social, que não são manifestadas no discurso da Igreja na TV.

Outra estratégia muito utilizada é o recurso de elementos figurativos que promovem uma intertextualidade entre o discurso do pastor e a referência bíblica. A oferta de objetos religiosos como o mel consagrado, a rosa ungida ou a estola sacerdotal servem como ponto de contato entre o mundo natural e espiritual. Esses objetos são ilustrações de trechos bíblicos que contam sobre a manifestação do poder divino e no discurso midiático, representam o motivo principal para convencer o telespectador a participar das campanhas. O objeto em si é comum, o valor está na consagração dele, que o faz sagrado e o dota de poderes sobrenaturais. Por isso, ele é a atração da reunião, e também está estreitamente relacionado ao tema abordado.

A escolha dos temas de cada programa de TV também é diretamente ligada às reuniões realizadas durante a semana. Portanto, o público pode ser abordado de acordo com a necessidade com a qual ele se identifique melhor. Nessa segmentação temática, os discursos promovem uma aproximação com o telespectador, especificamente na área de sua vida que se encontra com problemas. Mas na própria proposta da grade de programação, a igreja aborda todas essas áreas, seja ela financeira, de saúde, espiritual, amorosa ou familiar, tornando impossível para o sujeito não se identificar com uma dificuldade, para depois procurar ou não a ajuda da Igreja Universal do Reino de Deus.

Nos programas analisados “Fala que eu te escuto” os temas abordados foram em relação à violência. Porém os pastores não desenvolvem nenhuma doutrina teológica nos programas. Suas falas apenas destacam afirmações pontuais que

justificam a falta de fé, ou seja, a falta de aceitação de Jesus. Esse despojamento de certo tradicionalismo religioso na televisão é a principal característica que diferencia a IURD das demais instituições religiosas, como a Igreja Católica, por exemplo. De modo geral, o único momento que se evidencia traços de uma liturgia é a oração final no encerramento de cada programa, quando o pastor abençoa e realiza a prece em favor dos telespectadores. Nesse momento, toda argumentação do discurso já foi feita e espera-se que a audiência já assuma o dizer verdadeiro da mensagem e com isso se disponha a receber uma benção da Igreja.

Nesse contexto marcado pela secularização e pluralização religiosa, a Igreja Universal tem desempenhado, com êxito, a função de associar o discurso religioso com as realidades e necessidades mais imediatas dos indivíduos. Nesse sentido, a análise dos programas nos permite compreender dois movimentos utilizados pela mídia televisiva da IURD: o primeiro movimento que constrói o simulacro a partir do discurso religioso regido pelas leis da comunicação de massa, nas quais os púlpitos são os aparelhos de televisão e a imagem é o centro de tudo, e o espetáculo dá corpo à virtualidade da relação com o sagrado; o segundo movimento refere-se à necessidade constante de manutenção do simulacro a partir da adaptação às transformações aceleradas pelas quais passa a sociedade na qual está inserida a IURD, comprovando seu caráter de instituição adaptada à pós-modernidade.

Dessa maneira, ao finalizar essa pesquisa, não se está propondo novas maneiras de agir, formas renovadas de conduta ou reflexões sobre mídia e religião. Buscou-se apenas analisar um fato, suas conseqüências e implicações imediatas. Se essa pesquisa foi apresentada satisfatoriamente, o objetivo do presente estudo foi alcançado. No entanto, abrimos as possibilidades para encontrar outros caminhos de análise, que não podem ser desconsiderados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: 4ª Ed., 2ª tiragem, Martins fontes, 2003.
- ADORNO, Theodor W. HORKHEIMER, Max. *Dialética do Esclarecimento*. Rio de Janeiro: Reimpressão com nova pag. e capa. Jorge Zahar, 2006.
- ANDERSON, Perry. *As Origens da Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro: 1ª Ed., Jorge Zahar, 1999.
- ANTONIAZZI, Alberto, et al. *Nem anjos nem demônios: Interpretações sociológicas do pentecostalismo*. Petrópolis: Petrópolis: 2ª Ed., Vozes, 1996.
- ASSMANN, Hugo. *A Igreja Eletrônica e seu impacto na América Latina*. Petrópolis: 1ª ED., Vozes, 1986.
- ARAUJO, Isael de. *Dicionário do Movimento Pentecostal*, Rio de Janeiro: 1ª Ed. Casa Publicadora das Assembléias de Deus, 2007.
- ARMSTRONG, Karen. *A Bíblia*. Rio de Janeiro: 1ª Ed., Jorge Zahar, 2007.
- BASTIDE, Roger. *O sagrado selvagem*. São Paulo: 1ª Ed., Companhia das Letras, 2006.
- BAUMAN, Zygmunt. *O Ma-Estar da Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro: 1ª Ed., Jorge Zahar, 1997.
- _____ *Modernidade e Ambivalência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. 1999.
- _____ *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: 1ª Ed., Jorge Zahar Editor. 2001.
- _____ *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro: 1ª Ed., Jorge Zahar Editor. 2003.
- BAUDRILLARD, Jean. *Simulacros e Simulações*. Lisboa: Relógio D'água, 1991.
- _____ *Tela Total: mito-ironias da era do virtual e da imagem*. Porto Alegre: 3ª Ed., Sulina, 2002.
- _____ *A Ilusão Vital*. Rio de Janeiro: 1ª Ed., Civilização Brasileira, 2001.
- _____ *A Sociedade de Consumo*. Lisboa: Edições 70, 2007.
- _____ *A Troca Simbólica e a Morte*. São Paulo: 1ª Ed., Loyola, 1996.
- _____ *Para uma Crítica da Economia Política do Signo*. Lisboa: Edições 70, 1995.

- BERGER, Peter Ludwig. *O dossel Sagrado. Elementos para uma teoria sociológica da religião*. São Paulo: 1ª Ed., Paulus, 1985.
- BERGE, Christa. *Tensão entre os campos Religioso e Midiático*. São Bernardo do Campo: 1ª Ed., Universidade Metodista de São Paulo, 2007. In: *Mídia e Religião na Sociedade do Espetáculo*. Organização de José Marques de Melo, Maria Cristina Gobbi, Ana Cláudia Braun Endo, 2007, pp. 23-32.
- BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar. A aventura da modernidade*. São Paulo: 1ª Ed., Companhia das Letras, 2007.
- BÍBLIA. Português. *Bíblia de Jerusalém*. Tradução publicada sob a direção da “École biblique de Jerusalém” 1ª Ed., 3ª impressão, São Paulo: Paulus, 2004.
- BONFATTI, P. *A Expressão Popular do Sagrado – Uma Análise Psicoantropológica da Igreja Universal do Reino de Deus*. São Paulo: 1ª Ed., Paulinas, 2000.
- CAMARGO, Cândido Procópio Ferreira de (org.). *Católicos, Protestantes, Espíritas*. Petrópolis. Vozes, 1973.
- CAMPOS, Leonildo Silveira. *Teatro, templo e mercado. Organização e marketing de um empreendimento neopentecostal*. Petrópolis /São Bernardo do Campo: 2ª Ed., Vozes/UMESP, 1999a.
- _____ *Marketing religioso*. JBCC Jornal Brasileiro de Ciências da Comunicação, ano 1, nº. 39, Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 13 de junho de 1999b.
- CANCLINI, Nestor Garcia. *Consumidores e cidadãos*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2008.
- CARRIELO, Rafael; MARREIRO, Flávia. Igreja Universal e os bancos ganham poder. In: **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 4 jan. 2004. Folha Brasil, Caderno A, p. 4.
- CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso das Mídias*. São Paulo: Editora Contexto, 2006.
- CHAUI, Marilena. *Simulacro e poder. Uma análise da mídia*. São Paulo. 1ª Ed., Editora Fundação Perseu Abramo, 2006.
- COLLINS, Michael. PRICE, A. Matthew. *História do Cristianismo: 2000 anos de Fé*. São Paulo. 1ª Ed., Edições Loyola, 2000.
- CONNOR, Steven. *Cultura Pós-moderna: introdução às teorias do contemporâneo*. São Paulo. 4ª Ed., Edições Loyola, 2000.

- COSTA, M. L. EDILENE. *O Sagrado nas Fronteiras do Simulacro*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: PUC, 2002.
- CROATTO, José Severino. *As Linguagens da Experiência Religiosa. Uma introdução à fenomenologia da religião*. São Paulo: 1º Ed., Paulinas, 2001.
- DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: 1ª Ed., Contraponto, 1997.
- DELUMEAU, Jean. *De religiões e de homens*. São Paulo: 1ª Ed., Loyola, 2000.
- DERRIDA, Jacques. VATTIMO, Gianni, et. al. *A Religião: o seminário de Capri*. São Paulo: 1ª Ed., Estação Liberdade, 2000.
- DURAND, Gilbert. *O imaginário. Ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem*. Rio de Janeiro. Editora Difel, 2004.
- DURKHEIM, É. *As Formas Elementares da Vida Religiosa*. São Paulo: 1ª Ed., 3ª Tiragem, Martins Fontes, 2003.
- EAGLETON, Terry. *As ilusões do pós-modernismo*. São Paulo: 1ª Ed., Jorge Zahar Editor, 1998.
- ELIADE, Mircea. *Tratado de História das Religiões*. Tradução de Fernando Tomaz e Natalia Nunes. São Paulo: 2ª Ed., Martins Fontes, 1998.
- _____ *O sagrado e o Profano. A essência das religiões*. São Paulo: 5ª Ed., Martins Fontes, 2001.
- _____ *Imagens e Símbolos: Ensaio sobre o simbolismo mágico-religioso*. São Paulo: 1º Ed. Martins Fontes, 1991.
- _____ *Origens. História e sentido na religião*. Lisboa: Edições 70, 1989.
- _____ *Aspectos do mito*. Lisboa: Edições 70, 1999.
- _____ *Mito e realidade*. São Paulo: Perspectiva, 1998.
- FRESTON, Paul. *Nem Anjos nem Demônios: Interpretações sociológicas do pentecostalismo*. Petrópolis, R.J: 2ª Ed. Vozes, 1996.
- FILORANO, G.; PRANDI, C. *As Ciências das Religiões*. Tradução de José Maria de Almeida. São Paulo: Paulus, 1999.
- GALIMBERT, Umberto. *Rastros do Sagrado*. São Paulo: 1ª Ed., Paulus, 2003.
- GALINDO, Daniel. *Religião, mídia e entretenimento: o culto tecnofun. Estudos de Religião*. Ano XVIII, nº. 26, São Bernardo do Campo, UMESP, junho de 2004.
- GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- GIDDENS, Anthony. *As Conseqüências da Modernidade*. São Paulo: Unesp, 1991.

GOMES, Pedro Gilberto. *Processos Midiáticos e Construção de Novas Religiosidades. Dimensões Históricas*. São Leopoldo IHU, ano2, nº 8: Unisinos, 2004.

GUERREIRO, Silas. *A magia existe?* São Paulo: 1ª Ed., Paulus, 2003.

HABERMAS, Jürgen. *O Discurso Filosófico da Modernidade*. São Paulo: 1ª Ed., Martins Fonte, 2000.

HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-modernidade*. São Paulo: 14ª Ed., Loyola, 2004.

HARVEY, David. *Condição pós-moderna*. Rio de Janeiro: 9ª Ed., DP&A, 2005.

JAMESON, Fredric. *A virada cultural: reflexões sobre o pós-moderno*. Rio de Janeiro: 1ª Ed., Civilização Brasileira, 2006.

_____ *Pós-modernismo: Alógica do Capitalismo Tardio*. 1ª Ed., São Paulo: Editora Ática, 1996.

KELLNER, Douglas. *A Cultura da Mídia*. Bauru, SP: 1ª Ed., Edusc, 2001.

_____ *Cultura da mídia e triunfo do espetáculo*. In MORAES, Dênis de (org.). *Sociedade midiaticizada*. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

KLEIN, Alberto. *Imagens de Culto e Imagens da Mídia: interferências midiáticas no cenário religioso*. Porto Alegre: 1ª Ed., Sulina, 2006.

LACOSTE, J. (org). *Dicionário Crítico De Teologia*. São Paulo: Loyola, 2004.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: 2ª Ed., Editora 34, 2000.

_____ *O que é Virtual?* São Paulo: 5ª Ed., Editora 34, 1996.

LUHMANN, Niklas. *A realidade dos meios de Comunicação*. São Paulo: 1ª Ed., Paulus, 2005.

LYOTARD, Jean-François. *A Condição Pós-Moderna*. Rio de Janeiro: 8ª Ed., José Olímpio, 2004.

MACEDO, Edir. *O caráter do servo*. São Paulo: Universal Produções, 1994.

_____ *Orixás, caboclos e guias: deuses ou demônios?* São Paulo: 14ª Ed., Universal produções, 1997.

_____ *Vida com Abundância*. Rio de Janeiro: 10ª Ed., Universal produções, 1990.

MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. São Paulo: 1ª Ed., Edições Loyola, 1999.

- MATTELART, Armand. MATTELART, Michèle. *Pensar as Mídias*. São Paulo: 1ª Ed., Loyola, 2004.
- MARTINO, Luís Mauro Sá. *Mídia e poder simbólico*. São Paulo: 1ª Ed., Paulus, 2003.
- MELO, Hygina Bruzzi De. *A Cultura do Simulacro: filosofia e modernidade em Baudrillard*. São Paulo: 1ª Ed., Loyola, 1988.
- MENDONÇA, Antonio Gouvêa. FILHO, Prócoro Velasques. *Introdução do Protestantismo no Brasil*. São Paulo: 1ª Ed., Loyola, 1990.
- MONDIN, Battista. *Curso de Filosofia*. São Paulo: Vol. 2, 10ª Ed., Paulus, 2006.
- _____ *Quem é Deus?* São Paulo: 1ª Ed., Paulus, 1997.
- OLIVA, Magarida. *O Diabo no Reino de Deus*. São Paulo: 1ª Ed., Musa, 1997.
- ORLANDI, Eni P. *Discurso e Texto. Formulação e Circulação dos Sentidos*. Campinas: Editora Fontes, 2005.
- ORO, Ari Pedro. Corten, André. Dozon, Jean-Pierre. *Igreja Universal do reino de Deus: Os novos conquistadores da fé*. São Paulo: 1ª Ed., Paulinas, 2003.
- OTTO, Rudolf. *O Sagrado*. Porto Alegre: 1ª Ed., Editora Sinodal, 2007.
- PADEN, William E. *Interpretando o Sagrado*. São Paulo: 1ª Ed., Paulinas, 2001.
- PASSOS, João Décio (org.). *Movimentos do Espírito: matrizes, afinidades e territórios pentecostais*. São Paulo: 1ª Ed., Paulinas, 2005a.
- _____ *Pentecostais. Origens e começo*. São Paulo: 1ª Ed., Paulinas, 2005b.
- PERRY, Marvin. *Civilização Ocidental: Uma História Concisa*. São Paulo: 3ª Ed., Martins Fontes, 2002.
- QUEIROZ, José, J. *As religiões e o sagrado nas encruzilhadas da pós-modernidade*. In: QUEIROZ, José, J. et ali. *Interfaces do sagrado em véspera do milênio*. São Paulo: Olho d'água, 1996.
- RICOEUR, Paul. *Conflito das interpretações: ensaios de hermenêutica*. Rio de Janeiro: 1ª Ed., Imago Editora, 1978.
- SANCHIS, Pierre. *“O campo religioso contemporâneo no Brasil”*. *Globalização e religião*. Petrópolis, Vozes, 1997.
- SANTAELLA, Lucia. *Culturas e Artes do Pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura*. São Paulo: 1ª Ed., Paulus, 2003.
- SEFFNER, Fernando. *Da Reforma a Contra-Reforma*. 1ª. Ed., São Paulo: Atual Editora, 1993.

- SEVERINO, Antônio Joaquim. *Metodologia do Trabalho Científico*. 22ª. Ed., São Paulo: Cortez, 2004.
- SILVA, Maria Freire da. *A fé na sociedade metropolitana*. São Paulo: 1ª Ed., Paulinas; Educ, 2009. In: *A fé na Metrópole*. Organização de Afonso Maria Ligorio Soares, João Décio Passos. 2009.
- SODRÉ, Muniz. *Antropologia do Espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede*. Petrópolis, RJ: 2ª ED., Editora Vozes, 2002.
- SPINK, Mary Jane e MEDRADO, Benedito. Produção de sentidos no cotidiano: uma abordagem teórico-metodológica para a análise das práticas discursivas. In: SPINK, Mary Jane (org.). *Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano*. São Paulo: Cortez, 1999.
- TERRIN, Aldo Natale. *O Sagrado Off Limits: A experiência religiosa e suas expressões*. São Paulo: 1ª Ed., Loyola, 1998.
- THOMPSON, B. John. *A Mídia e a Modernidade: uma teoria social da mídia*. Petrópolis: 6ª Ed., Vozes, 2004.
- VASCONCELOS, Paulo, A. C.. *Baudrillard do texto ao pretexto*. São Paulo: 1ª Ed., Alexa Editorial, 2004.
- WEBER, Max. *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. São Paulo: Companhia das letras, 2004.
- WITTGENSTEIN, Ludwig. *Investigações Filosóficas*, 2ª. Ed. São Paulo: Vozes, 1996.
- ZIZEK, Slavoj. *Bem-vindo ao deserto do real*. 1a. Ed. São Paulo: Boitempo Editorial, 2003.

ANEXO 1

PROGRAMA: “FALA QUE EU TE ESCUTO”

EMISSORA: TV Record

ANO 2008 – Trechos de programas



1. Bruno – Goleiro do Flamengo – Sinopse.





Tempo de duração: 13' e 54''

Tema: Inclusão social: O que traz mais resultado? A escola, o esporte ou a arte?

O entrevistado fala de sua infância, triste e difícil, criado pela avó em um bairro muito carente, Ribeirão das Neves, em Belo Horizonte. Ele sempre acreditou em sua força de vontade para vencer na vida.

Em relação ao tema proposto inclusão social, a resposta de Bruno, sobre o que dá mais resultado ele diz que o mais importante é o estudo, porém ele sempre teve dom para o futebol, por isso que na hora de escolher entre o estudo e o futebol, ele ficou com o esporte, foi isso que o tirou da exclusão e fez sua entrada na sociedade.

Ele ficou 3 anos esperando a oportunidade de ser chamado pelo clube. A emoção da fama é muito boa, mas admite que tenha que dividir suas conquistas com Deus, por isso ele agradece sempre a Deus (cena dele agradecendo a Deus durante um jogo)

Pede a Deus a proteção e agradece de onde saiu, aonde chegou, e o que Ele faz por ele e por outros jogadores.

Entrevistador: Muitos são os chamados, mas poucos são os escolhidos.

Bruno: Confiar em Deus e trabalhar muito.

Entrevistador: Qual foi seu momento marcante profissionalmente?

Bruno: Negativo – Rebaixamento do clube em 2005.

Positivo – Quando conquistou o primeiro título pelo Flamengo – sentiu paz.

Entrevistador: Qual o conselho que ele daria aos meninos de comunidades carentes que querem seguir a carreira no futebol.

Bruno: Traçar um objetivo, ir pelo caminho do bem, saber escolher amizades aproximando-se das pessoas boas; não ficar falando sobre as oportunidades, ter muita dedicação, saber confiar nas pessoas certas, percebemos nos olhos

das pessoas quando são boas; principalmente a criança não mente, diz o que sente; eu deixo para elas o seguinte trabalho bastante, muita determinação, mas confie em Deus, Ele vai fazer a obra.

Quando eu comecei eram mais de 20 a 30 pessoas buscando um só objetivo, ser um profissional no futebol, eu fui o único que se saiu bem, hoje muitos amigos de infância se perderam nas drogas, no crime, fico muito sentido, muito triste com isso, mas por outro lado eu agradeço a Deus por me tirar daquele lugar, ter me dado uma oportunidade e pela continuidade em minha carreira.

Entrevistador: Você crê ser um escolhido?

Bruno: Claro!

Entrevistador: Bruno é muito sincero, não é? Pelo seu caráter, humildade, exemplo para jovens que se espelham em você. Isso é bom, ser um vencedor com caráter.

2. Caso Isabella – Sinopse



Tempo de duração: 9' e 52''

Tema: Se as testemunhas são as prostitutas das provas e as evidências foram prejudicadas, é justo apontar um culpado?

A entrevista do pastor é por telefone, selecionamos um dos comentários de um ouvinte: “A família dos acusados é uma família de advogados, não é qualquer um, são inteligentes”.

Pastor diz que ele pensa que deve haver mais responsabilidade por parte das autoridades, que não devem entrar no “oba oba” nem no apelo emocional.

Enquete do programa: sobre a justiça em apontar ou não um culpado:

SIM = 47,83%

NÃO= 52,17%



Argumentos durante o programa entre os pastores:

A lei trata da razão e não da emoção. Pela lei até que se prove não existe culpado, a lei tem que ser aplicada independentemente da culpabilidade ou não dos réus.

Se a polícia, os promotores seguirem essa linha sem provas, não haverá culpados.

Até quando diante dessas barbaridades tudo vai ser encarado como se fosse um show, cenas do próximo capítulo, até quando tudo isso será encarado dessa maneira, a vida humana será tratada assim?

A culpa disso é a falta de profissionalismo, a corrupção da própria polícia e a irresponsabilidade também da mídia.

MOMENTO DE REFLEXÃO: Vamos falar com Deus

Pastor: “Vamos falar com Deus agora, porque só Deus para que aja justiça de fato, só o justo Juiz, só Aquele que é justo, que não aceita suborno nem agrado. Vamos falar com Deus”.

Música, cujo refrão sempre marca o seguinte: Carta aberta ao coração de Deus que vem acompanhada de imagens de famosos internacionais que foram julgados por vários crimes, na forma de clipe.

MOMENTO DE ORAÇÃO:

“Deus prova o pensamento. Do coração humano provém os maus desígnios, o grave problema de hoje. O coração humano está mais longe do Senhor. Estamos aqui para despertar dentro das pessoas o poder da fé, esse pedacinho dentro de cada um, chamado fé, porque nós acreditamos que se as pessoas estiverem voltadas para Deus de todo o coração, de toda a

mente, por inteiras, nós não vamos passar por situações como essas, porque as pessoas serão incapazes de fazer o mal ao próximo.

Deus, visita essa pessoa que se sujeita a essa oração, visita a família do Alexandre e faça Senhor, brilhar sua luz a todos que estão envolvidos e que se faça a verdadeira justiça. O Senhor sabe o que aconteceu, nós não sabemos, nós oramos por todas as pessoas que têm sofrido, que são consumidas pela depressão, vivendo a base de remédios, sedativos, drogas.

Visita Senhor em qualquer parte de nosso país, onde quer que haja alguém sofrendo e pedindo o Seu socorro estenda sua mão. Que esta água seja o socorro para o corpo e para a alma.

Em nome do “Pai do Filho e do Espírito Santo. Amém”.

3. Famosos e as drogas – Sinopse



Tempo de duração: 9'57''

Tema: Loucura – Famosos e Drogas

Reportagem jornalística com a narração de uma voz feminina e clipes de artistas e cantores internacionais de grande fama, sendo a maioria mulheres.

Pergunta: O que algumas atrizes famosas, bonitas e ricas têm em comum?

Resposta: São problemáticas, levando uma vida com álcool, escândalos, clínicas de reabilitação, perda da guarda de filhos, entre outras coisas, como depressão, excessos e morte.

Ano de 2010 – Programas de gravados de 06/07/2010 a 10/07/2010

Programa: 06 de julho de 2010 – Sinopse



Tema: A fama e o drama

Tempo de duração: 57'



Pergunta: Dramas familiares dos famosos: A fama ajuda a superá-los, só atrapalha ou o sofrimento é o mesmo para famosos e anônimos?

Em estilo de reportagem com a voz feminina ao fundo, imagens em forma de clipes de shows, flagras, momentos captados pela mídia de atrizes, atores, cantoras e cantores famosos, com os seguintes eixos de demonstração:

- Mulheres com beleza e dinheiro que têm relacionamento pessoal infeliz, sendo vítimas de violência de companheiros e ex-companheiros.
- Quem acredita que a violência só acontece na casa dos pobres, está enganado. Brigas e drogas rondam as mulheres ricas e a agressão entre marido e esposa.

Exemplos concretos:

Farrah Majors – registra cenas dos seus momentos finais antes da morte, o filho que está preso, recebe permissão para visitar a mãe. A herança deixada por ela não poderá ser usada pelo filho por estar nessa condição.

Filha de Elvis – Liza Mary – perdeu a virgindade aos 15 anos com um traficante de drogas, lutou contra o vício e se casou com Michael Jackson, com síndrome de Peter Pan.



Paris Hilton – vida pautada por álcool e drogas

Macaulin - envolvimento com drogas. Foi alvo da briga dos pais pela guarda e o dinheiro que o filho ganhava com a fama.

Dinheiro e fama não se associam a paz e harmonia familiar.

Se o dinheiro trouxesse felicidade?

Rompimento da relação familiar

Menina colocada a venda na Índia – foi atriz de um filme famoso

Conclusão: Beleza, talento e sucesso é uma combinação perfeita para sair do anonimato e entrar para o estrelato e o resultado desse trabalho vem em dinheiro, mas será que tudo isso preenche mesmo a vida das celebridades?

Lista de celebridades envolvidas em traição e escândalos

Fábio Jr. - 7 casamentos, 7 filhos, beleza, encantamento e charme atrapalham a vida familiar.

Pelé – separações, filhos fora do casamento, ações judiciais, filho envolvido com drogas, filha que não foi reconhecida, lutou pela doença e ele não foi ao enterro.



Pastor Carlos Cucato, pede opinião dos telespectadores pelo telefone, email e pelo twitter.



Telespectadora liga para dar opinião: a mídia atrapalha, a pessoa comum tem mais privacidade.

Volta clipe com Britney Speer discutindo a questão de que ela praticava agressões contra os filhos, já doentes por causa da mãe, ela contesta, mas já perdeu uma vez a guarda das crianças.

Pastor volta a conversar por telefone com uma professora que em sua opinião a fama atrapalha, o sofrimento é mais ameno para os anônimos.

Depois com uma arquiteta que diz ser bárbaro o que se vê no meio artístico, e que o sofrimento é o mesmo só que o dos famosos vem à tona.

Pastor diz que a violência também acontece com os famosos, o exemplo é a agressão física e emocional para com as mulheres.

Ele lê as mensagens ou escuta os telefonemas, pedindo opinião.

Na tela aparece: “Dê sua opinião através do site”.

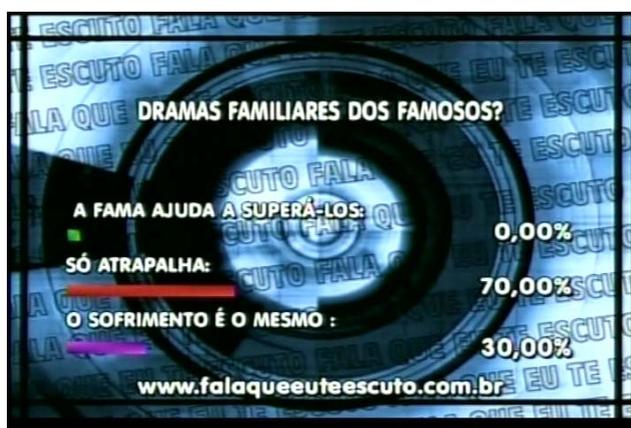
Segunda pergunta do programa: A educação que os famosos passam para os filhos? Será que continua a questão de álcool e drogas também para os filhos?

Como os famosos são exemplo para muitas pessoas, embora não se saiba o que acontece nos bastidores de suas vidas, os filhos acabam, muitas vezes, seguindo o exemplo dos pais e se tornam pessoas dependentes de drogas e desajustadas.

Enquete do programa: sobre dramas familiares dos famosos:

70% = fama só atrapalha

30% = sofrimento é o mesmo



Sr. Roberto: Ouvinte manda a mensagem: Não é a fama que atrapalha é a falta de Deus na vida das pessoas. Falta Deus no coração.



Na sequência os telespectadores por telefone, email ou twitter pedem oração para seus relacionamentos e família.

MOMENTO DE FÉ - O pastor pede para que se prepare o copo de água para a oração não importando a religião a que a pessoa pertença.

MOMENTO DE REFLEXÃO - Mensagem na tela com texto e imagem.



Destaque: “pedras no caminho devem ser usadas para o crescimento” (efeito de auto-ajuda)

Música: Carta endereçada ao coração de Deus, igual à de 2008, com vídeo do tipo clipe.



ORAÇÃO DO PASTOR: (adaptada e não transcrita)

O Senhor nunca disse não a católicos, espíritas, evangélicos.

Exalta a fé aos que estão sintonizados com o programa.

Sufrimento exposto como espetáculo aumenta o sofrimento.

Pede a Deus pelas mãos dos filhos drogados, pelas mulheres abandonadas pelos maridos, pelos enfermos para o milagre na cura do corpo: “Nós determinamos a cura a todos que acompanham esta oração”

Pede pela vida financeira, depressão, insônia, que a água seja o ponto de contato com Deus no corpo e na alma.

“Deus capacitou todo o ser humano com inteligência e com uma força chamada fé. Muitas pessoas aprimoram a sua inteligência com faculdade, com experiência de vida a fim de extrair benefício dessa inteligência, o que é correto, e muitas pessoas estão aprendendo como aperfeiçoar a sua fé, como usar a sua fé e extrair benefício também. Só que o benefício que se extrai da

fé não é um benefício passageiro, mas duradouro é um benefício sobrenatural, e isso você tem como aprender, como despertar sua fé, como aprender a usar sua fé, só depende de você”.

O pastor se despende dizendo que o programa continua para o Brasil e o mundo.

Programa: dia 07 de julho de 2010 – Sinopse



Tema: Amor x profissão

Tempo de duração: 60'



Pergunta: Atrás de um profissional de sucesso sempre há alguém solitário: único jeito de ser bem-sucedido, desleixo, ou desculpa de egoísta?

Reportagem com voz feminina em forma de clipe apresentando os seguintes eixos:

Mulheres famosas tendem a conciliar casamento e maternidade.

Ex: Claudia Leite, Madona, atrizes e cantoras famosas (novamente falam de Britney Speer)

Contos de fadas e livros infantis – imagens de desenhos da Disney – mostram uma vida diferente da vida real que possui grandes desafios.

- Entrevista com um psicólogo (caráter científico) – mulheres que se entregam de corpo e alma e acabam se frustrando.
- Entrevistas de rua com pessoas comuns sobre o trabalho e relacionamentos.
- Famosos que se queixam de falta de carinho, fidelidade e comprometimento.
- Psicólogo volta a falar: o mundo está precisando de amor. Não dá para esperar o príncipe encantado ou a bela adormecida. Ex.: Lady Diana, Fábio Jr, Marilyn Monroe, repetem alguns famosos. Exemplos de casamentos milionários que acabam em divórcio.



- Pessoas comuns têm menos glamour. Novamente o psicólogo

Será que no mundo dos famosos existe uma leitura diferente na relação a dois?

Bispo Clodomir Santos pede a opinião por e-mail, telefone ou twitter. As opiniões vêm de: empresaria, dentista, professora, publicitário, advogado, psicólogas, universitário, filósofo, secretaria.



Reportagem continua com entrevistas de rua e dados estatísticos: Pesquisa que demonstra as mulheres chefes de família; o aumento da contribuição na renda familiar; 90% têm dupla jornada de trabalho: redução da taxa de natalidade.

Conversa pelo rádio da rede.

Reportagem: Mulheres colocam em primeiro lugar o trabalho, depois família, ginástica e lazer

Entrevista com uma orientadora familiar (caráter científico):

No mundo moderno há uma valorização da vida profissional, a necessidade de investir na carreira, e quando a mulher tenta se igualar ao homem ela está fazendo uma coisa que não é própria da natureza.

Entrevista de rua: vida agitada das mulheres, a maternidade faz falta. Entrevista com uma mulher que congelou os óvulos, parando o relógio biológico ao adiar a gravidez.

Comentário por e-mail elogiado pelo bispo: “mulher ganha espaço no mercado de trabalho e perde espaço no lar”.

MOMENTO DE REFLEXÃO

Fotos de pastores com suas esposas de todo o Brasil e do mundo, com música de fundo cantada em inglês e romântica. Termina com a foto de Edir Macedo e a mulher.



MOMENTO DE ORAÇÃO:

Música: Carta ao coração de Deus, com imagens em forma de clipe.

ORAÇÃO:

Pede pela frustração no amor, sem diálogo, carência nos relacionamentos que faz pensar em se separar, que Deus visite e Cure, que leve o fim do sofrimento.

Durante a oração aparecem imagens aéreas de São Paulo à noite.



Visita meu Deus cada um que participou do programa e abençoe a todos. Através do copo com água, todos aqueles que beberem deste recebam vida, a tua força e a disposição de te buscar para encontrar a felicidade.
Final: Aqueles que crêem digam: Que assim seja e Graças a Deus.

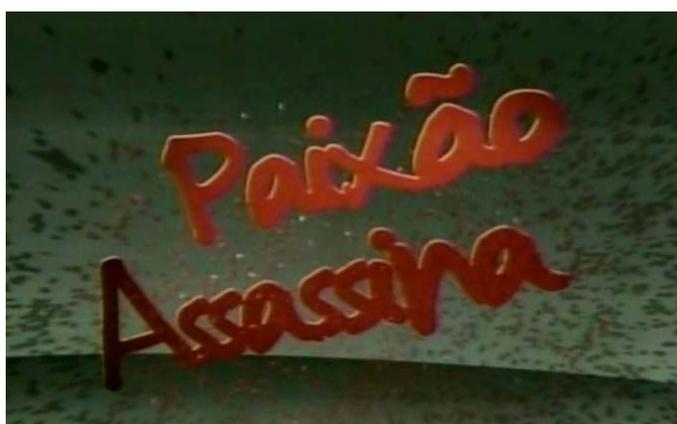
Para encerrar o Bispo indica o blog do bispo Macedo.

Programa: dia 08 de julho de 2010 – Sinopse



Tema: Paixão assassina – Caso Elisa Samudio

Tempo de duração: 59'29''

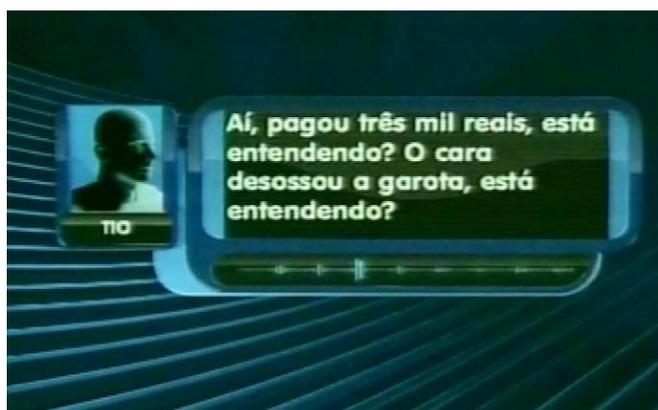


Pergunta: Me apaixonei pelo meu assassino: Essas mulheres são vítimas do coração, da inocência, ou da escolha focada em interesses?

Reportagem sobre o crime mostrando cenas utilizadas pelas TVs durante as semanas anteriores, eixos:

Caso Bruno Fernandes das Dores de Souza e Eliza Samudio





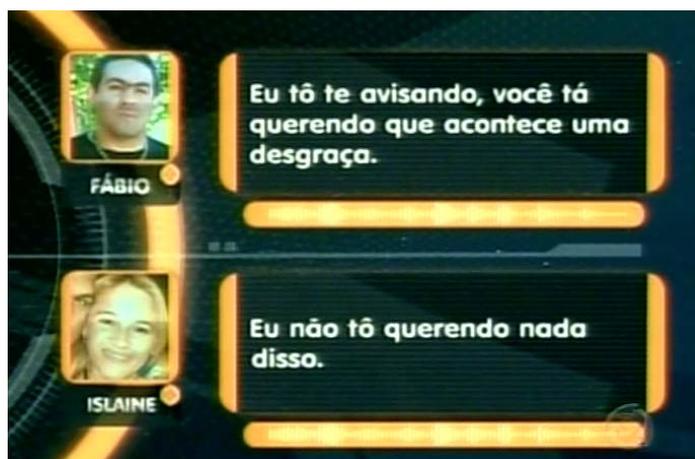
- O crime cercado por requintes de crueldade - sequestro, violência, esquartejamento, comida para cães, corpo enterrado e concretado no município de Vespasiano a vinte sete Km de Belo Horizonte.
- Envolvidos: ex-policial culpado pela execução, morte e desaparecimento do corpo; Bruno tinha um romance fora do casamento, não queria assumir a paternidade hoje com quatro meses e a modelo lutava pelos direitos da criança.
- O ex-policial é um psicopata.
- Bruno, dos holofotes da mídia para as páginas policiais, a brilhante carreira que Bruno construiu agora parece desmoronar, com o salário de quase duzentos mil reais suspenso e a prisão.
“Encerrar uma história gloriosa com respingos de sangue”.

Caso Mércia Nakashima – 42 dias de investigação.



Relacionamento de Mércia e Mizaél era com brigas e desentendimentos ao longo do namoro.

Caso Maria Elsaine, cabelereira assassinada pelo ex-marido.



8 boletins de ocorrência registrados por ela e câmeras no salão para inibir a violência registraram sua morte.

Lei Maria da Penha – há uma falha na aplicação da lei: “Não se pode subestimar o relato da vítima, as ameaças do agressor, nós devemos estar preparados sempre para que uma tragédia possa acontecer”.
O caso era uma tragédia anunciada, mostram os vídeos.
Para o advogado de defesa a culpa é do Estado.

Pastor: Estamos abordando um tema que não traz alegria, mas reflexão.



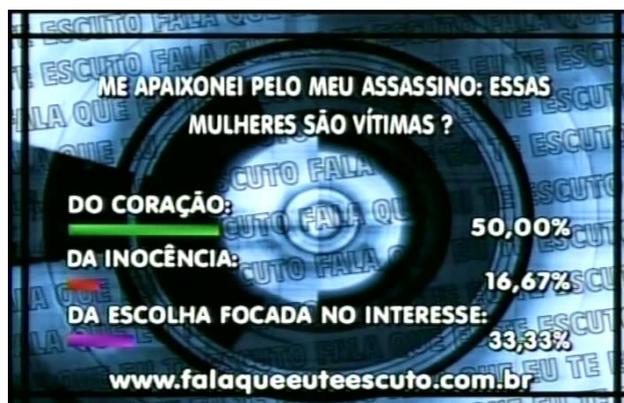
Público: vítimas do coração, mulheres vivem na inocência e ilusão, interesse pessoal, financeiro e social (Maria Chuteira)

Enquete do programa: mulheres vítimas do coração, da inocência ou interesse:

50% = coração

16,67% = inocência

33,33% = da escolha focada em interesses



Pastor: Sobre ingenuidade da mulher, ele diz: Será? Ninguém engravida sozinha.

MOMENTO DE REFLEXÃO:

História tipo fábula, igual às mensagens recebidas pela internet.

Moral: apegamos-nos a coisas que nos fazem sofrer, é preciso reconhecer que nem sempre o que parece ser essencial o é.

MOMENTO DA ORAÇÃO:

Pedido a Deus pelas vítimas da violência, do abandono, da crueldade.

Que a justiça do Senhor seja feita não por vingança, mas por natureza.

Família, casamento, lar, filhos que Deus se manifeste.

O Senhor sabe a quem atender neste momento.

Pai, Filho, Espírito Santo, em nome de Jesus. Que assim seja Graças a Deus:



Pastor finaliza:

O programa não tem objetivo de julgar ou formar a opinião pública, isso cabe a justiça de apurar os fatos.

O programa propõe uma reflexão como as pessoas precisam de Deus e não de uma religião.

Mudança de comportamento a partir da frequência a uma religião, mas se não muda o interior, coração, pensamentos, sentimento, então ela será fracassada.

“Percebemos que não adianta o dinheiro, o status, poder, sucesso e de repente tudo desaba, nessa hora só Deus, então busque Deus antes de chegar no fundo do poço”.

Anuncia também o dia da comemoração dos 33 anos da Igreja Universal, de assistência espiritual em todo o Brasil e em mais de 172 países pelo mundo.

Programa: dia 09 de julho de 2010 – Sinopse



Tempo de duração: 46'16''

Tema: Traição acaba em briga de mulheres

Pergunta: Caso extraconjugal: o maior incentivo é a falta de compromisso, a comodidade ou a ocasião faz o infiel?

Reportagem, seguindo o formato dos dias anteriores, faz a abertura através de um vídeo mostrado durante a semana na internet da briga entre duas mulheres por causa de traição.



Entrevista com psicóloga comportamental que explica a idéia de vingança.

Público – vê a traição como uma coisa normal.

São exibidos casos de famosos que foram traídos e traíram.

Crime do goleiro Bruno – repete reportagem do dia anterior.

Repete reportagem com famosos.



Entrevistas: com detetives conjugais, professores, telespectador e pelo rádio.



Pesquisa: 80% dos homens que traem são casados, executivos, isso é da natureza humana do homem traír.
 Se o relacionamento não estiver bom, os dois traem.
 Famosos com descontrolo sexual – doença (exploração científica)
 Cenas de filmes que abordam traição.
 Leitura de mensagens.

MOMENTO DE REFLEXÃO:



Vídeo mostrando um casal dançando balé, ele sem uma perna e ela sem um braço, contudo nada impede a execução dos movimentos e a beleza da dança.

MORAL: Mesmo com deficiência na vida do casal é possível cumplicidade, apoio e felicidade com realizações.

MOMENTO DA ORAÇÃO:

Pedido a Deus pelas vítimas do abandono, de doenças, de traição no casamento, do sofrimento dos filhos pelas separações.

Que a justiça do Senhor seja feita nas famílias, nos casamentos, nos lares, para os filhos de pais separados, que Deus se manifeste.



Que essa água seja fluidificada pelo teu poder e que ao beberem dela recebam vida.

O Senhor sabe a quem atender neste momento.

Pai, Filho, Espírito Santo, em nome de Jesus. Que assim seja Graças a Deus.

Para encerrar o Bispo indica o blog do bispo Macedo e na sequência segue a programação normal da emissora.

Programa: dia 10 de julho de 2010 – Sinopse



Tema: Não agüento mais sofrer – Ligue e desabafe
Tempo de duração: 54' e 9''



A reportagem inicia com o tema sobre a violência contra a mulher – enfatizando que a fé é a solução para tudo. Em seguida testenho de um caso onde a família sofria muito, principalmente infortúniofinanceiro.

Entrevista: Cláudia, uma mulher que conta como sofria e como começou a freqüentar a Igreja. Os ensinamentos incorporados em sua vida resultaram em mudanças, aprendeu a ser esposa e mãe, o casal unido aprendeu a usufruir dessas mudanças.



Testemunho: Hoje ela participa das campanhas, das reuniões da igreja, sente essa transformação, aprendeu a usar a fé na igreja, com isso obteve bens materiais, paz, alegria e harmonia em família (Cláudia salienta que hoje em sua vida ela pode vestir, comer e viver “do bom e do melhor”). A Igreja Universal do Reino de Deus foi para ela uma Faculdade, o Deus que ela conheceu ali transformou sua vida. Deus mudou tudo, hoje ela tem tudo o que quer.



Pastor: Quando as coisas dão errado, problemas, é porque a pessoa tem um mal espiritual dirigindo os seus passos, por isso depende da pessoa, se o mal não sai a pessoa continua sofrendo. Ir a “concentração de fé e milagres”.

Passagem pelo Altar: Deus se manifesta com cura, libertação, transformação na família, no namoro e no casamento.



Público: Pastor pergunta o que está acontecendo e Taila por telefone, diz que briga com o namorado, que está com o braço engessado, não consegue reagir, tem família, mas mora sozinha e pede que Deus a ajude a superar.



Pastor responde: “Você já reconheceu que só Deus para mudar a situação. O fato de ter um divórcio já mostra que a vida já está marcada por frustrações, evidência do que já ocorre há tempos. Sofrimento é evidência da ação do mal. Para cancelar o mal, Deus está lhe buscando, Ele a colocou nesse programa para nós a ajudarmos. A única forma é buscar a Deus, há uma grande diferença entre acreditar em Deus e buscar Deus, fé é o que nos canaliza a Deus”.

Solução proposta pelo pastor: Ir até a “concentração de fé e milagres”.

Passagem pelo Altar – é onde tudo se soluciona, significa o colo de Deus.

MOMENTO DE REFLEXÃO:



Trechos do filme a Lista de Schindler – poderia ter comprado mais vidas. E você? Hoje muitas vidas estão indo para o inferno, as vidas precisam ser alcançadas, quanto vale uma vida para você? Seu cônjuge, seus pais, filhos, irmãos, amigos, o que você tem feito para alcançá-las. Lembre-se uma vida vale mais que o mundo inteiro.

MOMENTO DE ORAÇÃO:



Senhor meu Deus e meu Pai amado ajudai a todos que estão com desilusões e decepções eu determino nesse instante que o senhor traga uma resposta, um alento a todas essas pessoas desesperadas.

Faça Senhor a partir desse momento, nascer uma nova vontade de viver para essas pessoas, suas famílias. Senhor toque no mais íntimo dessas pessoas para serem curadas pelo poder de Deus. Pai consagra o altar de todas as Igrejas Universal do Reino de Deus, quando essas pessoas colocarem os pés no altar, o Senhor se manifeste na vida delas, abençoe o copo com água para que cada pessoa que beba dessa água elas recebam ânimo, força e disposição para lutar e vencer, sobretudo te buscar. Amém.



Pastor finaliza: você pode ter absoluta certeza, que Deus o ajudou através desse programa e tenha a consciência que para Ele dar continuidade à obra que Ele começou na sua vida, é necessário que vocês venham buscá-los, unindo-se a essa multidão na Igreja.



Depois do blog do Bispo Macedo, todos acompanharam o programa chamado concentração de Fé e Milagre, só com testemunho e resultados dessa concentração. Procure a Igreja Universal. Em todos os lugares temos um homem de Deus para ajudá-los, sobretudo que mudará sua vida. Deus abençoe a todos.



ANEXO 2

Site do Programa *Fala que eu te escuto*

Fala que eu te escuto - Windows Internet Explorer

http://www.arcauniversal.com/falaqueeuescuto/

Arquivo Editar Exibir Favoritos Ferramentas Ajuda

Fala que eu te escuto

arca IURD ARCACENTER BLOGS

HOME

O PROGRAMA

APRESENTADORES

SUGESTÃO DE TEMAS

RECEBA INFORMAÇÕES DO PROGRAMA

PEDIDO DE ORAÇÃO

TEMAS ANTERIORES

Siga-nos no twitter

Faça sua denúncia

Participe do programa

Minha história

Mensagens do blog do Bispo

Rede Aelulia 99.3 FM

FALA QUE EU TE ESCUTO

ENQUETE

TROPA DE ELITE: O PRINCIPAL OBJETIVO DO FILME É ENTRETER, DENUNCIAR OU PROMOVER A IMAGEM DA POLÍCIA BRASILEIRA?

ENTRETER

DENUNCIAR

PROMOVER

Digite as letras da imagem: 7214b

VOTAR

TROPA DE ELITE [Leia na íntegra](#)

CADA DIA O PROGRAMA ESTÁ MELHOR! ORE POR MIM, PASTOR (MATEUS)

Participe agora enviando um torpedão com a mensagem de texto: FALA sua opinião para o número 50050

valor de cada mensagem: R\$ 0,31 - imposto

TEMAS ANTERIORES

NA INTERNET

SEPARADOS PELO SONO
Separados pelo sono: Quando dormir vira um desafio, o que mais é afetado é a vida sexual.

BELEZA SATISFAÇÃO
Beleza: Privilégio apenas de quem já nasceu assim, de quem tem tempo para se cuidar ou de quem tem dinheiro

OS DEDES, HUMOR NO RÁDIO E NA NET.
Confira aqui a matéria na íntegra.

ASSISTA AO VIVO (EM BREVE)

FALA QUE EU TE ESCUTO, VINHETA

SIGA-NOS NO TWITTER

leannberry @FALA_QTESCUTO Brasil e assim mesmo. 15 dias atrás

Wendyferreira RT:@SabrinaSatoReal @Frrann_@alanrapp @shncapastor @FALA_QTESCUTO 15 dias atrás

gryzagabrielly @FALA_QTESCUTO Apesar também de depois de cometer várias barbaridades os acusados sempre se acha inocente

COLUNISTA

FABIO RABELLO
FÁBIO RABELLO É JORNALISTA, REDATOR E PROFESSOR DE LÍNGUA PORTUGUESA. AUTOR DOS LIVROS "CRÔNICAS DO OCASO" (2002) E "PH ZERO - O GOSTO DO BRASIL" (2006)

EDITORIAS

CASA & DECORAÇÃO

COMPORTAMENTO

ECONOMIA E CONSUMO

EM FOCO

ENTREVISTAS

LAZER

PROFISSÃO & NEGÓCIOS

QUALIDADE DE VIDA

IURD

BLOGS

COMUNIDADE UNIVERSAL

EM QUE CREMOS

FALA QUE EU TE ESCUTO

FOGUEIRA SANTA

FORÇA JOVEM

NOTÍCIAS

OBRAS SOCIAIS

DOAÇÕES

REUNIÕES

SOS ESPIRITUAL

TERAPIA DO AMOR

SERVIÇOS

ARCACENTER

BLOG DA EQUIPE

CAIXA DE PROMESSAS

ENDEREÇOS

FALE CONOSCO

LIVRO DE ORAÇÕES

MOBILE

PODCAST

REDE AELULIA

WEBMAIL

PARCEIROS

CCJ

CONTEÚDO UNIVERSAL

ENSINO UNIVERSAL

EU CREIO EM MILAGRES

EVANGELIZAÇÃO SP

FOLHA UNIVERSAL

LINE RECORDS

REVISTA PLENITUDE

R7

Fala Conosco

© Copyright 2010 ArcaUniversal - Todos os direitos reservados

Concluído

Internet 90%